Michael Horton

A favor do Calvinismo

Prefácio de Roger Olson

Editora Reflexão

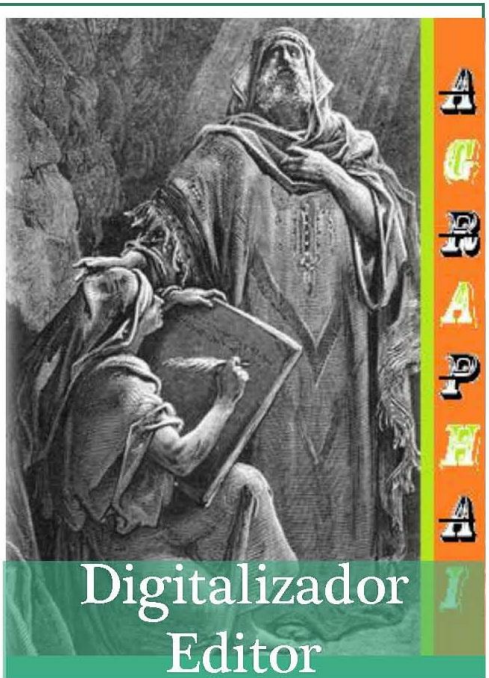
A FAVOR DO CALVINISMO

Este material está disponível GRATUITAMENTE, com a única finalidade de oferecer leitora e conhecimento edificante a todos aqueles que não tem recursos financeiros para adquirir esta obra!

Mas, se você tem condições de o adquirir, seja SINCERO com você mesmo e com DEUS, "***Não digo isto como quem manda, mas para provar, pela diligência dos outros, a sinceridade de vosso amor***." (2 Coríntios 8:8), assim o faça!

Lembre-se: "***A sinceridade dos íntegros os guiará, mas a perversidade dos aleivosos os destruirá***." (Provérbios 11:03)

Vamos abençoar o(s) autor(es), editor(es) e publicadora, com a compra deste livro.



MICHAEL HORTON

A FAVOR DO CALVINISMO

http://agraphai.blogspot.com.br/

© 2013 Editora Reflexão
Todos os direitos reservados.

© ZONDERVAN
For Calvinism
Copyright © 2011 by Michael Horton
Zondervan, Grand Rapids, Michigan 49530

Tradução: **Marcelo Smargiasse**
Editora Executiva: **Caroline Dias de Freitas**
Revisão: **Welington Gomes**
Diagramação e Projeto gráfico: **Scintilla Lima**
Impressão: **Paym Gráfica e Editora**

1 Edição - Março / 2014

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL

HORTON, MICHAEL
A favor do Calvinismo / Michael Horton; [Tradutor Marcelo Smargiasse]. 1. Edição - São Paulo: Editora Reflexão, 2014.

ISBN: 978-85-8088-030-4

1. Religião 2. Calvinismo 3. Teologia
I. Título. II. Série.

95-6542 CDD-085

Índices para catálogo sistemático:
1. Calvinismo 2. Teologia 3. Título 4. Michael Horton

Editora Reflexão

Editora Reflexão
Rua Fernão Marques, 226 - Vila Graciosa – 03160 030 São Paulo
Fone 11 4107 6068 | 11 3477 6709
www.editorareflexao.com.br
atendimento@editorareflexao.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora Reflexão.

Sumário

Prefácio (por Roger Olson)..... 07

Agradecimentos

Introdução — Calvinismo e Arminianismo: Por que se importar?

CAPÍTULO 1:..... 27

A essência do Calvinismo

CAPÍTULO 2:..... 45

Sobre dominadores e rebeldes: a condição humana

CAPÍTULO 3:..... 72

Amados desde a eternidade (eleição)

CAPÍTULO 4:..... 107

Missão cumprida (expiação)

CAPÍTULO 5:..... 134

Chamados e mantidos (chamado efetivo e perseverança)

CAPÍTULO 6:..... 166

O Calvinismo e a vida cristã

CAPÍTULO 7:..... 202

O Calvinismo e as missões cristãs

CAPÍTULO 8: 227

O Calvinismo hoje: uma análise SWOT

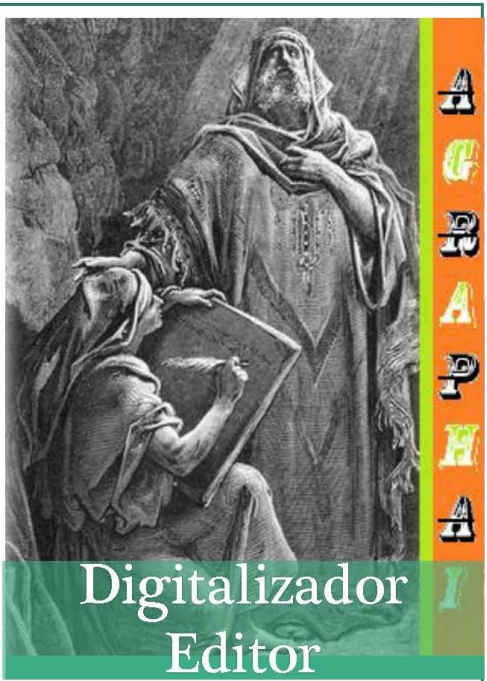
POSFÁCIO 256

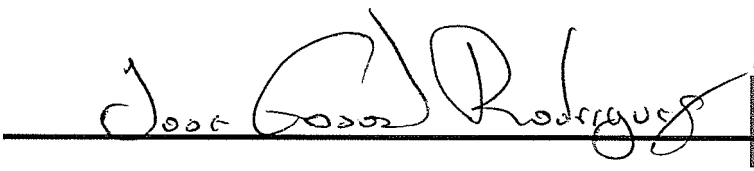
Este material está disponível GRATUITAMENTE, com a única finalidade de oferecer leitora e conhecimento edificante a todos aqueles que não tem recursos financeiros para adquirir esta obra!

Mas, se você tem condições de o adquirir, seja SINCERO com você mesmo e com DEUS, "***Não digo isto como quem manda, mas para provar, pela diligência dos outros, a sinceridade de vosso amor.***" (2 Coríntios 8:8), assim o faça!

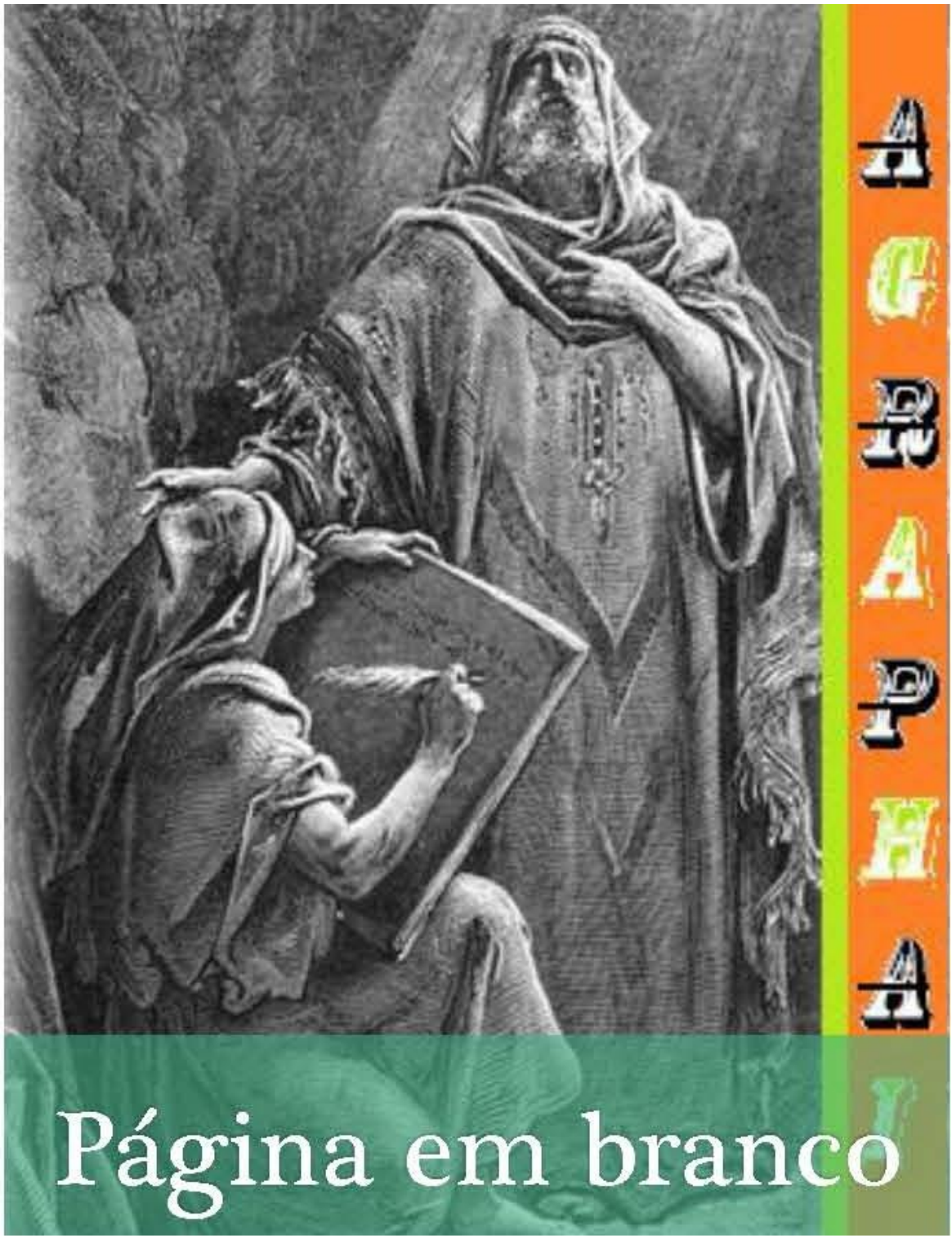
Lembre-se: "***A sinceridade dos íntegros os guiará, mas a perversidade dos aleivosos os destruirá.***" (Provérbios 11:03)

Vamos abençoar o(s) autor(es), editor(es) e publicadora, com a compra deste livro.





Prefácio



Página em branco

QUANDO ME PEDIRAM PARA ESCREVER este prefácio para o livro de Michael Horton *A favor do Calvinismo*, eu temia que, como um arminiano convicto, não seria capaz de escrever alguma coisa boa sobre isso. Eu me enganei. Conheço Mike há quase vinte anos e tivemos muitas conversas construtivas sobre nossas diferenças teológicas. Gosto de pensar que eu o influenciei (a considerar melhor o arminianismo), e sei que ele me influenciou — a considerar melhor o Calvinismo e os calvinistas.

Sempre achei Mike um defensor generoso, embora devoto, do que ele chama de "doutrinas da graça" (teologia reformada). Não me entenda mal: ainda não concordo com algumas de suas considerações sobre o arminianismo e especialmente com o sistema calvinista dos "cinco pontos" que ele defende. Aquele que duvida disso, convido que leia meu livro *Contra o Calvinismo* [Editora Reflexão, 2013]. No entanto, eu considero Mike como um dos mais amáveis e gentis calvinistas verdadeiros que eu conheço. Como "calvinista verdadeiro" quero dizer aquele que acredita naquelas doutrinas corretamente e argumenta que são cruciais ao evangelho.

Mike é verdadeiramente um erudito e um cristão — e este livro demonstra isso. Sua exposição e defesa do Calvinismo é firme sem arrogância ou hostilidade para com aqueles que não concordam. Mesmo onde ele não concorda com o arminianismo clássico, ele não apresenta as típicas distorções obstinadas que tão frequentemente encontro nos tratamentos dos calvinistas. É questão de perspectiva. Mike acusa o arminianismo principalmente de inconsistência, que eu aprecio, por-

que é melhor do que as acusações de que é simplesmente um falso evangelho ou uma "visão de mundo diferente".

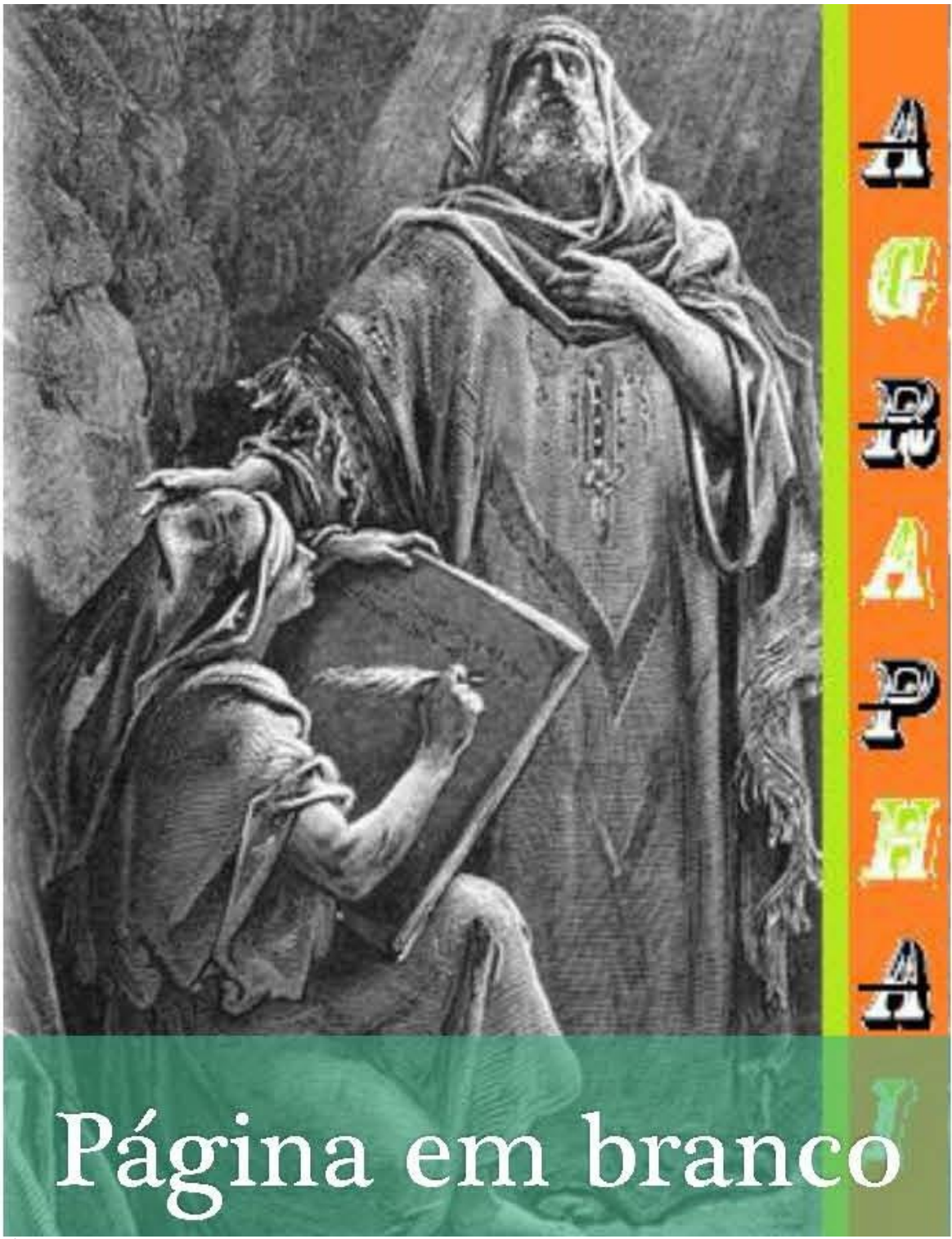
Minha queixa básica acerca do Calvinismo que Mike expõe e defende é, de igual modo, sua inconsistência. Alguns leitores podem se perguntar quão importante é essa queixa, mas estou certo de que Mike e eu concordamos que não existe "consistência tola". Como Mike gosta de dizer (e eu concordo): "Se vamos transmitir a mensagem, melhor que a entendamos bem primeiro." Parte do entender bem é ter certeza de que ela é inteligível.

Na minha opinião, é claro, o alto Calvinismo, o Calvinismo exagerado, a teologia expressa neste livro, necessariamente torna Deus o autor do pecado e do mal pela "boa e necessária consequência" de sua premissa que tudo, inclusive a queda de Adão, foi e é predestinada por Deus. Em outras palavras, minha preocupação é que essa teologia mine a bondade da pessoa de Deus. Além disso, eu percebo a partir deste livro (e, em menor grau, de outros livros que defendem o alto Calvinismo) que os calvinistas não pretendem minar a bondade da pessoa de Deus. A visão acerca de Deus defendida aqui é de um Deus incomparavelmente grande e bom. Infelizmente, alguns elementos dele retiram sua bondade. No entanto, essa teologia tem uma herança histórica impressionante e, assim como Mike demonstra, muito suporte bíblico.

Qualquer pessoa interessada em ler o melhor livro em defesa do Calvinismo *deve* ler este livro. Ele é informativo, atrativo, claro e autocrítico. Contribui positivamente para as discussões e debates correntes sobre a soberania divina entre os evangelicais. Nem preciso me preocupar em não ter nada de bom para dizer. Depois de ler o livro, posso recomendá-lo de todo o coração com a reserva de que eu não concordo de maneira alguma com suas teses centrais. No clima atual de controvérsia teológica, muitas pessoas pensarão que isso é inconsistente. Bem, estão muito enganadas. É possível ser comprometido e justo, crítico e generoso. *A favor do Calvinismo* prova isso, assim como meu sincero endosso.

Roger E. Olson

Agradecimento



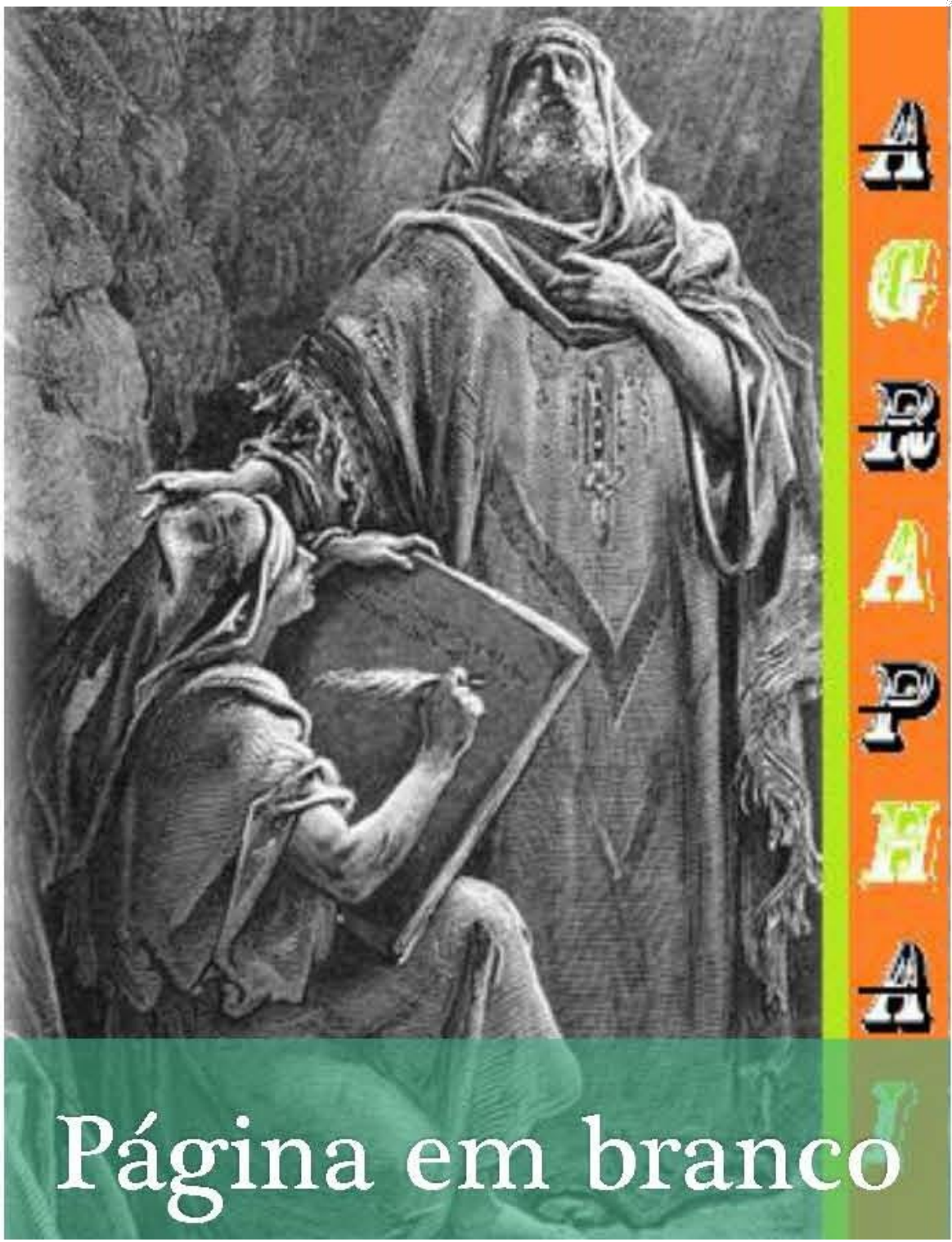
AGRAPHA

Página em branco

Sou grato ao meu irmão Larry por apresentar para mim a carta aos Romanos, bem como aos livros e palestras gravadas de R. C. Sproul, James Boice, J. I. Packer, Roger Nicole, e outros; e ao meu outro irmão, Gary, por pagar as minhas passagens para assistir a suas conferências. Também sou grato a estes grandes líderes cristãos por gastarem tempo encorajando-me e mentoreando-me de várias formas por muitos anos.

Também quero agradecer a Derek Buikema por me ajudar com os dados para o capítulo sobre missões.

Como sempre, sou grato a minha esposa, Lisa, por seu constante companheirismo no evangelho e pelos nossos filhos não somente por prover ocasiões para ensiná-los, mas para aprender de seus *insights* na Palavra de Deus.



Página em branco

Introdução

Calvinismo e Arminianismo: Por que se importar?

AGRAPHA

Página em branco

OS CALVINISTAS SÃO OS "GÉLIDOS ESCOLHIDOS". Torne-se um e tenha certeza de que perderá não somente o seu zelo evangelístico e missionário, mas também a alegria sincera de um relacionamento pessoal com Cristo. A busca de santidade desvanecerá. O Calvinismo é uma religião da mente, não do coração ou das mãos.

Muitas pessoas têm certas suposições sobre onde o Calvinismo levará com base em incompreensões acerca do que ensina e, portanto, logicamente desemboca. Como se supõe, o Calvinismo destaca o saber ao sentir e fazer, doutrina à vida. Ao ressaltar a soberania de Deus, a pecaminosidade humana (mesmo a do crente), a justificação por meio de uma justiça imputada, e uma completa dependência da graça certamente enfraquece a responsabilidade humana. E se você destacar demasiadamente a soberania e graça de Deus, não somente deixará de evangelizar: você deixará de orar, de louvar e de buscar uma vida de santidade. É uma receita para o desastre.

Mas a verdadeira história do Calvinismo — inclusive o que os calvinistas consistentemente pregaram, escreveram, oraram, cantaram e testemunharam — não se encaixa nos estereótipos. É claro que alguém pode conhecer calvinistas frios e sem alegria. Mas é isso uma característica geral válida ou uma caricatura? Ou quando as pessoas se tornam calvinistas assim, é um reflexo de características e condições pessoais ou consequência da doutrina em si? E se os calvinistas têm, de fato, estado na vanguarda do evangelismo e missões, como destacarei mais tarde, então é possível que os críticos não entenderam bem a lógica e as implicações do que eles consideram ser o Calvinismo?

Os críticos têm confundido com muita frequência o Calvinismo com o hipercalvinismo e, às vezes, o contato com hipercalvinistas comprova a caricatura. Muitas vezes limitados por um sentimento da graça e majestade de Deus, novos calvinistas entram no que chamamos de "a fase da prisão". Assim como qualquer outro novo convertido, podemos nos tornar pessoas difíceis de se conviver quando apenas experimentamos uma mudança radical de paradigma. Por que não nos ensinaram isso quando parece tão evidente nas Escrituras? Como nossos irmãos podem ignorar essas doutrinas e, até mesmo, evitar qualquer discussão sobre elas? Nessa condição, o entusiasmo pode se transformar em frustração e, até mesmo, em arrogância e dissensão. Somente superficialmente instruído no ensino reformado neste ponto, passamos de um extremo a outro, não entendendo nem representando bem essas doutrinas. Isso sempre comprova a caricatura. Sem dúvida, muitos críticos do Calvinismo se depararam com isso, o que os impede de ter uma segunda opinião sobre o assunto.

No entanto, a corrente principal do Calvinismo foi associada com a renovação pessoal tanto quanto com a reforma doutrinária. Na verdade, a piedade reformada resistiu à falsa escolha entre mente e coração, doutrina e vida, igreja e indivíduo. Nos séculos XVI e XVII tanto os Luteranos quanto os de Tradição Reformada refletiam uma preocupação com a doutrina e a vida como um padrão integrado. Como os próprios reformados, o movimento Evangelical foi profundamente impresso com o significado da verdade cristã para a vida cotidiana. É por isso que a Bíblia foi traduzida para a língua das pessoas e largamente distribuída às paróquias e famílias, junto com catecismos, livros de oração e hinários.

A graça não era apenas uma doutrina, mas uma pessoa — o próprio Deus, em Cristo Jesus, apresentado nos evangelhos. Os corações estavam cheios de gratidão e alegria na presença de um Deus santo que perdoa, justifica e renova os pecadores — com a certeza da ressurreição no porvir. Não era apenas uma coleção de grandes ideias que viraram de ponta cabeça a cristandade, mas uma experiência radical de graça. Mudou o modo de as pessoas se relacionarem com Deus e umas com as outras. E essa é a experiência de muitos cristãos de hoje também.

Nos Estados Unidos, historiadores e sociólogos têm, há muito, observado a desintegração dos pressupostos da reforma — e, particularmente, a calvinista — que

guiaram muitos cristãos na América colonial. Com o Segundo Grande Reavivamento (1790-1845), especialmente sob a influência de Charles Finney, esses pressupostos foram substituídos por uma convicção caracteristicamente moderna (e americana) no duro ser humano. No final desse ensino limitado nos Estados Unidos, antes de retornar para a Alemanha onde seria eventualmente executado pelo regime nazista, o teólogo luterano Dietrich Bonhoeffer descreveu os Estados Unidos como "protestantismo sem a reforma". Recentemente na década de 1980, o teólogo Evangelical Clark Pinnock declarou com certa alegria que os defensores do agostinianismo e Calvinismo estavam caminhando para o desaparecimento total.[1]

Assim foi surpreendente para muitos quando em 2009 a revista *Time* reportou "O novo Calvinismo" como a terceira das dez correntes que moldam o mundo de hoje. Claramente, a morte do Calvinismo foi bastante exagerada. Neste livro, eu exploro as raízes bíblicas históricas das crenças doutrinárias comumente associadas ao Calvinismo, apresento o contexto da renovação de interesse nas tais "doutrinas da graça" — aqueles pontos únicos da tradição que moldam a vida e o pensamento — e, finalmente, espero encorajar outros a considerar suas ricas fontes para a fé e prática no século XXI.

Embora seja um erro resumir as crenças do Calvinismo a cinco pontos, é verdade que a maioria das objeções e dos ataques ao Calvinismo foque em certos aspectos doutrinários, às vezes conhecidos como "os cinco pontos do Calvinismo". Os "cinco pontos" são:

- *Depravação Total*: Nossa sujeição ao pecado em Adão é total em sua extensão, embora não em sua intensidade. Em outras palavras, não somos tão

1 Clark Pinnock, "From Augustine to Arminius: a Pilgrimage in theology," in The Grace of God, The Will of Man: A Case for Arminianism, ed. Clark H. Pinnock (Grand Rapids: Zondervan, 1989), 23, 26, 27: "Tenho a forte impressão de que o pensamento agostiniano está perdendo sua força entre os cristãos de hoje. É difícil encontrar um teólogo calvinista desejoso de defender a teologia reformada, inclusive as visões de Calvino e Lutero, em todas as suas rigorosas particularidades agora que Gordon Clark não está mais entre nós e John Gerstner está aposentado." Pinnock admite que suas mudanças fazem parte de uma crescente acomodação à mente secular: "Finalmente estamos em paz com a cultura moderna."

maus quanto poderíamos ser, mas o pecado original corrompeu completamente cada aspecto de nossa existência — inclusive a vontade.

- *Eleição Incondicional*: Por sua generosa graça, o Pai escolheu dentre a humanidade caída pessoas de todas as raças para serem redimidas por meio de seu Filho e unidas ao seu Filho por meio de seu Espírito. Essa resolução foi tomada na eternidade, sem a influência de qualquer coisa que pudesse ser antevista no crente.
- *Redenção Particular*: A morte de Cristo é suficiente para o mundo todo, mas garantiu a redenção dos eleitos.
- *Graça Eficaz*: O Espírito Santo une os pecadores a Cristo por meio do evangelho e a fé é o efeito, não a causa, do novo nascimento.
- *Perseverança dos santos*: A todos os escolhidos, redimidos e regenerados será dado o dom da fé persistente, de modo que nenhum será perdido.

Muitas pessoas conhecem esses cinco pontos pelo acróstico TULIP. Embora não tenha intenção de desrespeitar a nobre flor, prefiro (por razões que mostrarei) *redenção particular* e *graça eficaz* às expressões *expiação limitada* e *graça irresistível*. Este livro terá como foco explicar, defender e esclarecer esses cinco pontos como elementos distintivos da posição doutrinária calvinista. Em vez de usar o acróstico TULIP, eu simplesmente farei referência a esses pontos doutrinários como os "cinco pontos", as "características calvinistas", ou (meu favorito) as "doutrinas da graça".

O que está em jogo?

Um estudo recente destacou que ateus e agnósticos conhecem a Bíblia e as doutrinas cristãs melhor do que os evangelicais. Mórmons e judeus aparecem em segundo lugar. Isso simplesmente corrobora outras pesquisas que destacam a urgência de instrução básica em nossas igrejas hoje em dia. Os cristãos precisam saber o que eles creem e por que creem.

É claro que quanto mais nos aprofundarmos nas bases da fé e prática cristãs, mais nos depararemos com debates que não somente não trazem clareza e unidade,

mas também controvérsia e divisão. O debate Calvinismo-Arminianismo é uma daquelas longas conversas. Como toca em tantas questões centrais de nossa compreensão de Deus, de nós mesmos e da salvação, não é para menos que esta controvérsia continue a provocar interesse e oposição.

Todos os cristãos têm certas suposições acerca da soberania de Deus e da liberdade do homem, do pecado e da graça, da eleição e do livre-arbítrio, da natureza e extensão da obra salvífica de Cristo, da fidelidade de Deus e da fé e da obediência do homem. A questão é se testamos essas suposições à luz das Escrituras, alcançando convicções explícitas em vez de sentimentos vagos. Você provavelmente está lendo este livro porque está interessado nessas questões. Isso significa que a despeito dos pontos de vista que você defende agora, você não está disposto a assumir o "deísmo terapêutico e moralista" que os sociólogos documentam como padrão da maioria dos norte-americanos atuais. Mas como podemos dizer que a Bíblia claramente revela verdades salvadoras se os cristãos discordam tanto de suas conclusões? O debate arminiano-calvinista exemplifica especialmente esta questão.

Esse debate chega ao âmago do próprio evangelho. Isto não significa que aqueles de quem divergimos não creem realmente no evangelho. Somos justificados por meio da fé em Cristo, não por meio de precisão doutrinária. No entanto, são nossos pressupostos e convicções doutrinários consistentes com aquela profissão de fé? Muito do debate chega a uma diferença básica: os arminianos defendem o *sinergismo* (isto é, "trabalhar junto", ou a cooperação entre a graça de Deus e a vontade e atividade humanas), enquanto os calvinistas defendem o *monergismo* (isto é, "um age", ou a graça de Deus como a fonte eficaz da eleição, redenção, fé e perseverança).

Os calvinistas não negam que há mandamentos nas Escrituras e que estes revelam a vontade moral de Deus. Apesar disso, como Calvino apresenta a matéria, "devemos repetir esse evangelho diariamente na igreja". "Pois apesar de a fé suportar cada palavra de Deus, ela somente descansa na palavra de graça ou misericórdia, a promessa da boa vontade paternal de Deus", que somente é cumprida em e por meio de Jesus Cristo.[2] "Pois em Deus a fé busca vida", acrescenta, "que não se

2 João Calvino, Institutas 3.2.28. As referências são tiradas de Institutas da Religião Cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 1985. Algumas citações foram traduzidas livremente.

encontra em mandamentos ou pronunciamentos de punições, mas na promessa de misericórdia — e somente uma promessa arbitrária."[3] Pode até ser que os arminianos defendam isso, mas a questão é se o Arminianismo pode, na verdade, ajustar isto com suas outras convicções.

As Escrituras oferecem uma interpretação consistente?

Muitos cristãos pensam que as discussões em questão entre os calvinistas e arminianos são no final das contas sem solução. Os calvinistas têm "seus versículos" e os arminianos, os seus. O Calvinismo nos lembra de que não podemos nos salvar e o Arminianismo nos lembra de nossa responsabilidade de confiar e obedecer. Além disso, há pessoas boas em ambos os lados desse debate ao longo dos séculos; será que pensamos mesmo que seremos capazes de terminar em um lado ou outro? Entretanto, com todo respeito àqueles que pensam que sim, devo dizer que essa é uma posição cômoda.

Em primeiro lugar, nem os calvinistas nem os arminianos têm "seus versículos". Toda Escritura é inspirada por Deus e é, portanto, tesouro comum de todos os cristãos. Não é uma teoria científica que fará a teologia aceitar uma interpretação que não respeite o conselho de Deus como um todo. Há muitas perguntas para as quais não temos resposta — mesmo acerca dessas doutrinas. Aí nossa razão deve cessar diante da majestade de Deus e deixar seus segredos com Ele mesmo. Entretanto, onde Deus falou, devemos ouvir e responder. Todos os trechos relevantes devem ser levados em consideração.

Como calvinista, creio que as doutrinas da graça representam a melhor interpretação de todo ensinamento das Escrituras sobre essas questões. A despeito do sucesso que tenhamos em apresentá-las em cada caso, devemos estar resolutos em ensinar o que as Escrituras ensinam e com a ênfase proporcional que as Escrituras dão. Dizer que há versículos "calvinistas" e "arminianos" é concluir que a própria Bíblia é internamente incoerente e se contradiz. Se o Calvinismo não pode fazer justiça às passagens levantadas pelo Arminianismo, então ele não é adequado desde o princípio.

---

3 Ibid., 3.2.29.

Em segundo lugar, nem os calvinistas nem os arminianos aceitariam o enquadramento de suas posições como eu as representei aqui. Os arminianos também creem que não podemos nos salvar e os calvinistas defendem nossa responsabilidade em confiar e obedecer. Então, as questões em jogo são mais profundas do que essa fácil solução. Não podemos resolvê-la simplesmente adicionando um pouco de fé calvinista na graça e um pouco da ênfase arminiana no desejo e esforço humanos.

Em terceiro lugar, há de fato boas pessoas em ambos os lados deste debate. No entanto, isso está fora de discussão. Há excelentes pessoas em ambos os lados do cristianismo e islamismo, judaísmo ou budismo. Tenho amigos que são ateus e são pessoas maravilhosas. Quanto mais deveríamos nós tratar com carinho nossa comunhão com irmãos e irmãs arminianos com quem divergimos!

Nunca me encontrei com um evangelical arminiano que dissesse: "Confio em Cristo e em meu próprio esforço para salvação". Não ajuda muito e é também errôneo sugerir que os arminianos não levam a Bíblia a sério ou que não confiam sua salvação na graça de Deus em Cristo. Então, não é uma questão se há crentes conscienciosos em ambos os lados, mas se o Arminianismo como um sistema pode afirmar consistentemente que "a salvação vem do SENHOR" (Jonas 2.9). Essa licença particular do debate também mostra uma fé implícita nos "especialistas": se pesquisadores e professores da Bíblia podem ser encontrados em ambos os lados, a Bíblia, em si, não deve ser clara.

Mas o mesmo poderia ser dito das inúmeras doutrinas que calvinistas e arminianos concordam que são claramente ensinadas nas Escrituras, tais como a trindade, a divindade e humanidade de Cristo e sua obra expiatória e ressurreição. Houve muitas controvérsias na história sobre essas doutrinas, contudo o Espírito iluminou a Igreja para que esta entendesse e seguisse o claro ensino bíblico em vez de heresias. Não podemos escolher que partes das Escrituras são importantes e quais podemos ignorar, e isso certamente se aplica também para doutrinas concernentes ao caráter de Deus, a condição dos seres humanos antes e depois da queda, a natureza e extensão da graça salvadora de Deus em Jesus Cristo e a certeza da salvação final dos nossos pecados. Não são especulações acadêmicas, mas algumas das questões mais práticas e existenciais que encararemos em nossas vidas cotidianas.

Calvinistas e arminianos não discordam em todos os pontos, é claro, mas em pontos importantes. Quer reconheçamos isso, quer não, todos nós temos pelo menos uma teologia funcional. Pode estar explícita ou implícita, mas nenhum cristão que pesquisa as Escrituras terá de encarar essas questões que estão no centro desse debate histórico.

Calvinismo é apenas um apelido

Devo começar dizendo que não gosto muito do termo "Calvinismo". Na verdade, não conheço muitos calvinistas que gostam. Como muitos hoje, prefiro falar das *doutrinas da graça* em vez dos cinco pontos do Calvinismo. Antes da Reforma, havia muitos teólogos respeitados que defendiam essas doutrinas sob o nome de "Agostinianas". Além do próprio Agostinho, pensamos em Anselmo, Gregório de Rimini, Arcebispo Bradwardine e o próprio mentor de Lutero, Johann von Stauptiz, que liderava a ordem agostiniana na Alemanha e escreveu um maravilhoso tratado defendendo essas verdades mesmo antes de Lutero.

Lutero queria ser conhecido simplesmente como um *evangelical* — "do evangelho". Ele recuou ao ouvir seus críticos católicos romanos chamarem os evangelicais de "luteranos". Da mesma forma, Calvino expressou desaprovação quando seus críticos luteranos rotularam os evangelicais reformados com o apelido de "calvinistas". Nenhum dos reformadores objetou devido a um sentimento de falsa modéstia, mas devido a sua convicção de que as doutrinas que eles ensinavam foram reveladas na Palavra de Deus e não eram invenções recentes. Os reformadores não acreditavam que estavam começando do zero ou restaurando a Igreja depois de séculos de esquecimento. Antes convocavam a Igreja Católica a se reformar de acordo com a Palavra de Deus.

Charles Spurgeon (1834-1892), renomado pastor batista em Londres, escreveu em sua autobiografia que a raiz de toda heresia na história é acrescentar algo subjetivo à obra de Cristo. "Minha opinião é que não há como pregar Cristo e Ele crucificado, a não ser que preguemos o que hoje é chamado de Calvinismo", escreveu. "É um apelido chamá-lo de Calvinismo; Calvinismo é o evangelho e nada mais.".[4]

4 Charles Spurgeon, The Autobiography of Charles H. Spurgeon (Cincinnati: Curts &

À primeira vista, o comentário de Spurgeon soa sectário. Claramente ele não quer dizer que somente os calvinistas creem no evangelho e o proclamam — de fato, ao longo de seu ministério público ele expressou respeito por evangelicais arminianos como John Wesley. Sua posição era que as doutrinas da graça, que por bem ou por mal eram apelidadas de "Calvinismo", não eram na verdade de Calvino, mas os ensinamentos das Escrituras, de Agostinho, e de vários pregadores, reformadores, missionários e evangelistas desde então.

Além disso, Spurgeon não aceitava o sistema calvinista trancado, fechado e estanque. Ele criticava o pensamento reformado do batismo (especialmente o batismo infantil). Mais: estava convencido de que as doutrinas da graça — que ficaram conhecidas por nós como "os cinco pontos do Calvinismo"— são *a exposição mais rica e mais fidedigna do evangelho*. Alegrava-se por ser chamado de "calvinista" somente se fosse caminho mais rápido para alguém que tivesse aderido a esses ensinamentos bíblicos. Embora o elemento divisor do Calvinismo/Arminianismo atravessa muitas tradições eclesiásticas, da anglicana à batista, ele também une cristãos através do mesmo espectro. Os Trinta e Nove Artigos anglicanos, a Declaração de Savoy dos congregacionais e a Confissão Batista de Londres/Filadélfia contêm essas verdades, ao lado das igrejas Reformada e Presbiteriana.

Os próprios "cinco pontos" são um sumário das conclusões elaboradas no Sínodo de Dort (1618-1619), que estava respondendo aos "cinco pontos" apresentados pela Irmandade Remonstrante (Arminiana). O mais próximo de um concílio ecumênico nos primórdios do protestantismo, essa conferência incluía delegados não somente das igrejas reformadas do continente, mas também das igrejas da Inglaterra. Hoje em dia, suas conclusões são confessadas por igrejas em todos os continentes. Embora suas reformas tenham sido mais tarde rejeitadas, até o patriarca ecumênico de Constantinopla, Cyril Lucaris (1572-1638), adotou os cânones do Sínodo de Dort e incorporou-os a sua Confissão de 1629.

É notável que um corpo de doutrinas tão controverso até mesmo dentro de denominações historicamente compromissadas com elas tem, apesar disso, também reunido cristãos de um espectro que nenhum outro sistema conseguiu. Para todas as

---

Jennings, 1898), 1:172.

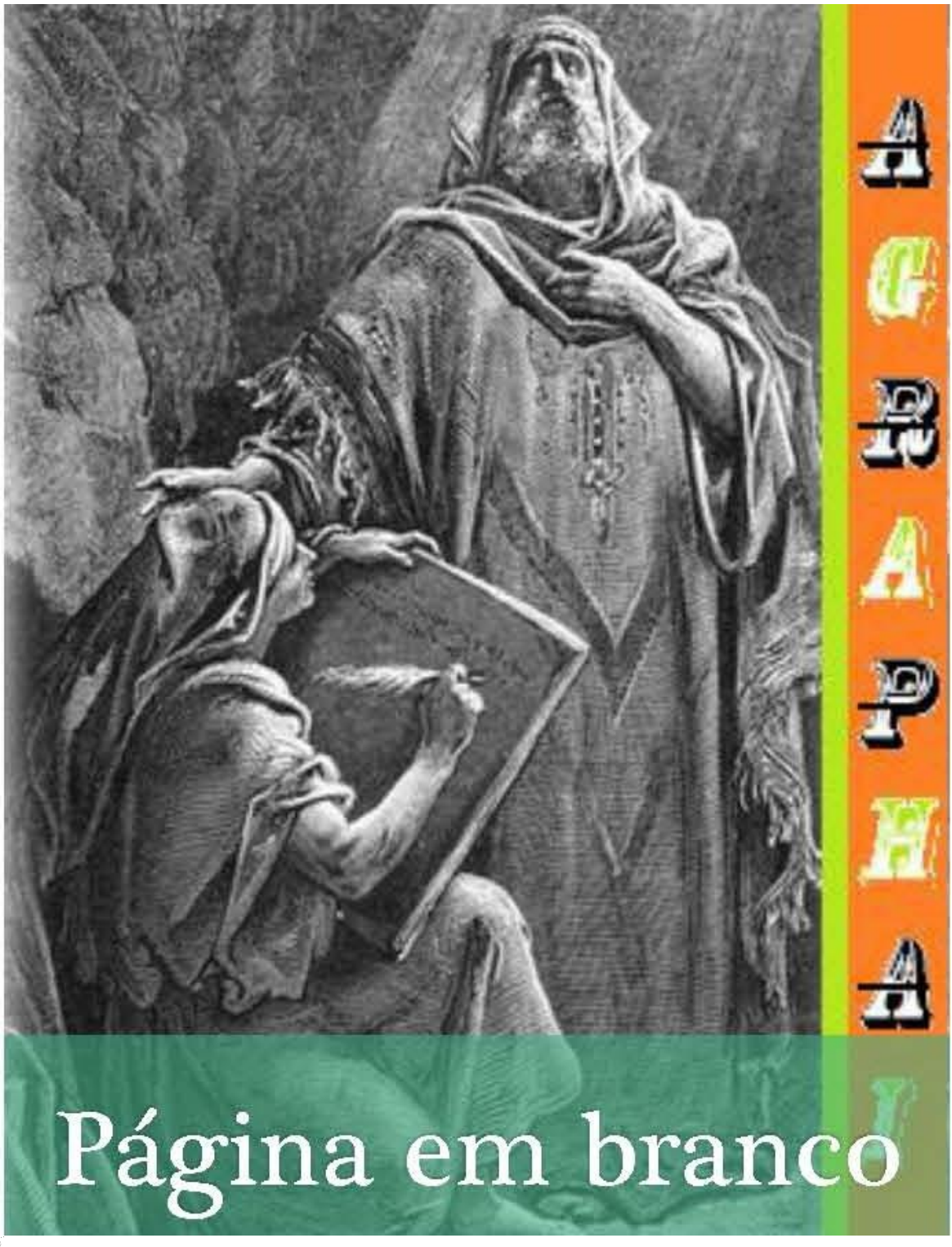
suas diferenças cruciais, uma vasta variedade de protestantes — anglicanos, reformados e presbiterianos, congregacionais, e batistas — adotou essas doutrinas explicitamente em seus documentos confessionais, textos doutrinários, hinos e pregação.

É evidente que o Arminianismo também goza de uma longa e vasta procedência. Embora os pais primitivos refletiam maiores diversidades (até mesmo ambiguidades), com boa razão os arminianos apelaram a muitos dos teólogos do oriente para apoiar o sinergismo. Certamente não é difícil encontrar antecedentes no ocidente medieval ou entre os humanistas renascentistas como Erasmo. Além do mais, o Arminianismo declara apenas como grande a extensão da influência entre os protestantes. De fato, um Arminianismo implícito parece mais abrangentemente representado hoje em dia do que o Calvinismo, até mesmo em igrejas formalmente compromissadas com as convicções reformadas.

Assim, pareceria que ao longo da história a divisão entre o monergismo e o sinergismo forma um divisor massivo nas denominações até mesmo mais do que entre elas. O Calvinismo não é uma seita. Não é um grupo dentro da igreja, procurando seu *status* independente. Em vez disso, é uma declaração da *sola gratia* na história da Igreja de Jesus Cristo. O apelido "Calvinismo" é infeliz, mas o conteúdo é o que exploraremos neste livro. Essas doutrinas da graça podem ser difamadas ou celebradas, mas nunca são enfadonhas ou triviais. Ao longo da história da Igreja, seu retorno provocou debates, reformas, renovações e missões. Minha oração é no sentido de que o Espírito ainda encoraje o Corpo de Cristo por meio destas verdades maravilhosas em sua Palavra.

CAPÍTULO 1

A essência do Calvinismo



Página em branco

Se o Calvinismo é mais do que "cinco pontos" certamente não é menos e é por isso que a maior parte deste livro se destina a essas doutrinas. Antes de embarcar nessa questão, é importante apresentar um sumário do que eu considero ser a essência do Calvinismo. Este capítulo será, portanto, mais amplo e mais abrangente do que os demais.

Definições históricas

O rótulo "Calvinismo" passou a ser usado por volta de 1558 nas polêmicas luteranas contra a visão reformada da Ceia do Senhor articuladas especialmente (mas longe de exclusivamente) por João Calvino (1509-1564). Embora o nome de Lutero se tornara incorporado nas igrejas luteranas, as igrejas "calvinistas" foram identificadas historicamente como "reformadas". Calvino nunca ocupou o papel único e decisivo no desenvolvimento da tradição reformada que Lutero teve no luteranismo. A despeito de sua importância óbvia, nenhum dos escritos de Calvino é assinado na igreja Presbiteriana ou Reformada, ao passo que o Livro de Concórdia luterano inclui vários dos escritos de Lutero e os sermões de John Wesley foram incluídos na declaração de fé metodista.

Há muitos líderes chave cujos nomes os cristãos reformados teriam reconhecido em seus dias além de Calvino. Na verdade, ele foi um líder reformador de segunda geração. Entretanto, Genebra se tornou um dos maiores centros para o mo-

vimento internacional, e a liderança de seu maior reformador cresceu rapidamente. Dada a sua enorme produção (as *Institutas*, sermões, comentários e tratados) não é de se surpreender que Calvino se tornou tão proeminente na história da tradição. Da Escócia à Hungria, ele se tornou o pastor mais lido de sua geração. No entanto, ele dependia dos presbíteros e contemporâneos no desenvolvimento de seus próprios *insights* assim como também no refinamento de outros que vieram depois dele — em muitos contextos históricos e culturais diferentes.

Outro elemento histórico é que o cristianismo reformado cresceu mais rapidamente nas cidades, espalhou-se por toda a Europa, enquanto o luteranismo foi estabelecido por príncipes na Alemanha e Escandinávia como fé territorial. Além disso, em muitos lugares onde o movimento reformado estava crescendo — especialmente na França e Países Baixos espanhóis — as igrejas estavam vivendo "debaixo da cruz". Essa diversidade de experiências, variando de estabelecimento a perseguição, é a razão principal porque havia várias confissões (por exemplo, francesa, escocesa, belga, helvética), embora cada uma expressasse a mesma substância. As igrejas reformadas do continente adotaram a Confissão Belga, o Catecismo de Heidelberg e os Cânones do Sínodo de Dort. A Igreja da Inglaterra buscou padronizar-se no "exemplo das melhores igrejas reformadas do continente", mas adotou sua própria confissão nacional (Os Trinta e Nove Artigos da Religião).

A maioria das igrejas reformadas acabaram adotando uma forma de governo presbiteriana, mas algumas (especialmente na Hungria e Inglaterra) mantiveram o governo episcopal. O Parlamento Inglês convocou a Assembleia de Westminster a fim de criar uma nova constituição para a Igreja da Inglaterra com princípios presbiterianos, resultando na Confissão e Catecismos de Westminster, assim como o Manual de Liturgia. Mais desdobramentos no consenso apareceram com o surgimento das doutrinas da graça. Querendo distinguir-se tanto da igreja estabelecida quanto dos batistas (gerais) arminianos, eles sempre se identificaram como batistas particulares ou calvinistas.

Nas últimas décadas, a terminologia foi se modificando um pouco. O movimento do "Novo Calvinismo" que recebeu publicidade nos anos recentes é identificado como "reformado", embora muito de sua força numérica de sua ressurgência se encontre em denominações não reformadas (tais como a Convenção Batista do

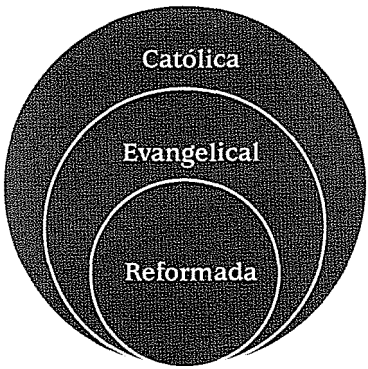
Sul). Essa alteração de definições oferece oportunidades e desafios. As igrejas reformadas somente podem celebrar o reavivamento de interesse nas doutrinas que são importantes para elas e o que tomam por certo. De fato, as igrejas mais importantes na tradição reformada e presbiteriana hoje em dia ignoram ou rejeitam suas origens calvinistas. Espera-se que o "Novo Calvinismo" leve não somente a um prazer mais amplamente difundido da graça de Deus, mas traga às igrejas reformadas uma vitalidade e um apreço renovado por essas preciosas verdades que são o tesouro comum de todos os cristãos na Palavra de Deus. Ao mesmo tempo, o cristianismo reformado é mais do que cinco pontos. Há uma tendência no protestantismo norte americano conservador de reduzir a riqueza da fé em alguns fundamentos.

Católico, evangelical e reformado

Se a tendência de alguns em nossos dias é diluir a definição, o perigo no outro extremo é o de isolamento. Tornou-se um hábito falar da "fé reformada", mas propriamente isso não existe. Há somente a fé *cristã*, que está fundada no ensino dos profetas e apóstolos, tendo Jesus Cristo como sua pedra angular. É melhor, então, falar da confissão reformada da fé cristã. As igrejas reformadas não acrescentam nenhuma doutrina à fé cristã, mas afirmam que estão meramente recuperando os claros ensinamentos das Escrituras que se tornaram obscuras na igreja medieval.

Nem mesmo se acredita que os "cinco pontos" sejam doutrinas que nos separam de outras igrejas; antes são nossa confissão dos artigos que todos os cristãos confessam nos credos ecumênicos. Em resumo, acreditamos que a confissão reformada articula mais fielmente o que queremos dizer por "Deus, o Pai todo-poderoso", Jesus Cristo e sua obra salvífica, a pessoa e obra do Espírito, o perdão de pecados, "uma igreja santa, católica e apostólica" e o juízo final, ressurreição e a "vida eterna". Este ponto pode ser melhor explicado com a seguinte ilustração:

"Reformada" definida por doutrinas características



"Reformada" definida por formulações características

No primeiro modelo, definimos o que significa ser reformado pelo que cremos e ensinamos o que outros não ensinam. Essa abordagem se apoia na redução da teoria reformada em TULIP. Como Kenneth Stewart mostrou recentemente, não há evidência deste acróstico sendo utilizado antes do século XX.[1] As tendências desta abordagem são óbvias: orgulho e isolamento sectário. É claro que temos realmente que testificar para o que cremos que as Escrituras realmente ensinam e também para rejeitar os erros. Especialmente numa era eclética, em que as pessoas escolhem os componentes de sua fé ao estilo *self-service*, é importante dizer não somente "Cremos nisso", mas também "Entretanto, negamos isso.". Não podemos apenas adicionar páginas à nossa pasta sem nos darmos conta de que quando adicionamos certas páginas, outras precisam ser retiradas. Precisamos pensar consistentemente sobre nossa fé e prática, em fidelidade para com o Senhor coerente que fala conosco nas Escrituras. Além disso, não somos definidos meramente pelo que não somos, mas por aquilo que almejamos confessar juntos com base na Palavra de Deus.

No segundo modelo, as convicções reformadas são *elaborações* da fé e prática *cristãs*. Ensinamos algumas doutrinas que outros cristãos rejeitam. No entanto, mesmo esses ensinos distintivos servem para servir de sustentação às convicções que são compartilhadas pela Igreja como um todo. Por exemplo, a depravação total representa uma clara articulação da doutrina do pecado original. A redenção particular (ou,

1 Kenneth J. Stewart, Ten Myths about Calvinism (Downers Grove, Il: InterVarsity Press, 2011), 75 – 96.

tradicionalmente, expiação limitada), talvez a pétala mais característica da TULIP(A), não é um dogma isolado. Antes, articula uma compreensão mais precisa do que as Escrituras querem dizer quando ensinam que a obra de Cristo na verdade salva todos para quem ele morreu. Quando confessamos nossa fé em Cristo para "remissão de pecados", pretendemos muito das mesmas coisas que os cristãos não reformados defendem, mas estamos também confessando algo mais definido: propriamente que a morte de Cristo na cruz pretendia salvar todos os eleitos e que cumpriu esse objetivo.

Todo cristão crê no novo nascimento, mas os calvinistas creem que é um dom que Deus nos dá e por isso creremos, não porque cremos. Os calvinistas não somente confessam com toda a Igreja que somos salvos e guardados pela graça de Deus, mas que somente a graça de Deus garante que todo aquele que é redimido e renovado perseverará até o fim.

O ensino reformado, então, baseia-se em suas próprias interpretações específicas enquanto, contudo, visa doutrinas que são aceitas por toda a Igreja. Isso significa, por um lado, que confessamos a mesma fé que toda a Igreja e, por outro lado, que sobre cada ponto, virtualmente, declaramos algumas coisas que são mais controversas ou características. Eu argumentaria que isso acontece com cada tradição cristã. Na minha opinião, esse segundo modelo nos ajuda a entender o cristianismo reformado como uma tradição característica que, no entanto, visa uma confissão e interpretação da fé comuns.

Primeiramente, ser reformado é ser *católico* — isto é, uma expressão viva da igreja visível de Cristo que declara crenças ecumênicas com base nas Escrituras. O puritano inglês William Perkins não estava se referindo à escola quando intitulou um de seus sumários doutrinários *The Reformed Catholic* [O Católico Reformado] (1597). Os cristãos reformados não são restauracionistas. Isto é, não acreditam que a Reforma fosse uma ruptura com o cristianismo católico, ou que a igreja havia deixado de existir até que os reformadores apareceram. Antes, eles criam em "uma igreja santa, católica e apostólica" que foi reformada de acordo com a Palavra de Deus e que tinha a necessidade constante de ser reformada por meio dessa Palavra até a volta de Cristo.

Diferentemente de inúmeras seitas, não consideramos nossas congregações ou denominações como a única igreja verdadeira, mas como parte da igreja católica

[universal] de todos os tempos e lugares. Por exemplo, a teologia reformada é profundamente trinitariana, e isso é especialmente evidente na proeminência que ela dá à aliança da redenção: aquele pacto eterno entre o Pai, o Filho e o Espírito para a salvação dos eleitos. Cada pessoa está engajada em nossa eleição, redenção, vocação e preservação na graça. No entanto, isto apenas destaca uma crença na Trindade que todo cristão professa.

Em segundo lugar, ser reformado é ser *evangelical*, não no sentido de um rótulo partidário ou movimento social, mas como aqueles que creem, confessam e anunciam as boas-novas da obra salvífica de Deus em Jesus Cristo. Nem todos que regularmente confessam o Credo Apostólico ou o Credo Niceno creem que "a remissão de pecados" requer fé em seu coração na justificação somente pela graça por meio da fé somente, mas isso é essencial para uma confissão evangelical desse ponto. E nem todos que declaram que a salvação é somente pela graça compartilham a convicção reformada de que essa confissão evangelical está inseparavelmente ligada ao ensino das Escrituras sobre a eleição incondicional. Mesmo quando estamos defendendo formulações reformadas características, nosso objetivo é confessar a fé católica e *evangelical*.

As teses principais da Reforma são sempre resumidas pela expressão *sola*: somente as Escrituras (*sola scriptura*) é a fonte e a regra e prática cristã, e essa Palavra proclama uma salvação que se dá somente pela graça de Deus (*sola gratia*), em Cristo somente (*solo Christo*), por meio da fé somente (*sola fide*). Consequentemente, toda a glória é somente de Deus (*soli Deo gloria*). Cada aspecto característico da teologia reformada ou Calvinismo visa esclarecer e defender esse núcleo evangelical do cristianismo, com o objetivo de reconciliar os pecadores com Deus em Cristo para verdadeiro louvor do trino Deus.

O Calvinismo tem um dogma central?

Impacientes com a complexidade, sempre tentamos resumir sistemas maiores e tradições a uma ideia central. Se o Calvinismo pode ser resumido em "cinco pontos", por que não apenas um? Algumas pessoas — tanto amigos quanto inimigos (estes na maioria das vezes) — argumentaram que o Calvinismo é um sistema ordenado

deduzido logicamente do dogma central da predestinação ou soberania de Deus. Felizmente, essa tese está completamente arruinada e destruída entre os estudiosos. No entanto, leva um tempo para as notícias chegarem.

Há algumas boas razões para desafiar a compreensão popular de que a predestinação é o dogma central do Calvinismo.

Em primeiro lugar, Calvino não foi o primeiro calvinista. A visão medieval padrão defendia a eleição e a reprovação incondicionais e afirmava que a obra redentora de Cristo na cruz é "suficiente para o mundo, mas eficiente somente para os eleitos". Além disso, o novo nascimento ocorre pela graça somente, sem nenhuma cooperação humana (embora isso fosse identificado com a regeneração por meio do batismo) e que nenhum dos eleitos poderia se perder. Mesmo nos mais controversos aspectos da predestinação, a visão de Calvino mal pode ser diferenciada da de Agostinho, Bernard de Clairvaux, Arcebispo Thomas Bradwardine e Gregório de Rimini. Se os "cinco pontos" são suficientes para definir um calvinista, Tomás de Aquino está bem perto de ser um.

Apesar disso, esses acordos formais escondem diferenças profundas sobre o significado de graça, mérito e justificação. O líder da ordem agostiniana na Alemanha, Johann von Staupitz, escreveu uma maravilhosa defesa intitulada "Sobre a predestinação eterna de Deus", e seu famoso discípulo, Martinho Lutero, o defendeu em *De servo arbitrio* e na sua primeira edição do comentário aos Romanos. Calvino não introduz nada novo em seus tratados sobre o assunto. De fato, alguns dos fortes comentários de Lutero em *De servo arbitrio* fazem de Calvino alguém moderado por comparação.

Por temperamento e propósito, o reformador genovês era conservador. Não possuía um espírito criativo e inovador. De fato, seus argumentos contra a corrupção em seus dias evidenciam uma preocupação que a igreja havia permitido inovações relativamente recentes para sepultar a simplicidade da fé e prática apostólicas que permaneceram nos primeiros séculos da igreja. Calvino também sempre alertava contra a especulação — particularmente sobre esse assunto.

A importância da contribuição de Calvino foi sua habilidade de integrar as convicções ortodoxas do cristianismo histórico com a clareza evangelical de Lutero, e de refinar os *insights* de seus companheiros reformadores em uma interpretação pastoralmente rica das Escrituras. Assim como Lutero, Calvino acreditava que a dou-

trina da eleição incondicional exaltava a graça gloriosa de Deus, provendo um apoio crucial para a doutrina da justificação. Para o reformador genovês, a predestinação — quando definida pela Escritura somente — era uma doutrina prática, permitindo grande certeza para todos os que estão em Cristo. É o motivo para o louvor e gratidão, não para controvérsia e especulação.

Em segundo lugar, Calvino não era o único a moldar a tradição reformada. Embora sua importante influência é com justiça reconhecida, ele se considerava um estudioso de Lutero. O reformador de Strasbourg, Martin Bucer, também marcou Calvino de maneiro indelével, assim como a toda uma geração, inclusive o Arcebispo Thomas Cranmer. Calvino também era amigo do companheiro de Lutero, Philip Melanchton (embora tenha ficado, como os luteranos ortodoxos, alarmado com a conversão de Philip ao sinergismo). Heinrich Bullinger, John Knox, Jan Laski (John à Lasco), Girolamo Zanchi e Peter Martyr Vermigli estavam entre os muitos contemporâneos de Calvino que moldaram o ensino reformado, sem mencionar as gerações seguintes de líderes que refinaram e consolidaram os ganhos do século XVI. Cristãos reformados que ensinavam a predestinação não se baseavam apenas em Calvino, mas em variadas fontes. Mais do que o luteranismo, a teologia reformada era um "esporte coletivo", cuja fé e prática eram moldadas por cooperação internacional entre muitas figuras cujos nomes caíram no esquecimento.

Em terceiro lugar, é interessante que Calvino nunca identificou a predestinação ou eleição como um dogma central. Ele falava da doutrina da justificação como "o ponto primário da religião cristã", "o ponto nevrálgico sobre o qual a religião se estabelece", "o ponto principal de toda doutrina da salvação e a fundação de toda religião".[2] Obviamente, ele considerava a predestinação como sendo uma doutrina importante. Mas ele não foi somente não original em sua formulação; ele também não a elevou ao nível de um dogma central. A predestinação nem mesmo aparece em sua Confissão de Genebra (1536), embora a necessidade de batizar os filhos da aliança é explicitamente mencionada, assim como o significado da Ceia do Senhor.

---

2 Calvin, Institutes, 3.2.1; 3.11.1; e "Sermon on Luke 1:5–10," in Corpus Reformatorum (cr), ed. c. G. Bretschneider, H. E. Bindseil, et al. (New York: Johnson, repr. 1964), 46:23.

De fato, a eleição divina é tratada mais diretamente nos Trinta e Nove Artigos da Religião da Igreja da Inglaterra do que no Catecismo de Heidelberg. Nessas declarações, assim como muitas outras confissões e catecismos reformados do período, o foco está nos pontos essenciais da fé cristã — particularmente onde havia diferença em relação às interpretações Católico-romanas e anabatistas. Armínio nem era nascido.

Entretanto, Calvino foi desafiado diretamente em Genebra por franco oponentes da doutrina e travou com eles polêmicas extensas. Esses debates refletem a enorme atenção que Calvino deu ao assunto com cada nova edição das *Institutas*. Apesar de que mesmo na edição final de 1559, a predestinação não é de maneira alguma um dogma central e segue na direção de um tratado sobre oração ricamente devocional. Assim como B. B. Warfield apontou, a ênfase de Calvino no amor e benevolência paternais de Deus em Cristo é mais difundida do que sua ênfase no poder e autoridade soberanos de Deus.

Subsequentes tumultos nas igrejas reformadas, especialmente o surgimento do Arminianismo, provocaram novas controvérsias. Assim como era verdade nas controvérsias acerca da trindade, a divindade de Cristo e a natureza da graça na Igreja antiga, as discussões sempre elevavam a um refinamento maior. A Confissão Belga (1561) resume a eleição em poucas afirmações preciosas mas esparsas. Entretanto, com o surgimento de discussões dentro dos círculos luterano e reformado, os luteranos ortodoxos elevaram a eleição incondicional ao *status* confessional no Livro da Concórdia (1580), o Sínodo de Dort foi convocado em 1618-1619 para discutir sobre o debate arminiano e a Assembleia de Westminster incorporou as conclusões de Dort em sua Confissão (1646).

Nada disso é para diminuir a importância óbvia da eleição na teologia reformada, mas realmente serve para nos dissuadir de considerá-la como um dogma central ou como uma doutrina exclusivamente calvinista. Ninguém iniciou com a predestinação como o coração da teologia reformada; ela ganhou importância à medida que ela foi discutida a partir de dentro.

A verdade é que não há um dogma central no Calvinismo, embora ele seja certamente teocêntrico — e, mais especificamente, cristocêntrico, uma vez é que somente no Filho que os propósitos e ações salvíficos de Deus na história são mais claramente revelados. E mesmo nesse caso, Cristo não serve como uma ideia ou tese

central a partir da qual deduzimos as demais doutrinas. Antes, as próprias Escrituras nos ensinam a encontrar Cristo como seu centro de Gênesis a Apocalipse.

Com Melanchton e Bullinger abrindo caminho, a teologia da aliança emergiu como fundação e trama da teologia reformada.[3] Mesmo isso, porém, não é um dogma central, mas mais como uma estrutura arquitetônica. Como B. B. Warfield explica, "O princípio arquitetônico da Confissão de Westminster é sua teologia [da aliança], que obteve recentemente na Bretanha, como no continente, uma posição dominante como o modo de apresentar o *corpus* da doutrina reformada mais amplo".[4] Embora eu esteja focando os "cinco pontos", é minha esperança que os leitores, a começar com essas maravilhosas doutrinas da graça, investiguem a profundidade e a amplitude do ensino e prática reformados.

Um mapa das posições teológicas

Uma vez que o Calvinismo foi definido, é mister esboçar um mapa dos diferentes pontos de vista que farei referência vez e outra ao longo deste livro. Assim como o Calvinismo tem sido sempre caricaturado por seus críticos e distorcido por seus advogados extremistas, o mesmo acontece com o Arminianismo. Com frequência, ele é simplesmente igualado com o semipelagianismo ou até mesmo com o pelagianismo, mas um quadro mais claro nos ajudará tanto a sermos mais honestos e a nos engajarmos nas reais diferenças e não nas imaginadas.

Em primeiro lugar, definamos o *Pelagianismo*. Um monge que vivia em Roma (possivelmente de origem bretanha) entre 354 e 440, Pelágio enfatizava em sua pregação a importância do livre arbítrio e das boas obras para determinar a salvação final. O Pelagianismo tem sido identificado historicamente com a negação do pecado original e a necessidade da graça para a salvação. Condenado por vários papas e concílios (Cartago em 418; Éfeso em 431), o Pelagianismo representava Adão como

3 Ver, por exemplo, Heinrich Bullinger, De testamento seu foedere Dei unico et aeterno (1534); cf. Philip Melanchthon, Loci communes (1543), em que o conceito de aliança repetidamente aparece como um fator unificador.

4 B. B. Warfield, The Westminster Assembly and Its Work (New York: Oxford Univ. Press, 1931), 56.

um mau exemplo e Cristo como um bom exemplo. Deus é gracioso pelo fato de dispor à raça humana a oportunidade de vida ou morte e capacitou todos com o poder de livre escolha tanto para o bem quanto para o mal. Por meio de constantes exortações e instruções, uma pessoa pode ser conduzida ao arrependimento e fé e perseverar na vida executando boas obras que, finalmente, é merecedora de vida eterna.

Em segundo lugar, o *semipelagianismo* surgiu como modificação. Embora não aceitasse o pecado original, essa visão ensinava que a queda enfraqueceu a natureza moral dos seres humanos de modo que eles precisavam que a graça os fortalecesse. O ato inicial de responder a Deus provém do livre arbítrio, mas a graça assiste o crente na vida de fé e boas obras. Essa visão foi condenada no Concílio de Orange em 529. Esse concílio declarou que a graça é necessária tanto no início quanto durante a vida cristã. Por conta dos pontos de vista populares frequentemente defendidos pelos evangelicais hoje em dia, a citação a seguir se faz necessária em sua extensão:

> Se alguém disser que a graça de Deus pode ser conferida como resultado da oração humana, mas que não é essa mesma graça que nos faz orar a Deus, essa pessoa contradiz o profeta Isaías, ou o apóstolo que diz a mesma coisa: "Fiz-me acessível aos que não perguntavam por mim; fui achado pelos que não me procuravam." (Isaías 65.1). Se alguém insiste que Deus espera que nosso desejo de ser purificado venha a nós por meio da infusão e agir do Espírito Santo, essa pessoa se opôs ao próprio Espírito Santo que diz por meio de Salomão: "A vontade é preparada pelo Senhor." (Provérbios 8.35, LXX). Se alguém diz que não somente o aumento da fé, mas também seu início e o próprio desejo pela fé, através da qual cremos — se alguém diz que isso pertence a nós naturalmente e que não é um dom da graça, isto é, pela inspiração do Santo Espírito modificando nossa vontade e transformando-a de não fé em fé e da impiedade à piedade, isso é prova de que essa pessoa se opõe aos ensinamentos dos apóstolos... Pois aqueles que afirmam que a fé por meio da qual cremos em Deus vem de nós torna todos aqueles que

> estão separados da Igreja de Cristo, em alguma medida, crentes... Se alguém diz que podemos formar uma opinião correta ou fazer alguma escolha correta que se refira a salvação da vida eterna, ou que podemos ser salvos, isto é, reconhecer a pregação do evangelho por meio de nossos próprios poderes... tal pessoa é guiada por um espírito herético... Se alguém sustenta que vem de livre vontade, isso é prova de que tal pessoa não tem lugar na verdadeira fé.[5]

O Pelagianismo primariamente surgiu como uma reação contra o Agostinianismo. Como bispo da cidade de Hipona, ao norte da África, o experiente Agostinho (354-430) era profundamente influenciado pela teologia da graça. Sua controvérsia com Pelágio serviu para aprimorar seus *insights* com que ele, juntamente com Jerônimo e outros pais da igreja, refinaram a formulação da Igreja ocidental a respeito do pecado original, predestinação, expiação e a perseverança dos santos pela graça. Como a maioria de nós, Agostinho não foi logo confessando as doutrinas da graça. Em vez disso, ele se tornou mais interessado em buscar nas Escrituras sobre esses pontos, especialmente quando ele encontrava desafios e lutava contra si mesmo. A vontade caída, presa ao pecado, é incapaz de até mesmo buscar a graça de Deus longe da graça que ele concede aos seus eleitos. O Agostinianismo era bastante equivalente à ortodoxia no ocidente, embora sempre encontrou oposição.

Com essas coordenadas em mente, nos voltamos agora para os movimentos provenientes da Reforma. O debate de Lutero com Erasmo a respeito da liberdade da vontade e da eleição divina salientou a soberania da graça de Deus na eleição e na condenação.[6] As confissões de fé luteranas, no entanto, confirmam a eleição incondicional de Deus daqueles de quem ele terá misericórdia, mas negam sua condenação dos demais como um decreto efetivo. Enquanto as teologias confessionais luterana e reformada divergem com respeito ao decreto da condenação, a extensão da expiação e a resistibilidade da graça de Deus, elas se unem em sua defesa do *mo-*

---

5 John H. Leith, Creeds of the Churches, 3rd ed. (Louisville: Westminster John Knox, 1983), 38 - 39.

6 Martin Luther, The Bondage of the Will (Grand Rapids: Revell, repr. 1990).

nergismo (isto é, ação exclusiva de Deus na salvação), fundamentada em sua eleição incondicional dos pecadores em Jesus Cristo.[7] Entretanto, os calvinistas questionam a consistência do monergismo no sistema luterano, e eu faço referência a alguns exemplos nos capítulos seguintes.

Finalmente chegamos ao *Arminianismo*. Aluno de Teodoro Beza, sucessor de Calvino, Jacob (James) Armínio atraiu, primeiramente, a atenção quando ele negou que a descrição de Paulo da luta contra o pecado em Romanos 7 pudesse se referir a um crente genuíno. Mais tarde, ele chegou a rejeitar uma eleição, redenção e vocação eficaz particulares do eleito em prol da eleição condicional.

Depois de sua morte, os seguidores de Arminío apresentaram seus Artigos da Remonstrância à Igreja Reformada holandesa. Neles, eles afirmavam a depravação total e a necessidade da graça preveniente (isto é, a graça que "vem antes" de todas as nossas ações). No entanto, eles defendiam que essa graça é concedida a todos e que, portanto, cada pessoa tem o poder tanto de aceitar quanto de rejeitar o evangelho por seu próprio livre arbítrio. Deus escolheu aqueles que ele, de antemão, sabia que acreditariam; Cristo morreu para tornar possível a salvação para todos; a obra regeneradora do Espírito pode ser resistida, e até mesmo os crentes podem resistir de tal forma à obra santificadora do Espírito que eles finalmente se perdem.[8]

---

7 A despeito de sua amizade com Calvino, Philip Melanchton acabou questionando a reprovação (condenação) e ensinava uma forma de sinergismo (eleição condicional) que (em adição a essa compreensão mais calvinista da Ceia do Senhor) levou a uma forte reação contra ele por parte dos seguidores ortodoxos de Lutero. Suas conclusões, resumidas na Fórmula da Concórdia, rejeitam a reprovação e afirmam a resistibilidade da (e possivelmente o cair da) graça. Ao mesmo tempo, a Fórmula rejeita severamente o sinergismo associado com a visão de Melanchton. Ver Charles Porterfield Krauth, The Conservative Reformation and Its Theology (Minneapolis: Augsburg, 1963), 322–24. Entretanto, alguns Luteranos rejeitaram essa posição confessional em favor da visão de Melanchton (eleição condicional, baseada na fé antevista). Ver Heinrich Smid, Doctrinal Theology of the Evangelical Lutheran Church, trad. Charles A. Hay e Henry E. Jacobs (Minneapolis: Augsburg, 1889), 272–73.

8 A teologia arminiana (remonstrante), quando evoluiu para um sistema, rejeitou a eleição incondicional e, consequentemente, suas ênfases monergistas. A contrarreforma da Igreja Católica ofereceu ainda outra perspectiva sobre os decretos divinos. Entre a posição clássica tomista-agostiniana defendida pelos dominicanos e a posição mais semipelagiana adotada pelos franciscanos, mais tarde, estão os chamados "molinistas", seguidores de Mo-

Roger Olson destaca que Armínio ainda estava trabalhando dentro do paradigma da aliança da teologia reformada: "A diferença entre a teologia central de Armínio e aquela dos calvinistas continentais (e dos puritanos ingleses) é a condicionalidade do primeiro e a incondicionalidade do último."[9] Essa diferença se mostrou decisiva, pois é o motivo de muitos calvinistas terem visto (e ainda veem) o Arminianismo como sinônimo do "neonomianismo" — isto é, tornando o evangelho em uma nova Lei.

Em comparação com o Calvinismo, o sistema arminiano se parece mais com o semipelagianismo. Na verdade, eu argumentaria que ele segue naquela direção. Quando o Arminianismo perde seu lado evangelical, ele está sempre em uma direção "pelagianizante". Além disso, é importante mencionar os pontos de vista atuais que as pessoas defendem em vez dos pontos de vista que pensamos que devem defender ou defenderão se a sua lógica for seguida de maneira consistente. A diferença crucial entre o Arminianismo e o semipelagianismo é que o primeiro insiste na necessidade da graça prévia a toda resposta humana. Ao menos, como Armínio ensinou, o Arminianismo não nega o pecado original ou a incapacidade dos seres humanos salvarem a si mesmos. Além disso, os arminianos realmente defendem que a suficiente graça preveniente é concedida a todas as pessoas para que exerçam seu livre arbítrio, e a eleição está baseada no pré-conhecimento de Deus daqueles que irão, de fato, cooperar com sua graça na fé e nas boas obras. A salvação final depende, em certo modo, da cooperação da pessoa com a graça de Deus.[10]

---

lina, que com Suarez defendia a posição identificada como "médio conhecimento"(scientia media). Para uma defesa contemporânea dessa visão, ver William Lane Craig, "The Middle Knowledge View," in Divine Foreknowledge: Four Views (Downers Grove, Il: InterVarsity Press, 2001).

9 Roger Olson, Arminian Theology: Myths and Realities (Downers Grove, Il: InterVarsity Press, 2006), 53.

10 Richard Watson, Theological Institutes (New York: Phillips and Hunt, 1887), 2:392–449; Thomas N. Ralston, Elements of Divinity, ed. t. o. Summers (New York: Abingdon-Cokesbury, 1924), 278–327; William B. Pope, A Compendium of Christian Theology (New York: Phillips and Hunt, n.d.), 1:317–19; John Lawson, Introduction to Christian Doctrine (Grand Rapids: Zondervan, 1967, 1980), 206–35. Ver também Roger Olson, Arminian Theology, 18: "Contrary to Confused Critics, Classical Arminianism Is Neither Pelagian nor Semi-Pelagian! But it is Synergistic."

Os próprios arminianos afirmam que o "sinergismo" é o termo apropriado para essa visão sistemática da salvação. No entanto, Roger Olson faz distinção, apropriadamente, entre os "arminianos evangelicais" (chamados "do coração") e os "arminianos liberais" (chamados "do pensamento"). Como representante dessa última linha, Philip Limborch (1633-1712) ensinava que a queda perverteu nossas mentes, mas não a nossa vontade.[11] Historicamente, o Arminianismo liberal comumente se funde ao Socinianismo (ver adiante) ou ao que conhecemos como Universalismo Unitário. Um Arminianismo mais evangelical tem representantes entre os anglicanos como Jeremy Taylor, William Law e John Wesley e alguns puritanos não conformistas como Richard Baxter e John Goodwin.

A linha divisória entre calvinistas e arminianos é evidente não somente entre as denominações protestantes, mas também dentro delas também: batistas gerais, influenciados por comunidades menonitas, sempre em uma direção explicitamente semipelagiana, e batistas calvinistas (cf. A Confissão de Fé de Londres/Filadélfia de 1644); Metodistas wesleyanos e calvinistas (este último seguia George Whitefield); Presbiterianos da velha escola e Presbiterianos da nova escola (os últimos seguiam Nathaniel Taylor e Charles Finney).

Indo mais além do Arminianismo, o protestantismo radical gerou outra posição que é importante mencionar. Proveniente de Laelius Socinus (morto em 1562), o *Socinianismo* não somente negava a predestinação divina, mas também a presciência exaustiva de Deus das livres ações das criaturas, que tanto arminianos e calvinistas afirmavam.[12] Como origem do Unitarismo, o movimento socinianista também

---

11 Olson, Arminian Theology, 57.

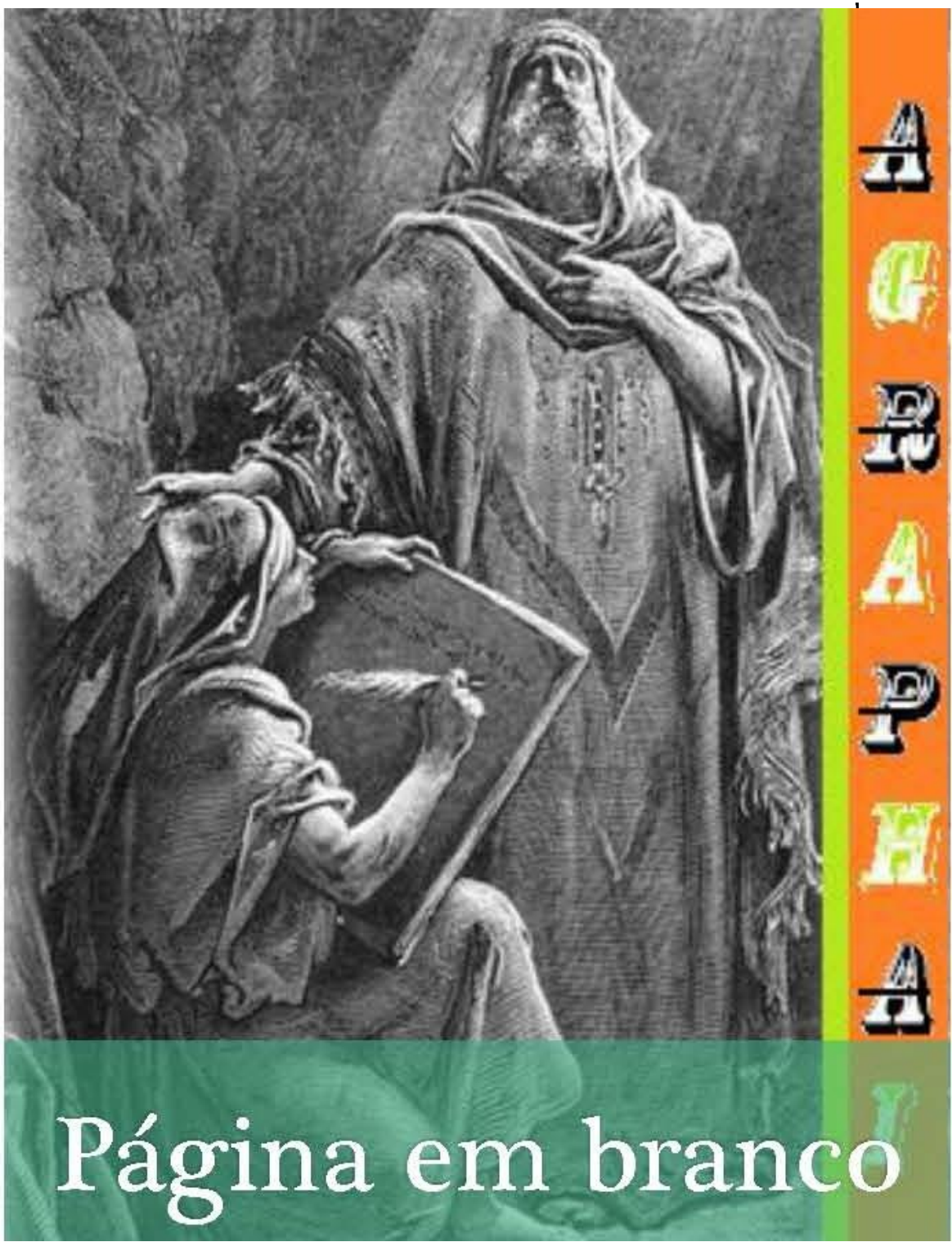
12 Seguidores deste movimento eram protestantes radicais que rejeitavam todos os dogmas que pensassem ser inconsistentes com a razão e a moralidade prática. Precursores dos modernos unitarianos, os socinianos negavam a trindade, a divindade de Cristo e o caráter substitucionário da expiação de Cristo. Defendiam que a fim de afirmar o livre-arbítrio, o pré-conhecimento de Deus deve incluir somente as verdades necessárias em vez de decisões e contingentes e ações dos seres humanos. Ver as citações do Catecismo Racoviano em William Cunningham, Historical Theology (Edinburgh: Banner of Truth, 1996), 2:173. Visões similares, pelo menos sobre esses pontos, estão desenvolvidas no movimento conhecido como "teísmo aberto", particularmente nas obras de Clark Pinnock, John Sanders, e Gregory Boyd.

negava a Trindade e a divindade e preexistência do Filho. Portanto, o Socinianismo representava um reavivamento das heresias pelagianas e arianas. Por meio dos grandes esforços do sobrinho de Laelius, Fausto (morto em 1604), as doutrinas do socinianismo se tornaram muito influentes no pensamento de Newton, Locke, Voltaire, Lessing, Kant e outros pensadores do Iluminismo.

Agora que temos uma visão mais ampla dos contornos do Calvinismo e um mapa das posições rivais, estamos preparados para explorar os argumentos bíblicos.

CAPÍTULO 2

Sobre dominadores e rebeldes: a condição humana


AGRAPHA
Página em branco

Longe da caricatura de um sistema cuja lógica dissipa mistérios, o Calvinismo reconhece o paradoxo que permeia o centro de cada grande doutrina de fé.

ELE AFIRMA SIMULTANEAMENTE A UNIDADE e trindade de Deus, a divindade e humanidade de Cristo, a soberania de Deus e a responsabilidade humana. Os crentes são conclamados com toda seriedade a trabalhar sua própria salvação, apesar de esta salvação já estar assegurada como dom do Pai, no Filho, por meio do Espírito. O reino de Cristo já está presente, inaugurado pela ressurreição de Cristo, apesar de não plenamente consumado até sua volta. Ignorar essas tensões (a tentação irracionalista) ou resolver essas tensões (a tentação racionalista) são sempre opções fáceis. Viver na tensão é mais difícil: ouvir onde Deus falou, mas restringir nossa curiosidade além de sua Palavra.

Outro paradoxo surge na visão calvinista da natureza humana. Em minha leitura, nenhum sistema teológico tem sido mais assertivo quanto ao mundo e a natureza humana como tal e, ao mesmo tempo, tão profundamente perplexo com a miséria da existência caída. De fato, esse caráter trágico de nossa existência corrompida é medida pela altura da qual caímos e pelo futuro glorioso que nos espera na volta de Cristo.

Portador da imagem gloriosa de Deus: a dignidade humana

O Calvinismo ensina que os seres humanos são basicamente bons em sua natureza intrínseca, dotados de livre arbítrio, belos de corpo e alma, razão e excelência moral. Em resumo, somos criados à imagem de Deus. Ora, isso pode não se encaixar com o estereótipo, especialmente quando a famosa "TULIP(A)" inicia com a Depravação Total. No entanto, a teologia Reformada nunca começa com a queda, mas com a boa criação de Deus. Se começarmos com a depravação total, facilmente assumimos que os seres humanos são corrompidos desde o início, desprovidos de algo bom, integridade ou livre arbítrio. Os calvinistas creem, porém, que isso é uma grave distorção do assunto e que conduzirá, inevitavelmente, a uma má compreensão do que é depravação total.

Calvino iniciou suas *Institutas da Religião Cristã* com as famosas linhas:

> Quase toda a soma de nosso conhecimento, que de fato se deva julgar *como* verdadeiro e sólido conhecimento, consta de duas partes: o conhecimento de Deus e *o conhecimento* de nós *mesmos*. Como, porém, se entrelaçam com muitos elos, não é fácil, entretanto, discernir qual *deles* precede ao outro, e ao outro origina. Em primeiro lugar, visto que ninguém pode sequer mirar a si próprio sem imediatamente volver o pensamento à contemplação de Deus, em quem vive e se move [At 17.28], por isso longe está de obscuro o fato de que os dotes com que somos prodigamente investidos de modo algum provêm de nós mesmos.[1]

Como poderia ser diferente, uma vez que os seres humanos são criados à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26,27)? Quando nos maravilhamos com a inteligência humana, sabedoria, atos de gentileza intencionais e amor de relações sociais, e quando examinamos a complexidade e habilidades do corpo humano, podemos exclamar como o salmista: "Tu criaste o íntimo do meu ser e me teceste

1 Calvin, Institutes 1.1.1.

no ventre minha mãe. Eu te louvo porque me fizeste de modo especial e admirável." (Salmos 139.13,14).

De fato, Calvino e seus sucessores criticaram a teologia Católica Romana por situar o pecado em uma suposta fraqueza da natureza humana. De acordo com essa visão, os seres humanos estão relacionados a Deus e aos anjos pela virtude de seu "ser superior" — a mente ou a alma —, mas estão relacionados aos demais animais pela virtude de seu "ser inferior" — os apetites associados ao corpo. Essa ideia, influenciada por Platão, deu origem à noção de *concupiscência*: isto é, os desejos do corpo por prazer sexual. Concupiscência não é em si pecado até que se torna em ação, mas realmente sugere uma fraqueza ou defeito na natureza humana enquanto criada por Deus.

Aquino, seguindo Agostinho, falou dessa concupiscência como o "foco de fogo" para o fogo da paixão que conduz aos pecados de fato. No entanto, essa inclinação não é em si pecaminosa e o livre arbítrio — apesar de enfraquecido — ainda é capaz de cooperar com a graça para sua cura.[2] A vida de casado não é má, mas inferior à vida contemplativa do monge e as relações sexuais dentro do casamento são apenas para propósitos de procriação, e não para o prazer sexual. É esse aspecto sexual (animal) de nossa constituição que nos puxa das alturas da pura contemplação espiritual.

O problema fundamental com essa visão, diz Calvino, é que ela atribui pecado à natureza humana como Deus a criou. Contra aqueles "que ousam assinar o nome de Deus em suas faltas", Calvino diz: "eles perversamente buscam as obras de Deus em sua próprias mazelas, quando deviam tê-las buscado naquela natureza ímpar e não corrompida de Adão". Não Deus, mas nós somos culpados "exclusivamente porque degeneramo-nos de nossa condição original". Nossa ferida moral não vem da natureza em si, mas de sua corrupção por meio da queda.[3] A depravação da natureza humana "não fluiu da natureza", diz ele. "Assim dissipa-se a tola baboseira dos maniqueus que, como no homem imaginassem malignidade intrínseca, ousaram anexar-lhe um outro criador, para que não parecessem atribuir ao Deus justo a causa e o princípio do mal."[4]

---

2 Catechism of the Catholic Church (New York: Doubleday, 1997), 405, 418.

3 Calvin, Institutes 2.2.10.

4 Ibid., 2.2.11.

A respeito da queda de Adão, Calvino acrescenta:

> Pois não só o seduziu um desejo inferior; ao contrário, a nefanda impiedade ocupou a própria cidadela da mente, e o orgulho penetrou ao mais recôndito do coração, de sorte que é improcedente e estulto restringir a corrupção que daí emanou apenas ao que chamam *impulsos sensuais*, ou chamar "foco de fogo" que atrai, excita e arrasta o pecado somente a parte que compreende a *sensualidade*. Nisto Pedro Lombardo pôs à mostra crassa ignorância, ou seja, buscando e investigando a sede *do pecado*, afirma que ela está na carne, *o que, a seu ver*, Paulo atesta, ainda que não de forma estrita, mas porque *o pecado* se faz ainda patente na carne. Aliás, é como se Paulo tivesse em mira apenas uma parcela da alma e não a natureza toda, a qual se opõe à graça supernatural!

Em vez disso, diz Calvino, Paulo ensina que a pessoa como um todo é criada à imagem de Deus e nessa mesma totalidade está caído assim como é redimido.[5]

Deste modo, Calvino rejeita o dualismo corpo/espírito que tende a identificar o pecado com o primeiro. Em vez disso, a imagem de Deus não pertence menos ao corpo do que à alma, e consiste primariamente de "justiça e santidade provenientes da verdade" (Efésios 4.24; Colossenses 3.10). Embora ainda não confirmados na imortalidade e santidade eternas, Adão e Eva eram boas criaturas, refletindo os atributos morais do Deus trino e uno.[6] Apenas quando a dignidade da imagem de Deus estabelecida tanto no corpo quando na alma, depois da queda, "nenhuma parte está livre da infecção do pecado."[7] A mente não é menos caída do que as afeições ou o corpo.

Alem disso, a imagem de Deus não é apenas um conceito individualista; é a identidade incorporada à raça humana como parceira da aliança de Deus. Isso sig-

---

5 Ibid., 2.1.9. Ver também 2.2.11 e 1.16.8.

6 John Calvin, Commentary on the First Book of Moses Called Genesis, trad. John King. (Grand Rapids: Baker, repr. 1996), 112 – 13.

7 Ibid., 95.

nifica que cada pessoa deve "livremente aceitar o outro como sua própria carne [...]. Qualquer desigualdade que seja contrário a esse acordo não passa de uma corrupção da natureza que procede do pecado."[8]

A liberalidade de Deus é evidente na diversidade da criação que ele coloca à disposição de seu parceiro humano.[9] A ingratidão que as Escrituras impõem à humanidade caída se revela no fato de que, assim como Adão e Eva, nós não queremos uma *provisão* liberal de dons vinda de um Deus bom; queremos nós mesmos *ser* Deus. Assim, a queda não se deve à falha natural (uma fraqueza da natureza criada), mas à falha moral. Essa alta concepção da dignidade humana sempre encorajou os calvinistas a contribuir com a defesa dos direitos humanos e do bem-estar cívico.[10]

Uma imagem abalada

Calvino acreditava que a liberdade de escolha era um importante dom de Deus para os humanos na criação. "Em sua integridade, o homem, por livre vontade, tinha o poder, se assim quisesse, de obter a vida eterna. Seria um despropósito levantar a questão da predestinação secreta de Deus porque o assunto que estamos discutindo não tem a ver o que pode ou não acontecer, mas, sim, como era a natureza humana. Embora Adão pudesse ter se mantido em pé se ele quisesse, viu que caiu exclusivamente por sua própria vontade." Não havia propensão inerente ao pecado na natureza humana como Deus a criou, nem sedução perigosa do ser inferior. As faculdades de Adão "eram certamente compostas para a obediência, até que ao destruir-se, ele corrompeu suas próprias bênçãos."[11]

O problema surge quando extrapolamos essa integridade natural e original uma liberdade da vontade para escolher o bem depois da queda:

---

8 Ibid., 97 - 98.

9 Ibid., 100.

10 Essa ênfase característica da antropologia reformada pode ser encontrada entre muitos alunos de Calvino, como em J. I. Packer, Christianity: The True Humanism (Waco, Tx: Word, 1986).

11 Calvin, Institutes 1.15.8.

> Daqui a escuridão tão ingente lançada diante dos filósofos, visto que na ruína procuravam um edifício *estruturado* e na desarticulação *desconexa*, junturas ajustadas. Sustentavam este princípio: que o homem não havia de ser um animal racional, a não ser que *lhe* assistisse livre escolha do bem e do mal. Também lhes vinha à mente que, de outra sorte, a não ser que o homem dispusesse a vida, segundo *seu* próprio entender, a distinção entre virtudes e vícios estaria anulada. Até aqui, sem dúvida estaria tudo bem arrazoado, se nenhuma mudança tivesse havido no homem. Uma vez que *esta mudança* lhes foi ignorada, não surpreende que misturem o céu à terra![12]

O ponto de Calvino é crucial. Quando ele (assim como Lutero) fala do jugo da vontade, é em relação ao *pecado*, e não à *soberania de Deus*. Quando criados, os seres humanos eram completamente livres para escolher o bem ou o mal, a verdade ou a mentira, Deus ou os ídolos. A liberdade de Deus não é uma ameaça à liberdade humana, mas o próprio pressuposto da existência dessa. No entanto, após a queda, as pessoas são inclinadas à descrença ao pecado. O coração escolhe aquilo que aprova e deseja. Uma pessoa que está morta em "transgressões e pecados" (Efésios 2.1) e que "não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente" (1Coríntios 2.14) perdeu sua liberdade para a retidão diante de Deus.

Ao mesmo tempo, a queda destruiu na mesma proporção tanto a vontade quanto a mente, os sentidos e qualquer outra faculdade: ela corrompeu todas as faculdades humanas. Adão e Eva tinham a liberdade de escolher a vida eterna, mas ao romper a aliança com Deus, eles e sua posteridade se tornaram uma raça de rebeldes: nascidos na corrupção, culpa e morte.

A teologia Reformada, portanto, foca sua atenção justamente na história que a revelação de Deus interpreta para nós. A natureza humana não é determinada por especulações filosóficas acerca de um aspecto superior ou inferior, mas pelos

12 Ibid.

eventos históricos da criação e da queda. É o ato concreto da ruptura da aliança que marca a queda da humanidade em culpa e corrupção.

Os Cânones de Dort começam com a dignidade da criação:

> No princípio o homem foi criado à imagem de Deus. Foi adornado em seu entendimento com o verdadeiro e salutar conhecimento de Deus e de todas as coisas espirituais. Sua vontade e seu coração eram retos, todos os seus afetos, puros; portanto, era o homem completamente santo.

Somente após dizer isso, é que os Cânones de Dort acham que é possível acrescentar:

> Mas, desviando-se de Deus sob instigação do diabo e pela sua livre vontade, ele se privou desses dons excelentes. Em lugar disso trouxe sobre si cegueira, trevas terríveis, leviano e perverso juízo em seu entendimento; malícia, rebeldia e dureza em sua vontade e em seu coração; e ainda impureza em todos os seu afetos.[13]

A mesma dupla ênfase se encontra na Confissão de Fé Belga, em que após comentar sobre a imagem de Deus, ela acrescenta: "Mas, quando o homem estava naquela posição excelente, ele não a valorizou e não a reconheceu. Dando ouvidos às palavras do diabo, submeteu-se por livre vontade ao pecado e assim à morte e à maldição". Transgredindo "o mandamento da vida" ele "corrompeu toda a sua natureza" e "perdeu todos os dons excelentes, que tinha recebido de Deus. Nada lhe so-

13 Os Cânones de Dort, capítulos 3 e 4, art 1, in Psalter Hymnal: Doctrinal Standards and Liturgy of the Christian Reformed Church (Grand Rapids: Board of Publications for the Christian Reformed Church, 1976), 102. Ver também Michael S. Horton, "Post-reformation Reformed Anthropology," in Richard Lints, Michael Horton, e Mark Talbot, eds., Personal Identity in Theological Perspective (Grand Rapids: Eerdmans, 2006), 45ff. Trato desse desenvolvimento histórico em maior profundidade em meu livro Lord and Servant (Louisville: Westminster John Knox, 2005), cap. 4 e 5.

brou destes dons, senão pequenos traços, que são suficientes para deixar o homem sem desculpa".[14] A mesma afirmação da dignidade criada e a corrupção total aparece no Catecismo de Heidelberg (P. 6) e na Confissão de Westminster (Cap. IV. 2) e em seus catecismos (Menor, P. 10, 15-19).

Assim, a "depravação total" é algo que acontece à natureza humana, não algo que surge dela enquanto criada por Deus. "Essa é a corrupção hereditária", diz Calvino, "que os antigos designaram de 'pecado original', entendendo pelo termo pecado a depravação de uma natureza antes boa e pura".[15] Ele apela para a dupla imputação em Romanos 5 — isto é, o paralelo entre Adão e Cristo. Se a corrupção humana é simplesmente uma questão de imitar a transgressão de Adão, então a salvação vem por imitar o bom exemplo de Cristo.[16] Calvino recusa a se aprofundar nos debates mais sutis sobre a transmissão da alma de uma geração a outra, e contenta em asseverar com as Escrituras que Adão continuou como o representante da raça humana na aliança.[17] O pecado original inclui tanto a culpa quanto a corrupção.[18] Esse ensinamento é tão claramente ensinado nas Escrituras que é afirmado pelos Católicos Romanos bem como pelos protestantes históricos.

Onde o ensino Luterano e Reformado diverge do Romano diz respeito à profundidade e extensão dessa corrupção. Além do mais, negar que a concupiscência (a inclinação pecaminosa) não se deve de modo algum à fraqueza da natureza (isto é, ao corpo e aos seus desejos), a teologia reformada defende que a própria inclinação pecaminosa incorre no juízo divino, e que essa inclinação não somente enfraquece mas aprisiona a pessoa toda. Ninguém pode superar essa inclinação por meio do livre arbítrio. A cooperação com a graça não curará a alma. Da condição pecaminosa procedem os atos pecaminosos.

Davi, por exemplo, percebeu que suas graves ofensas contra Deus, Bate-Seba e seu marido, Urias, não eram apenas atos isolados, mas que fluíam de seu interior:

14 Confissão de Fé Belga, art. XIV, no Psalter Hymnal, 75.

15 Calvin, Institutes 2.1.5.

16 Ibid., 2.1.6.

17 Ibid., 2.1.7.

18 Ibid., 2.1.8.

"sou pecador [...] desde que me concebeu minha mãe" (Salmos 51.5). Isaías reconheceu que ele era, por natureza, "um rebelde" desde que nasceu (Isaías 48.8). "O pecado entrou no mundo por um homem", diz Paulo, "e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram [...] pois muitos morreram por causa da transgressão de um só... [...] e por um pecado veio o julgamento que trouxe condenação... se pela transgressão de um só a morte reinou por meio dele." Consequentemente, ele conclui que "assim como uma só transgressão resultou na condenação de todos" (Romanos 5.12-18). Os católicos romanos afirmam que a transgressão de Adão é imputada à toda a raça, conduzindo à condenação, mas nega que essa culpa inclui a inclinação pecaminosa e que essa inclinação também corrompeu de tal modo a mente e a vontade que a cooperação com a graça é impossível antes da regeneração.

Nossa sóbria avaliação da crise deve levar em conta o fato de que "tanto judeus quanto gentios estão debaixo do pecado. Como está escrito: 'Não há nenhum justo, nem um sequer; não há ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus. Todos se desviaram, tornaram-se juntamente inúteis; não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer" (Romanos 3.9-12). Somos "por natureza merecedores da ira" (Efésios 2.3), "escravos do pecado" (João 8.34), e Jesus disse que "ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair" (João 6.44). Viemos ao mundo "mortos em nossas transgressões e pecados" (Efésios 2.1). Apesar de constrangidos, aprovamos nossa escravidão e tentamos justificá-la como liberdade.

Quão total é a Depravação Total?

A "Depravação Total" é frequentemente mal compreendida. Como compreendida na teologia Reformada, não significa que cada um de nós cometeu cada pecado possível ou que todos, igualmente, são depravados em termos de ações exteriores. O que realmente significa é que todos, igualmente, são culpados e estão condenados e que não há nenhum aspecto de nossa existência incólume ou aberto à graça de Deus. Nada menos do que nossos corpos e desejos, nossa mente, coração e vontade estão sob o comando do pecado e da morte. O "total" em Depravação Total se refere a sua extensão

e não à sua intensidade: isto é, ao escopo total de nosso decaimento. Isso não significa que somos tão maus quanto podemos de fato ser, mas que todos somos culpados e corrompidos em tal extensão que não há esperança de nos livrarmos, de fugirmos e de lutarmos (com o auxílio da graça) para evitar o juízo divino e nossa própria rebelião.

Os reformadores concordam que a imagem de Deus era pertinente à pessoa integral e que a pessoa integral foi corrompida pela queda. Apesar disso eles divergem sobre qual é a extensão da perda dessa imagem original. Para os Luteranos, a queda corrompeu de tal maneira a natureza humana que não há vestígio da imagem de Deus; ela foi completamente perdida e somente pode ser restaurada pela redenção em Cristo Jesus.[19] Novamente, a preocupação de Calvino em defender a integridade da criação de Deus é mostrada em sua recusa em aceitar uma erradicação total da imagem divina. De fato, particularmente contra os Anabatistas radicais, Calvino oferece um desafio que é digno de nota:

> Quantas vezes, pois, entramos em contato com escritores profanos, somos advertidos por essa luz da verdade que neles esplende admirável, de que a mente do homem, quanto possível decaída e pervertida de sua integridade, no entanto é ainda agora vestida e adornada de excelentes dons divinos. Se reputarmos ser o Espírito de Deus a fonte única da verdade, a própria verdade, onde quer que ela apareça, não a rejeitaremos, nem a desprezaremos, a menos que queiramos ser insultuosos para com o Espírito de Deus. Ora, nem se menosprezam os dons do Espírito sem desprezar-se e afrontar-se ao próprio Espírito. E então? Negaremos que a verdade se manifestou nos antigos jurisconsultos, os quais, com equidade tão eminente, plasmaram a ordem política e a instituição jurídica? Diremos que os filósofos foram cegos, tanto nesta apurada contemplação da natureza, quanto em sua engenhosa descrição? Diremos que careciam de inteligência esses

19 Ver Edmund Schlink, Theology of the Lutheran Confessions, trad. Paul F. Koehneke and Herbert J. A. Bouman (Philadelphia: Fortress, 1961), 47 e 59, com amplas citações do Livro de Concórdia e da ortodoxia luterana.

> que, estabelecida a arte de arrazoar, a nós nos ensinaram a falar com razoabilidade? Diremos que foram insanos esses que, forjando a medicina, nos dedicaram sua diligência? O que dizer de todas as ciências matemáticas? Porventura as julgaremos delírios de dementes? Pelo contrário, certamente não poderemos ler sem grande admiração os escritos dos antigos acerca dessas coisas. [...] Esses homens, a quem a Escritura chama "naturais" foram tão engenhosos na inteligência das coisas deste mundo, tais exemplos devem ensinar-nos quantos são os dons e graças que o Senhor tem deixado à natureza humana, mesmo depois de ser despojada do verdadeiro e sumo bem.[20]

O Espírito está agindo seguramente nos eleitos, mas também na graça comum para com os condenados.[21]

Lutero também podia falar do potencial para a humanidade não regenerada em "coisas terrenas", mas Calvino viu isso como evidência não da neutralidade ou indiferença das coisas terrenas em relação a Deus e seu reino, mas da inerradicável e indelével marca da imagem de Deus. De fato, esse é o motivo de a humanidade permanecer, em certo sentido, portadora da imagem de Deus e parceiro da aliança, mesmo que em sua pecaminosidade esteja cheia de idolatria e esquemas sofisticados de distorção religiosa. Os seres humanos caídos não são não-religiosos, mas idólatras. A imagem deve ser suprimida porque ela ainda está ali. Como um espelho que revela um reflexo do que não queremos ver, deve ser distorcida, encoberta com barro. Porque ela reflete o Deus cuja existência perdura contra nós no juízo, a imagem de Deus não tem mais o aroma sublime, mas é um ardor a ser eliminado. Precisamente pelo fato de não poder ser erradicada, ela é desfigurada de tal modo que não pode ser reconhecida.

Mais uma vez, isso dá à doutrina do pecado de Calvino uma determinação ética irredutível. Na queda, a humanidade não perdeu sua natureza criada. Não há uma "parte" faltando — nenhuma faculdade fraca — que pudesse responder pela desobediência.

---

20 Calvin, Institutes 2.2.15.

21 Ibid., 2.2.16.

> Portanto, a vontade se mantém agrilhoada por essa servidão do pecado, e não pode volver-se, muito menos aplicar-se ao bem, porque movimento desta natureza é o princípio da conversão a Deus, que nas Escrituras toda ela se atribui à graça de Deus. [...] Entretanto, permanece a vontade que, com a mais acentuada inclinação, não só propende, mas até se apressa a pecar, uma vez que o homem, ao sujeitar-se a esta necessidade, não é privado da vontade, mas da sanidade da vontade. [...]Isto é, simplesmente querer provém do homem: querer mal, da natureza corrompida; querer bem, da graça.[22]

Isso requer uma distinção entre *necessidade* e *compulsão*. A liberdade se refere a: a) compulsão; b) pecado; e c) miséria. Temos liberdade da compulsão, mas não do pecado e da miséria.[23]

De acordo com o sermão de Pedro em Atos 2, Cristo foi enviado de acordo com o propósito predestinado de Deus. Portanto, era necessário que Cristo fosse crucificado, uma vez que Deus o decretou desde a eternidade. Todavia, Pedro não exime os seres humanos de sua culpabilidade, uma vez que não foram compelidos por nenhuma força externa.

Não somos livres para escolher se vamos ou não ser pecadores, mas em cada pensamento pecaminoso, desejo e ação estamos fazendo o que queremos fazer. Não somos compelidos a pecar. Assim como a imunidade de Deus para pecar deriva de sua natureza bondosa e não de qualquer compulsão externa, do mesmo modo o inverso é verdade para com os pecadores. Outra vez contra o teólogo medieval Pedro Lombardo, Calvino apela para o argumento de Bernard de Clairvaux de que os seres humanos são "oprimidos por não outro jugo do que aquele tipo de servidão voluntária." Desse modo, Calvino argumenta, os seres humanos caídos "não estão privados da vontade, mas da sanidade da vontade."[24]

---

22 Ibid., 2.3.5.

23 Ibid., 2.2.6 - 7.

24 Ibid., 2.2.6.

Desse modo, os calvinistas creem que as pessoas têm a capacidade de fazer o que Deus ordena? Têm eles, ao menos, a capacidade de crer em Cristo por sua própria e livre vontade? Há duas distinções que os calvinistas posteriores fizeram que são importantes para compreender o que queremos dizer por Depravação Total.

Em primeiro lugar, precisamos fazer distinção entre capacidade natural e moral. Um ponto de vista libertário da liberdade humana insiste em nada menos do que a capacidade de escolher qualquer coisa. Entretanto, isso significa que a vontade é livre não somente da compulsão externa, mas da pessoa que a exerce! Em outras palavras, ele assume que a vontade é independente da mente, preferências, caráter e o coração das pessoas. Apesar de que nem mesmo Deus tenha esse tipo de liberdade de vontade. Deus não pode escolher fazer o mal ou tentar alguém a fazer o mal. Ele somente pode escolher aquilo que é consistente com sua natureza. Todavia, nós admitimos a liberdade de Deus enquanto reconhecemos que ele é incapaz de pecar ou errar. Deus é livre para ser Deus; ele não pode escolher ser outra pessoa.

Antes da queda, a humanidade possuía a capacidade natural *e* moral para obedecer a Deus com total fidelidade e liberdade de vontade. Depois da queda, ainda possuímos a liberdade natural, mas não mais a liberdade moral para fazer isso. Quando nos deparamos com nossa condição caída, todos nós temos a capacidade de pensar, de desejar, de sentir e de fazer o que devemos. Nenhuma de nossas faculdades foi perdida. Temos todo o "equipamento" necessário para amar a Deus e a nosso próximo. Todavia, a queda nos tornou moralmente incapazes de usar esses dons de modo que pudesse nos restaurar ao favor divino. Poderia ter escolhido dedicar-me para ser um maratonista, mas não poderia ter escolhido dedicar-me a Deus se não fosse por sua graça.

Mesmo em nossa rebelião, estamos exercendo as faculdades que Deus criou boas, embora as usemos de modo perverso. Não somos fracos em nosso mau uso desses dons, mas obstinados e vigorosos. A queda não tirou de nós a capacidade de ao menos desejar, mas somente a capacidade moral desejará aquilo que é aceitável para com Deus. Não é uma questão de *se* escolhemos, mas, sim, *o que* escolhemos. Os fariseus pensavam que eram livres, mas Jesus disse a eles: "Digo-lhes a verdade: Todo aquele que vive pecando é escravo do pecado" (João 8.34). Soa bastante extre-

mista, não? Assim mesmo, mede a profundidade de nossa condição. "Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês limpam o exterior do copo e do prato, mas por dentro eles estão cheios de ganância e cobiça" (Mateus 23.25).

"Bem, pelo menos o coração dela estava no lugar correto.", sempre dizemos às pessoas. Como vimos, a teologia medieval tendia a ver a mente ou alma como a parte imaculada da natureza humana. Em nossa era romântica e sentimental, não é a mente o lugar da pureza, mas, sim, o coração. A ideia não bíblica é que quanto mais profundo você for, melhores as pessoas são. Podem ser tolas exteriormente, mas são excelentes em seu interior. Jesus chama isso de hipocrisia. O Senhor declarou por meio de Jeremias: "O coração é mais enganoso que qualquer outra coisa e sua doença é incurável. Quem é capaz de compreendê-lo?" (Jeremias 17.9).

Nossas escolhas são determinadas por nossa natureza; escolhemos o que desejamos e desejamos o que é mais consistente com nossa natureza. Se somos escravos do pecado, então, não é a capacidade natural que perdemos, mas a capacidade moral. Somente podemos escolher o pecado e a morte — e verdadeiramente escolhemos isso (João 8.44) — até que Deus nos liberte dessa escravidão.

> Admitimos que a condição do homem, até onde se manteve íntegro, tem sido tal que pode inclinar-se para uma ou outra parte. Quando, porém, tem ensinado, por seu próprio exemplo, quão mísero é o livre arbítrio, a não ser que Deus em nós não apenas queira, mas também pode, o que nos acontecerá se ele nos confere sua graça nesta diminuta medida?[25]

Novamente, não é que a vontade se tornou inativa por causa do pecado, mas que ela se tornou escrava do pecado até que a graça a restaure por meio de um ato divino unilateral e não assistido.[26]

A distinção de Calvino entre a necessidade e compulsão foi desenvolvida na teologia Reformada em termos de capacidade natural *versus* capacidade moral. O

25 Ibid., 2.3.10.

26 Ibid., 2.3.14.

ponto de ambas as distinções é que a depravação é natural não no sentido de que ela pertence a nossa humanidade criada, mas no sentido de que ele é universalmente herdada. Mesmo depois da queda, mantemos a capacidade natural de contemplar Deus em suas obras pelo fato de que a imagem de Deus não está completamente perdida, apesar de que a capacidade moral de render graças, verdadeiro louvor e obediência a Deus está inteiramente cercada pela escravidão do pecado. Todos ainda detêm um *sensus divinitatis*: "um senso de divindade que não pode jamais ser apagado está gravado na mente dos homens".[27] De fato, a superstição e a idolatria são evidências tanto dessa revelação geral quanto de sua distorção no coração caído.[28]

Essa visão paradoxal da condição humana — radiante com a glória que é, todavia, sufocada e ativamente apagada por nós — é sempre examinada tanto por amigos quanto por críticos. Calvino sempre fala das "brasas", "lâmpadas acesas" e "remanescentes" que sobraram da imagem de Deus em todas as pessoas. A Depravação Total jamais significou que os seres humanos são tão maus quanto podem ser, como se não pudessem fazer nada de bom, valoroso ou louvável aos olhos dos demais. Isso não significa que tudo o que fazemos sem fé é igualmente pecaminoso. Jamais significou que não há diferença entre um assassino serial e uma enfermeira generosa.

Apesar disso, todas essas diferenças são meras variações sobre um espectro de culpa e corrupção. Até mesmo as melhores obras dos melhores cristãos ainda estão manchadas pelo pecado: orgulho, justiça própria, desejo de reconhecimento, ou mesmo um bom motivo — como, por exemplo, o amor ao próximo — que ainda não é bom o bastante, uma vez que não tem como alvo o amor de Deus. O problema vai mais fundo que esse ou aquele ato; o pecado é uma *condição* que produz o fruto da morte. E essa condição é total em sua extensão. Inclui a pessoa toda (corpo e alma: pensamento, vontade e ação), e inclui todas as pessoas (exceto Jesus Cristo).

Em segundo lugar, precisamos fazer distinção entre liberdade em relação a Deus e liberdade em relação a outro ser humano caído. Há muitas razões para que admiremos as pessoas — mesmo as não cristãs — que demonstram o amor e o serviço aos seus próximos. No entanto, o pecado não é somente uma condição antes de ser um

27 Ibid., 1.3.3.

28 Ibid.

ato; é determinado como *pecado* em relação a Deus antes de ser uma ofensa contra outra pessoa. "Contra ti, só contra ti, pequei e fiz o que tu reprovas", confessou Davi — mesmo depois de ter cometido adultério com Bate-Seba e indiretamente assassinado seu marido (Salmos 51.4). O pecado é, portanto, medido por sua relação com Deus, embora um ato possa ser considerado por nós como vicioso ou virtuoso. À luz disso, mesmo a tentativa de satisfazer Deus por meio de nossas obras é pecaminosa, embora a obra em si beneficie outra pessoa e mereça a aprovação de outros pecadores.

De fato, o pecado jamais é isento de bondade e nossas melhores ações jamais são isentas de pecado. O pecado é o parasita da bondade. Como Agostinho, Calvino pensa a respeito do mal não como um poder criativo de si mesmo, mas como uma corrupção de algo que Deus fez — originalmente boa. Satanás não cria, mas pode apenas corromper. A morte é a negação da vida e a feiura a deturpação da beleza. A estupidez e a tolice são o desarranjo de uma inteligência e sabedoria originais; a injustiça, o contrário da justiça; a mentira, a distorção da verdade. O pecado e o mal não podem criar, mas somente destruir. Mas não *completamente*. Os raios da glória de Deus na criação ainda manejam penetrar através do barro que os seres humanos jogaram no espelho, e a providência graciosa de Deus (que mais tarde a teologia Reformada chamaria de "graça comum") capacita a humanidade, mesmo em sua perversidade, a chegar a alguma aparência de verdade, bondade e beleza nas coisas terrenas.

A humanidade não é, portanto, tão má quanto poderia ser, mas tão desesperadamente má quanto pode ser. Procuramos por alguma esperança de inocência em nosso intelecto, culpando os nossos corpos e sentidos de corrupção e, ainda assim descobrimos que nossa mente concebeu pecados que nossas mãos não executaram. Talvez pensemos que nossa vontade ainda não está suficientemente corrompida para escolher Deus e aquilo que é bom, embora nossos desejos são, em si mesmos, corruptos. Não sobrou nada da piedade *obediente* em nós, mas somente o que Calvino chamou de *sensus divinitatis* (consciência de Deus) que exploramos para a idolatria, autojustificação e superstição. Desse modo, os mesmos remanescentes da justiça original que permitem até mesmo aos pagãos de criar uma ordem cívica razoavelmente imparcial em assuntos terrenos provoca-os em sua corrupção para a idolatria

em assuntos celestiais. Perversamente, a falsa religião se alimenta da revelação geral de Deus, invertendo, suprimindo e corrompendo-a.

Calvino levou mais a sério a criação e a queda. Ele discordou da noção popular de que Deus simplesmente estendeu sua mão em uma oferta de perdão àqueles que se voltaram para ele — e que isso constitui a graça de Deus na regeneração. A revelação de Deus na criação nos torna a todos imperdoáveis. Nela, Deus manifesta a sua glória suficientemente para que todas as pessoas sejam chamadas a prestar contas, mas por causa de nossa cegueira, não a vemos.[29]

Somente pela luz da fé nós podemos discernir propriamente a revelação de Deus até mesmo na criação, argumenta Calvino, apelando para Hebreus 11.3.[30] A criação é "um glorioso teatro"; de fato "para tudo que olhar, não há lugar no universo onde não se possa discernir, ao menos, algumas fagulhas de sua glória".[31] No teatro desse mundo, "tantas lâmpadas incandescentes brilham para nós na mão de obra do universo para mostrar a glória de seu Autor. Embora elas nos banhem completamente com seu brilho, mesmo assim não podem por si mesmas nos conduzir ao caminho de luz. Certamente elas lançam algumas fagulhas, mas diante de sua completa luminosidade que brilha, essas estão embaçadas."[32]

Na revelação geral, a existência, o poder, a sabedoria, a bondade e a justiça de Deus são apresentadas. No entanto, a natureza não revela o evangelho, porque essas boas novas foram apenas reveladas a Adão e Eva após a queda. Não é de se surpreender, então, que há religião e moralidade no mundo. Mas, não há benefício salvífico nessa revelação.

Em seu comentário aos Romanos, Calvino segue de perto a lógica de Paulo: a consequência da impiedade humana e a supressão da verdade na injustiça não é o ateísmo, mas a idolatria, especulação e medição da majestade de Deus de acordo

---

29 John Calvin, Commentary on the Epistle of Paul the Apostle to the Romans, trad. and ed. by John Owen (Grand Rapids: Baker, repr. 1996), 71.

30 Ibid.

31 Calvin, Institutes 1.5.1.

32 Ibid., 1.6.14.

com os padrões humanos.[33] "Ele, então, anuncia que eles, fazendo uma escolha depravada, preferiram suas próprias vaidades ao verdadeiro Deus; e, consequentemente, o erro, pelo qual foram enganados, foi voluntário."[34] Se "o Senhor canta para o surdo por longo tempo, mas não toca dentro de seus corações", é somente por causa de nossa perversidade.[35]

Deus continua a mostrar a graça geral ou comum ao ímpio. "Por essa razão, em linguagem comum, não nos arreceamos de dizer ser este bem-nascido, ser aquele de natureza depravada. Entretanto, nem deixamos de incluir a um e ao outro sob a condição universal de depravação humana."[36] Portanto, na corte da justiça e opinião humanas, há grande diversidade. Algumas pessoas têm mais vícios, outras mais virtudes; algumas, mais inteligentes, artistas, justas e generosas do que outras. Mas diante do tribunal de Deus, todas as bocas são caladas. Esse é o argumento de Paulo nos primeiros três capítulos de Romanos.

É Deus o Autor do pecado?

Como uma citação anterior dos Cânones de Dort atesta, o Calvinismo em suas expressões oficiais atribuem o pecado original à transgressão de Adão "por sua livre vontade". Não é a soberania de Deus que mantém a liberdade humana aprisionada, mas o pecado. Aqui, também, a teologia confessional Reformada é obrigada a manter juntas duas teses aparentemente conflitantes: Deus decretou tudo o que vai acontecer, embora isso, de modo algum, infrinja na liberdade de suas criaturas. Seria mais fácil, é claro, para intelectos finitos resolver esse dilema na direção ou da autonomia humana ou do fatalismo, mas a Bíblia não dá essas opções. É um paradoxo para a mente humana, e assim permanecerá até mesmo na glória.

Deus não é o autor do pecado, uma vez que ele não é o seu causador ou o que o traz à tona. (Ao tratar desse assunto em suas *Institutas*, Calvino, assim como Aqui-

33 Calvin, Romans, 73 - 74.

34 Ibid., 80.

35 Ibid., 88.

36 Calvin, Institutes 2.3.4.

no, utilizam as categorias aristotélicas de casualidade primária e secundária). Isto é, Deus não faz, cria nem compele as criaturas para o mal. Essa conclusão, na verdade, Calvino considera como "blasfêmia".[37] Ao mesmo tempo, a queda não pegou Deus de surpresa. Desde toda a eternidade, Deus elegeu um povo dentre a raça humana em Cristo para a vida eterna.

O importante para Calvino é simplesmente afirmar simultaneamente que Deus não é o autor nem a vítima passiva da agressão cometida por suas criaturas. Ele alerta:

> Que aqui ninguém vocifere dizendo que Deus poderia ter acudido melhor à nossa salvação, se houvesse impedido a queda de Adão, visto que essa objeção, em vista da curiosidade em extremo ousada que envolve, não só deve ser abominada pelas mentes piedosas [...] Portanto, lembremo-nos de que nossa ruína deve ser imputada à depravação de nossa natureza, não à natureza em si, em sua condição original, para que não lancemos a acusação contra o próprio Deus, como sendo o autor dessa natureza.[38]

De fato, nós somente designamos essa corrupção de "natural" "para que alguém não pense que ela é por todos e cada um contraída mercê de um exemplo depravado, quando a todos mantenha aprisionados por vínculo hereditário". Desse modo, não é a natureza em si, mas sua corrupção que está em vista na ideia da Depravação Total.[39]

Pecado e graça

Vimos que para Calvino a dignidade humana em vez da depravação deve ser o ponto de partida para a antropologia. E assim como a dignidade da natureza criada mediu a profundidade para onde caímos, e que a avaliação rigorosa do pecado não

37 Ibid., 3.23.4 – 5.

38 Ibid., 2.2.11.

39 Ibid.

passou de um prelúdio para o evangelho. Ao longo da discussão de Calvino sobre Romanos 1-3, é observado repetidas vezes que o grave comentário do apóstolo sobre a depravação humana é calculada para levar o pecador à misericórdia de Deus em Cristo. O propósito não era simplesmente expor a perversidade humana, mas "o objetivo de Paulo era nos ensinar onde a salvação pode ser encontrada" — propriamente, "na graça de Deus somente" — em Cristo em vez de em nós.[40]

Os alvos das polêmicas de Calvino são "os pelagianos de nosso próprio tempo".[41] No centro dessa heresia, mesmo em suas formas mais moderadas, estava a falha em distinguir a natureza da humanidade como originariamente criada do estado da humanidade após a queda. O problema é o pecado e não a natureza. Não somos salvos da natureza; em vez disso, nossa natureza é liberta de sua escravidão do pecado e da morte. Para isso, portanto, precisamos do evangelho. "Ora, se bem que nesta ruinosa situação do gênero humano já ninguém sentirá a Deus, seja como Pai, seja como autor da salvação, seja como de qualquer maneira propício, até que Cristo se interponha como agente mediador para apaziguá-lo em relação a nós"[42]

> Era esta, indubitavelmente, a ordem genuína: que a estrutura cósmica nos fosse escola para aprender-se a piedade, donde se fizesse conduto à vida eterna e à perfeita felicidade. Mas, após a queda, para onde quer que voltemos os olhos, ocorre por toda parte a maldição de Deus [...]Pois, se bem que até o presente Deus quer de muitas maneiras se faça manifesto seu paterno favor para conosco, entretanto da contemplação do mundo não parece viável percebê-lo como Pai, quando, interiormente, a consciência nos acossa e mostra estar no pecado justa causa de rejeição, para que Deus não nos considere ou reconheça por filhos. E não se depara apenas obtusidade, mas também ingratidão, visto que nem nossa mente, como se tornou cega, percebe o que é verdadeiro [...]Portanto, embora a

40 Calvin, Romans, 68.

41 Calvin, Institutes 2.3.13.

42 Ibid., 1.2.1.

> pregação da cruz não se afine à mentalidade humana, é de conveniência, no entanto, abraçá-la humildemente, se desejamos retornar a Deus, nosso Artífice e Criador, de quem nos alienamos, para que nos comece ele, de novo, a ser Pai. Sem dúvida que depois da queda do primeiro homem nenhum conhecimento de Deus valeu para a salvação, sem o Mediador.[43]

Foi essa fé em Cristo, dirigida pelas sombras da lei e pelas promessas dos profetas, que manteve um remanescente em Israel vislumbrando o futuro em esperança.[44] Deus somente pode ser considerado o objeto de fé com a qualificação que "a menos que Deus nos confronte em Cristo, não podemos vir a saber que estamos salvos".

> Nesse sentido escreve Irineu [pai da igreja do segundo século] que o Pai, que é Infinito, é finito no Filho, porquanto se acomodou à nossa parva medida, para que não nos absorva a mente na imensidade de sua glória. [...]outra coisa não pretendam senão que Deus é apreendido só em Cristo.[45]

Sem Cristo, somente pode existir um "conhecimento evanescido de Deus" que rapidamente se torna em vinagre da idolatria e da superstição, embora muitos descrentes (Calvino se refere aos muçulmanos) "proclamem à boca cheia que seu Deus é o Criador do céu e da terra".[46]

Conclusão

O Iluminismo tinha grandes esperanças para a humanidade. Emancipado da Igreja, da tradição e das Escrituras, o indivíduo que se fez sozinho aspirava alcan-

43 Ibid., 2.6.1.

44 Ibid., 2.6.2 - 3.

45 Ibid., 2.6.4.

46 Ibid.

çar a perfeição intelectual ou, ao menos (após Kant) a perfeição moral. Embora a humanidade tenha perdido seu caminho por um tempo, foi colocada no caminho certo novamente, pronta para atravessar a árvore da vida guardada por querubins e proclamar sua vitória. Para essa realização do reino moral, Cristo não era absolutamente necessário. Não somente não existe algo como pecado original; o exemplo ou modelo de uma vida aceitável a Deus é realmente inato em nossas mentes. Portanto, podemos ir adiante simplesmente com base na "lei moral interna", conforme argumentava Kant e outros.

O Pelagianismo — a religião da auto-salvação — não é uma inovação moderna, mas o modo padrão do coração caído desde a queda. Ninguém precisa ser introduzido ao Pelagianismo; em vez disso, precisamos ser ensinados a pensar diferente dele — constantemente, uma vez que gravitamos em torno dele. Nós o encontramos até mesmo no evangelista americano Charles Finney do século XIX, e permanece uma potente teologia na prática até mesmo em muitos lugares onde é negado na teoria. Nesse sentido, a ênfase recai na atividade e no esforço humanos, no auto-aperfeiçoamento e no progresso moral da humanidade. De muitas maneiras, a modernidade representa um movimento teológico e espiritual: uma heresia cristã que poderia somente surgir como a negação da fé que ofendeu suas sensibilidades morais.

Por uma série de razões, o tratamento de João Calvino nos recorda quão poderosamente as Escrituras ainda falam sobre nossa condição. Onde quer que o realismo da narrativa bíblica da condição humana seja levada a sério, o evangelho é visto mais claramente e aceito mais profundamente. O Calvinismo investiga o lado trágico da existência humana profundamente, e em diferentes níveis.

Em primeiro lugar, ele afirma o ensinamento bíblico que o pecado é uma condição. É claro que ele traz à luz o fruto dos pecados reais, mas podemos confessar como o salmista: "Sou pecador desde que me concebeu minha mãe" (Salmos 51.5). Não somos pecadores porque pecamos; nós pecamos porque somos pecadores. De acordo com pesquisas, a maioria dos que professam ser evangelicais, associado com uma cultura mais vasta, nega o pecado original.[47] Em seu estudo recente, o sócio-

47 Ver as estatísticas apresentadas in David F. Wells, Above All Earthly Pow'rs: Christ in a Postmodern World (Grand Rapids: Eerdmans, 2005), 299.

logo Christian Smith caracterizou a religião nos Estados Unidos como "moralista, e deísmo terapêutico", sem distinção entre aqueles que foram criados em igrejas evangélicas e aqueles criados em contextos liberais, unitários ou desigrejados.[48] Tendo testemunhado os efeitos nocivos do Pelagianismo na principal corrente protestante, o movimento evangelical na América do Norte parece estar colhendo de maneira crescente o furacão das sementes semeadas por seu legado reavivalista. Pragmatismo, consumismo, moralismo de autoajuda e narcisismo são simplesmente sintomas de uma doença que é, em seu cerne, teológica: propriamente, a inclinação para o Pelagianismo. Seja qual for o credo formal e o descuido de se aparece na forma de um legalismo rigoroso ou um antinomianismo sentimental, uma avaliação seriamente deficiente do pecado certamente está no cerne da falta de confiança no evangelho por parte da igreja para criar e fortalecer a vida da igreja, o louvor e o testemunho.

Se ele for de fato acurado, ou mesmo parcialmente acurado, então a condição do cristianismo Norte Americano, pelo menos, pode ser na verdade pior do que aquele da igreja medieval. O teólogo arminiano Roger Olson está certamente correto quando escreve: "O evangelho pregado e a doutrina da salvação ensinada na maioria dos púlpitos evangélicos e o que se crê pela maioria dos crentes evangélicos não é o Arminianismo clássico, mas o semipelagianismo, se não o próprio Pelagianismo.[49]

A acomodação fatal à religião da autoajuda sempre começa com um ponto de vista não bíblico da condição pecaminosa. O bispo episcopal C. Fitzsimons Allison apontou para a ligação entre a visão pelagiana da condição humana e as várias heresias que vieram dominar o protestantismo liberal. Se estamos meramente inibidos pelo pobre exemplo de Adão, então o que precisamos é de um exemplo melhor, não de um Redentor divino-humano. Uma análise pelagiana da situação requer nada mais do que uma solução ariana e sociniana. Quando unidas para uma visão terapêutica do ser que domina nossa era moderna, a importância de Jesus Cristo como alguém mais do que um guia ou modelo se torna questionável. "A justificação é uma

48 Christian Smith com Melinda Lundquist Denton, Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers (New York: Oxford Univ. Press, 2005).

49 Olson, Arminian Theology, 30.

doutrina compreensivelmente estranha", escreve, "para aqueles que substituíram a autorrealização pela salvação".[50]

Em segundo lugar, o Calvinismo afirma que estamos todos juntos em solidariedade na aliança — tanto como portadores da imagem quanto como condenados, na dignidade e na morte. Isso é o que a teologia Reformada quer dizer por *aliança da obras* (também conhecido como a aliança da criação ou da lei). O pecado não é apenas algo que as pessoas cometem, mas uma condição na qual todos nós compartilhamos solidariedade "em Adão". Assim como todos nós carregamos a imagem de Deus, todos nós somos corruptos de mente, coração, vontade, alma e corpo.

Se o pecado fosse reduzido a meros atos de pecado, poderíamos talvez concluir que com muita educação e uma reforma moral, assim como boas leis, poderíamos eliminar a injustiça, a imoralidade e a discórdia. Se pudéssemos ao menos identificar a fonte do mal em algumas estruturas sociais externas ou em grupos de pessoas, talvez haveria esperança de com prisões e terapias apropriadas poderíamos resolver o problema. Entretanto, somos todos pecadores bem como pecamos contra. Isso significa que não podemos reduzir o pecado a comportamentos que alguém pode simplesmente parar de fazer ou a ações e comportamentos errados que foram cometidos contra uma pessoa. A visão bíblica de pecado é mais complicada: somo vítimas e vitimizadores. Pegos nas teias do pecado original e real, a culpa não é facilmente colocada sobre uma pessoa ou nos demais ou nos sistemas sociais. Fomos violados e violamos.

Em terceiro lugar, como eles estão "em Cristo", os eleitos não somente responsáveis e, portanto, sujeitos à condenação, mas são escolhidos, redimidos, vocacionados, justificados, santificados e glorificados. Essa é a *aliança da graça*. Membros visíveis dessa aliança pertencem à igreja como beneficiários de seu batismo, catequese, disciplina, comunhão e assim por diante. Não há um "eu" abstrato pairando sobre essas duas redes de relações poderosas. A pessoa é um guardador da aliança justificado em Cristo ou alguém que quebrou a aliança em Adão.

---

50 C. Fitzsimons Allison, "Pastoral care in the light of Justification by Faith alone," in By Faith Alone: Essays on Justification in Honor of Gerhard O. Forde, eds. Joseph A. Burgess and Marc Kolden (Grand Rapids: Eerdmans, 2004), 309 – 12.

Como a geração de Jesus, que ele comparou a crianças que não sabiam como prantear ou dançar propriamente, nós — mesmo na igreja — parecemos considerar o veredicto da lei muito severo e o veredicto do evangelho bom demais para ser verdade. Nossa época não parece conhecer a grandiosidade da criação, a tragédia da queda ou o esplendor da graça. No entanto, o jogo funerário é apenas o aquecimento para o jogo matrimonial, para o qual voltamos nossa atenção.

CAPÍTULO 3

Amados desde a eternidade (eleição)

A Igreja de Cristo foi criada pelo Deus trino e uno antes da criação do mundo.

A despeito da confusão criada pela raça humana condenada, uma noiva foi escolhida pelo Pai para seu Filho, unida ao Filho por meio do Espírito Santo. Desse modo, não houve um momento em que Deus não nos tenha amado, mesmo quando soube que nós seríamos (e, de fato, nos tornamos) seus inimigos declarados.

John Stott escreveu: "A doutrina da eleição é fruto da revelação divina, não especulação humana. Não foi inventada por Calvino em Genebra nem por Agostinho em Hipona. É, acima de tudo, uma doutrina bíblica e nenhum cristão bíblico pode ignorá-la."[1] Longe de ser "irreverente, curioso ou trivial", como Erasmo pensou, Martinho Lutero disse que essa doutrina é essencial para o cristão. De outro modo, "não posso adorar, louvar, agradecer e servir a Deus, uma vez que não sei quanto devo atribuir a mim mesmo e quanto a Deus. Cabe a nós, portanto, certificar-nos sobre a distinção entre o poder de Deus e o nosso, a obra de Deus e a nossa, se quisermos viver uma vida que agrade a Deus."[2]

Todo aquele que leva a Bíblia a sério deve crer na eleição em algum sentido; é um tema proeminente por toda a Escritura. A verdadeira diferença (especialmente entre o Arminianismo e o Calvinismo) está em se os eleitos são escolhidos *pela fé* ou *na visão* de sua fé. Em outras palavras, a eleição é incondicional ou condicional?

---

1 John Stott, God's New Society (Downers Grove, Il: InterVarsity Press, 1982), 20.

2 Luther, The Bondage of the Will, 217.

Deus escolhe quem será salvo, a despeito de sua decisão e esforço, ou escolhe aqueles que ele sabe que confiarão nele e lhe obedecerão? Outra visão, chamada *eleição corporativa*, defende que Deus escolheu a Igreja como um todo em vez de escolher indivíduos para pertencer a ela. Também examinaremos essa posição neste capítulo.

O Calvinismo é conhecido por sua defesa da eleição incondicional, não é exclusividade do Calvinismo e seus herdeiros. Essa doutrina é encontrada nos escritos de alguns dos pais da Igreja, especialmente Agostinho, e foi defendida por alguns dos maiores escritores da era medieval, tais como Gregório, o Grande, Bonaventura, Alberto, o Grande e Tomás de Aquino. Entretanto, devido à extensão que a graça de Deus se tornou obscurecida pelo foco na capacidade humana, essa doutrina foi sendo gradativamente eclipsada. Essa é a razão porque todos os reformadores — Lutero, Zuínglio, Calvino, Knox, Cranmer e outros — enfatizaram a eleição incondicional como um aspecto importante do evangelho.

A Bíblia ensina sobre a eleição?

É impossível ler a Bíblia sem reconhecer a liberdade de Deus para escolher alguns e não outros — e o fato de que realmente exerce esse direito. Deus escolheu Israel entre as nações. Ninguém pode negar que Deus olhou com favor para com os descendentes de Abraão e que essa escolha soberana distinguiu os judeus dos outros povos: "Pois vocês são um povo santo para o Senhor, o seu Deus. O Senhor, seu Deus, os escolheu dentre todos os povos da face da terra para ser o seu povo, o seu tesouro pessoal" (Deuteronômio 7.6). Além disso, a eleição divina depende de sua misericórdia e não do prestígio de Israel: "O Senhor não se afeiçoou a vocês nem os escolheu por serem mais numerosos do que os outros povos, pois vocês eram o menor de todos os povos. Mas foi porque o Senhor os amou e por causa do juramento que fez aos seus antepassados. Por isso ele os tirou com mão poderosa e os redimiu da terra da escravidão" (v. 7,8).

De fato, a eleição divina é realizada não somente sem levar em conta os méritos de Israel, mas a despeito de seus pecados:

> "Depois que o Senhor, o seu Deus, os tiver expulsado da presença de você, não diga a si mesmo: 'O Senhor me trouxe aqui para tomar posse desta terra por causa da minha justiça.' Não! É devido à impiedade destas nações que o Senhor vai expulsá-las da presença de você. Não é por causa de sua justiça ou de sua retidão que você conquistará a terra delas. Mas é por causa da maldade destas nações..."
>
> "Portanto, esteja certo de que não é por causa de sua justiça que o Senhor, o seu Deus, lhe dá esta boa terra para dela tomar posse, pois você é um povo obstinado... Desde o dia em que saíram do Egito até chegarem aqui, vocês têm sido rebeldes contra o Senhor." (Deuteronômio 9.4-5, 6-7).

Deus não somente não baseia sua eleição em fé e obediência pré-conhecida, como também executa sua eleição no pleno conhecimento da desobediência de Israel.

Admite-se largamente que Deus escolheu Israel como sua nação especial, mas isso significa que ele também escolheu quem seria salvo antes da criação do mundo? Essa visão não significa que a igreja substitui Israel? Não somos os primeiros a fazer essas perguntas. Na verdade, essa foi, evidentemente, o principal questionamento entre os cristãos judeus. Deus falhou em manter sua promessa para com Israel? Revogou ele sua eleição? E se sim, como podemos confiar nele agora que salvará todos os que buscam o seu nome?

A soberana eleição divina de pessoas de cada nação para formar sua Igreja de modo algum suplanta Israel. Em vez disso, é uma ampliação da tenda de Israel, anunciada pelos profetas de Israel. Como Paulo argumenta em Romanos 9—11, Deus arrancou ramos que não deram frutos a fim de enxertar ramos bravos — e ele retornará para o Israel étnico quando se der a plenitude dos gentios. Calvino observa: "A confraternidade dos gentios não tirou dos judeus o direito da primazia... sempre foram os cabeças na Igreja de Deus."[3] "Cristo designou aos judeus o primeiro lugar."[4]

---

3 John Calvin, sobre Atos 13.46 in Commentary on Acts in Calvin's Commentaries, trans. and ed. by John Owen (Grand Rapids: Baker, 2009), 1:551. Todas as referências aos comentários de Calvino a seguir são dessa série.

4 John Calvin, Commentary on the Synoptic Gospels, 3:378.

Mesmo assim, nem todos os judeus são salvos. Se eles são o povo escolhido de Deus e ainda assim muitos não creem em Cristo, por que, então, deveríamos nos sentir confortáveis com esse ensinamento? Os propósitos de Deus falharam? Deus mudou do "Plano A" para o "Plano B"? São essas as questões que Paulo discute em Romanos 9-11.

Como Paulo nos recorda em sua defesa da misericórdia soberana de Deus em Romanos 9, Deus sempre exerceu sua liberdade mesmo dentro da família da aliança. Ele escolheu Isaque, mas rejeitou Ismael; e Jacó, e não Esaú. Na verdade, "também os filhos de Rebeca tiveram um mesmo pai, nosso pai Isaque. Todavia, antes que os gêmeos nascessem ou fizessem qualquer coisa boa ou má — a fim de que o propósito de Deus conforme a eleição permanecesse, não por obras, mas por aquele que chama — foi dito a ela: 'O mais velho servirá ao mais novo.'. Como está escrito: 'Amei Jacó, mas rejeitei Esaú." (Romanos 9.10-13)

Isso provoca a acusação de injustiça, mas Paulo nos recorda de que a misericórdia é algo que Deus demonstra àqueles que são culpados. Por definição, ninguém a merece. Se Deus nos concedesse o que merecíamos, toda a "massa informe" da humanidade pecadora seria condenada (Romanos 9.19-23). Como é, a eleição divina salva não somente um remanescente de judeus, mas também um remanescente dos gentios de todas as nações — pessoas que jamais o escolheriam (v. 24-29). "Assim, hoje também há um remanescente escolhido pela graça. E, se é pela graça, já não é mais pelas obras; se fosse, a graça já não seria graça." (11.5,6)

Esse argumento leva Paulo a adorar:

> "Ó profundidade da riqueza,
> da sabedoria
> e do conhecimento de Deus!
> Quão insondáveis
> são os seus juízos
> e inescrutáveis
> os seus caminhos!
> 'Quem conheceu a mente do Senhor?

Ou quem foi seu conselheiro?
Quem primeiro lhe deu,
para que ele o recompense?
Pois dele, por ele e para ele
são todas as coisas.
A ele seja a glória
para sempre! Amém." (Romanos 11.33-36)

Amém!

A eleição nos recorda de que Deus é sempre o doador da graça e que os pecadores são sempre os receptores da graça. "A salvação vem do Senhor!" (Jonas 2.9). Dada a condição humana descrita no capítulo anterior, o que Deus teria antevisto que não fosse sua eleição e graça? Atentando para o decorrer dos séculos, teria Deus visto pessoas voltando-se para ele em arrependimento e fé, obedecendo a ele e perseverando até o fim? Se a resposta for "sim", então não estávamos "mortos em nossas transgressões e pecados" e a salvação não vem do Senhor. A salvação pode ser *providenciada* pelo Senhor, mas cabe a nós mesmos escolhermos essa dádiva e tornar a obra redentora de Cristo efetiva por nossa decisão. É impossível crer que Deus nos escolheu baseado em uma fé e obediência antevista se ninguém é, de fato, moralmente capaz para confiar e obedecer. A única coisa que Deus poderia antever é nossa morte espiritual e sua própria dádiva: garantir a fé para aceitar a Cristo e todos os seus benefícios.

Em Efésios 1, Paulo exulta novamente:

> Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo. Porque Deus nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença. Em amor nos predestinou para sermos adotados como filhos, por meio de Jesus Cristo, conforme o bom propósito da sua vontade, para o louvor da sua gloriosa graça, a qual nos deu gratuitamente no Ama-

> do. Nele temos a redenção por meio de seu sangue, o perdão dos pecados, de acordo com as riquezas da graça de Deus, a qual ele derramou sobre nós. [...] Nele fomos também escolhidos, tendo sido predestinados conforme o plano daquele que faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade. (Efésios 1.3-8,11)

O outro lado da eleição é a condenação: a decisão de Deus *não* salvar alguém. Em textos bíblicos já citados, especialmente Romanos 9, diz-se que Deus é livre para escolher e para rejeitar, para salvar e para condenar, "para fazer do mesmo barro um vaso para fins nobres e outro para uso desonroso" (Romanos 9.21). No entanto, a "massa desforme completa" é culpada e corrompida. Não é uma massa neutra de barro, mas uma massa condenada. Deus não está arbitrariamente escolhendo alguns e rejeitando outros. Antes, ele está escolhendo alguns dentre seus inimigos para a salvação e deixando o resto para o destino que todos nós teríamos escolhido para nós mesmos.

Todos os calvinistas concordam que a queda estava incluída no plano divino, que esse decreto em relação à queda foi permissiva em vez de ativa, e que a condenação (a rejeição do não eleito) não era um capricho ou arbitrariedade senão que consequência do pecado.[5] Frequentemente, quando o termo "Calvinismo" é mencionado, as pessoas pensam em um Deus arbitrário que arrasta algumas pessoas para o céu aos gritos e chutes, enquanto diz a outros que querem ser salvos que eles, simplesmente, não estão na lista. Às vezes, essa caricatura é verdadeiramente apresentada pelos hipercalvinistas. Entretanto, essa ideia jamais teve lugar no sistema Calvinista.

Usando termos fortes, os Cânones de Dort (1618-1619) declararam que as "Igrejas Reformadas [...] repelem de todo coração" a visão "pela qual a eleição é a fonte e a causa da fé e boas obras, a reprovação é a causa da incredulidade e impiedade."[6] Deus não tem prazer na morte do ímpio (Ezequiel 18.32), mas se compraz na salvação do eleito (Efésios 1.5,6). Ninguém é salvo por meio de coerção divina e ninguém é rejeitado a despeito de sua própria vontade.

---

5 Louis Berkhof, Systematic Theology (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), 119 (cf. p. 120 para um excelente resumo das duas visões).

6 Cânones do Sínodo de Dort, cap. V, conclusão, 115.

Deus não está endurecendo os corações, assim como está amolecendo os corações. As Escrituras realmente falam de Deus endurecendo corações, não somente em Êxodo 7.3 e Romanos 9.18, mas também em Josué 11.20, João 12.40, Romanos 11.7, 2Coríntios 3.14. Mesmo assim, também falam de pecadores endurecendo seus corações (Êxodo 8.15, Salmos 95.8, Isaías 63.17, Mateus 19.8, Hebreus 3.8,13). No entanto, nenhum texto fala de pecadores amolecendo seus corações e se regenerando. Os seres humanos são os únicos responsáveis pela dureza de seus corações, mas somente Deus amolece e, na verdade, recria os corações de seus eleitos (1Reis 8.58, Salmos 51.10, Jeremias 31.31, Ezequiel 11.19; 36.26, 2Coríntios 3.3; 4.6, Hebreus 10.16). Em suma, Deus somente precisa nos deixar por conta própria no caso da reprovação, mas para salvar o eleito requer as obras mais excelentes do Deus trino e uno, incluindo a morte do Filho unigênito do Pai.

A eleição é incondicional?

Os textos anteriormente citados nos ensinam que o motivo da eleição está em Deus, não em nós. O amor, a misericórdia e a liberdade de Deus determinaram que pertenceríamos a ele em seu Filho. Jesus disse a seus discípulos: "Vocês não me escolheram, mas eu os escolhi para irem e darem fruto, fruto que permaneça" (João 15.16). Deus escolheu Jacó e rejeitou Esaú, antes mesmo que nascessem e "que fizessem qualquer coisa boa ou má — a fim de que o propósito de Deus conforme a eleição permanecesse" (Romanos 9.11). De fato, "foi assim que Deus manifestou o seu amor entre nós [...] não em que nós tenhamos amado a Deus, mas que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados [...] Nós amamos porque ele nos amou primeiro" (1 João 4.9-10,19).

E sobre Romanos 8,29, onde lemos: "Pois aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou"? Não ensina que Deus predestinou aqueles que ele anteviu que o escolheriam? "Antever" nas Escrituras significa mais do que "ver alguma coisa antecipadamente". Adão "conhecia" Eva (Gênesis 4.1); Deus "conhecia" Jeremias enquanto ele ainda estava no útero de sua mãe (Jeremias 1.5). Em Amós 3.2, Deus diz

a Israel: "Escolhi apenas vocês de todas as famílias da terra", e em 1 Pedro 1.20 fala que Jesus era "conhecido antes da criação do mundo".

Claramente, o tipo de conhecimento não é meramente informativo; é pessoal. Deus conhecia — isto é, pôs sua afeição pessoal sobre — todos aqueles que ele predestinou. Paulo diz: "*aqueles a quem* ele conheceu de antemão", e não "aquilo *que* ele conheceu de antemão". Não é que Deus conheceu de antemão a nossa decisão, mas que conheceu de antemão aqueles que ele predestinou. Além disso, a questão surge novamente como o que Deus teria antevisto que não a sua própria decisão e ação misericordiosas. Se ninguém pode crer se não pela graça regeneradora de Deus, então Deus jamais poderia ter antevisto alguém crendo se não por sua decisão prévia de dar a fé salvadora a essa pessoa.

Muitos acham que a eleição condicional (baseada na fé antevista) atraente e que mostra uma preocupação de proteger Deus de uma acusação de injustiça. No entanto, mera presciência não resolve o problema do mal ou do juízo final dos perdidos. Digamos que Deus sabe desde a eternidade que eu farei fofoca sobre meu próximo e que isso levará à sua demissão do emprego. Pode Deus estar errado em seu conhecimento? Dada a perfeição de Deus, isso é impossível. O que quer que Deus saiba, ele sabe verdadeiramente. Deus é incapaz de errar. Portanto, se Deus conhece perfeitamente desde a eternidade que eu cometerei esse pecado, então é correto dizer que ele o predestinou.

Embora rejeite a preordenação de Deus para a queda, o teólogo arminiano Richard Watson disse que "Deus poderia ter prevenido a queda, mas decidiu permiti-la".[7] Desse modo, Watson reconhece que houve uma decisão divina desde a eternidade em relação à queda: Deus "decidiu permiti-la". Isso é precisamente o que os teólogos reformados dizem, mas estão satisfeitos em chamá-la de preordenação, uma vez que é, afinal de contas, uma determinação. Percebendo o fato de que tal presciência é um tipo de determinação, um movimento recente nos círculos evangélicos (conhecido como "teísmo aberto") foi além da visão arminiana em direção à posição sociniana. Os defensores dessa visão

7 Olson, Arminian Theology, 128, de Richard Watson, Theological Institutes (New York: lane & Scott, 1851), 2:435.

afirmam que Deus não tem presciência exaustiva das ações realizadas pelas criaturas livres.[8]

Os calvinistas dizem que tudo o que acontece não é somente conhecido de antemão, mas determinado por Deus, embora em alguns casos por meio de suas próprias ações (tais como agindo em todas as coisas para o nosso bem) e, em outros casos, por meio de sua permissão (como, por exemplo, permitindo que as criaturas cometam um pecado particular). Em todo caso, Deus permanece soberano sobre a história. Dados os terríveis males que as criaturas cometem todos os dias, é notícia reconfortante que não somos, em última análise, os responsáveis por como as coisas terminam. Aquele que é, em última análise, responsável pelo Universo é bom, amável, sábio, misericordioso, justo e reto.

Mera presciência sem a preordenação significa que Deus não tem nenhum propósito maior, e que cada desastre natural ou agressão humana é sem sentido e aleatório. Se Deus sabe de antemão sobre essas tragédias, mas não determina que ele as permitirá como parte de um propósito maior que redunda em sua glória e em nosso bem, então por que orar? Por que imaginaríamos que Deus se importa ou pode usar nossa intercessão como meios para cumprir seus propósitos? E se o cumprimento dos propósitos divinos na história dependem, em última análise, de nós, como podemos confiar que nosso futuro será de bênção e não desastroso? Por acaso pensamos que somos melhores do que os outros?

Frequentemente, o argumento é — especialmente nos profetas — que a única esperança que o povo de Deus tem é que há uma aliança eterna, absoluta e incondicional que nenhuma desobediência humana pode cancelar. Deus fará com que todas as coisas convirjam — até mesmo o pecado — em sua glória e nossa salvação (Romanos

8 Ver, por exemplo, Clark Pinnock, "Systematic Theology," in The Openness of God: A Biblical Challenge to the Traditional Understanding of God, ed. Clark Pinnock et al. (Downers Grove, Il: InterVarsity Press, 1994), 121–23; Clark Pinnock, Most Moved Mover (Grand Rapids: Baker, 2001), 100; William Hasker, "An Adequate God," in Searching for an Adequate God: A Dialogue between Process and Free Will Theists, ed. John B. Cobb Jr. and Clark H. Pinnock (Grand Rapids: Eerdmans, 2000), 218–19. Estes autores insistem que essa visão ainda atesta a onisciência de Deus, mas falham em demonstrar como o "conhecimento total" pode existir quando se diz que Deus é ignorante da vasta maioria das ações futuras (propriamente, aquelas levadas a termo por decisão humana).

8.28). As Escrituras nos ensinam a confiar em Deus não somente naquelas situações em que sua bondade é óbvia, mas também quando o pecado e o mal parecem estar vencendo. Embora Deus jamais cause o pecado, ele é Senhor sobre ele, e ele não pode ir além do que sua sabedoria e vontade permitirão. Em resumo, com a eleição condicional obtém-se a presciência sem propósito: a salvação é, no final, nossa, não do Senhor.

A eleição é individual ou corporativa?

Dada a óbvia evidência da eleição nas Escrituras, muitos arminianos hoje estão atraídos para a visão de que Deus escolheu a Igreja como uma entidade corporativa em Cristo desde toda a eternidade, mas não indivíduos para pertencer a ela.[9] Embora haja, é claro, indivíduos escolhidos para certas tarefas (como Davi e Ciro) e outros são rejeitados (como Faraó e Saul), esses contextos não têm nada a ver com a salvação, argumenta Ben Witherington.

> A eleição para Paulo é uma coisa corporativa. Estava no Israel étnico; está agora em "Cristo". Do ponto de vista de Paulo, que é simplesmente uma adaptação da visão encontrada no judaísmo primitivo, "eleição" não garante a salvação final dos cristãos convertidos individuais mais do que garantia a salvação dos israelitas individuais no passado.[10]

Essa visão é falha não pelo que afirma, mas pelo que nega. Os calvinistas concordam que a Igreja, como conhecida por Deus, é o corpo corporativo dos eleitos. Também enfatizam que a eleição é "em Cristo", o Mediador que é o Deus que elege bem como o Cabeça eleito em quem seu povo é escolhido. Também concordamos

9 Ver, por exemplo, Robert Shank, Elect in the Son: A Study of the Doctrine of Election (Minneapolis: Bethany, 1970); William Klein, The New Chosen People: A Corporate View of Election (Grand Rapids: Zondervan, 2005).

10 Ben Witherington, The Problem with Evangelical Theology: Testing the Exegetical Foundations of Calvinism, Dispensationalism and Wesleyanism (Waco, Tx: Baylor Univ. Press, 2005), 62 – 3.

que algumas pessoas são escolhidas e rejeitadas para certas tarefas temporais que não dizem respeito à salvação.

Entretanto, há simplesmente muita evidência bíblica para a eleição de indivíduos em Cristo para esquecer o assunto. O argumento de Paulo em Romanos 9 é oposto à afirmação de Witherington. De fato, o apóstolo baseia seu argumento para a liberdade divina de eleger e rejeitar no fato de que ele exerceu essa liberdade na história de Israel. É incontestável que os indivíduos estão em vista: eles têm nomes (Ismael e Isaque, Jacó e Esaú, Moisés e Faraó). Além disso, a aplicação de Paulo é claramente soteriológica (isto é, concernente à salvação). "Noutras palavras, não são os filhos naturais que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa é que são considerados descendência de Abraão" (Romanos 9.8).

A questão tem a ver com ser "herdeiros da promessa" — isto é, herdeiros da graça salvadora de Deus na história. Porque ela está baseada no "propósito de Deus conforme a eleição [...] não por obras, mas por aquele que chama", a salvação é completamente pela graça (Romanos 9.11,12). Não é uma questão de quem Deus usará em seu serviço para tarefas específicas, mas se as pessoas são salvas por "desejo ou esforço humanos" ou pela "misericórdia de Deus" (v. 16). Alguns são "vasos de sua ira" não meramente num sentido temporal, mas como aqueles "preparados para a destruição", em contraste com os "vasos de sua misericórdia, que preparou de antemão para glória, ou seja, a nós, a quem também chamou, não apenas dentre os judeus, mas também dentre os gentios" (v. 22-24).

Efésios 1 é também claramente soteriológico no contexto e inclui indivíduos ("os santos que estão em Éfeso"). Os dois argumentos estão evidentes no texto:

> "Porque Deus nos escolheu nele [em Cristo] antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença. Em amor nos predestinou para sermos adotados como filhos, por meio de Jesus Cristo [...] Nele temos a redenção por meio de seu sangue, o perdão dos pecados [...] Nele também fomos escolhidos, tendo sido predestinados conforme o plano daquele que faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade." (Efésios 1.4-5,7,11)

Certamente ninguém diria que indivíduos não são adotados ou que Cristo redimiu por meio de seu sangue a Igreja corporativamente, mas não indivíduos, ou que a Igreja, e não os indivíduos que a compõem, é perdoada.

Além disso, Paulo acrescenta: "Quando vocês ouviram e creram na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, vocês foram selados em Cristo com o Espírito Santo da promessa" (Efésios 1.13). Certamente ele está falando a indivíduos bem como à Igreja enquanto corporação. O apóstolo diz aos tessalonicenses que "Deus os escolheu para serem salvos mediante a obra santificadora do Espírito e a fé na verdade" (2Tessalonicenses 2.13). Aqui não é apenas a Igreja que é escolhida, mas os crentes Tessalonicenses que foram escolhidos para crerem no evangelho. Não é apenas a Igreja, mas crentes individuais que são salvos, "não em virtude das nossas obras, mas por causa da sua própria determinação e graça. Essa graça nos foi dada em Cristo Jesus desde os tempos eternos" (2Timóteo 1.9).

A eleição corporativa é meramente outro modo de expressar a visão tradicional arminiana da eleição baseada na fé antevista: Deus elege os crentes, mas não elege pecadores a crer. Todos os que aceitam a Cristo estão salvos (e, portanto, eleitos), mas Deus não elege ninguém para a salvação. Entretanto, as Escrituras ensinam que Deus elegeu sua Igreja em Cristo porque ele escolheu quem pertencerá a ela desde a eternidade.

A eleição é justa?

Como você se sentiria se tivesse sido um empregado leal na mesma empresa por trinta anos e algum jovem, recém saído da faculdade recebesse o mesmo salário, pagamento e aposentadoria? E se seu irmão ou irmã mais novo/nova gastasse a herança da família com vinhos, mulheres e músicas e seu pai o recebesse em casa de braços abertos com uma festança — e o mesmo status na casa como você? Por certo já percebeu que estou parafraseando duas parábolas de nosso Senhor: os trabalhadores da vinha e o filho pródigo. Na primeira, Jesus argumenta: " 'Não tenho o direito de fazer o que quero com o meu dinheiro? Ou você está com inveja porque sou generoso?'. 'Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos.' "

(Mateus 20.15,16). Os fariseus eram os trabalhadores que haviam trabalhado o dia todo e que ficaram escandalizados com a decisão do proprietário de pagar a mesma quantia para aqueles (os gentios) que apareceram há pouco. São o filho mais velho, que tem ciúmes do amor do Pai para com o irmão dissoluto. O mesmo argumento aparece na parábola do banquete de casamento: " 'Pois muitos são chamados, mas poucos são escolhidos.' " (Mateus 22.14).

Quando se trata de salvação, não há salários. De fato, "o salário do pecado é a morte" (Romanos 6.23). Então, se queremos falar sobre recebermos o que merecemos, estamos num caminho perigoso. A salvação é uma dádiva, não uma recompensa (Romanos 4.4,5). A eleição é justa? Dificilmente. Mas quem quer probidade nessa questão? Afinal de contas, se Deus fosse dar a cada um o que é merecido, ninguém seria salvo. Ele poderia deixar cada um de nós em nossa morte espiritual e na condenação que escolhemos para nós.

Quando falamos a respeito do que é justo, então, precisamos começar com a premissa de que cada um de nós merece: a morte eterna. O maravilhoso é que Deus escolhe salvar qualquer um, especialmente quando ele sabe que as pessoas que ele escolheu não o fizeram se não por sua graça. Em seu ministério de curas, Jesus curou alguns, mas não outros. Quando observamos tais textos, por acaso questionamos sua generosidade? De modo nenhum; destacamos a misericórdia de Cristo. Esse é o argumento de Paulo em Romanos 9: "E então, que diremos? Acaso Deus é injusto? De maneira nenhuma! Pois ele diz a Moisés: 'Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão. Portanto, isso não depende do desejo ou do esforço humano, mas da misericórdia de Deus.' " (Romanos 9.14-16).

Em 2 Timóteo 1.9, Paulo torna o propósito de Deus, e não nossa decisão ou esforço, a fonte da eleição: Deus "nos salvou e nos chamou com uma santa vocação, não em virtude das nossas obras, mas por causa da sua própria determinação e graça. Esta graça nos foi dada em Cristo Jesus desde os tempos eternos.". Ele dá graças a Deus pela fé dos crentes Tessalonicenses "porque desde o princípio Deus os escolheu para serem salvos" (2Tessalonicenses 2.13). Uma vez que "ninguém pode vir" a Cristo "a menos que o Pai que me enviou não o atrair" (João 6.44), o que Deus teria antevisto em nós antes de sua própria decisão?

Isso é muito reconfortante. Estamos acostumados em retornar um favor. Alguém faz uma coisa boa para nós e nos sentimos obrigados a fazer algo em troca. Quando beneficiamos alguém com um presente e ele ou ela se torna um amigo/amiga, é difícil saber se a amizade durará por tanto tempo quanto durar seu senso de dívida. Muitas pessoas vivem dessa forma em relação a Deus. No entanto, a eleição nos ensina que Deus nos amou antes que existíssemos e ele não anteviu nada além de nossa hostilidade para com ele e sua graça para conosco. Assim, não é correto dizer que Deus nos escolheu sem levar em conta o que ele anteviu em nós. Embora o que ele anteviu foi uma massa de rebeldes que jamais o escolheriam a não ser se ele nos escolhesse primeiro. Essa eleição é imutável e incondicional; não pode ser alterada pelo que nós fazemos ou falhamos em fazer (Hebreus 6.17,18). Deus não reage ao que nós fazemos; ele "faz todas as coisas segundo o propósito de sua vontade" (Efésios 1.11).

É importante destacar que o Arminianismo clássico e o Calvinismo na verdade concordam que Deus escolheu não salvar todos. Deus poderia ter decidido salvar todos os seres humanos, a despeito de sua resposta ao evangelho. No entanto, os arminianos defendem que é mais importante para Deus conceder o livre-arbítrio às pessoas para que decidam seu próprio destino do que salvar todos. Os calvinistas defendem que Deus escolheu ter misericórdia de muitos e deixar o resto seguir sua própria escolha.

Não ajuda muito para os arminianos dizer que a questão não se trata de justiça, mas do amor de Deus. Afinal de contas, neste caso, não é o amor de Deus (ostensivamente universal) que vence, mas a preocupação de Deus em nos garantir nosso livre-arbítrio. Se ainda podemos amar livremente a Deus no céu mesmo sem a possibilidade de pecar, certamente Deus poderia ter decidido glorificar cada pessoa no Calvário, sem que ninguém fosse, ao final, condenado.[11]

O importante é que o Calvinismo e Arminianismo afirmam que Deus escolheu não salvar a todos; os caminhos divergem em se a graça eletiva de Deus ou se nosso livre-arbítrio é o fator decisivo na salvação. Na posição calvinista, entretanto, o amor de Deus é, ao final, maior do que a rebelião e resistência do coração caído. Deus

11 Eu devo essa observação a Terrance Tiessen em correspondência pessoal.

não permitirá que aqueles a quem escolheu tenham a palavra final nessa matéria, mas os redime, os renova, e os guarda até a glória. Nem no caso do eleito nem no do reprovado Deus reprime a vontade humana. Em vez disso, no primeiro caso ele livra os pecadores de sua escravidão do pecado e, no último, ele deixa os pecadores seguirem o seu próprio caminho.

A eleição e a responsabilidade humana

A eleição é um subconjunto da predestinação. Enquanto a predestinação se refere à preordenação de Deus de "tudo quanto acontece" (Confissão de Fé de Westminster III.[12]), a eleição se refere especificamente à sua decisão de salvar os pecadores. Em ambos os casos, surge a questão concernente à compatibilidade da soberania de Deus e a responsabilidade humana.

Para ser mais explícito, a predestinação é demonstrada nas narrativas bíblicas, incluindo ações pecaminosas (Gênesis 50.20). Nabucodonosor eventualmente aprendeu a lição da soberania de Deus sobre todas as coisas, inclusive sobre o seu próprio reino (Daniel 4.34-37). Os tempos e os lugares da vida de cada pessoa estão incluídos nos decretos de Deus (Atos 17.26). Até mesmo a queda de um pássaro e o número de fios de cabelo na cabeça de cada pessoa estão circundados pela sabedoria soberana de Deus (Mateus 10.29,30). Embora os seres humanos sejam tidos por responsáveis por seus atos pecaminosos na crucificação de Jesus, ele foi "entregue por propósito [*boule*] determinado e presciência de Deus" (Atos 2.23). Utilizando o mesmo termo (*boule*), e acrescentando a frase "predestinado acontecesse", os crentes mais tarde louvaram a Deus, dizendo: "porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos,

12 Charles Hodge, Systematic Theology (Grand Rapids: Eerdmans, 1946), 1:547: "É vão argumentar que um Deus santo e benevolente não pode permitir o pecado e a miséria, se o pecado e a miséria existem de fato. É vão dizer que sua imparcialidade proíbe que haja qualquer diversidade nos dons, nas vantagens ou felicidade de suas criaturas racionais. [...] Assim parece irracional sustentar que Deus não pode preordenar o pecado, se ele preordenou (sem nenhuma dúvida por parte dos cristãos) a crucificação de Cristo. A ocorrência do pecado no plano adotado por Deus é um fato palpável; a consistência, portanto, da preordenação com a santidade de Deus não pode ser racionalmente negada."

com gentios e gente de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram" (Atos 4.27-28, *Almeida Revista e Atualizada*). Mais uma vez, esse texto não nos diz *como* Deus pode decretar seu pecado enquanto mantendo-os culpados; ele simplesmente afirma que esse é o caso.

Em termos teológicos, isso é chamado de "dupla agência", porque dois agentes — Deus e os seres humanos — estão envolvidos. Dos exemplos que temos de dupla agência (por exemplo, Gênesis 50.20; Atos 4.28), diz-se que Deus decretou o evento e que os seres humanos o executaram tão livremente que são culpáveis pelo ato. Pilatos não estava sob nenhuma necessidade natural ou moral para entregar Jesus à morte, embora ele de fato tenha livremente agido conforme a preordenança de Deus. Deus não determina somente os fins, mas os meios, e os meios são contingentes. Deus não somente escolhe uma pessoa para a vida eterna em seu Filho, mas determina como essa pessoa chegará à fé por meio de oração, pregação, conversas com um crente etc. humanamente comum. Cada um desses atos executados pelas criaturas (crentes e não crentes) é livre, precisamente porque Deus incluiu seus atos livres em seu decreto. Não podemos resolver o mistério da agência humana e divina, mas podemos — de fato, devemos — afirmar tudo o que as Escrituras nos ensinam a esse respeito.

Em primeiro lugar, o debate Calvinista-Arminianista reflete diferenças mais profundas concernentes ao relacionamento entre Deus e o mundo, especialmente o relacionamento entre as agências humanas e divinas. Ironicamente, os arminianos e os hipercalvinistas tipicamente veem as atividades humanas e divinas como uma única torta, dividia de forma desigual entre as duas partes. Ambos dariam a Deus um pedaço maior, mas discordam do tamanho dos pedaços. Os arminianos falam de Deus limitar a si mesmo, abrindo espaço no cosmos para seres humanos livres: dando um pedaço de sua "torta de liberdade". De acordo com Clark Pinnock, adoramos ou um Deus que não quer "controlar todas as coisas, mas dar espaço às criaturas para existir e liberdade para amar", ou "um déspota que controla todas as coisas que não pode tolerar nenhuma resistência (Calvino)."[13] A escolha é difícil: ou um "mônada solitário" que é "imóvel" ou o "Deus vivo" que depende da criação para ser feliz.[14]

13 Pinnock, Most Moved Mover, 4.

14 Ibid., 6.

Pinnock reconhece sua dívida para com a filosofia moderna nesse ponto (especialmente Hegel, Teilhard, Whitehead, e outros pensadores).[15] "Assim como Agostinho chegou a um acordo com o pensamento grego antigo, também nós estamos estabelecendo a paz com a cultura da modernidade."[16] Isso é totalmente justificado uma vez que "a cultura moderna [...] está mais próxima da visão bíblica do que o teísmo clássico."[17] Pinnock embaralha as cartas com termos como "causalidade total", como se o Calvinismo ensinasse que Deus diretamente causa tudo o que acontece, jamais reconhecendo que os teólogos reformados sempre rejeitaram explicitamente essa visão (embora os hipercalvinistas emprestam suporte a essa caricatura).

A teologia clássica reformada segue os melhores teólogos antigos e medievais ao começar com a incompreensível majestade e transcendência de Deus — sua diferença absoluta desde a criação. O mundo não é uma emanação de Deus, como os raios do Sol. Não há nenhuma parte da criação, incluindo os anjos ou as almas, que seja semidivina. Existe o Deus trino e uno — e assim tudo e todos existem.

Isso significa que a diferença entre Deus e as criaturas não é apenas quantitativa, mas qualitativa. Fomos feitos à imagem e semelhança de Deus, como analogias em vez de "um pedacinho do velho molde". Deus não compartilha sua glória ou outros atributos — inclusive sua liberdade — com as criaturas. Dependemos de outras pessoas e de muitas circunstâncias para o nosso bem-estar. Ainda assim, "O nosso Deus está nos céus, e pode fazer tudo o que lhe agrada" (Salmos 115.3). "Na verdade as nações são como a gota que sobra do balde; para ele são como pó que resta na balança [...] Com quem vocês compararão Deus? Como poderão representá-lo?" (Isaías 40.15,18). Nenhuma criatura pode frustrar os desígnios de Deus (Daniel 4.34-37).

O ser, o conhecimento e o poder de Deus são originais e exclusivos. Deus é transcendente. Ainda assim, ele é imanente, livremente trazendo o mundo à exis-

---

15 Ibid., 142.

16 Pinnock, "From Augustine to Arminius," 27.

17 Clark Pinnock, "From Augustine to Arminius: a Pilgrimage in theology," in Clark Pinnock, ed., The Grace of God and the Will of Man (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1989), 24.

tência, sustentando-o com seu poder, e entrando em aliança com suas criaturas. "Pois nele vivemos, nos movemos e existimos" (Atos 17.28). Portanto, não deveríamos pensar em termos de uma simples torta que é dividida entre Deus e nós, mas no próprio modo de Deus ser livre (como soberano Criador) e a liberdade da criatura que Deus deu a nós como portadores de sua imagem.

Essa visão do relacionamento entre Deus e o mundo molda nossa compreensão da "dupla agência". Deus deseja e age e nós desejamos e agimos, mas em nenhum ponto esbarramos um no outro. A agência de Deus opera sobre, dentro e com a agência da criatura, porque Deus é o Pai, o Filho e o Santo Espírito. Em cada ação externa da Trindade, o Pai é a fonte, o Filho é o mediador, e o Espírito Santo está em ação na criação para trazer à tona o efeito apropriado. E assim, em todas essas obras, o Deus trino e uno e sua agência nos transcende.

Portanto, Deus não pode limitar sua liberdade não mais do que podemos limitar seu amor, conhecimento, santidade e qualquer outro atributo. "Do Senhor é a terra e tudo o que nela existe" (Salmos 24.1). Mesmo assim, isso de modo algum implica que Deus nos priva do tipo de liberdade que ele considera apropriado para as criaturas. Pelo contrário, Deus é generoso e liberal em suas dádivas. Tiranos espreitam a terra, consumindo a liberdade dos outros a fim de acumular sua própria dominação opressora, mas Deus já possui toda autoridade no céu e na terra e pode criar seres que têm seu próprio modo de existir, pensar, desejar e agir.

O hipercalvinismo começa com o dogma central da liberdade divina (o que Pinnock chama de "causalidade total"), enquanto os arminianos começam com o dogma central da liberdade humana. No entanto, o ensinamento consistente dos teólogos reformados afirma o decreto soberano de Deus com relação "a tudo quanto acontece", ainda que sem coagir ou diretamente causar cada evento (Confissão de Fé de Westminster, III.1). Como podem ambos ser verdade permanece um mistério para nós, mas *que* ambos são verdade está claramente revelado nas Escrituras. Somente seria uma contradição se a liberdade de Deus e a nossa pertencessem ao mesmo registro.

A caricatura do Calvinismo como defensor da "causalidade total" é refutada por nossas confissões de fé como já vimos. Alguns teólogos do final da era medieval argumentaram que a vontade de Deus era tão absoluta que poderia até mesmo condenar o

eleito se assim o quisesse. Entretanto, Calvino chamou isso de "blasfêmia diabólica", um exemplo do tipo de especulação que invalida o Deus revelado e forja seu próprio caminho para o Deus misterioso. Essa ênfase na liberdade absoluta de Deus, alertou Calvino, nos tornaria menores do que as bolas com que Deus brinca no ar.[18] Calvino rejeita explicitamente a "causalidade total"[19]. A verdade do decreto eterno de Deus (tanto na providência quanto na eleição) está claramente revelada nas Escrituras e é reconfortante aos crentes em suas lutas. "Com efeito, a não ser que admitam que tudo quanto acontece no mundo é governado pelo desígnio incompreensível de Deus, respondam a que fim diz a Escritura que seus juízos são um abismo profundo."[20] "Entretanto, enquanto isso o varão piedoso não fechará os olhos às causas inferiores."[21]

Como resultado dessas distinções, a teologia da aliança tem seu enfoque na dinâmica manifestação do plano redentor de Deus na história concreta, levando à sério as voltas e reviravoltas na estrada — inclusive as respostas de Deus aos seres humanos. Mas ela age assim sem negar a clara testemunha bíblica do fato de que Deus transcende essas relações históricas.

Em segundo lugar, Deus não pode desejar ou fazer nada que seja inconsistente com sua natureza total. Ele não pode amar às custas de sua justiça ou decreto alguma coisa contrária à sua sabedoria ou retidão. O decreto eterno de Deus está fundado em sua sabedoria (Salmos 33.11; 104.24; Provérbios 3.19; 19.21; Jeremias 10.12; 51.15; Efésios 3.10,11). Porque ele é amável, justo, bom e reto, Deus não pode desejar nenhum mal. Isto é, ele não pode determinar que nenhum de seus propósitos terminem em mal ou em pecado. Seus propósitos devem agir mesmo junto com o pecado e a rebeldia para o bem (Romanos 8.28).

Isso não quer dizer que ou tudo é bom ou que ações pecaminosas dos seres humanos estão acima de seu conhecimento ou decreto permissivo. Antes, quer dizer

---

18 Clark Pinnock, "From Augustine to Arminius: a Pilgrimage in theology," in Clark Pinnock, ed., The Grace of God and the Will of Man (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1989), 24.

19 Institutes, 1.17.1.

20 Ibid., 1.17.2.

21 Ibid., 1.17.9.

que é inconsistente com a natureza de Deus e, de fato, impensável que Deus — que não pode fazer o mal ou ser tentado por ele (Tiago 1.13) — possa sequer determinar que algum propósito que ele planeja acabará em mal. Assim, Deus somente e permissivamente decreta o mal de tal modo que o mesmo decreto simultaneamente determine a vitória dos justos e graciosos propósitos de Deus em Jesus Cristo.

Alguém poderia contra-argumentar que, de acordo com o Calvinismo, Deus de fato limita seu amor ao escolher alguns e não outros. Entretanto, isso parte de uma confusão de categorias. Deus é livre em seu amor para criar o que ele desejar. O amor de Deus não seria de modo algum reduzido ao mínimo se ele não tivesse escolhido criar este mundo. De fato, o amor é livre; assim, dizer que o amor de Deus era, de alguma forma, dependente de sua criação do mundo é esvaziar o amor de seu sentido. Quanto mais o amor de Deus permaneceria não diminuído se ele não salvasse aqueles que erguem suas mãos contra ele todos os dias? Deus não é livre para abandonar ou diminuir seu atributo de amor, mas ele é livre para "ter misericórdia de quem quiser ter misericórdia" (Êxodo 33.19; Romanos 9.15).

Em terceiro lugar, a teologia reformada faz distinção entre a determinação positiva de Deus para cumprir seus propósitos e sua permissão para tolerar o pecado. Deus não faz as pessoas pecarem. "Isso significa", diz Louis Berkhof, "que Deus não age positivamente no homem 'nem para desejar nem para fazer' quando o homem segue contrariamente à sua vontade revelada."[22] Quando Paulo diz que Deus efetua em nós "tanto o querer quanto o realizar de acordo com a boa vontade dele", ele está falando da santificação. Mesmo se alguém crer que Deus somente conhece os atos pecaminosos futuros da criatura e ainda assim permitir que aconteçam, a predestinação é reconhecida. Afinal de contas, se Deus escolhe permitir que alguma coisa aconteça, ela não ocorre à parte de seu decreto. Como Berkhof observa, refere-se a isso na teologia reformada como "o decreto permissivo" de Deus, quando ele determina que certos atos virão a acontecer por meio "da livre agência de suas criaturas racionais".[23]

Como sumarizou Francis Turretin, teólogo do século XVII, Deus decreta todas as coisas, mas no caso do pecado e do mal, ele decreta o que ele permitirá a livres

22 Berkhof, Systematic Theology, 105.

23 Ibid., 103.

agentes fazer e, assim, governa os eventos para que jamais possam terminar em mal. Na santificação, Deus "efetua em nós tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele" (Filipenses 2.13), mas lemos a respeito do perverso: "Por isso os entreguei ao seu coração obstinado, para seguirem os seus próprios planos." (Salmos 81.12). "Por isso Deus os entregou à impureza sexual, segundo os desejos pecaminosos do seu coração" (Romanos 1.24). Deus não leva suas criaturas a pecar: Turretin cita todas as confissões de fé reformadas sobre esse ponto.[24] De fato, Turretin culpa o teólogo da contrarreforma Robert Bellarmine de "impiedade e blasfêmia" por afirmar que Deus na verdade "atua [no ímpio] por meio de sua ação invisível", determinando seus desejos para fazer o mal.[25] Ele até diz que o livro de Lutero, *Bondage of the Will* [Escravidão da Vontade] fala da ação de Deus ao endurecer os corações dos pecadores "em termos tão mais fortes do que os nossos compreendem."[26]

De um lado, o hipercalvinista dirá que Deus diretamente e imediatamente endureceu o coração do Faraó. O governador egípcio simplesmente não teve voz no assunto, mas foi massa nas mãos de Deus. Por outro lado, os arminianos negarão que Deus endureceu o coração do Faraó, enfatizando os textos das narrativas que falam que Faraó endureceu seu próprio coração. O que devemos fazer aqui? Em primeiro lugar, é importante destacar que o texto no qual Deus diz que endurecerá o coração do Faraó está no início da narrativa (Êxodo 4.21; 7.3). É uma profecia que Deus dá a Moisés sobre o que ele fará. Portanto, como profecia divina, não pode falhar. A resistência do Faraó está preordenada. Ainda que a profecia se cumpra, a voz se move para trás e para frente — como faz o sujeito da ação de endurecer.

Depois de algumas pragas, diz-se que o Faraó endureceu o seu coração (Êxodo 8.15, 32; 9.34). Após outras, diz-se simplesmente que "seu coração endureceu" (7.13,22; 8.19; 9.7,35), e em outras ainda diz-se que "o Senhor endureceu o coração de Faraó" (9.12; 10.20,27; 11.10). A partir desses versículos, não podemos tirar uma conclusão falsa entre Deus e o Faraó como o sujeito dessa ação de endurecer o cora-

---

24 Francis Turretin, Institutes of Elenctic Theology, trans. G. M. Giger; ed. J. T. Dennison Jr. (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1992), 1:529.

25 Ibid., 1:530.

26 Ibid., 1:531.

ção. De um lado, Deus está claramente endurecendo o coração do Faraó e, por outro lado, o Faraó está endurecendo o seu próprio coração; o único modo de resolver isso é reconhecer que Deus utiliza meios em seu juízo assim como também na obra salvífica. Os mesmos sinais que criaram fé em Israel endureceram Faraó e seus conselheiros.

Deus disse a Moisés que esses sinais deveriam ser anunciados aos filhos da aliança nas gerações futuras de modo que eles saberiam "como realizei meus milagres entre eles. Assim vocês saberão que eu sou o Senhor." (Êxodo 10.1,2). Até mesmo os magos do Faraó tiveram de confessar, depois da terceira praga: " 'Isso é o dedo de Deus.' Mas o coração do Faraó permaneceu endurecido, e ele não quis ouvi-los, conforme o SENHOR tinha dito." (Êxodo 8.19). Em nenhum desses momentos, o coração do Faraó foi imediatamente endurecido por Deus. Antes, Deus endurecia o seu coração indiretamente por meio de seus sinais e maravilhas que confirmavam sua palavra de juízo contra Faraó e para a libertação de seu povo. O Faraó ficava mais resoluto em sua hostilidade para com o Senhor precisamente à extensão de que Deus falava sua palavra e a confirmava com sinais.

O Faraó dificilmente estava passivo em tudo isso; ele estava endurecendo o seu próprio coração em resposta à palavra de Deus, mesmo apesar de ao fazer assim Deus estivesse fazendo acontecer o que ele já havia dito a Moisés o que aconteceria. O coração do Faraó não era neutro; já era duro o bastante para rejeitar o chamado de Deus desde o início. Nenhum de nós nasceu mais neutro em relação a Deus do que Faraó. A mesma palavra que produz fé e gera vida para alguns é para outros uma ocasião de tornar-se mais resoluto em não crer. Deus não cria a incredulidade; ela faz parte do estado natural da humanidade caída. Mas ele precisa de fato criar a fé no coração de seus eleitos. Porque Deus utiliza meios — tanto na salvação quanto na condenação — somos responsáveis por nossa própria resposta.

Em quarto lugar, precisamos fazer distinção cuidadosa entre o decreto na eternidade e sua execução na história. Por exemplo, alguns hipercalvinistas defenderam a visão de que os eleitos são justificados desde a eternidade. Embora essa posição arruíne a execução do decreto (*ordo salutis*) no próprio decreto. As Escrituras ensinam que somos justificados por meio da fé, embora mesmo esse ato de fé tenha sido graciosamente determinado pelo Deus trino e uno antes da criação do mundo.

Os propósitos são diferentes de seu cumprimento; as determinações são diferentes de sua consumação. Deus determinou não somente os fins, mas os meios pelos quais ele os alcançará. Deus pode ter determinado a extensão da nossa vida e onde viveríamos (Atos 17.26), mas esses propósitos misteriosos são cumpridos por meio de nossa oração, planejamento e análise, agentes imobiliários, companhias de mudança, empregadores etc. Mesmo em nossa salvação, Deus cumpre seu decreto eletivo por meio de milhares de meios — as orações de amigos e parentes, um vizinho que nos leva à igreja ou compartilha o evangelho conosco depois do trabalho, e muitas outras influências e eventos dos quais nem fazemos ideia. Longe de se opor à nossa livre ação, a predestinação secreta de Deus é a base para isso.

Ao ensinar que Deus decretou "tudo quanto acontece", a Confissão de Fé de Westminster (III.1) acrescenta imediatamente: "porém de modo que nem Deus é o autor do pecado, nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou contingência das causas secundárias, antes estabelecidas." "Causas secundárias", aqui, se referem às ações das criaturas. Como A.A. Hodge destacou, a agência humana está, na verdade, incluída e, portanto, tornada possível pelo decreto de Deus que "no caso de cada livre ação de um agente moral [...] o ato será perfeitamente espontâneo e livre da parte do agente."[27] O decreto de Deus não somente determina que o ato ocorrerá (Salmos 33.11; Provérbios 19.21; Isaías 46.10), mas que ele será livremente realizado pelo agente.

Assim como Maria na anunciação, podemos nos maravilhar como isso é possível, mas simplesmente é dito: "Pois nada é impossível para Deus" (Lucas 1.37). A predestinação está tão distante do fatalismo que Martinho Lutero pode escrever: "E se Deus for roubado de seu poder de eleger, o que restará senão que aquele ídolo, Fortuna, debaixo do nome do qual todas as coisas acontecem ao acaso!"[28] Não estamos à mercê de um Universo sem misericórdia, de sorte sem sentido, das forças opressoras da natureza, ou de poderosos tiranos. Aquele que tem o mundo todo em suas mãos "tanto amou o mundo que deu seu Filho Unigênito" (João 3.16).

---

27 Citado em ibid., 104.

28 Luther, The Bondage of the Will, 217.

Em quinto lugar, devemos fazer distinção entre capacidade natural e moral, que eu apresentei no capítulo anterior. Muita da confusão à respeito da posição calvinista pode ser atribuída a avaliar essa crucial distinção. Como apontou William Twisse, moderador da Assembleia de Westminster, a promessa de Deus de salvar "todo aquele que crê em Jesus Cristo" é concedida tanto ao eleito quanto ao condenado. Ninguém que crê em Cristo pode ser condenado.[29] Mas os calvinistas não ensinam que os condenados não podem crer em Cristo de modo algum? Esse é o ponto em que a distinção entra em jogo: cada ser humano, criado à imagem de Deus, tem a capacidade natural de responder afirmativamente à promessa de Deus. Não há uma necessidade soberana imposta por Deus que torne isso impossível para uma pessoa crer em Cristo. Não é porque são escravos da soberania de Deus de rejeitar a Cristo, mas porque eles — como todos nós — são escravos do pecado em sua mente, vontade e emoções. Se Deus concede ao eleito o dom da fé, ele não deve ser censurado por deixar o resto aos seus cuidados.

Como Twisse aponta (e a Confissão de Fé de Westminster III.1 confirma), uma coisa é dizer que quando Deus decreta algo isso se torna necessário, e outra bem diferente é dizer que o modo no qual ela vem a acontecer é coercitivo.[30] O decreto de Deus é a fonte, não o obstáculo, uma vez que ele inclui a decisão que seus propósitos serão realizados por meio da livre ação das criaturas.

Finalmente, a soberania de Deus não é demonstrada somente em narrativas e descrita em doutrinas; ela é celebrada na adoração. Por exemplo, em cada um dos argumentos a favor dos propósitos de predestinação de Deus em Cristo, Paulo alterna de argumentos doutrinários com bases narrativas para visões em que ele faz pausa para adorar. Imediatamente depois de ensinar "E aos que predestinou, também chamou; aos que chamou, também justificou; aos que justificou, também glorificou." (Romanos 8.30), ele exclama: "Que diremos, pois, diante dessas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? [...] Quem fará alguma acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica." (8.31,33). Então, no capítulo 11, depois de tratar do mesmo

29 William Twisse, Riches of God's Love unto The Vessels of Mercy, Consistent with His Absolute Hatred or Reprobation of the Vessels of Wrath (Oxford, 1653), 2:170 – 81.

30 ibid., 1:64.

assunto no contexto da narrativa desenvolvida sobre Israel, novamente ele se maravilha nas riquezas do conhecimento e graça inescrutáveis de Deus (Romanos 11.33-36). Somente quando somos conduzidos ao louvor é que teremos verdadeiramente compreendido aquela parte do mistério do decreto de Deus que ele nos revelou.

Interpretada propriamente, então, a predestinação em geral e a eleição em particular não podem nos levar ao fatalismo ou à complacência. Não há base para diminuir nossa responsabilidade, como se diz: "O que será será, e não há nada que eu possa fazer para mudar isso.". Deus cumprirá os seus propósitos, mas eles são mistério para nós, e ele nos considera responsáveis por aquilo que ele revelou. Em nenhum lugar as Escrituras impõem sobre nós a responsabilidade de descobrir a vontade escondia de Deus, mas somente sua vontade revelada.

Eleição e convicção

A vontade revelada de Deus é manifestada em Jesus Cristo que declara: "Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso" (Mateus 11.28). Para alguns, a predestinação atrapalha a convicção, fazendo que as pessoas procurem sinais da eleição nelas mesmas. Para outros, como, por exemplo, os Católicos Romanos e os Anabatistas, confiar na eleição de alguém produz "falsa convicção de salvação" aos crentes.[31] A suposição aqui é que uma convicção da eleição incondicional de alguém minará a busca pela santidade. Devemos estar convictos por nossas obras que estamos em um estado de graça hoje, mas uma cautela de cair do favor de Deus nos guarda da falsa segurança.

Há, de fato, o perigo da falsa segurança. Frequentemente, novos convertidos ouvem que eles estão eternamente seguros porque eles tomaram a decisão por Cristo, mesmo apesar de não entenderem o chamado ao arrependimento e fé. Entretanto, isso pode ser uma falsa segurança porque também abriga nossa confiança em nossa decisão.

Entretanto, os crentes são designados para aquela genuína segurança que é anunciada nas Escrituras, que está baseada na decisão e esforço de Deus e, por essa

31 Mennonite Confession of Faith (Crockett: Rod and Staff, 1966), 96.

razão, sempre produzirá os resultados do arrependimento, da fé e da perseverança. É o compromisso de Deus conosco, não nosso compromisso com ele, que nos leva à fé e nos guarda na fé até o fim. "Mas quando se chega à eleição,", Calvino observou, "então só a misericórdia esplende por toda parte."[32]

As próprias Escrituras nos ensinam a deduzir convicção da eleição incondicional de Deus. Os crentes não são ensinados a duvidar ou questionar sua eleição, mas a "consolidar o chamado e a eleição de vocês" (2 Pedro 1.10). Jesus prometeu que ele reunirá os seus eleitos de toda a terra e os livrará da ira vindoura (Marcos 13.27). Ele cuida de seus eleitos e responde aos seus clamores (Lucas 18.7) e assegura por si mèsmo que são escolhidos não somente para serem salvos, mas para serem preservados naquela graça (João 13.18; 15.16). Quem pode acusar os eleitos de Deus, uma vez que Cristo morreu por seus pecados e mesmo agora intercede por eles à direita do Pai (Romanos 8.33)?

Às vezes, abandonando a sala repentinamente, meu pai costumava reagir visceralmente quando eu, na adolescência, estava debatendo com a minha mãe sobre eleição. Em uma ocasião, eu o segui até o lado de fora e pedi desculpas por levantar o assunto quando ele havia deixado claro que isso o ofendia. Virando-se para mim em lágrimas, ele perguntou: "E se o seu pai não for um dos eleitos?". É tão fácil para nós transformar o evangelho em lei, boas-novas criadoras de fé em perguntas geradoras de ansiedade. É verdade que em alguns círculos a eleição não é compreendida como uma doutrina reconfortante e que produz convicção, mas o oposto disso. Em alguns círculos pietistas, um cristão pode se recusar a receber a comunhão por anos — até durante a vida toda — por falta de convicção referente a sua eleição.

No entanto, não é assim que encontramos a eleição sendo ensinada nas Escrituras. Em resposta à pergunta do meu pai, eu citei as palavras de Jesus em João 10.27: "As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem.". Perguntei: "Você ouviu a sua voz e o seguiu?".

"Sim", ele respondeu.

"Então, essa é a resposta de Jesus para você no versículo seguinte: 'Eu lhes dou a vida eterna, e elas jamais perecerão; ninguém as poderá arrancar da minha

32 Calvin, Institutes 3.24.1.

mão' ". Tudo mudou, até mesmo o seu semblante. Uma vez que ele entendeu esse ponto, a eleição se tornou para ele o oposto do que tinha sido antes; era agora um conforto maravilhoso. Ele sempre diria depois disso que aquele foi o momento de mudança de vida.

Nós não descobrimos nossa eleição nas câmaras secretas de Deus, mas em sua vontade revelada; não em nós mesmo, mas em Cristo. Paulo repetidamente faz referência a nossa eleição "em Cristo", "nele", "no Amado". Existe um perigo real em falar sobre a soberania de Deus e a eleição de modo abstrato. Eu encontrei algumas defesas da soberania de Deus que poderiam ter sido escritas como foram se não houvesse Trindade e nenhuma presença do Filho eterno em nossa existência para levar nossos pecados e se levantar como o objeto da fé salvadora. Muita confusão para encontrar a salvação neles mesmos, ao inspecionar a qualidade de seu arrependimento e de sua fé. Embora isso seja uma perversão do Calvinismo.

Calvino tomou emprestada a expressão de Lutero "buscar fora do caminho" como um modo de falar sobre sua tentativa de encontrar os desígnios secretos de Deus fora de sua revelação em Cristo. Observe as anotações de Calvino sobre esse ponto:

> "De nenhuma tentação, quer mais grave ou mais perigosa, abala Satanás aos fiéis do que, quando, inquietando-os com dúvida de sua eleição, ao mesmo tempo os incita, por desejo depravado, a buscá-la fora do caminho. ***Buscar fora do caminho***, digo, quando um mísero homem tenta irromper pelos recônditos recessos da divina sabedoria e, para que saiba o que foi a seu respeito estabelecido no tribunal de Deus, *tenta* penetrar até a suma eternidade. Pois então está a precipitar-se ao fundo de imensa voragem para ser por ela tragado."[33]

O único modo de abster-se desse turbilhão e encontrar águas "calmas e seguras" é olhar para Cristo. Não fomos escolhidos em nós mesmos, mas em Cristo. "Porque, se nele fomos eleitos, acharemos a certeza de nossa eleição não em nós

33 Ibid., 3.24.4.

mesmos, e de fato nem em Deus, o Pai, se o imaginamos isoladamente à parte do Filho. Cristo é, pois, o espelho no qual é indispensável que, sem engano, contemplemos nossa eleição." Das Escrituras "temos um testemunho solidamente firme e evidente de que estamos escritos no livro da vida [Apocalipse 21.27], se mantemos comunhão com Cristo." A eleição não tem uma bênção maior ou mais sublime do que nossa herança em Cristo somente por meio da fé. Essa fé é concedida a nós pelo Espírito somente por meio de sua palavra. Portanto, devemos nos apegar à clara promessa de Deus no evangelho e encontrar nossa salvação em Cristo.[34]

Não podemos obter certeza de nossa eleição ao tentar "penetrar o eterno decreto de Deus", pois "seríamos tragados por esse abismo profundo". Não devemos procurar "pairar acima das nuvens", mas devemos estar "satisfeitos com o testemunho de Deus em sua palavra externa [...] Ora, assim como em mortal abismo se engolfam os que, a fim de que mais seguros se façam de sua eleição, perquirem o eterno conselho de Deus à parte da Palavra, assim também os que a investigam corretamente e em ordem, como se contém na Palavra, daí recebem excelente fruto de consolação."[35] Calvino sempre tratou a eleição como uma verdade reconfortante que destacava a graciosa vontade do Pai para conosco em Cristo. Uma vez que fomos escolhidos em Cristo, somente em Cristo — não em nossas especulações, experiências ou ações — é que descobriremos nossa eleição:

> Antes de tudo, se buscamos a paterna clemência de Deus e *seu* ânimo propício, nossos olhos têm que se volver para Cristo, em quem tão-só repousa o Espírito do Pai [...] Por mais que a revolvas e esquadrinhes, no entanto compreenderás que se fim último não se estende para além disso [...] Porque, se nele fomos eleitos, acharemos a certeza de nossa eleição não em nós mesmos, e de fato nem em Deus, o Pai, se o imaginamos isoladamente à parte do Filho. Cristo é, pois, o espelho no qual é indispensável que, sem engano, contemplemos nossa eleição.[36]

34 Ibid., 3.24.5.

35 Ibid., 3.24.3 - 4.

36 Ibid., 3.24.5.

Não procuramos pelos eleitos em nossa proclamação do evangelho: "O evangelho é anunciado indiscriminadamente aos eleitos e aos condenados; mas somente os eleitos vêm a Cristo, porque foram 'ensinados por Deus' ".[37]

Todos que confiam em Cristo são escolhidos em Cristo. Assim o apóstolo pode dizer aos crentes em Tessalônica: "Sabemos, irmãos, amados de Deus, que ele os escolheu porque o nosso evangelho não chegou a vocês somente em palavra, mas também em poder, no Espírito Santo e em plena convicção" (1 Tessalonicenses 1.4,5).

Podemos ser encorajados pelo fruto da fé que vemos em nossas vidas, mas a única base para nossa convicção é o próprio evangelho. De fato, na visão de Calvino, a fé e a convicção são uma e a mesma coisa. Crer em Cristo é estar convicto objetivamente que tudo que pertence a ele agora pertence a nós. Nossa experiência de convicção pode ser mais fraca ou mais forte em diferentes momentos, mas não depositamos nossa confiança no que vemos ou sentimos em nós mesmos. Como João nos recorda, nosso amor para com nossos irmãos e irmãs pode "tranquilizar nosso coração diante de [Deus]." Além disso, acrescenta, "quando o nosso coração nos condenar, Deus é maior do que o nosso coração". (1 João 3.19,20).

Por isso o apóstolo Paulo nos conclama a "vestir Cristo" como nossa armadura completa para ficarmos firme contra as ciladas de Satanás. Certamente, Satanás tenta nos distrair de Cristo por meio de pecados óbvios, mas ele sabe que pode minar nossa fé, fazendo que desviemos os olhos do evangelho. Todas as partes da armadura que Paulo menciona são externas para nós: o cinto da verdade, a couraça da justiça, os pés calçados com a prontidão do evangelho da paz, o escudo da fé, o capacete da salvação, e a espada do Espírito, "que a palavra de Deus" (Efésios 6.10-17). Cada uma dessas peças é um sinônimo para as outras. A única confiança certa que temos no fato da tentação e dúvida é a promessa objetiva de Deus em Jesus Cristo.

Além disso, a eleição conforta os crentes quando seus filhos são levados pela morte ou têm incapacidades que privam os pais daquela alegria de ver seus filhos exercitando o arrependimento e a fé. Os Cânones de Dort confessam:

---

37 John Calvin, Commentary on Isaiah, 4:146.

> Devemos julgar a respeito da vontade de Deus com base na sua Palavra. Ela testifica que os filhos de crentes são santos, não por natureza mas em virtude da aliança da graça, na qual estão incluídos com seus pais. Por isso os pais que temem a Deus não devem ter dúvida da eleição e salvação de seus filhos, que Deus chama desta vida ainda na infância (Gênesis 17.7; Atos 2.39; 1Coríntios 7.14).[38]

Similarmente, a Confissão de fé de Westminster X. 3 declara: "As crianças que morrem na infância, sendo eleitas, são regeneradas e por Cristo salvas, por meio do Espírito, que opera quando, onde e como quer. Do mesmo modo são salvas todas as outras pessoas incapazes de serem exteriormente chamadas pelo ministério da palavra." A conversão — arrependimento e fé explícitos — é o efeito comum do novo nascimento, mas o Espírito pode erguer da morte espiritual de modo extraordinário qualquer um a quem o Pai escolheu no Filho.

Nessa base escriturística, os Trinta e Nove Artigos anglicanos afirmam que para os crentes "a doutrina da eleição é repleta de suave, agradável e indizível conforto."[39] Lutero reconheceu:

> Se, portanto fomos ensinados, e se cremos que não precisamos conhecer essas coisas, a fé cristã é terminantemente destruída e as promessas de Deus e todo o evangelho são completamente arruinadas; pois o maior e único consolo e convicção para os cristãos em sua adversidade é que [...] Deus faz todas as coisas imutáveis e que sua vontade não pode ser resistida, mudada ou impedida.[40]

Embora "a doutrina deste alto mistério de predestinação deve ser tratada com especial prudência e cuidado, a fim de que os homens, atendendo à vontade revela-

38 Canons of Dort, First head of Doctrine, art. 17, 95.

39 Thirty-nine Articles of the Church of England, art. 17.

40 Luther, The Bondage of the Will, 217.

da em sua palavra", todos aqueles que são efetivamente chamados a Cristo podem "certificar-se da sua eterna eleição".[41]

A eleição incondicional é uma doutrina *evangélica*. É ensinada nas igrejas reformadas e presbiterianas, mas também nos Trinta e Nove Artigos da comunhão anglicana, a Declaração de Savoia dos congregacionais e a Confissão de Fé dos Batistas de Londres.

Na Confissão de Fé Luterana ganha um destaque não menor. Um artigo completo é dedicado a ela na décima primeira das Sólidas Declarações no Livro da Concórdia, em que os Luteranos confessam que quando a eleição incondicional é ensinada na palavra de Deus, ela "nem pode nem deve ser considerada inútil ou desnecessária, muito menos ofensiva ou injuriosa, porque as Sagradas Escrituras não apenas em um lugar ou incidentalmente, mas em muitos lugares, trata e instiga [explica] completamente a mesma."[42] Somente nesse firme fundamento podemos estar convictos de nossa salvação e certamente a salvação da igreja.[43] Além do mais, acrescenta a Confissão de Fé Luterana, o conhecimento dessa doutrina leva à piedade e à verdadeira adoração.[44]

Ela é, portanto, "uma doutrina muito útil, salutar e consoladora; pois ela estabelece muito eficazmente que somos justificados e salvos sem todas as nossas obras e nossos méritos, puramente e somente pela graça, graças a Cristo."[45] Assim, longe de ser uma matéria trivial, essa doutrina é crucial para prover o conforto que o evangelho pretende para todos os crentes nas lutas diárias. "Assim, a doutrina concernente a esse artigo pode ser empregado proveitos, reconfortante e salvadoramente e pode ser transmitida de muitos modos para o nosso uso."[46] O artigo conclui com o salutar lembrete de que devemos restringir nosso estudo dessa doutrina àquilo que

41 Westminster Confession 3.8, in The Book of Confessions (Louisville: PCUSa).

42 Formula of Concord, Solid Declaration, article XI ("election"), Para. 2. Ver http://bocl.org?SD = Xi – 2.

43 Ibid., Para. 8. See http://bocl.org?SD-Xi – 8.

44 Ibid., Para. 12. See http://bocl.org?SD-Xi – 12.

45 Ibid., Para. 43 – 46.

46 Ibid., Para. 48, 50 – 51.

é revelado nas Escrituras, encontrando nossa eleição em Cristo, e deixando os conselhos secretos de Deus para ele mesmo."[47]

Assim, por todas as diferenças nas igrejas hoje sobre a eleição, ela encontrou um consenso ecumênico notável ao longo de muitas épocas e lugares. Se devemos ver nossas igrejas reformadas e renovadas novamente de acordo com a palavra de Deus, isso requererá nada menos do que uma reorientação radical de nosso foco, longe de nós mesmos — nossas decisões, nossos planos, nossas realizações, nossa experiência e nossa atividade — para o Pai, que nos dá seu Filho e nos une a ele pelo Espírito. Se Deus nos garante tal nova reforma, a exposição fiel de sua graça eletiva certamente será um item indispensável — como sempre foi na história da renovação em sua Igreja.

Conclusão: A eleição é um mistério

Sempre foi dito que a eleição/predestinação é um mistério. Quando dito no espírito de humilde submissão à palavra de Deus, recusando-se especular além do que está escrito, isso é um lembrete salutar. Há muito que não sabemos sobre os propósitos eletivos de Deus: *quem* são os eleitos, *como* a eleição é consistente com a responsabilidade humana, e outras questões. Mas nós sabemos *que existe* uma eleição, um remanescente "escolhido pela graça", de judeus e gentios (Romanos 11.5,9,24-26). Deus claramente revelou que ele escolheu alguns para serem salvos, deixando o resto para o destino que todos teríamos escolhido para nós à parte da graça de Deus. Deus também claramente revelou que nós fomos escolhidos em Cristo e, portanto, todo aquele que está em Cristo deve se considerar escolhido por Deus. Sabemos que o motivo para a eleição divina é sua própria misericórdia e graça, não alguma coisa em nós ou antevista em nós, e que os eleitos crerão, darão fruto e perseverarão até o fim por meio dessa mesma graça.

Há muita coisa que foi dita sobre o *fato* da eleição, embora não sobre sua *mecânica*. Erramos, por um lado, ao falar onde Deus não falou e, por outro lado, ao silenciar-nos quando Deus falou. Ambos refletem um tipo de arrogância em face do

47 Formula of Concord, Solid Declaration, article XI ("election"), Para. 52.

ato gracioso de Deus de condescendente revelação. A eleição é um mistério, mas não é um mistério quanto a se a Bíblia ensina sobre ela.

Todas as grandes verdades da palavra de Deus são mistérios nesse sentido. Elas frustram nossa capacidade de captar sua essência. Elas não contradizem a razão, mas a transcendem. A Trindade, a união hipostática das naturezas humanas e divinas em Cristo, o amor e a ira de Deus: são tão maravilhosas para a mente humana compreender. Mesmo assim, são claramente reveladas. "As coisas encobertas pertencem ao Senhor, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei" (Deuteronômio 29.29).

Nem nos escritos de Calvino, nem nas Confissões de Fé reformadas a predestinação ocupa um lugar central, e especialmente sobre esse tópico os alertas contra a especulação são muitos. Francis Turretin falou para teólogos reformados geralmente quando ele alertava contra tentar procurar por Deus e seus propósitos sem levar em conta Cristo e o evangelho.[48] "Portanto", completa, "convém a nós rejeitar as curiosas e inúteis questões dos teólogos [medievais], que por uma presunção impulsiva tentaram definir os mistérios incompreensíveis da majestade de Deus."[49]

De acordo com Calvino, considerar a predestinação de Deus é de um benefício inestimável se encontrarmos nossa eleição em Cristo assim como ele é oferecido a todas as pessoas no evangelho, mas um labirinto perigoso se presumirmos investigar os conselhos secretos de Deus.[50] Ele oferece um sábio conselho pastoral:

> "Jamais haveremos de ser claramente persuadidos, como convém, de que nossa salvação flui da fonte da graciosa misericórdia de Deus, até que sua eterna eleição se nos faça conhecida [...] A discus-

48 Turretin, Institutes of Elenctic Theology, 1:16. A atitude de Calvino acerca da especulação é bem conhecida, assim como sua ênfase na condescendência de Deus e acomodação para conosco, revelando Deus não como ele é em si mesmo, mas em relação a nós — não em seu ser, mas em suas obras. "Melhor prosseguir nesse caminho", alertou Calvino, "do que correr a toda velocidade fora dele" (Institutes 1.6.3).

49 Turretin, Institutes of Elenctic Theology, 1:252.

50 Ver Calvin, Institutes 3.21.2.

> são acerca da predestinação, quando *já* por si mesma é *matéria* um tanto enredilhada, a curiosidade dos homens a torna assaz confusa e inclusive perigosa, visto que o entendimento humano não se pode refrear nem deter-se, por mais limites e termos que se lhes assinale, para não extraviar-se por caminhos proibidos e elevar-se com empenho, se fosse possível, de não deixar segredo de Deus sem revolver e esquadrinhar [...] [O curioso] tampouco conseguirá saciar-se com que sua curiosidade, e estará a adentrar um labirinto do qual não achará nenhuma saída. Pois não é justo que impunemente procure o homem devassar as coisas que o Senhor quis que fossem escondidas em si próprio [...] Assim que o Senhor cerrar sua boca sagrada, [nós] também devemos desistir de continuar inquirir."[51]

Em um de seus sermões, Calvino oferece uma oração pertinente para fechar este capítulo:

> Conceda, ó Todo-Poderoso Deus [...] que, tendo lançado fora e renunciado toda confiança em nossas virtudes, possamos ser conduzidos somente por Cristo como a fonte de tua eleição, em quem também está estabelecida, diante de nós, a certeza de nossa salvação por meio de teu evangelho, até que nós estejamos reunidos na glória eterna que ele obteve por nós por meio de seu sangue. Amém.[52]

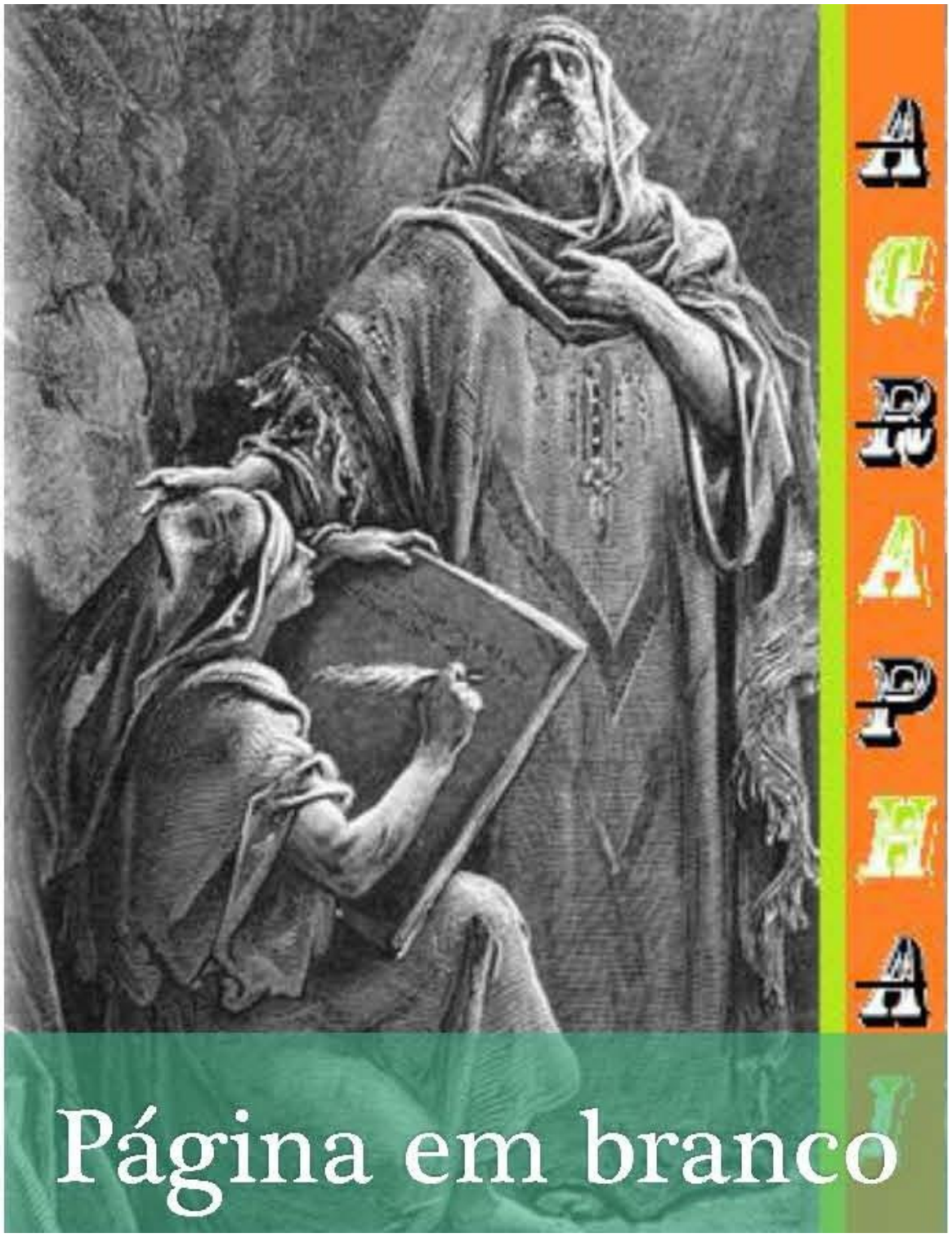
---

51 Ibid., 3.21.1, 5.

52 Calvin, Commentary on Zechariah-Malachi, 482.

CAPÍTULO 4

Missão Cumprida (expiação)


AGRAPHA
Página em branco

Por quem Cristo morreu?

Longe de ser especulativa, essa pergunta está claramente tratada nas Escrituras e traz consigo grandes implicações teológicas e práticas. De fato, a *extensão* da obra de Cristo está inextricavelmente conectada com sua *natureza*.

A expiação limitada (a letra "L" em TULIP) é um rótulo infeliz, não encontrado em nenhuma confissão reformada. É melhor falar da obra de Cristo especificamente ou definida em sua intenção e escopo. Termos alternativos como "expiação definida" ou "redenção particular" parecem mais úteis para esclarecer essa posição. Todos os cristãos ortodoxos defendem que a expiação é limitada tanto em sua extensão quanto em sua natureza. Os calvinistas creem que ela é limitada (ou definida) em sua extensão, mas ilimitada em sua natureza ou eficácia: a morte de Cristo, na verdade, salvou o eleito. Os arminianos creem que ela é ilimitada em sua extensão, mas limitada em sua natureza ou eficácia: a morte de Cristo torna possível a salvação de todos, mas não salva, na verdade, ninguém. Somente a salvação universal ensina que a obra de Cristo é ilimitada tanto em sua extensão quanto em sua eficácia: Cristo morreu por todos e cada um está, portanto, salvo. No entanto, arminianos e calvinistas rejeitam a salvação universal por questões exegéticas.

Em meu ponto de vista, um dos mais fortes argumento a favor da redenção particular é a consideração da natureza da obra de Cristo. Desse modo, mesmo antes de examinarmos os textos que tratam da extensão, enfatizarei a eficácia da cruz.

A natureza e os efeitos da obra de Cristo na cruz

Ao contrário das caricaturas, a teologia reformada nunca reduziu a obra redentora de Cristo ao aspecto substitucionário. Ela reconheceu as várias consequências da cruz, integrando essas diferentes ênfases em sua doutrina da expiação. Vale a pena mencionar alguns desses outros importantes aspectos.

Teorias da expiação

O pecado não está meramente na superfície das coisas, seguindo o exemplo negativo de Adão. O pecado não é meramente um comportamento negativo que precisa ser reformado; é uma condição da qual não podemos nos livrar, e ele incorre numa penalidade que um Deus justo e reto deve executar. A morte resulta do pecado, e o pecado é definido pela lei. É a sentença da lei que deve ser revertida se quisermos partilhar a vida eterna. O elemento legal deve ser resolvido se os sintomas da cura precisam ser apresentados. Portanto, a doutrina da substituição penal sempre esteve no âmago das considerações reformadas (e outras) acerca da obra redentora de Cristo.

Substituição penal

Brevemente definida, essa obra é *penal* não principalmente como punição pela dignidade ofendida de Deus, mas porque a santa justiça de Deus requer o pagamento do débito incorrido contra sua lei da aliança. É *substitucionária* porque outro, propriamente o Deus Homem, Jesus Cristo, foi levou as sanções (maldições) dessa lei em nosso lugar.

Assim, a reconciliação não é, em primeiro lugar, subjetiva ou objetiva. Pelo fato de que Deus pode agora legalmente perdoar e justificar o descrente — em outras

palavras, ele está objetivamente reconciliado com o mundo —, ele pode simultaneamente reconciliar o mundo consigo (Romanos 5.10; 2 Coríntios 5.19,20). Outros termos empregados para esse sacrifício (*lytron* e *antilytron*) bem como as preposições *peri*, *hyper*, e *anti* (em lugar de) sublinham a natureza substitucionária e vicária desse sacrifício.

O sistema sacrificial da antiga aliança nos empresta a tipologia para a obra sacerdotal de Cristo tanto como mediador quanto como vítima. Se nossa compreensão da obra de Cristo não corresponder à — ou melhor, não se basear na — tipologia sacrificial de Israel, ela não é adequadamente cristã. A obra salvífica de Cristo no Gólgota deve ser vista como o cumprimento das elaboradas cerimônias que se transformaram na imputação de culpa a um substituto que a leva embora em sua morte. Jesus é o "cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (João 1.29).

É precisamente assim que os cristãos primitivos compreendiam a morte de Cristo. Como Martin Hengel observa, "morrer por" é uma fórmula Paulina enraizada na comunidade primitiva de Jerusalém (cf. Atos 6.13). O conselho judaico acusou Jesus, Estêvão e Paulo de atacarem o templo, o que sugere, de acordo com Hengel, que o centro da proclamação da igreja primitiva era "a morte do Messias crucificado, que vicariamente tomou sobre si a maldição da Lei, tornou o templo obsoleto como lugar de expiação eterna dos pecados de Israel". "Portanto a Lei ritual perdeu seu significado como uma instituição necessária para salvação".[1] A despeito da noção de apaziguamento da ira de Deus, o alegre anúncio "Vejam! É o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!" (João 1.29) é inconcebível. É o substituto sem pecado em lugar do povo pecador que é de importância central na doutrina bíblica da expiação (Mateus 26.28; 2 Coríntios 5.21; Gálatas 3.13; Hebreus 9.28; 1 Pedro 2.24; 3.18 etc.).

Não é somente o amor do Pai, mas do Filho que assegura essa substituição. Em Isaías 53, Iahweh é aquele que oferece o Servo Sofredor em benefício do povo. E o próprio bom Pastor diz que *ele dá sua própria vida* em favor das ovelhas, e até acrescenta: "Ninguém a tira de mim, mas eu a dou por minha espontânea vontade. Tenho autoridade para dá-la e para retomá-la" (João 10.18).

---

1 Martin Hengel, The Atonement in New Testament Teaching (Philadelphia: Fortress, 1981), 36 – 38, 49.

Enquanto aqueles envolvidos em conduzir a execução, tanto judeus como gentios podem ser culpados num sentido, pois enfim fizeram "o que o poder [de Deus] e a vontade [de Deus] haviam decidido de antemão que acontecesse" (Atos 4.28). Como "cordeiro sem mancha e sem defeito", declara Pedro, "conhecido antes da criação do mundo, revelado neste último tempo em favor de vocês" (1 Pedro 1.19,20). Que a ira de Deus requeria punição sublinha sua justiça, mas o fato de que ele mesmo deu o que era requerido no lugar da nossa punição sublinha seu amor misericordioso. Em ambos os casos, é Deus que entrega seu Filho à cruz e o Filho que se entrega no Espírito.

Recapitulação

Especialmente em Irineu (Livro 5 de *Contra Heresias*), teólogo do século II, encontramos o aspecto proeminente da obra salvífica de Cristo como contendo uma *recapitulação* (lit. "capitular novamente"). Nessa visão, Cristo — não somente por sua morte e ressurreição, mas também por sua encarnação e vida obediente — desfaz a obra do primeiro Adão e cumpre sua comissão representativamente em nosso favor. De Adão recebemos a morte, mas de Cristo recebemos a vida. Essa visão encontra claros paralelos na ênfase Reformada sobre o cabeça do pacto, inclusive no significado salvífico da vida e morte de Cristo, que sublinhamos na doutrina da obediência ativa de Cristo.

A vitória de Cristo sobre os Poderes (*Christus Victor*)

Um modo mais geral de falar sobre a morte de Cristo como uma vitória sobre Satanás é identificado como o modelo *Christus Victor* (Cristo, o Vencedor). Cristo de fato "despojou os poderes e as autoridades, fazendo deles um espetáculo público" (Colossenses 2.15). Esse aspecto da obra de Cristo recebeu especial ênfase nos escritos dos pais da Igreja bem como por Martinho Lutero, que considerou a cruz não somente como o clímax da humilhação de Cristo por nós, mas como o início de sua exaltação.

Falando estritamente, não é simplesmente o perdão de transgressões e a satisfação da justiça ou dignidade divinas que estão previstas, mas a beleza diante de Deus de uma vida que verdadeiramente se conforma à sua vontade pactual revelada na criação e em Israel (Salmos 24; 51.7). Cristo não somente traz o perdão, mas o cumprimento dos desígnios de Deus para uma humanidade obediente. Ele esmaga a cabeça da serpente, prenunciado em sua vitória sobre os demônios, enfermidades e morte durante seu ministério terreno. Nem Satanás nem César é o Senhor e, ao final, o que é verdade nesse único representante humano, Jesus Cristo, será a verdade da nova humanidade vinda de todas as nações. Como nosso Cabeça está agora glorificado no céu, completamente justo e fora do alcance do pecado e da morte, assim também nós seremos seu Corpo. Deus finalmente terá a humanidade obediente que ele designou para sua glória, com Cristo como o primeiro de muitos irmãos e irmãs. A morte de Cristo é a base não somente do perdão e da justificação, mas também da santificação e da glorificação.

Os "principados e potestades" humanos sobre a terra são sempre emissários dos poderes malignos nos lugares celestiais que procuram frustrar o plano redentor de Deus. Os "poderosos desta era" que estão "sendo reduzidos a nada" não compreendem o mistério redentor oculto de Deus, "o qual Deus preordenou, antes do princípio das eras, para a nossa glória [...], pois, se o tivessem entendido, não teriam crucificado o Senhor da glória" (1 Coríntios 2.6-8). Os poderes aqui não estão limitados a seres espirituais (Satanás e os demônios); esses principados e potestades nos lugares celestiais são visíveis a nós na terra nos regimes de opressão e violência, assim como a Igreja é aquela parte visível do reino de Cristo na graça e nos sofrimentos por causa de seu nome.

Os reinos que se levantam contra Iahweh e seu Ungido estão expostos como uma fraude, uma brincadeira infantil que acaba terrivelmente mal, alguma coisa que não mais determina, de modo algum, as obrigações, lealdades e destinos daqueles que estão em Cristo. Por causa do triunfo de Cristo, os crentes não mais são escravos dos "princípios elementares deste mundo" (Colossenses 2.8). No entanto, a vitória de Cristo não inaugura o reino de glória aqui e agora. Não é um poder junto com outros poderes, competindo pelo controle por meio de ações sócio-políticas.

Desde a importante obra de Gustav Aulen, *Christus Victor* (1931), o ocidente tem desfrutado de uma apreciação renovada do modelo frequentemente negligenciado da vitória sobre os poderes.[2] No entanto, essa visão é frequentemente defendida como uma *alternativa* à ênfase na substituição vicária.[3] Enquanto esse modelo explora a riqueza da participação da Igreja na vitória de Cristo sobre o pecado e a morte, a tendência nas defesas contemporâneas desse modelo é: 1) minimizar a ira de Deus em favor dos poderes malignos como problema resolvido pela obra de Cristo; e 2) apagar a distinção qualitativa da obra exclusiva de Cristo ("de uma vez por todas") e as obras conquistas da Igreja.

No entanto, o aspecto importante da obra de Cristo como vitória sobre os poderes não pode ser considerado como uma alternativa para o conceito da substituição vicária. Embora tenha dado ênfase ao Christus Victor, o oriente sempre afirmou a substituição do portador da maldição como central em suas fontes litúrgicas e doutrinárias. Mais importante, há razões exegéticas por que a vitória de Cristo sobre os poderes (*Christus Victor*) não pode ser tratada com uma alternativa à substituição vicária. O amor e a justiça de Deus são igualmente revelados no triunfo da graça na cruz. Afinal, Satanás e suas forças demoníacas, inclusive a morte, imperam somente enquanto há uma base legal para o julgamento de Deus contra nós.

Colossenses 2.13-15 é geralmente considerado um texto principal para a visão do *Christus Victor*. Aqui lemos que Cristo triunfou sobre os poderes das trevas e fez deles um espetáculo na cruz. No entanto, esse texto também diz que ele fez isso ao pregar na cruz a lista de violações legais com as quais éramos acusados de acordo

---

2 Gustav Aulen, Christus Victor: An Historical Study of the Three Main Types of the Idea of Atonement, SPCK Classics (London: SPCK, 2010).

3 Ver as obras de Walter Wink, especialmente The Powers That Be: Theology for a New Millennium (New York: Doubleday, 1999); N. T. Wright, Evil and the Justice of God (Downers Grove, Il: InterVarsity Press, 2006), e Brian Mclaren, Everything Must Change: Jesus, Global Crisis, and a Revolution of Hope (Nashville: nelson, 2007). Christus Victor é também a interpretação preferida pelas teologias da libertação e nas recentes defesas anabatistas de uma expiação não violenta. Ver, por exemplo, J. Denny Weaver, The Nonviolent Atonement (Grand Rapids: Eerdmans, 2001).

com a lei de Deus. Claramente, então, longe de ser uma alternativa, a vitória de Cristo sobre os poderes está baseada nesse capítulo como substituição penal. Cristo levou nossa maldição, e ao fazer isso, triunfou sobre Satanás e suas hostes. Da mesma forma, em 1 Coríntios 15.53-57, o dom da imortalidade é atribuído ao fato de Cristo ter removido a base legal do domínio da morte: "O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a Lei. Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo."[4]

Satisfação da honra divina (Anselmo)

A doutrina da substituição penal é frequentemente identificada com a formulação de Anselmo de Canterbury (século XI). No entanto, a visão de Anselmo difere o suficiente da substituição penal para justificar sua forma própria de tratar. De acordo com Anselmo, a auto-oferta de Cristo é recebida pelo Pai como uma penitência adequada pela ofensa à sua real dignidade que incorre o pecado.[5] Essa visão veio a ser identificada como a *teoria penitencial*. Como um rei desprezado pelos atos aviltantes de um subalterno, Deus deve ter um tributo apropriado para compensar a afronta de sua honra. Dada a infinitude da majestade de Deus, a penalidade deve ser infinita e somente um substituto infinito pode satisfazê-lo.

Há uma importante verdade nessa teoria, mas não deve ser igualada com o entendimento Reformado da natureza da obra redentora de Cristo. A formulação de Anselmo propriamente chama a nossa atenção para o caráter objetivo da expiação: o problema *de Deus* com o pecado. É Deus quem foi ofendido. Precisamos saber algo sobre o caráter distintivo desse Deus que foi ofendido por nosso pecado e o relacionamento pactual no qual ele nos criou como portadores de sua imagem. O pecado alcança cada canto e fenda dos relacionamentos humanos, mas é tratado ao longo das Escrituras como primariamente uma transgressão dos mandamentos de Deus. O

---

4 Eu exploro esse aspecto cósmico-escatológico em Covenant and Salvation (Louisville and London: Westminster John Knox, 2007), 289 – 302.

5 St. Anselm, "Cur Deus Homo," in Anselm: Basic Writings, trans. S. n. Deane, 2nd ed. (London: open court, 1998), 192 – 252.

caráter do pecado não é suficientemente apreciado quando ele é reduzido simplesmente a destruir vidas e relacionamentos entre os seres humanos ou até mesmo ao sentimento subjetivo de ansiedade, culpa do indivíduo e alienação de Deus. A despeito da obra salvífica de Cristo, somos objetivamente inimigos de Deus e sujeitos à sua justa condenação.

Contudo, a interpretação de Anselmo tem certas fraquezas exegéticas e doutrinárias. Louis Berkhof explica: "A teoria de Anselmo é às vezes identificada com aquela dos Reformadores, que também é conhecida como a teoria penitencial, mas as duas não são idênticas."[6] Enquanto Anselmo baseia a expiação na necessidade de satisfazer a *dignidade* ofendida de Deus, a Teologia Reformada reconhece que foi a *justiça* de Deus que estava em risco. Não há lugar na teoria de Anselmo para a vida digna de Cristo para conosco por sua obediência ativa ou por sofrer a penalidade de nosso pecado; somente a oferta de um tributo que mais do que compensou a ofensa humana — "e essa é realmente a doutrina católica da penitência aplicada à obra de Cristo."[7] Além disso, a Teologia Reformada culpou a teoria por reduzir a expiação à uma transação comercial entre Deus e Jesus Cristo sem nenhuma relação de sua comunicação aos pecadores.[8]

Influência moral

Reagindo contra a teoria de Anselmo, Abelardo (1079-1142) defendeu que o que veio a ser conhecido como a teoria da *influência moral*. Nessa visão, Cristo morreu para oferecer um exemplo comovente do amor de Deus pelos pecadores, suficiente para induzi-los ao arrependimento. Embora Abelardo tenha incluído outros aspectos (particularmente em sua *Exposition of the Epistle to the Romans* [Exposição da Epístola aos Romanos]), esse modelo foi especialmente atraente na trajetória que vai do Socinianismo (precursores dos universalistas-unitarianos), passando pelo Iluminismo até o Protestantismo Liberal.

---

6 Berkhof, Systematic Theology, 385.

7 Ibid., 386.

8 Ibid.

Esse modelo está baseado numa compreensão Pelagiana da natureza humana depois da queda. A única graça de que precisamos, nessa visão, é a lei, a oportunidade de cumpri-la, e um bom exemplo para imitar até o fim. O semipelagianismo reconheceu que a graça de Deus era necessária: nós cremos por nossa livre vontade, mas a graça é necessária para a perfeição em santificação. As duas visões foram condenadas repetidas vezes pelos concílios da Igreja, como vimos. Numa visão pelagiana/semipelagiana, Adão e Cristo funcionam como exemplos morais (preventivo e inspirador, respectivamente). Não é de surpreender que esse movimento tenda para uma Cristologia Ariana ou Adocionista que nega a divindade eterna de Cristo.

No século XVI, essas heresias, combinadas com o movimento conhecido como Socinianismo, levou ao Liberalismo Protestante. Essas hipóteses eram evidentes especialmente no Iluminismo. Especialmente em Immanuel Kant, a morte de Cristo pode somente oferecer um motivo para o arrependimento, mas é nosso próprio arrependimento que, no final, efetua nossa redenção.[9] Uma vez que uma salvação radical não é necessária, não é necessário também um Salvador divino.

Teoria governamental

Mediando entre as perspectivas Socinianas (a teoria da influência moral) e Reformada, o grande teólogo arminiano Hugo Grotius (1583-1645) promoveu a *teoria governamental*.[10] De acordo com essa visão, a natureza de Deus não demanda justiça absoluta nem a satisfação de seus propósitos justos. Antes, a morte de Cristo torna possível para Deus oferecer a salvação em termos mais acessíveis do que aqueles requeridos pela lei. Assim, a morte de Cristo não é um pagamento real de um débito, mas é meramente a base na qual o justo mandamento de Deus é apresentado.[11] A base da salvação

9 Immanuel Kant, Religion and Rational Theology, in The Cambridge Edition of the Works of Immanuel Kant, ed. Allen W. Wood and George di Giovanni (Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1996), 76 – 97, 104 – 45.

10 H. Orton Wiley, Christian Theology (Kansas city, Mo: Beacon hill, 1952), 2:241.

11 Referindo-se à teoria da substituição penal como "a teoria calvinista" (2:241), Wiley (ibid.) afirma: "é nessa tentativa de imputar nosso pecado a Cristo como seu próprio que a fraqueza desse tipo de substituição aparece" (245). "Nossa objeção final à teoria da

é, portanto, não o perfeito cumprimento de Cristo da lei e ser o portador da maldição em lugar dos pecados, mas a obediência imperfeita dos crentes à uma lei flexível.[12]

A preferência contemporânea por teorias subjetivas da expiação

As visões da influência moral e governamental são basicamente teorias subjetivas da expiação. Isto é, elas enfatizam a mudança que a cruz efetua *em nós*, que nos move à fé e ao arrependimento. Nossa fé e nosso arrependimento, então, se tornam a base da aceitação de Deus. A má notícia não é tão má (uma vez que a justiça de Deus não requer cumprimento perfeito de sua lei), mas a boa notícia não é tão boa. Em vez de anunciar que Cristo cumpriu toda justiça e que levou nosso juízo, a mensagem é que nós podemos ser salvos por um obediência menos vigorosa. O caráter objetivo da obra de Cristo ao criar um novo estado de obrigações no relacionamento de Deus com os pecadores é diminuído a um ponto que beira o desaparecimento.

Protestantes liberais como Friedrich Schleiermacher e Albrecht Ritschl romperam inteiramente qualquer compreensão judicial (legal ou tribunal) da expiação. "Com eles e com a teologia liberal moderna em expiação geral, torna-se meramente um remendo ou uma reconciliação efetuada ao mudar a condição moral do pecador. Alguns falam de uma necessidade moral, mas recusam reconhecer qualquer necessidade legal."[13]

---

satisfação está baseada no fato de que ela leva logicamente ao antinomianismo", pelas seguintes razões: "1) defende que a obediência ativa de Cristo é imputada nos crentes de tal maneira que é considerada por Deus como feita por eles. Eles são, portanto, justos por substituição; 2) Essa imputação, na realidade, torna o sofrimento de Cristo supérfluo; pois se ele fez por nós tudo o que a Lei requer, por que teríamos a necessidade de ser livres da penalidade por sua morte?; 3) Se a obediência ativa de Cristo deve ser substituída por aquela dos crentes, ela encerra a necessidade de obediência pessoal à Lei de Deus. [...] O homem é, portanto, deixado na posição de ser tentado para permissão de todo tipo, em vez de ser estritamente responsável por uma vida de justiça." (249). Wiley aponta que John Miley "é o representante mais notável da teoria governamental nos dias atuais" (255). Wiley negou que a morte de Cristo envolvia "uma substituição na penalidade como a punição merecida do pecado" (257).

12 cf. Berkhof, Systematic Theology, 368.

13 Ibid., 369.

Mais perto de nós, o reavivalista norte americano do século XIX Charles G. Finney, argumentou da mesma forma com respeito à obra de Cristo, embora não tenha negado a divindade de Cristo. O esquema de Finney era essencialmente pelagiano, começando com a rejeição do pecado original.[14] Ao longo de sua *Teologia Sistemática*, o compromisso de combinar teoria da influência moral e da governança moral se vê refletido. É legalmente impossível para uma pessoa — até mesmo Jesus Cristo — cumprir a lei e portar as sanções das violações da lei no lugar de outros, insistia Finney. "Se ele tivesse obedecido à lei como nosso substituto, por que insistir no nosso retorno à obediência como uma condição *sine qua non* para nossa salvação?[15] A expiação é simplesmente "um incentivo à virtude".[16]

Ao rejeitar a visão que "a expiação foi um pagamento literal de um débito", Finney pode apenas admitiu: "É verdade que a expiação, por si mesma, não assegura a salvação a ninguém".[17] Indo além do que a maioria dos defensores das teorias subjetivas, Finney insistiu que nossa perfeita obediência à lei de Deus é uma condição "*sine qua non*" de nossa justificação.

Mesmo as versões mais suaves falham em reconhecer que a lei de Deus não é meramente um reflexo de sua vontade, mas de sua natureza moral. Deus *não pode* flexibilizar sua santa vontade ou justos mandamentos. A morte não é meramente um exemplo de seu desprazer ou uma punição arbitrária. Antes, é a sentença legal por violar sua aliança (Ezequiel 18.4; Romanos 6.23). Deus é incapaz de ser injusto em seus juízos assim como é incapaz de ser falso em seu dizer.

Especialmente nos anos recentes, teólogos de primeira linha apontaram as hipóteses basicamente pelagianas e socinianas nas teorias modernas da expiação. O teólogo de Yale, George Lindbeck, diz que pelo menos na prática, a visão de Abelardo

---

14 Charles G. Finney, Systematic Theology (Minneapolis: Bethany, repr. 1976), 31, 179–80, 236. O teólogo arminiano Roger Olson aponta que a teologia de Finney está mais próxima do Pelagianismo do que do Arminianismo (Arminian Theology, 28, inclusive a nota 20).

15 Finney, Systematic Theology, 206.

16 Ibid., 209.

17 Ibid.

da salvação por seguir o exemplo de Cristo (e a cruz como a demonstração do amor de Deus que motiva o nosso arrependimento) agora parece ter adquirido qualquer noção de uma expiação objetiva e substitucionária. "A expiação não está no topo das discussões contemporâneas tanto de católicos quanto de protestantes", conjectura Lindbeck. "Mais especificamente, as versões substitucionárias [...] que foram dominantes em nível popular por séculos estão desaparecendo."[18]

Essa situação é real tanto para evangélicos quanto para protestantes liberais, observa Lindbeck. Isso porque a justificação somente pela fé (*sola fide*) faz pouco sentido em um sistema que torna central nossa conversão subjetiva (compreendida em termos sinergísticos como a cooperação com a graça), em vez da obra objetiva de Cristo.[19] "Nossa crescente cultura da terapia do sinta-se bem é antagônica para falar sobre a cruz", e nossa "sociedade consumista" fez da doutrina um pária.[20]

Em nossos dias, as influências são variadas, mas há uma ampla reação entre muitos teólogos protestantes contra a noção da substituição penal — isto é, a crença de que Cristo sofreu em lugar dos pecadores, levando consigo a justa ira de Deus. Em muito do evangelicalismo hoje, a ênfase recai na pergunta: "O que Jesus faria?" em vez de "O que Jesus fez?". Jesus provê o modelo para o imitarmos a fim de uma transformação pessoal e social. Especialmente em algumas teologias con-

18 George Lindbeck, "Justification and atonement: an ecumenical trajectory," in By Faith Alone: Essays on Justification in Honor of Gerhard O. Forde, ed. Joseph A. Burgess and Marc Kolden (Grand Rapids: Eerdmans, 2004), 205.

19 Ibid., 205–6. Ele acrescenta: "Aqueles que continuaram a usar a linguagem do sola fide assumiram que concordam com os reformadores não importa quanto, sob a influência do pietismo conversionista e do reavivalismo, transformaram a fé que salva em uma boa obra meritosa do livre-arbítrio, uma decisão voluntária de crer que Cristo levou consigo a punição dos pecados na cruz *pro me*, em favor de cada pessoa individualmente. Improvável como parece dada a metáfora (e a passagem Joanina da qual procede), todos são, portanto, capazes de ser 'nascidos de novo' apenas se tentar o bastante. Assim, com a perda da compreensão reformada da fé que justifica como dádiva de Deus em si, a teoria da expiação de Anselmo se tornou culturalmente associada com a autojustificação que era mais moral e mais religiosa, e, portanto, mais torpe, pensavam seus críticos, do que a autojustificação primariamente moral dos Abelardianos liberais. Em tempo, para continuar com nossa história, os liberais gradativamente deixaram de ser até mesmo Abelardianos" (207).

20 Ibid.

temporâneas Anabatistas e Feministas o tema da ira de Deus contra os pecadores é considerado uma forma de violência que legitima a vingança humana. Em vez de ver a obra de Cristo como *levando sobre si uma sentença* que nós merecíamos, ela devia ser vista como *uma autorização moral* para nossa práxis (boas obras) em transformar o mundo.[21]

Combinando, pelo menos implicitamente, várias teorias subjetivas já mencionadas, essa trajetória é especialmente representa na obra de Jürgen Moltmann e na Teologia da Libertação, mas também em muitas das pregações e ensino no evangelicalismo contemporâneo.[22]

Como alguns teólogos arminianos no passado, Clark Pinnock dispensa a doutrina da substituição penal como se fosse simplesmente um curioso e perigoso remanescente do Calvinismo.[23] Mesmo em círculos evangélicos em que a expiação substitucionária é defendida na teoria, a mensagem popular parece ser aquela de que o propósito principal da morte de Cristo era simplesmente mostrar o amor de

---

21 Eu interajo amplamente com essas visões em Lord and Servant: A Covenant Christology (Louisville: Westminster John Knox, 2005), 178 – 207.

22 Ver, por exemplo, Clark Pinnock, A Wideness in God's Mercy: The Finality of Jesus Christ in a World of Religions (Grand Rapids: Zondervan, 1992), esp. 49–80; Clark Pinnock and Robert Brow, Unbounded Love: A Good News Theology for the 21st Century (Downers Grove, Il: InterVarsity Press, 1994), esp. 100 – 105.

23 Observe como John Wiley se refere à "teoria da satisfação penal", geralmente conhecida como teoria calvinista" em sua Systematic Theology (New York: Hunt and Eaton, 1892), 241. Pinnock observa que essa adoção do Arminianismo levou-o a rejeitar a doutrina clássica da substituição: "Obviamente me fez reduzir a precisão na qual eu compreendia a substituição a ocorrer. [...] Levou-me a olhar primeiramente para a teoria de Anselmo e, mais tarde de Hugo Grotius, ambos nos encorajam a ver a expiação como um ato de demonstração judicial em vez de uma substituição estrita ou quantitativa como tal. [...] Tenho a forte impressão de que o pensamento agostiniano está perdendo sua força entre os cristãos de hoje. É difícil encontrar um teólogo calvinista desejoso de defender a teologia reformada, inclusive as visões de Calvino e Lutero, em todas as suas rigorosas particularidades agora que Gordon Clark não está mais entre nós e John Gerstner está aposentado." Pinnock admite que suas mudanças fazem parte de uma crescente acomodação à mente secular: "Finalmente estamos em paz com a cultura moderna". ("From Augustine to Arminius: A Pilgrimage in Theology," in The Grace of God, The Will of Man: A Case for Arminianism, ed. Clark H. Pinnock [Grand Rapids: Zondervan, 1989], 23, 26, 27).

Deus, que deveria nos levar a amá-lo em troca. Entretanto, como o teólogo católico romano John Knox observa, "o conceito da cruz como sacrifício pertence à base e à trama do Novo Testamento, enquanto não há evidência qualquer que seja de que a Igreja primitiva cogitasse a visão de que o propósito da morte de Cristo era para revelar o amor de Deus."[24] É claro que revela o amor de Deus, mas somente porque, além de expressar boas intenções, assegura a nossa salvação. De fato, se a morte de Cristo é meramente uma lição objetiva em vez de necessária para satisfazer a justiça de Deus, ela exibe crueldade divina em vez de amor.

Uma visão integrada da obra de Cristo

Os calvinistas sempre afirmaram que a natureza e os efeitos da obra salvífica de Cristo não podem ser reduzidas ao sacrifício substitucionário que traz o perdão dos pecados. Reconhecendo a imensidão dos efeitos do pecado, a Teologia Reformada interpreta a obra salvífica de Cristo como incluindo a recapitulação da desobediência de Adão, cumprindo toda a justiça em nosso lugar como nosso representante. "Em resumo", observou Calvino, "a partir do momento em que ele assumiu a forma de servo, ele começou a pagar o preço da libertação a fim de nos redimir."[25] A expiação cancela as dívidas, mas a justificação nos leva diretamente à presença de Deus, com a justiça de Cristo creditada em nossa conta. A expiação lança fora nossa culpa, mas a justificação nos concede o ficar de pé no tribunal de Deus de modo que não somos apenas perdoados, mas completamente aceitáveis, justos, santos e que satisfazem a Deus por meio de Cristo.

Portanto, em vez de aceitar uma falsa escolha entre uma morte substitucionária e uma vida salva, há muito na teoria de Irineu sobre a recapitulação que pertence à base da substituição vicária em si. A substituição penal de Cristo não é o todo da

24 John Knox, The Death of Christ: The Cross in the New Testament History and Faith (new York: Abingdon, 1958), 145. É claro que a morte de Cristo realmente revela o amor de Deus, mais do que qualquer outra obra divina. No entanto, ela realiza tão precisamente porque seu propósito não é somente de revelar o amor de Deus, mas salvar os pecadores por meio do amoroso mover de Deus em relação a nós em Jesus Cristo

25 Calvin, Institutes 2.16.5.

obra de Cristo, mas sem ela nada mais importa. Portanto, sua encarnação e vida obediente são tão necessárias como sua morte voluntária.

Além disso, a morte de Cristo vence os poderes de Satanás, do mal e da morte que aprisiona o presente século, e sua obra salvífica engloba a ressurreição e a ascensão, e sua volta renova todas as coisas. Cristo não somente redime as almas, mas também os corpos, e não somente os corpos, mas toda a criação. A Teologia Reformada sempre promoveu uma compreensão mais rica e mais integrada da obra salvífica de Cristo que engloba sua encarnação, vida obediente, morte sacrificial e ressurreição triunfante. O amor sacrificial de Cristo é também um exemplo a ser imitado por nós (Mateus 20.25-28) e estabelece o governo moral de Deus (Romanos 3.25).

No entanto, o Calvinismo também destaca que *nenhum desses outros aspectos podem, na verdade, ser realizados a menos que a obra de Cristo seja, antes de todas, uma substituição vicária, tratando do problema objetivo da culpa diante de um Deus santo.*

- A obra de Cristo desfaz a transgressão de Adão, recapitulando uma nova humanidade sob a vida, morte e ressurreição de Cristo? Certamente desfaz, mas estamos ainda abandonados aos nossos pecados a menos que a morte de Cristo na verdade tenha cancelado nossa dívida.
- A obra de Cristo vence os poderes da morte e do inferno? Certamente, mas somente porque ela, acima de tudo, satisfez a justiça de modo que a sentença de morte pode ser revogada e Satanás pode ser privado de suas acusações contra nós.
- A cruz de Cristo demonstra o amor de Deus? Demonstra de fato, mas somente se ela, verdadeiramente, satisfizer as justas demandas de Deus e nos absolver de nossa dívida. De outro modo, ela é uma cruel lição objetiva.
- A obra salvífica de Cristo garante o justo governo de Deus e a ordem moral no mundo? Sim, mas somente se ela verdadeiramente satisfizer as demandas de justiça completamente em vez de servir meramente como um estorvo moral.

A extensão da obra de Cristo

De tudo o que temos visto em relação à natureza da obra de Cristo, é evidente que a morte de Cristo verdadeiramente restaura o que foi perdido em Adão. Mais do que isso, leva aqueles por quem Cristo morreu a um estado que os seres humanos jamais entraram, a saber, o Sabbath eterno — a glória consumada da nova criação. Os poderes da morte e do pecado foram vencidos. A autoridade de Cristo cancela a de Adão. Nossas dívidas se tornam de Cristo e sua justiça se torna nossa.

Que conclusões podemos tirar disso considerando a extensão da obra salvífica de Cristo?

Opção 1: A morte de Cristo redimiu todas as pessoas

Uma resposta é que a morte de Cristo objetivamente redimiu todas as pessoas. As Escrituras inequivocamente ensinam que Deus ama o mundo e que Cristo morreu pelo mundo (João 1.29; 3.16; 6.33; Romanos 11.12; 2 Coríntios 5.19; 1 João 2.2). Portanto, defensores dessa visão concluem que era o propósito de Cristo salvar todas as pessoas que viveram ou viverão. Oficialmente condenada no século VI, a teoria de Orígenes da restauração universal (*apokatastasis*) defendia que todos os espíritos (embora não os corpos), inclusive Lúcifer, seriam reunidos na felicidade celestial.[26]

Recusando refrear a liberdade de Deus, Barth não chegou a formular uma doutrina da salvação universal, embora suas doutrinas da eleição e da reconciliação sugiram isso.[27] O Luteranismo também ensina uma expiação universal e objetiva, embora (diferentemente de Barth) também defenda uma eleição limitada e incon-

---

26 Ver The Seven Ecumenical Councils, vol. 14 in Nicene and Post-Nicene Fathers, ed. Henry R. Percival (Grand Rapids: Eerdmans, repr. 1971).

27 Karl Barth, Church Dogmatics ii/2, 417–423; iii/2, 136; IV/1, 91, 140, 410. Para avaliações responsáveis, ver especialmente G. C. Berkouwer, The Triumph of Grace in the Theology of Karl Barth, trans. H. R. Boer (London: Paternoster, 1956), 215–34; Garry J. Williams, "Karl Barth and the Doctrine of the Atonement," in Engaging with Barth: Contemporary Evangelical Critiques, ed. David Gibson and Daniel Strange (Nottingham: Apollos, 2008), 232 – 72.

dicional. Somente os eleitos serão finalmente salvos, mas alguns recebem os benefícios salvíficos da obra de Cristo somente por um tempo e, depois, perdem esses benefícios por meio do pecado mortal ou descrença. Nessa visão, então, nem todos aqueles por quem Cristo morreu serão salvos, a despeito de sua intenção universal.

Opção 2: A morte de Cristo tornou possível a salvação de cada pessoa

Uma segunda opinião é que Cristo morreu para tornar possível a salvação de cada pessoa. A intenção da morte de Cristo, de acordo com os Remonstrantes holandeses (arminianos) era tornar possível para Deus oferecer a salvação pela cooperação capacitada pela graça: isto é, a fé e a obediência evangélica. Geralmente isso é reconhecido pelos teólogos arminianos que se Cristo verdadeiramente cumpriu a salvação dos pecadores na cruz (além de tornar possível a salvação deles), então, todos aqueles por quem Cristo morreu estão verdadeiramente salvos. John Wiley, portanto, observa:

> A teoria da substituição penal vem da necessidade tanto do universalismo de um lado, ou da eleição incondicional por outro. O dr. Miley ressalta que "tal expiação, por sua própria natureza e pelo resultado imediato sempre os liberta de toda culpa como uma dívida para com a penalidade do pecado.".[28]

Esses teólogos arminianos reconheceram que se a morte de Cristo verdadeiramente *executou* a salvação para todos a quem foi pretendida, então, as únicas opções são o Calvinismo e o universalismo.

Há outra versão dessa segunda visão. Uma posição mediana entre o Calvinismo ortodoxo definido pelos Cânones de Dort em 1618-1619 e o Arminianismo conhecido como "universalismo hipotético" (ou "amiraldianismo", arquitetado por Moises Amyraut). Cristo levou consigo os pecados de cada pessoa sem exceção, mas uma vez que Deus sabia que ninguém aceitaria Cristo sem o dom da fé, ele elegeu

28 Wiley, Christian Theology, 2:246.

alguns para receber os benefícios da obra de Cristo. Muitos protestantes evangélicos defendem uma visão Arminiana ou Amiraldiana, concordando em ambos os casos com a posição expressada por Lewis Sperry Chafer: "A morte de Cristo não salva verdadeiramente ou potencialmente; em vez disso, ela torna todos os homens salváveis.".[29] Da mesma forma, Robert Lightner diz que ele rejeita a visão calvinista de "que a obra de Cristo na cruz foi eficaz por si só".[30]

Opção 3: Cristo redimiu todos os eleitos

Uma terceira visão é que Cristo morreu por todos os pecados dos eleitos, ao redimi-los na cruz. De acordo com essa visão, expressa pelos Cânones de Dort (capítulo II, art. 3), a morte de Cristo é "de valor e dignidade infinitos, abundantemente suficiente para expiar os pecados do mundo inteiro", embora Cristo objetiva e efetivamente levou consigo os pecados somente dos eleitos. Dort estava repetindo uma fórmula comum: "suficiente para o mundo inteiro, mas eficiente somente para os eleitos". Essa fórmula é encontrada em vários sistemas medievais, inclusive nos escritos de Aquinas, Gregório de Rimini e o mentor de Lutero, Johann von Staupitz. Como a fórmula indica, essa visão não limita a suficiência ou disponibilidade da obra salvífica de Cristo. Antes, ela defende que a intenção específica de Cristo quando foi para a cruz era a de salvar seus eleitos.

Como John Owen, puritano do século XVII, observou, cada posição que reconhece que alguns se perderão ao final põe um limite na expiação em algum ponto — seja ela limitada em sua extensão ou em seu efeito. Owen resume as opções: Cristo morreu por: 1) todos os pecados de todas as pessoas; 2) alguns pecados de todas as pessoas; ou 3) todos os pecados de algumas pessoas.[31] Se a descrença é um pecado e

---

29 Lewis Sperry Chafer, "For Whom Did Christ Die?" reimpresso in Bibliotheca Sacra 137 (oct.-Dec. 1980): 325.

30 Robert Lightner, "For Whom Did Christ Die?" in Walvoord: A Tribute, ed. John F. Walvoord and Donald K. Campbell (Chicago: Moody Press, 1982), 162.

31 John Owen, "The Death of Death in the Death of Christ," Works of John Owen (Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1966), 10:233.

algumas pessoas estão finalmente condenadas, há pelo menos um pecado pelo qual Cristo não satisfez adequadamente.

Redenção particular

Entre os argumentos em favor da redenção particular (a terceira visão) estão as seguintes. *Em primeiro lugar, essa visão sustenta que a morte de Cristo verdadeiramente salva*. As Escrituras, em nenhum lugar, ensina que Cristo veio ao mundo para tornar a salvação possível, muito menos que isso se torna o real motivo da fé em Cristo. Isso seria para tornar o *instrumento* receptor da salvação (fé) em *base* da redenção.

A boa notícia anunciada em todo lugar nas Escrituras é que Deus nos reconciliou consigo mesmo por meio da morte de Cristo, que isso aconteceu na cruz com Cristo derramando seu sangue, e que isso assegurou um perdão de pecados objetivo (Isaías 53.10; Mateus 26.28; João 1.29; 3.17; 4.42; 1Timóteo 1.15; etc.). "Quanto mais agora, tendo sido reconciliados, seremos salvos por sua vida!" (Romanos 5.10). Todos por quem Cristo morreu foram redimidos, reconciliados e salvos da ira de Deus. Por meio da fé recebemos essa salvação que foi consumada no Gólgota. A realização "única e de uma vez por todas" de Cristo em sua obra salvífica na cruz não deixa nada a ser completado pelos pecadores por meio de suas próprias ações, quer sua decisão quer seu esforço (Romanos 9.12-16).

Essa é a razão porque os apelos evangelísticos no Novo Testamento são resolutamente alegres e plenos de conforto. Todos que acolhem essa dádiva estão convictos de que a obra de Cristo já assegurou a sua salvação, os benefícios da qual agora recebem por meio da obra graciosa do Espírito que estava incluído na compra de Cristo de seu povo.

Em segundo lugar, essa visão enfatiza o relacionamento entre a Trindade e a redenção. Nos eternos conselhos da Trindade (o pacto da redenção), o Pai elegeu um certo número dentre a raça humana e deu-o a seu Filho como seu guardião e mediador, com o Espírito empenhando-se para trazê-lo a Cristo a fim de receber todos os benefícios de sua mediação.

Jesus disse que ele não veio tornar a salvação possível, mas, verdadeiramente, salvar "todos que o Pai me dá". Ele acrescenta: "E esta é a vontade daquele que me enviou: que eu não perca nenhum dos que ele me deu, mas os ressuscite no último dia. [...] É por isso que eu lhes disse que ninguém pode vir a mim, a não ser que isto lhe seja dado pelo Pai." (João 6.37-39,65). Em João 10, Jesus disse: "O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas. [...] Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas." (João 10.11,14-15), que inclui gentios assim como judeus (v.16).

Com o peso do Gólgota em seu coração, Jesus ora ao Pai:

> Pai, chegou a hora. Glorifica o teu Filho, para que o teu Filho te glorifique. Pois lhe deste autoridade sobre toda a humanidade, para que conceda a vida eterna a todos os que lhe deste. [...] Eles eram teus; tu os deste a mim, e eles têm obedecido à tua palavra. [...] Não estou rogando pelo mundo, mas por aqueles que me deste, pois são teus. (João 17.1-2,6,9)

Mais uma vez, Jesus inclui todos "que crerão em mim, por meio da mensagem deles, para que todos sejam um (João 17.20-21). Ao longo do evangelho de João, assim, um fio condutor inconfundível, testificando uma aliança eterna de redenção entre as pessoas da Trindade, com o Pai dando as pessoas ao seu Filho: "todos que o Pai me deu".

Igualmente nas cartas do Novo Testamento, existe a correspondência entre a vontade e a obra do Pai, do Filho e do Espírito na eleição, na redenção, no chamado, que cria uma base sólida de conforto. Da massa da humanidade caída, o Pai elegeu indivíduos "em Cristo" (Romanos 8.30-34; Efésios 1.4-13).[32]

As Escrituras claramente ensinam que o Pai escolheu muitos, mas não todos, para a vida eterna e confiou sua salvação ao Filho (João 6.38-39; 15.16; 17.9; Romanos 8.29; Efésios 1.4-5,7,15). As Escrituras também ensinam que o Espírito chama de maneira efi-

32 Ver Stephen M. Baugh, "Galatians 3:20 and the covenant of redemption," Westminster Theological Journal 66:1 (2004): 49 – 70.

caz os eleitos e os une a Cristo. Embora eles realmente creem em Cristo, isso se dá por causa da graça soberana de Deus e não por sua própria livre vontade: o Espírito traz os eleitos para Cristo, dando a eles a fé (João 1.12-13; 6.44; 15.16; Romanos 8.30; 9.6-24; Efésios 2.8; 2Tessalonicenses 2.13). Escolhidos em Cristo "antes da fundação do mundo", os eleitos são redimidos por Cristo e unidos a ele por meio do Espírito (Efésios 1.13-14). Lucas afirma que quando um grupo de gentios ouviu acerca do evangelho, "creram todos os que haviam sido designados para a vida eterna" (Atos 13.48). Nossa salvação é creditada não à cooperação de pecadores com Deus, mas à cooperação das pessoas da Trindade. Em unidade com o Pai e o Espírito, o propósito do Filho era de salvar os eleitos.

Nenhuma acusação pode ser levantada contra "os eleitos de Deus", uma vez que Cristo os redimiu e intercede por eles no céu (Romanos 8.33-34). Portanto, a morte de Cristo é referida como "o sangue da eterna aliança" (Hebreus 13.20). Pedro escreveu aos crentes como àqueles que são escolhidos "para a obediência a Jesus Cristo e a aspersão do seu sangue" (1 Pedro 1.2). Os demais são "vasos de sua ira, preparados para a destruição" (Romanos 9.22). Antes de sua decisão — na verdade de sua existência — Deus elegeu Jacó e rejeitou Esaú, apresentando a prerrogativa de Deus em mostrar misericórdia a quem ele escolher (Romanos 9.1-21).

Jesus verdadeiramente redimiu seus eleitos (Romanos 8.32-35), suas ovelhas (João 10.11,15), sua igreja (Atos 20.28; Efésios 5.25-27), e seu povo (Mateus 1.21). Ele deu "sua vida em resgate por muitos" (Mateus 20.28; 26.28; cf. Isaías 53.12; Hebreus 9.28). Enviado para cumprir o propósito do Pai, Jesus estava certo de que "nenhum dos que ele me deu" se perderá, mas ressurgirá no último dia (João 6.38-39). O Salvador entrou no Paraíso como vitorioso com anúncios triunfantes: "Aqui estou eu com os filhos que Deus me deu" (Hebreus 2.13).

Tudo isso mostra "de forma bem clara a natureza imutável do seu propósito", que "confirmou com juramento, para que, por meio de duas coisas imutáveis nas quais é impossível que Deus minta, sejamos firmemente encorajados, nós que nos refugiamos nele para tomar posse da esperança a nós proposta" (Hebreus 6.17-18). "Ele [...] *redimiu seu povo*" (Lucas 1.68, grifo nosso).

Em terceiro lugar, essa visão põe o foco inteiramente em Cristo em vez de no que crê. Como sei que sou um pelos quais Cristo morreu? A única resposta dada nas

Escrituras é que olhamos para Cristo, em quem fomos escolhidos e cuja morte é suficiente para cada ser humano — de fato, para milhares de mundos.

No entanto, a pouco de afirmar a salvação universal, as visões alternativas defendem que a despeito da obra objetiva de Cristo, muitos para os quais ele morreu se perderão no final, e recebendo seu próprio juízo. Mas e acerca da promessa de Cristo de que ele não perderá nenhum daqueles que o Pai lhe deu?

A posição de Karl Barth ilustra esse problema. Vimos anteriormente que nessa visão, todos são eleitos em Cristo e redimidos por Cristo — objetivamente salvos e justificados. No entanto, ele deixa aberta a possibilidade de que alguns podem, ao final, se perder. Entretanto, se *uma pessoa* por quem Cristo morreu se perde — mesmo que potencial ou hipoteticamente, então sua morte verdadeiramente não salva *ninguém*. A única forma de manter a objetividade da obra salvífica de Cristo na cruz bem como uma expiação universal é negar a possibilidade de que qualquer pessoa será, ao final, condenada. Mas se a noção de eleição universal é exegeticamente insustentável, o conceito de salvação universal também o é.

Os calvinistas proclamam a Cristo como o Salvador todo-suficiente para todas as pessoas em todos os lugares, e quando as pessoas realmente creem, nós lhe asseguramos que não há nenhum pecado — passado, presente ou futuro — que possa separá-los do amor de Deus em Jesus Cristo. Não procuramos nossa eleição ou redenção dentre de nós mesmos, mas fora de nós. Somente podemos agir assim porque o juízo objetivo de Deus contra nós foi resolvido de modo decisivo, total e final na cruz em vez de por meio de nossa experiência subjetiva.

Se o fato de Cristo levar consigo os nossos pecados não leva verdadeiramente a ira de Deus para com cada pessoa por quem morreu, então, como Herman Bavinck conclui, "o centro de gravidade foi alterado de Cristo e posto no cristão". Em vez da obra objetiva de Cristo, "a fé é a verdadeira reconciliação com Deus".[33] Nessa visão, então, a fé não somente recebe essa reconciliação, mas a cumpre, e a fé se torna uma obra de salvação — a base da graça perdoadora e renovadora de Deus, em vez de um instrumento de recepção.

---

33 Herman Bavinck, Reformed Dogmatics, ed. John Bolt; trans. John Vriend (Grand Rapids: Baker, 2006), 3:469.

Respondendo às objeções

1. *O Novo Testamento ensina claramente que Cristo morreu pelo mundo.*

Que as Escrituras explicitamente ensinam que a morte de Cristo pelo mundo nunca esteve em dúvidas entre os calvinistas; na verdade, foi celebrada como maravilhosas "boas novas". Sempre tomamos por certo de que os gentios foram feitos co-herdeiros com Cristo, filhos espirituais de Abraão ao lado dos judeus crentes. No entanto, essa foi uma mensagem radical para os judeus do primeiro século e para os gentios. Isso estava no centro do "mistério de Cristo" revelado por Paulo, o apóstolo dos gentios (Efésios 2.11—3.13), e com oposição de alguns cristãos judeus. Esse mistério dos judeus e dos gentios unidos em Cristo incita a controvérsia que foi resolvida no Concílio de Jerusalém em Atos 15.

Apesar disso tudo, Deus propôs salvar o mundo por meio de Israel. Isso foi antecipado no antigo anúncio do evangelho em Gênesis 3.15, e mais claramente exposto na aliança de Deus com Abraão como "o pai de muitas nações" (Romanos 4.17), repetidamente prometido nos profetas, e devia ser proclamado ao mundo pelo Cristo ressurreto. Jesus não veio para restaurar a aliança mosaica (uma teocracia geopolítica), mas para levar a cabo a bênção mundial da aliança Abraâmica. Ele é a semente em que todas as famílias da terra são abençoadas (Gálatas 3.11-18,28).

Entretanto, por toda a história da redenção, a "salvação" sempre veio por meio de um remanescente. O mundo foi salvo do juízo do dilúvio, mesmo embora por meio de Noé e sua família — oito pessoas ao todo (1 Pedro 3.20; 2 Pedro 2.5). Ele salvou Israel e Judá por meio de um remanescente. E ele salvou o mundo todo da mesma forma, "comprando para Deus gente de toda tribo, língua, povo e nação" como "reino e sacerdotes para o nosso Deus" (Apocalipse 5.9-10). "Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3.16). O amor de Deus para com o mundo o moveu a escolher uma companhia inumerável de inimigos, a dar seu Filho mesmo "quando éramos inimigos" (Romanos 5.10), e a unir esses pecadores a Cristo por meio de seu Espírito como um coro massivo celebrando sua misericórdia e graça para toda a eternidade. Desse modo, o mundo está de fato salvo.[34]

---

34 Ver B. B. Warfield, The Plan of Salvation (Grand Rapids: Eerdmans, 1942 [repr.

Os calvinistas proclamam tão convictamente quanto qualquer cristão que Cristo é "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1.29). Não declaramos somente de modo geral para todos, mas de modo particular para cada pessoa que a morte de Cristo é suficiente para salvá-lo. Nas palavras dos Cânones de Dort, "A morte do Filho de Deus é o único e perfeito sacrifício e satisfação pelo pecado, e é infinitamente digno e valioso, abundantemente suficiente para expiar os pecados do mundo todo."[35] Ninguém pode dizer: "Eu vim até Cristo, mas não há redenção sobrando para mim.". Há suficiente redenção na cruz de Cristo para cada pessoa neste mundo e para milhares de outros mundo além deste. Desse modo, não há lugar nessa visão para pensar acerca da obra de Cristo como uma reserva limitada de perdão somente para os eleitos. A questão nunca é a suficiência da obra de Cristo, mas o propósito do Deus trino e uno.

2. É uma questão de pecado, não uma questão do Filho.

Alguns argumentam que Cristo não efetuou o perdão objetivo para cada pessoa, e por isso os descrentes são condenados não por seus pecados, mas sua descrença em relação a Cristo. No entanto, João nos conta que o descrente "já está condenado" (João 3.18). Nascidos no mundo culpado em Adão, aumentamos a nossa dívida a cada dia. Uma pessoa não se torna condenada no momento em que ouve e rejeita o evangelho. Paulo diz que a ira de Deus está reservada para os descrentes por causa de seus pecados (Romanos 1.18), e até mesmo lista exemplo dos pecados pelos quais a ira de Deus será derramada no último dia (Colossenses 3.5-6). Muitos outros textos poderiam ser citados para provar o ponto que a descrença é simplesmente um dos pecados pelos quais as pessoas serão condenadas no último dia.

3. *Isso não é "injusto"? Como Deus poderia condenar justamente as pessoas se Cristo não morreu por elas?*

Se aceitarmos a força dos textos citados anteriormente, o Pai não escolheu salvar a todos e o Espírito não atrairá todos de maneira eficaz ao Salvador. Portanto, essa objeção compreensível está muito relacionada à eleição e à aplicação da redenção assim como à sua realização. Em Romanos 9, o apóstolo Paulo responde a

1980]), esp. 95.

35 Canons of Dort, Second Head of Doctrine, art. 3, 99.

objeção da "justiça" em relação à eleição simplesmente apontando para a soberana liberdade de Deus de escolher quem ele desejar dentre uma humanidade condenada.

E esse é o ponto. Cristo não morreu por criaturas neutras, mas por pecadoras — inimigos, rebeldes hostis. O grande amor de Deus pela humanidade é manifestado no fato de que mesmo antes de Adão ter livremente desobedecido a Deus e aprisionado a si mesmo e a nós ao pecado, o Pai deu um povo ao Filho e deu seu Filho por esse povo. Deus não tinha obrigação de salvar nenhum dos seus inimigos, mas mesmo enquanto nos iramos contra ele, ele nos amou e enviou o seu Filho para a nossa salvação. A graça não é graça se for forçada — mesmo por uma necessidade interior do ser de Deus. Deus poderia ter condenado justamente todos nós: esse é o pressuposto de graça e misericórdia.

Além disso, a profundidade do amor de Deus é revelada no fato de que ele enviou seu Filho para realizar tudo que fosse necessário para a nossa salvação, não meramente para tornar a humanidade "salvável". Ele não veio pela metade, por assim dizer, "Eu fiz a minha parte, e agora vocês precisam fazer a de vocês." Antes, ele levou seus propósitos de amor até o final, realizando e concedendo redenção àqueles que estavam "mortos em [...] transgressões e pecados" (Efésios 2.1).

Finalmente, porque a morte de Cristo é suficiente para todos, ninguém é deixado de lado, exceto aqueles que recusam essa dádiva. É claro que todos nós teríamos recusado essa dádiva se não fosse a graça, mas Deus não é responsável por essa condição pecaminosa. No dia do juízo, os seres humanos não terão ninguém para agradecer pela salvação a não ser Deus e ninguém para culpar pela condenação a não ser eles mesmos. A todos aqueles que ainda não creem em Cristo, anunciamos a reconciliação de Deus por meio da obra toda-suficiente do Salvador, com a advertência solene que fora de Cristo não há esperança de salvação, quer potencialmente quer realmente. A todos que creem em Cristo, declaramos com as Escrituras que já estão salvos da ira de Deus, da morte e do inferno. Sua salvação não é potencial, mas real. Não são salváveis, mas salvos. Não é algo que eles ainda vão completar para tornar efetivo por sua decisão ou esforço, mas para ser recebido como uma dádiva.

CAPÍTULO 5

Chamados e mantidos
(chamado efetivo e perseverança)

"E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou" (Romanos 8.30).

Não é sem razão que o grande Puritano Elisabetano William Perkins chamou Romanos 8:30 de "corrente de ouro" da salvação. Cada elo é forjado pelo amor de Deus em Cristo e unido aos outros elos pelo propósito imutável da graça de Deus. Se apenas um desses elos dependesse de nós, a corrente inteira se desfaria.

Escolhidos em Cristo desde toda a eternidade, somos chamados eficazmente para Cristo no tempo certo. Mediante a fé, que em si mesma é um dom de Deus, nós recebemos a Cristo e todos os seus benefícios. Já nos profetas havia a previsão de uma "nova aliança" com seu povo, "não como a aliança que fiz com seus pais" no Monte Sinai. "Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, e também no coração lhas inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo" e "porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o Senhor. Pois perdoarei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei" (Jeremias 31.33-34).

Semelhantemente, o Senhor deu a Ezequiel uma visão de um vale de ossos secos (Ezequiel 37.1-14). "O meu servo Davi reinará sobre eles; todos eles terão um só pastor... Farei com eles aliança de paz; será aliança perpétua" (vv. 24, 26).

Deus chama os profetas para anunciar maldições aos transgressores da aliança que Israel jurou no Monte Sinai, dizendo, "Tudo o que falou o Senhor faremos" (Êxodo 24.3). Com base nessa aliança, não há nenhuma esperança — não com base do juramento que Israel fez no Sinai, mas com base do juramento que Deus fez a Abraão, Isaque e Jacó. O juramento em Gênesis 15, significado e selado na visão de Deus atravessando as carcaças com uma maneira de assumir as maldições sobre sua própria cabeça, era a garantia unilateral de Deus de dar a Abraão uma herança e mediante sua semente abençoar as nações da terra. Isso foi reiterado no juramento a Jacó quando ele viu uma escada que descia do céu para a terra e anjos desciam e subiam por ela. Novamente Deus frisa a sua garantia unilateral. É a essa visão que Jesus se refere quando fala a Natanael, "Em verdade, em verdade vos digo que vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem" (João 1.51).

A aliança do Sinai requeria a realização pessoal de todos os quesitos da lei como condição de permanência na terra de Canaã. Todavia, a promessa salvífica de Deus de uma semente messiânica é anunciada a Adão e Eva, a Abraão, a Davi como um juramento unilateral. Nesses exemplos, Deus jura realizar o que nunca poderia ser realizado por nós. "Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado, a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Romanos 8.3-4).

Anteriormente Paulo declarara, "Não foi por intermédio da lei que a Abraão ou a sua descendência coube a promessa de ser herdeiro do mundo, e sim mediante a justiça da fé." De outra maneira, "cancela-se a promessa," visto que "a lei suscita a ira" (Romanos 4.13-15). Quando se chega ao princípio de herdar a vida eterna, lei e promessa são antitéticas; isto é o motivo recorrente nas cartas de Paulo, especialmente Romanos e Gálatas.

Isso é porque as boas novas da vinda de libertação é sempre "por amor da promessa que jurei aos seus pais." Com base na aliança do Sinai, Israel se vê condenado juntamente com o restante da família humana "em Adão." É o argumento recorrente nos profetas que continua no Novo Testamento (veja, por exemplo, Jeremias 1-3, su-

marizado em 3.9, 20, bem como no capítulo 5). É por isso que em Jeremias 31 a nova e eterna aliança é distinta da aliança no Sinai. Não mais é ordenado a Israel circuncidar seu próprio coração (Deuteronômio 10.16); Deus circundará o coração de seu povo. "Pois perdoarei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei." (Jeremias 31.34).

Tudo aquilo que Cristo alcançou por nós, sem a nossa participação na história, nos foi dado quando o Espírito Santo nos uniu a ele mediante a fé. Na teologia reformada, isto é chamado de "vocação eficaz," e produz os tesouros de nossa união com Cristo: justificação, adoção, santificação e glorificação. A distinção é dada entre vocação geral, que é universal, e vocação eficaz, mediante a qual o Espírito amolece o coração duro de seus eleitos e motiva o que foi uma vez ofensa a se tornar maravilhosamente doce e desfrutável.

De acordo com a Confissão de Westminster 10.1:

> Os que Deus chama eficazmente, também livremente justifica. Esta justificação não consiste em Deus infundir neles a justiça, mas em perdoar os seus pecados e em considerar e aceitar as suas pessoas como justas. Deus não os justifica em razão de qualquer coisa neles operada ou por eles feita, mas somente em consideração da obra de Cristo; não lhes imputando como justiça a própria fé, o ato de crer ou qualquer outro ato de obediência evangélica, mas imputando-lhes a obediência e a satisfação de Cristo, quando eles o recebem e se firmam nele pela fé, que não têm de si mesmos, mas que é dom de Deus.

A obra renovadora do Espírito, que nada mais é que "uma nova criação," não está restrita aos corações dos crentes individuais. Um dia abarcará nossos corpos — e não somente seres humanos, mas toda a criação em toda a sua amplitude e diversidade. Ainda, como Calvino comentou, por enquanto "a principal obra do Espírito é a fé."[1] O Deus trino está reunindo um povo, unido a Cristo, para o banquete final.

---

1 Calvino, *Institutas* 3.1.4 .

Eleição e vocação eficaz

Como vimos em Romanos 8:30, as Escrituras por si mesma faz a conexão entre eleição e vocação eficaz. Jesus disse, "Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça" (João 15.16). No Novo Testamento, o novo nascimento e a presença do Espírito em nossos corações são precursores da era porvir. Num sentido considerável, a consumação futura já penetrou esta era má, de modo que mesmo agora começa a tornar todas as coisas novas de dentro para fora. Isso é obra de Deus.

Os escolhidos em Cristo antes da criação do mundo, redimidos por Cristo na história, recipientes de uma herança em Cristo, e sendo selados em Cristo pelo evangelho, recebemos nossa salvação desde o começo até o fim como a obra do Pai, no Filho, pelo Espírito (Efésios 1.3-14). Com efeito, em Romanos 8 é essa realização da graciosa eleição de Deus, chamamento, justificação, e glorificação (8.29-30) que leva Paulo ao ápice da doxologia, primeiramente nos versos 31-39, e então de novo finalmente em 11.33-36.

Tudo isso significa que o evangelho não é uma experiência que temos, muito menos algo que podemos fazer a respeito. Vem até nós de fora. *Cria* novas experiências e uma transformação interior que produz boas obras, mas o evangelho por si mesmo — e a vocação eficaz do Espírito mediante esse evangelho — permanece distinto de qualquer coisa feita por nós ou dentro de nós. O evangelho é a palavra de Deus doadora de vida, criando um mundo novo do nada (Romanos 4.16-17; 1 Pedro 1.23, 25).

Àqueles a quem Deus escolheu antes da criação do mundo, ele também chama no devido tempo pelo seu Espírito (Efésios 1.4-15). A conexão entre eleição e vocação é bem atestada, tanto dentro do corpus Paulino (Romanos 9.6-24; Efésios 1.4-15; 2 Tessalonicenses 2.13-15; 2 Timóteo 1.9) e em outras partes (João 6.29, 37, 44, 63-64; 15.16, 19; Atos 13.48; 1 Pedro 1.2; 2 Pedro 1.10), e procede como a execução de uma aliança eterna de redenção dentro do contexto de uma aliança histórica de graça. Na vocação eficaz, o Espírito nos une aqui e agora ao Cristo que nos redimiu no passado.

Nós vemos o cumprimento da profecia de Jeremias por todo o livro de Atos: quando Cristo era proclamado, as pessoas respondiam com arrependimento e fé. Como quando a comerciante Lídia ouvira a mensagem de Paulo, "o Senhor lhe abriu o coração para atender as coisas que Paulo dizia," e ela e sua casa foram batizadas (Atos 16.14-15). Os acusados se tornaram justificados e então testemunhas no tribunal. Quando os Gentios em Antioquia ouviram o evangelho, "regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna" (Atos 13.48). Longe de inibir o evangelismo, a graça eletiva e regeneradora de Deus era sustentadora: "E divulgava-se a palavra do Senhor por toda aquela região" (v. 49). Aos nossos próprios cuidados, nenhum de nós receberia essa Palavra. A graça soberana de Deus garante o sucesso do evangelismo e das missões.

Vocação eficaz e a servidão da vontade

A vocação eficaz dos pecadores pelo Espírito não é somente predestinada pelo Pai, no Filho; é necessitada pela nossa condição de decaídos. Anos antes, um famoso evangelista escreveu um livro intitulado *Como Nascer de Novo,* e muitos de nós familiarizados com os sermões que têm oferecido direções similares para se alcançar o novo nascimento. Contudo, isso presume uma visão semipelagiana de nossa condição de filhos de Adão.

Nossa vontade pode somente escolher aquilo em que nossa natureza se deleita. Se nossa natureza está na servidão à descrença, então nossa vontade não é livre no que condiz a Deus. Jesus sabia porque alguns não criam: "Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia... Por causa disto, é que vos tenho dito: ninguém poderá vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido"(João 6.44, 65).

Note-se também o que Jesus falou a Nicodemos, que ninguém nem ao menos pode "ver o reino de Deus sem "nascer de novo [de cima]" (João 3:3). Quando a conversa se expande, fica claro que Jesus não está falando a Nicodemos de o que ele pode fazer para nascer de novo, mas como o Espírito realiza isso. Jesus explica, "O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde

vai; assim é todo o que é nascido do Espírito" (v. 8). O novo nascimento é uma obra misteriosa do Espírito em sua liberdade soberana, não um evento que fazemos por nós mesmos ainda mais que nosso nascimento natural.[2] Dois capítulos antes, lemos, "Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (João 1.12-13).

Por natureza, "subjugamos a verdade" à injustiça (Romanos 1.18). Não é porque somos ignorantes, mas que voluntariamente rejeitamos, distorcemos e até mesmo negamos aquilo que conhecemos de Deus pela criação (vv. 20-32). Paulo pergunta aos seus patrícios judeus, "Temos nós qualquer vantagem? Não, de forma nenhuma; pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado; como está escrito: 'Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus'" (Romanos 3.9-11).

A mente decaída está entenebrecida ao evangelho aparte do dom da fé mediante o Espírito (1 Coríntios 2.14). Crentes "[...] estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora... Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, [e mesmo] estando mortos em nossos delitos, *nos deu vida* juntamente com Cristo" (Efésios 2.1-2, 4-5, grifos nossos). Mesmo a fé pertence ao dom que livremente nos é dado pela graça de Deus (v. 5-9). Nós somos salvos *para* obras (v. 10). Portanto, salvação "não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia" (Romanos 9.16).

---

2 Refletindo pressupostos Arminianos, grande parte do evangelicalismo contemporâneo entende o novo nascimento como algo que está em nosso poder (pelo menos parcialmente) de efetuar. Especialmente na sua expressão americana, esta forma de sinergismo (regeneração cooperativa) é combinada com um aparato pragmático e quase técnico de fórmulas para nascer de novo. Por exemplo, isso pode ser visto até mesmo no título de um livro best-seller de Billy Graham da década de 1970, *How to Be Born Again* (Nashville: Nelson, 1977, 1989); cf. Billy Graham, *The Holy Spirit: Activating God's Power in Your Life* (Nashville: Nelson, 1978, 1988, 2000). Moldado pelo movimento Keswick "vida superior", esta ampla corrente de piedade evangélica contemporânea tende a tratar a pessoa e obra do Espírito como um recurso que podemos acessar, ativar e gerenciar através de várias etapas e técnicas. Para uma crítica dessa visão, ver esp. B. B. Warfield, *Studies in Perfeccionism* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 1958) , e J. I. Packer, *Keep in Step with the Spirit* (Old Tappan, NJ: Revell, 1987), 146-63.

Em nossa condição de queda, tentamos justificar a nós mesmos por presumir ainda possamos cometer pecados de tempos em tempos, somos basicamente bons "bem lá no fundo." No mínimo nossos corações estão certos. Todavia, a Escritura desavia essa perspectiva. Jeremias se lamentava, "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?" (Jeremias 17.9).

A aliança do Sinai requeria que Israel circuncidasse seu próprio coração (Deuteronômio 10.16), mas o mandamento não tinha qualquer efeito na mudança. Até mesmo nessa constituição da aliança do Sinai, Deus antecipa a desobediência de Israel e a nova aliança na qual ele circundaria seu coração e o coração de seus filhos (Deuteronômio 30.1-10).

Isso é mais claramente profetizado em Jeremias 31, onde a circuncisão dos corações por Deus de seu povo estaria baseada em seu perdão e graça somente. Os mandamentos de Deus — mesmo o mandamento de se arrepender e crer — não pode mudar os corações de modo que o povo possa obedecê-los. Mediante a lei o Espírito interiormente convence, mas somente o evangelho — o anúncio salvífico e obra de Cristo — pode absolver-nos e nos dar um novo coração. Jesus também enfatizou que a iniquidade não é a primeira de todas as ações perversas, mas que tais atos têm seu nascedouro em coração pervertido (Mateus 12.34). Não podemos mudar nosso próprio coração por um ato de vontade ou por mudar nosso comportamento.

A maioria dos arminianos concordará que não podemos fazer o mais leve movimento em direção a Deus aparte de sua graça. Já apontamos que o Arminianismo clássico no mínimo afirma o pecado original e a servidão natural ao pecado aparte da graça. Ademais, muitos que têm se identificado com essa corrente arminiana têm de fato feito este mover pelagiano.[3] Ainda mesmo no Arminianismo evangelical, a

3 Roger Olson oferece uma distinção útil entre evangélica e Arminianismo racionalista ("arminianismo do coração" e "arminianismo da cabeça", respectivamente), em sua *Arminian Theology*. Ele cita John Mark Hicks a comparação e o contraste de Arminius e Philip Limborch a este respeito: "Para Arminius, o homem é privado da real capacidade de querer o bem, mas para Limborch o homem só está privado do conhecimento que informa o intelecto, mas a vontade é plenamente capaz por si mesma, se informada pelo intelecto, do querer e do realizar algo de bom"(citado na p. 57). Olson comenta que, pelo menos indiretamente , "a interpretação de Limborch dos efeitos do pecado original é muito semelhante ao de Charles Finney" (57).

obra do Espírito está sempre condicionada pela cooperação humana. De acordo com H. Orton Wiley, "o Santo Espírito exerce seu poder regenerador somente em certas condições, isto é, em condições de arrependimento e fé."[4]

Aos ouvidos calvinistas, isso soa como ordenar a uma pessoa cega veja antes que ele ou ela seja curada da cegueira. A glória da nova aliança é que Deus dá no evangelho o que ele ordena em sua lei: a justificação e a renovação do coração e vida. Somente por causa do ato unilateral da regeneração da parte de Deus é que alguém se arrepende e crê. De modo que, apesar do Arminianismo devesse não ser igualado com o semi-Pelagianismo, ainda de fato nega que o novo nascimento é um ato unilateral da graça de Deus. Toda pessoa é graciosamente capaz de crer, e o novo nascimento é a consequência antes que a fonte de tal decisão.

Vocação eficaz ou graça irresistível?

Por que alguns que ouvem o evangelho creem enquanto outros não? Essa é uma questão com que se confronta todo cristão, em especial quando desejamos a conversão de pessoas queridas. As caricaturas se amontoam de ambos os lados desse tema. Por um lado, às vezes é pressuposto que os arminianos creem que a queda não afetou a vontade; embora enfraquecida pelo pecado, ainda somos livres para escolher ou rejeitar o evangelho aparte de qualquer assistência graciosa. Eu mostrei no capítulo 1 que isso é um equívoco, visto que no mínimo Armínio e os arminianos clássicos (evangelicais) geralmente sustentam que ninguém pode crer em Cristo aparte da graça.

Por outro lado está a caricatura de calvinismo quando se ensina que Deus arrasta as pessoas aos céus mesmo se debatendo contra sua própria vontade, enquanto nega a graça a outras que o procuram mas não foram eleitas. Como eu argumento mais adiante, a infeliz expressão "graça irresistível" — popularizada pelo "I" da "TULIP(A)" — contribui para essa caricatura. Tradicionalmente, a teologia reformada tem se referido a essa obra interior do Espírito mediante o evangelho como *vocação eficaz,* não como *graça irresistível.* "Irresistível" sugere coerção, o tipo de impacto causal que é exercido quando a força é aplicada a alguém ou alguma coisa. Como

4 Wiley, *Christian Theology*, 2:419 .

veremos, o calvinismo nega em termos explícitos que Deus coage as pessoas contra sua própria vontade, seja para crer ou para não crer.

Em tratar-se de eleição eu demonstrei que *em relação a Deus,* nossas escolhas são livres. É *em relação à nossa condição pecaminosa* que nossa vontade esta presa, com nossa natureza inteira, para a descrença e idolatria. O calvinismo também nega que Deus esteja na ação da condenação como na dos não eleitos como é na salvação dos eleitos. Não somente *pode* a graça de Deus ser resistida; é sempre resistida pelo coração decaído, ainda que o Espírito abra nossos olhos para contemplar a glória de Deus na face de Cristo. Não há momento neutro em que Deus necessite ativamente causar nossa descrença; todos nós nascemos numa condição de morte espiritual.

A vocação externa e a vocação interna, eficaz não são de fato dois eventos diferentes. É a mesma palavra proclamada, e mediante ela a fé salvadora é garantida pelo Santo Espírito, ainda que uma pessoa creia e outra não. Isso é devido à Palavra que externamente proclamada pelos lábios do pregador e efetuada nos corações dos eleitos que quer que o Espírito escolha.[5] Todos são chamados para Cristo, mas somente o rebanho ouve sua voz. O Espírito oferece o dom da fé mediante a pregação do evangelho e confirma e o fortalece mediante os sacramentos.[6] Embora alguns sejam atraídos pela luz, outros repelidos por ela. Aqueles que vêm a confiar em Cristo são representados como "mortos nos pecados" (Efésios 2.1-5), incapazes de responde até que Deus graciosamente garanta-lhes o dom da fé para livremente abraçar o que de outra maneira rejeitariam (Isaías 65.1; João 1.13; 3.7; 6.44; Atos 13.48; 18.10; Romanos 9.15-16; 1 Coríntios 2:14; Efésios 2.1-5; 2 Timóteo 1.9-10; 2.10, 19).

---

5 A escolástica Reformada Heidegger, por exemplo, escreve: "a palavra é o mesmo que o homem prega e que o Espírito escreve sobre o coração. Há estritamente uma vocação, mas a sua causa e meio é duplo: instrumental, o homem pregando a palavra exteriormente; principal, o Espírito Santo escrevê-la por dentro, no coração". Citado por Heppe Heinrich, *Dogmatics Reformed* (trad. G. T. Thompson; London: Allen & Unwin, 1950), 518. Heidegger acrescenta, "o primeiro efeito da vocação é a regeneração" (ibid.).

6 Ver, por exemplo, o Catecismo de Heidelberg , P. 65: "É somente pela fé que compartilhamos em Cristo e todas as suas bênçãos, onde , em seguida, faz que a fé procede? R. O Espírito Santo produz em nossos corações pela pregação do santo Evangelho e o confirma através de nosso uso dos santos sacramentos" (*Ecumenical Creeds and Reformed Confessions* [Grand Rapids: CRC Publications, 1988], 41).

Uma vez mais vemos o valor daquela distinção já encontrada entre habilidade natural e moral. Em Adão, nós livremente escolhemos nossa aliança com o pecado e a morte. A queda não somente destruiu nossa habilidade natural para raciocinar, observar, experimentar, e julgar, mas também nossa habilidade moral de raciocinar, observar, experimentar, e julgar nosso caminho a Deus como Senhor e Redentor. É nossa cegueira moral à palavra de Deus que nos impede de elevar os olhos aos céus e dizer, "Ó Deus sê propício a mim, pecador!" (Lucas 18.13). O problema não é o *poder* de querer e fazer, mas a determinação *moral* que queremos e fazemos pela escravidão da autonomia pecaminosa. A vontade é movida pela mente e afetos; não pode agir isolada. "Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus" (1 Coríntios 1.18).

A Segunda Confissão Helvética ensina, "Portanto, com respeito ao mal ou o pecado, o homem não é forçado por Deus ou pelo diabo, mas pratica o mal por livre vontade, e nesse aspecto ele tem a maior parte de livre vontade." Nas "coisas celestiais," ele está preso ao pecado. "Ainda que a respeito de coisas terrenas, o homem caído não é inteiramente sem entendimento." Enquanto passivo em sua regeneração, aqueles que são regenerados praticam ativamente as boas obras. "Pois eles são movidos por Deus de modo que possam fazer por si mesmos o que fazem. [...] Os maniqueístas saquearam o homem de toda atividade e fizeram dele algo como uma pedra ou um bloco de madeira. [...] Além do mais, ninguém nega que nas coisas externas tanto os regenerados como os não regenerados desfrutam de livre vontade," quando ao decidir se deixam ou não o lar. Contudo, a respeito da salvação, sua vontade é presa do pecado até que Deus aja graciosamente.[7]

Mais precisamente, a Confissão de Westminster (capítulo 11) declara:

> Quando Deus converte um pecador e transporta-o ao estado de graça, ele libera-o de sua natural escravidão sob o pecado e, por sua graça somente, capacita-o livremente a desejar fazer aquilo que é espiritualmente bom; ainda que com isso, pela razão de sua corrupção

7 Segunda confissão Helvética, cap. 9 (Free Will), em *The Book of Confessions* (Louisville: PCUSA).

> permanente, ele não o faça perfeitamente ou somente deseje aquilo que é bom, mas faz também aquilo que é mal. A vontade do homem é tornada perfeitamente e imutavelmente livre para o bem somente no estado de glória.[8]

Tais declarações refletem um consenso agostiniano, filtrado pela Reforma. A Confissão de Westminster sacramenta adicionando que Deus tem prazer "em seu tempo apropriado e aceitável, eficazmente ao chamar, por sua Palavra e Espírito," todos os eleitos "fora daquele estado de pecado e morte em que eles por natureza estão, para a graça e salvação por Jesus Cristo." Ele realiza isso pela "iluminação de suas mentes... arrancando seus corações de pedra... renovando suas vontades... e eficazmente trazendo-os a Jesus Cristo; *embora tão somente venham mais livremente, sendo feita voluntariamente por sua graça* (grifo do autor).[9]

O Sínodo de Dort afirmou que a vocação interna sempre chega à sua meta. Contudo, assim como a queda "não aboliu a natureza da raça humana", mas "distorceu-a" e a levou à morte espiritual, "assim também esta graça divina da regeneração não atua nas pessoas como se fossem blocos ou pedras; nem libera a vontade e suas propriedades ou coage uma vontade relutante pela força, mas espiritualmente revive, cura, reforma, e — *em uma maneira simultânea agradável e poderosa* — dá meia volta" (ênfase do autor).[10] A vontade é liberada, e não violada. "Se fosse compelida", diz John Owen, "seria destruída."[11]

Enquanto "graça irresistível" evoca a imagem de uma causa e efeito físico (isto é, coerção), "vocação eficaz" sugere um ato de comunicar. Se eu grito, "Fogo!" num teatro lotado, o efeito pode certamente ser poderoso (isto é, evacuando o local), mas não é o mesmo quando pessoas são forçadas a sair contra a sua vontade. De um lado, calvinistas corretamente insistem que a obra regeneradora do Espírito é mais

8 Confissão de Fé de Westminster, cap. 11.

9 Ibid., cap. 12 (Vocação eficaz).

10 Canons of the Synod of Dort (1618 – 19), Psalter Hymnal, third and Fourth head of Doctrine, art. 16, p. 106.

11 Owen, The Works of John Owen, 3:319.

que uma persuasão moral, uma tentativa gentil que pode ser complacente ou resistida. De outro lado, eles negam que essa obra seja coerciva.

Neste ponto podemos ser auxiliados por alguns expoentes da Patrística, em especial Basílio, escolhido por Calvino: "Ao Pai é atribuído o princípio efetivo do é feito, e a fonte e manancial de todas as coisas; ao Filho, sabedoria, conselho, e a organização ordenada do que é feito; mas ao Espírito é atribuído o poder e a eficácia da ação."[12] De modo que na vocação eficaz, não é uma força impessoal em ação sobre um objeto, mas o Pai comunicando a mensagem doadora de vida concernente ao seu Filho, e a eficácia (isto é, confiar em Cristo) é *introduzida em nós* pelo poder misterioso do Espírito. Portanto, respondemos ao Pai, entendendo que Cristo é e o que fez por nós, e produzindo livre anuência e confiança nas boas novas. Quando Deus diz, "Haja luz!", há luz. Contudo, como esse ato original de criar, a nova criação ocorre mediante a Palavra e o Espírito. Quando o Pai fala acerca de seu Filho, as coisas acontecem!

Na conversão de Lídia em Atos 16.14, lemos, "o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia." Aparte da obra do Espírito, nem mesmo o Pai como o orador ou o Filho como conteúdo poderiam encontrar guarida em seu coração. Não podemos ser persuadidos em direção ao reino pelo mais habilidoso retórico ou o assunto em pauta; necessitamos ser liberados de dentro para abraçar o evangelho anunciado aqui fora. Isto é porque "graça irresistível" é simplesmente a expressão errônea para a obra que nossas confissões reformadas identificam como vocação eficaz. Nas palavras dos Cânones de Dort, o Espírito permeia os mais íntimos recônditos do homem; ele abre o coração endurecido e o amolece, circuncida aquilo que estava incircunciso" e "vivifica os mortos."[13]

Essa é a linguagem de Jeremias 31. Não é mera "persuasão moral," como se, "depois que Deus efetuasse a Sua parte, ainda restaria ao poder humano ser regenerado ou não." Ademais, nem é coercitivo. Antes, é "uma obra sobrenatural, muito poderosa, e ao mesmo tempo muito deleitosa, espantosa, misteriosa e inefável; nada

12 Calvino, *Institutas* 1.13.18.

13 Canons of the Synod of Dort, third and Fourth heads, art. 11, 104.

inferior em eficácia à criação ou a ressurreição dos mortos."[14] Não é sem razão que o Novo Testamento compara a regeneração a esses eventos miraculosos.

A Palavra de Deus não é, portanto, somente um discurso do Pai concernente ao Filho, que então nós fazemos eficaz por nossa própria decisão, mas ação instrumental mediante a qual o Espírito traz para dentro de nós a resposta correspondente. É uma Palavra *executora.* Na vocação eficaz, o Espírito descortina para nós o mundo que a Palavra não somente *descreve,* mas *leva a cabo à existência.* Por essa Palavra, o Espírito atua não somente para propor, fascinar, convidar, e atrair, mas realmente mata e faz viver, arrebatando pecadores de sua identidade "com Adão" para as riquezas de sua herança em Cristo. Expectadores se tornam participantes no drama em curso. Quando *Deus* é o dramaturgo, no comando tanto do enredo (redenção) como do elenco (vocação eficaz), podemos concluir que neste caso pelo menos, a "nova criação" é simultaneamente efetiva e não coercitiva.[15]

Vocação eficaz, portanto, não ocorre aparte dos meios. Deus nos conduz à fé mediante a proclamação do evangelho. Tal proclamação não pode ser confundida como exortação moral. É um anúncio poderoso. Nem é mera instrução doutrinal, mas mediante ela o Espírito cria o mundo do qual o Pai fala pelos lábios de seus ministros. "A palavra de Deus é viva e ativa" (Hebreus 4.12). Somos relembrados de Isaías 55.10-11:

> Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca; não voltará para mim vazia, mas fará o que apraz e prosperará naquilo para que a designei.

---

14 Ibid., 105.

15 Por esta razão, teologias antropomórficas (como Moltmann) realmente acabam por aprofundar o esquema causal, como se Deus (ou cada pessoa divina) fosse um sujeito humano agindo sobre ou em relação a outro . A onisciência, a onipresença, a sabedoria, a eternidade, a imutabilidade, bem como a Trindade, garantem que sua onipotência não é como o demasiadamente excessiva de uma pessoa por outra .

No evangelho, Cristo não é somente prometido; ele é a promessa. "Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele o sim; porquanto também por ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio" (2 Coríntios 1.20). Destarte, nós que estamos acostumados a cantar a canção de Walt Whitman "Song of Myself" [Canção de mim mesmo] encontra em nós um intenso tom diferente. Uma vez que "toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça" (Romanos 1.18) são levados para dentro da história que Deus está dizendo ao mundo, encontram-se "renascidos, não de semente corruptível, mas de incorruptível, pela palavra de Deus, a qual vive e permanece." Porque "toda a carne é como a erva, e toda a sua glória como a flor da erva. Secou-se a erva, e caiu a sua flor; mas a palavra do Senhor permanece para sempre. E esta é a palavra que vos foi evangelizada." (1Pedro 1.23, 25b). Pedro acrescenta:

> Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável e imarcescível, reservada nos céus para vós, que pelo poder de Deus sois guardados, mediante a fé, para a salvação que está preparada para se revelar no último tempo (1 Pedro 1.3-5)

Conversão

É de fundamental importância distinguir o novo nascimento (ou vocação eficaz) de conversão. No primeiro caso, somos passivos: posta em prática e interiormente pelo Deus trino mediante evangelho. No segundo somos ativos (sendo "ativados" pela graça), uma vez que somos levantados da morte espiritual para a vida eterna. Se não conseguirmos distinguir esses "momentos", facilmente cairemos no erro arminiano de pensar, que arrependimento e fé são a causa do novo nascimento, ou ainda o erro hipercalvinista de pensar, que o novo nascimento precede a nossa resposta, não resta lugar para este último.

O novo nascimento produz o fruto de arrependimento e fé, e não o contrário. Nós ouvimos o evangelho e o Espírito cria a fé em nossos corações para abraçá-lo. No entanto, em nossa conversão somos ativos. "No pacto da graça, isto é, no evangelho", observa Bavinck, "não há realmente nenhuma exigência e nenhuma condição. Pois Deus supre o que ele exige. Cristo realizou tudo, e apesar de não realizar o renascimento, a fé e o arrependimento em nosso lugar, ele os adquiriu para nós, e, portanto, o Espírito Santo os aplica." Ao mesmo tempo, ainda existem mandamentos na Bíblia, incluindo o mandamento de se arrepender e crer. No entanto, mesmo estes vêm a nós não como condições que devemos cumprir, mas como dons que Deus promete dar.

> O pacto da graça, portanto, é realmente unilateral: ele procede de Deus; ele o concebeu e o definiu. Ele mantém e o implementa. É uma obra do Deus trino e está totalmente concluído Chamado e manteve (vocação eficaz e perseverança) entre os Três próprias pessoas. *Mas ele está destinado a se tornar bilateral*, para ser consciente e voluntariamente aceito e mantido por seres humanos no poder de Deus (grifo nosso).[16]

Somos receptores passivos de nossa justificação e renovação, mas o objetivo não é deixar-nos em silêncio e inertes, é para trazer de volta a nossa voz, para que possamos nos juntar ao coro de louvor à gloriosa graça de Deus, para nos dar um coração de gratidão, as pernas que andam, as mãos que se dão aos necessitados.

Na conversão (ao contrário de regeneração), nos é dito, "trabalhai a vossa salvação com temor e tremor, pois é Deus quem efetua em vós tanto o querer como o realizar a sua boa vontade" (Filipenses 2.12-13). Isso não significa que, na conversão muda-se a salvação da graça soberana de Deus em Cristo para a nossa atividade e cooperação, mas que a salvação que foi dada é trabalhada por esse mesmo Espírito, através do mesmo evangelho, em um verdadeiro relacionamento em que nós nos tornamos parceiros da aliança, que agora estamos vivos para Deus

16 Bavinck, Reformed Dogmatics, 3:230.

em Cristo. Aparte de nosso arrependimento e fé, não há justificação ou união com Cristo. No entanto, mesmo essa resposta humana é um dom do Espírito Santo por meio do evangelho.

Será que isso significa que somos monergistas ao ponto de agir na regeneração e justificação, apenas para se tornar sinergistas depois? Não em absoluto. Nossa fé e obediência grata não são apenas respostas para o presente de Deus, mas são produzidos em nós do início ao fim pela mesma graça de Deus, no novo nascimento, o Espírito nos dá a fé para se apegar a Cristo, um ato que envolve o intelecto, mas é mais que uma questão do coração, como diz Calvino, "o conhecimento da fé consiste em garantia em vez de compreensão."[17] Este dom de um coração novo é ainda maior do que uma mudança de mente. A obra do Espírito é digna de louvor, especialmente na confirmação do coração no evangelho, conforme Calvino, uma vez que "a desconfiança do coração é maior do que a cegueira da mente."[18]

Para o mundo incrédulo uma espécie de felicidade superficial e bem-estar geral cheio de entretenimentos, mas sem qualquer enredo de verdade esconde o medo da morte. Aparte da graça de Deus, não podemos chegar a um acordo suficiente com a nossa ferida mortal, ou entrar na festa e alegria genuína do reino de Deus. Negar o nosso pecado (e não apenas *os pecados*, mas nossa condição pecadora), não sentimos a necessidade de arrependimento, pelo menos a profunda mudança de mentalidade que nos faz repensar tudo em nosso relacionamento com Deus. Como a geração que Jesus comparou às crianças que jogam o jogo fúnebre (o ministério de arrependimento de João Batista) e do jogo de casamento (ministério de Cristo de dança e alegria), não sabemos como a chorar ou rir.

Cristo não veio para melhorar nossas vidas, o "velho homem", para usar o vocabulário de Paulo, mas para crucificá-lo e enterrá-lo com ele, para que possamos ser ressuscitados em novidade de vida (Romanos 6.1ss). Arrependimento (*metanoia*) significa "mudança de mente". É tratado nas Escrituras como o primeiro de todo o conhecimento do pecado produzido pela lei (Romanos 3.20). No discurso de Jesus no cenáculo, o Espírito é um procurador enviado para nos convencer interiormente da

17 Calvin, Institutes 3.2.14.

18 Ibid., 3.2.36.

justiça de Deus e de nossa injustiça (João 16.8-11). Esse conhecimento, no entanto, não é meramente intelectual, mas emocional — que envolve a pessoa inteira.

Na confissão de Davi, no Salmo 51.1-9, vemos os elementos do arrependimento. Primeiro, ele reconhece a justiça do julgamento de seu pecado de Deus. O que o torna mais do que um erro ou modo de viver de acordo com seu potencial, ou mesmo se envolver em comportamento antissocial, é o fato de que seu pecado contra Bate-Seba e seu marido, é antes de tudo um pecado contra Deus. Em segundo lugar, ele não chafurda-se na culpa, mas se transforma em fé para o livre perdão de Deus:

> Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo do que a neve. Faze-me ouvir júbilo e alegria, para que se regozijem os ossos que esmagaste. Esconde o teu rosto dos meus pecados, e apaga todas as minhas iniquidades (Salmos 51.7-9).

Como Paulo observa, "tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação que a ninguém traz pesar, mas a tristeza do mundo produz morte" (2Coríntios 7.10). Afinal de contas, "a bondade de Deus é para levá-lo ao arrependimento" (Romanos 2.4). Embora a lei produz um *arrependimento legal* (medo do julgamento), o evangelho engendra um *arrependimento evangélico* que produz o fruto de uma verdadeira mudança. Davi se viu fora de si mesmo frente ao seu Deus misericordioso. Aqui vemos a ligação mais próxima possível entre arrependimento e fé. Por si só o arrependimento é apenas a experiência da condenação — até que se olhe pela fé a Jesus Cristo.

Apesar de o próprio arrependimento ser uma mudança decisiva de mente, o que conduz a que a Escritura chama de "frutos dignos de arrependimento" (Mateus 3.8) ou "feitos de acordo com o seu arrependimento" (Atos 26.20; cf. Mateus 7.16; Lucas 3.9; 8.15; João 12.24; Romanos 7.4; Gálatas 5.22; Colossenses 1.10). Nesse sentido, é claro, o arrependimento é sempre parcial, fraco e incompleto nesta vida. Nem é um ato único. Como a primeira das noventa e cinco teses de Lutero afirma: "Nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo, declara: "arrependei-vos", pretende-se que toda a vida dos fiéis fosse penitência".

O Espírito nos leva ao arrependimento por nos convencer do pecado pela lei, o evangelho nos leva a fé em Cristo, e esta fé produz em nós um ódio de nosso pecado e um desejo de justiça. Desde que a nossa tendência mesmo como crentes ainda está sempre a se voltar a nós mesmos e confiar em nosso arrependimento, é preciso sermos conduzidos novamente ao desespero de nossa justiça, bem como os nossos pecados pela lei e agarrar-se a Cristo. Portanto, esta não é uma transição de uma vez por todas do arrependimento legal à fé em Cristo, ao arrependimento evangélico, mas um ciclo perpétuo que define a vida cristã.

Conforme a Escritura, não é as nossas lágrimas, mas o sangue de Cristo que satisfaz o julgamento de Deus e estabelece a paz com Deus (Romanos 5.1, 8-11). Nas palavras do familiar hino "Rocha das Eras":

> Nem os trabalhos de minhas mãos podem cumprir as exigências da tua lei;
> Poderia meu zelo saber apaziguar,
> Poderia minhas lágrimas fluir para sempre,
> Tudo no pecado não poderia expiar;
> Tu deves salvar, e só tu.

Deus cura os ossos que ele esmaga e levanta aqueles a quem ele deitou abaixo. "Mas ele dá maior graça. Por isso, diz: 'Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes'" (Tiago 4.6). A lei começa com arrependimento por nos convencer do pecado, mas somente o evangelho pode nos levar a afirmar corajosamente a promessa de Deus a Davi: "Deixa-me ouvir júbilo e alegria, deixe os ossos que tu quebraste se alegrar. Esconder teu rosto dos meus pecados e apaga todas as minhas iniquidades" (Salmos 51.8-9).

Conversão inclui não só o arrependimento, mas a fé. Preso, acusado e indiciado, em arrependimento nos afastamos *de* nós mesmos — nossas falsidades, os nossos pecados, e a nossa reivindicação fraudulenta de justiça — e na fé temos de olhar *para* Cristo para a salvação e para todo dom espiritual. Podemos colocá-lo de maneira diferente, em arrependimento confessamos (com David) que Deus é justi-

ficado em sua sentença contra nós, e é na fé que recebemos a justificação de Deus. Mortos para o pecado e vivos para Cristo, de uma vez por todas na regeneração (Romanos 6.1-11), somos chamados a morrer diariamente para o nosso velho homem e viver diariamente pelo "dom gratuito de Deus", que "é eterno vida em Cristo Jesus nosso Senhor" (6.12-23).

A fé não é apenas uma experiência subjetiva ou atitude positiva. Não é uma ilusão. A fé é apenas tão boa quanto o seu objeto. Em hebraico, isso significa dizer "amém" à Palavra de Deus, ou a refugiar-se e apoiar-se nele. No Novo Testamento, a fé é confiar em Cristo através do testemunho de seus apóstolos (2 Coríntios 4.13; Filipenses 1.27; 2Tessalonicenses 2.13; especialmente em João). Mais frequentemente ainda, é especificamente exibida como a fé em Jesus e sua Palavra declarativa (João 4.50; 5.47; Romanos 3.22, 25; 5.1-2; 9.30-32; Gálatas 2.16; Efésios 2.8; 3.12), uma dependência confiante em Jesus Cristo (*em* Marcos 1.15, João 3.15, Efésios 1.13; *epi* mais dativo: Isaías 28.16, citado em Romanos 9.33; Lucas 24.26; Romanos 10.11,1; Timóteo 1.16; 1 Pedro 2.6; cf. Atos 16.34; Romanos 4.3, 2 Timóteo 1.5,12). O uso de *epi* com o acusativo ou *eis* com o acusativo ("em") enfatiza a transferência de confiança de nós mesmos a Deus em Cristo (João 2.11; 3.16, 18,36; 14.1; Romanos 10.14; Gálatas 2.16; Filipenses 1.29, etc.). Essa fé é descrita como olhando para Cristo (João 3.14-15, com Números 21.9), fome, sede e beber (Mateus 5.6, João 4.14; 6.50-58); vir e receber (João 1.12 ; 5.40; 7.37-38; 6.44,65). Nesses casos (além de muitos outros) ressaltam o papel da fé no *ato de justificação* como um receptor passivo e descansando em Cristo. No entanto, a fé do justificado também é ativa em boas obras (Tiago 2.26).

A fé é a mesma em ambos o Antigo e Novo Testamentos, tanto em seu ato e objeto. Na verdade, Abel, Noé, Davi, e de outras figuras do Antigo Testamento são tratadas no Novo Testamento como exemplos de pessoas que tiveram fé em Cristo (especialmente Hebreus 11). Abraão é especialmente paradigmático como aquele que foi justificado pela fé e é o pai de todos os que têm fé em Cristo (Romanos 2.28-29; 4; Gálatas 3; Hebreus 11.8-19; Tiago 2.14-26). Por todo o Novo Testamento esta continuidade é assumida (João 5.46; 12.38-39; Romanos 1.17; 10.16; Gálatas 3.11; Hebreus 10.38; cf. Habacuque 2.4). Como Berkhof nos lembra, "a promulgação da lei

não efetuou uma mudança fundamental na religião de Israel, mas apenas introduziu uma mudança na sua forma externa. A lei não foi substituída pela promessa; nem foi suplantada a fé pelas obras."[19]

Legalistas de Paulo entenderam mal a verdadeira natureza da lei: para nos conduzir a Cristo, não para nos levar a autoconfiança. O mandamento por fé não liga a fé a uma obra. Ao contrário, é um mandamento para cessar nossas obras e entrar no descanso de Deus (Hebreus 4). "Assim como a graça de Deus se manifestou" (Tito 2.11), assim Paulo também fala da fé como chegar: "agora, antes que viesse a fé, estávamos mantidos em cativeiro nos termos da lei, presos até a vinda fé fosse revelada." Porque "Cristo veio", a "fé veio" (Gálatas 3.23-25). Novamente, isso não pode significar que os santos do Antigo Testamento não foram justificados pela fé — especialmente uma vez que este mesmo capítulo ressalta continuidade a este ponto. Em vez disso, o contraste para Paulo reside no fato de que a antiga aliança (Sinai) foi uma forma externa de governo para a nação que estabelecia práticas cultuais e legais que claramente apontavam para Jesus Cristo (daí, o contraste entre os "dois pactos" em 4.21-31). No entanto, esta aliança do Sinai nem poderia substituir a aliança Abraâmica da graça (Gálatas 3.15-18).

Sem descurar a continuidade da fé em Cristo a partir de Abraão (na verdade, a partir de Adão e Eva, depois da queda) para o presente, o Novo Testamento também anuncia que algo novo está nascendo. A própria lei não poderia criar a fé, esperança ou amor, mas por causa do pecado só poderia colocar o mundo na prisão aguardando o redentor (Gálatas 3.22-23), ou sob um guardião aguardando a sua maturidade, a fim de receber a herança (v. 24). Em todo o livro de Atos, Cristo é anunciado e a resposta apropriada é arrependimento e fé. Em Hebreus, os grandes pais e mães de Israel são elogiados por sua fé na promessa, mesmo que ainda não tenham visto o seu cumprimento (Hebreus 11.1-12). Moisés e seus seguidores libertados, de acordo com Paulo, "beberam da rocha espiritual que os seguia, e a pedra era Cristo" (1 Coríntios 10.4). Com efeito, da geração do deserto é dito ter "colocado Cristo à prova", quando se rebelaram (v. 9) .

---

19 Calvino, *Institutes* 20. Agostinho, "On The Gift of Perseverance," em Philip Schaff, ed., *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, vol. 5: Anti-Pelagian Writings* (Edinburgh: T&T Clark, repr. 1991), cap. 16.

Perseverança dos santos — ou perseverança de Deus para com os santos

A doutrina distintiva final do Calvinismo (embora seja, na realidade, não menos importante do que a justificação, santificação e glorificação) é a perseverança dos santos. Nas palavras de Agostinho, "essa graça [Deus] colocou em Cristo, em quem temos obtido muito, havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas. E, assim como ele opera para que cheguemos a ele, de igual modo ele opera que não nos afastemos."[20]

Recordemos a corrente de ouro da qual começamos este capítulo: "e aos que predestinou, também os chamou, e aos que chamou, também os justificou, e aos que justificou, também os glorificou" (Romanos 8.30). Paulo não diz simplesmente que algumas das pessoas que predestinou, chamou, e justificadas, também serão glorificadas. Na verdade, ele mesmo coloca a glorificação no passado, bem como, sublinhando a sua certeza para todos os eleitos. O apóstolo imediatamente acrescenta:

> Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou o seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como se ele não também com ele nos dará graciosamente todas as coisas? Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? Deus é quem justifica. Quem os condenará? Cristo Jesus é quem morreu, mais do que isso, que foi ressuscitado, que está à mão direita de Deus, e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito:
>
> "Por amor de ti somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro."
>
> Não, em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque estou certo de que nem a

20 ibid. , 3.2.36 .

> morte, nem a vida, nem os anjos, nem os governantes, nem o presente nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus em Cristo Jesus nosso Senhor. (Romanos 8.31-39)

Paulo esquadrinha sua mente para cada possível ameaça à nossa segurança em Cristo, se a oposição celestial ou terrena, se a oposição interna ou externa, e conclui com essa garantia gloriosamente absoluta e irrestrita: nada pode nos separar do amor de Deus em Cristo.

Batizados em Cristo: O triunfante indicativo que produz imperativos razoáveis

Na língua grega há (entre outros) dois modos distintos: o modo *indicativo*, que é declarativo, simplesmente descreve um determinado estado de coisas, e o modo *imperativo*, que estabelece comandos. Por exemplo, em Romanos, Paulo explica que primeiro os crentes estavam em Adão e qual é o seu novo status em Cristo (justificação), e então raciocina deste indicativo aos imperativos como uma conclusão lógica: "nem ofereçais os vossos membros ao pecado como instrumentos para a injustiça, mas oferecei-vos a Deus, como aqueles que foram trazidos da morte para a vida" (Romanos 6.13). Ele conclui com outro imperativo (comando), mas desta vez é realmente um indicativo: "Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça" (v. 14). Isso parece tão contraditório à nossa razão moral como a sua afirmação anterior de que Deus "justifica o ímpio" (Romanos 4.5). O juiz declara o injusto ser justo? E como pode o apóstolo nos dizer que o pecado não tem mais domínio sobre nós, porque não estamos debaixo da lei, mas debaixo da graça? Não é o papel da religião para dar às pessoas a instrução moral, de modo que elas deixarão de ser dominadas por seus hábitos pecaminosos?

Embora, quão contraditório isso possa parecer à nossa maneira natural de pensar, Paulo diz que o evangelho é a resposta não só para a nossa culpa e conde-

nação, mas para a nossa corrupção e a escravidão do pecado. Em seu hino, "Rock of Ages", Augustus Toplady fala do evangelho como "a dupla cura", nos salvar tanto da culpa e do poder do pecado. No ato da justificação, obras e graça são totalmente opostas. No entanto, uma vez que nossas pessoas são justificadas, assim também as nossas obras podem ser "salvas", apesar de suas imperfeições. *A fé que recebe a Cristo, sem as obras para a justificação também recebe a Cristo para as obras em santificação.* Só quando o fruto da fé baseada na graça, as boas obras são possíveis. A tirania do pecado sobre a sua vida foi derrubada; portanto não vive como se isso não tivesse acontecido, esta é a ordem da lógica Paulina. Com efeito, apresentar nossos corpos como um sacrifício vivo, de acordo com Paulo, é "seu serviço [*logikēn*] razoável" à luz das "misericórdias de Deus" que foram exploradas até esse ponto (Romanos 12.1). É a boa notícia que produz boas obras.

De todos os outros elementos da *ordo salutis*, deve ser óbvio que não apenas alguns, mas todos aqueles que são escolhidos em Cristo, redimidos por Cristo e chamados à união com Cristo recebem todas as bênçãos, inclusive a glorificação (Romanos 8.30). Jesus assegurou aos seus discípulos e todos àqueles a quem ele veio para salvar, àqueles que foram dados a ele pelo Pai, serão ressuscitados para a vida eterna — inclusive nós — que no último dia, *sem exceção* (João 6.37-39; 10.27-30).

Se já "agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Romanos 8.1), unicamente com base na justiça de Cristo imputada, em seguida, uma reversão da sentença do tribunal é impossível. Esse veredicto já colocou em movimento o processo de renovação interior, como o crente já foi inserido pelo Espírito nos poderes do mundo vindouro. "Portanto, se alguém está em Cristo, é uma nova criação, as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo. Tudo isto provém de Deus, que por meio de Cristo nos reconciliou consigo mesmo" (2 Coríntios 5.17-18).

Até mesmo a nossa santificação é o resultado de "o poder [de Deus] que opera em nós" (Efésios 3.20), e não apenas a nossa justificação, mas a nossa caminhada em boas obras está predestinada por Deus (Efésios 2.10). "Todos quantos estavam ordenados para a vida eterna" (Atos 13.48). Deus chama aqueles a quem ele escolheu (João 15.16; Efésios 1.11-13; 2 Tessalonicenses 2.13, etc.). Não há indicação nas

Escrituras de que Deus chama eficazmente (isto é, se regenera) aqueles a quem ele não escolheu, ou que ele chama em união vital com seu Filho, aqueles a quem ele permite finalmente perecer. A perseverança do crente é garantida pela perseverança de Deus, de modo que Paulo pode dizer: "Eu tenho certeza disso, que aquele que começou a boa obra em vós irá trazê-la à conclusão no dia de Cristo Jesus" (Filipenses 1.6) e a Timóteo, ele escreve: "Mas eu não me envergonho, porque sei em quem tenho crido, e estou convencido de que ele é poderoso para guardar até aquele dia o que me foi confiado" (2 Timóteo 1.12). Deus faz o que ele declara. Quando ele pronuncia alguém justo em Cristo, ele imediatamente começa também a conformar essa pessoa a Cristo, a quem ele se uniu. A parreira que tenha sido escolhida e enxertada em Cristo não pode deixar de dar frutos duradouros (João 15.16). Justificação, santificação e glorificação são dons inseparáveis de nossa união com Cristo através do mesmo ato de fé.

Se a nossa regeneração é consequência da eleição, redenção e vocação eficaz de Deus (João 1.12-13; 3.3,5; 15.16; Romanos 9.11-18; Efésios 1.4-13; 2 Tessalonicenses 2.12-13; 2Timóteo 1.9, etc.), em vez de nossa decisão e esforço, então ele é capaz de terminar o que ele começou. Sim, há oposição. "Todavia o Senhor é fiel; ele vos confirmará e guardará do Maligno" (2 Tessalonicenses 3.3). Paulo escreve:

> Portanto, tudo suporto por causa dos eleitos, para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus com glória eterna.
>
> O dito é de confiança, pois:
>
> Se já morremos com ele, também com ele viveremos; se perseverarmos, também reinaremos com ele, se o negarmos, ele também nos negará; se somos infiéis, ele permanece fiel — pois ele não pode negar a si mesmo. (2 Timóteo 2.10-13.)

Pedro também acrescenta que nos foi dada "uma herança que é imperecível, imaculado, e imarcescível, reservada nos céus para vós, que pelo poder de Deus

sois guardados, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo" (1 Pedro 1.4-5). Por esta razão, "a sua fé e esperança estão em Deus" (v. 21). "Pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, qual vive e é permanente" (v. 23). É claro, deixados a nossa própria mercê para nós, não só poderia, mas cairíamos de graça, mas Deus "é poderoso para vos guardar de tropeçar" (Judas 24).

O perigo da apostasia

A imagem da videira e dos ramos que serve de relacionamento de Israel ao Senhor no Antigo Testamento também é evocada no Novo Testamento. Cristo é a videira que dá a vida, e nós somos os seus ramos frutíferos (João 15.1-11; cf. Mateus 13.24-30; 17.20; 20.1-6). Assim, o membro do Novo Testamento do pacto da graça está na mesma posição de um membro do pacto no Antigo Testamento: exteriormente recebido por Cristo como pertencente ao seu povo, cada membro deve interiormente receber a Cristo como seu Salvador. Assim como João Batista e Jesus alertaram quanto ao rompimento de ramos improdutivos e o Pentecostes iniciou o cumprimento da festa anual judaica da colheita, ou ceifa, Paulo pode falar dos gentios como ramos bravos enxertados na videira viva de Israel, que pode também ser interrompida se não produzir o fruto da fé (Romanos 11.16-24). Assim, há ramos mortos e vivos: os que estão relacionados apenas exteriormente e visivelmente, e aqueles que estão unidos a Cristo por dentro e invisivelmente na comunhão dos eleitos.

Assim a apostasia não é apenas hipotética, mas realmente acontece. Mesmo se formos infiéis, "ele permanece fiel, pois não pode negar a si mesmo." No entanto, no mesmo fôlego Paulo adverte que "se o negarmos, ele também nos negará" (2 Timóteo 2.11-13). Jesus advertiu que o Pai 'tira' "Toda vara que está em mim que não dá fruto" (João 15.2); no entanto, ele diz a seus discípulos, já estais limpos pela palavra que vos tenho falado a vós. [...] Vós não me escolhestes a mim mas eu vos escolhi a vós e vos designei para que vades e deis fruto, *e o vosso fruto permaneça*" (15.3,16, grifo nosso). O evangelho é proclamado publicamente a todas as pessoas, mas somente os eleitos o recebem, diz Jesus (Mateus 22.14).

Da mesma forma, em Romanos 9 Paulo aborda a questão provocada pela incredulidade da maioria dos judeus, explicando, "E não pensemos que a palavra de Deus haja falhado, porque nem todos os de Israel são, de fato, israelitas; nem por serem descendentes de Abraão são todos seus filhos" (9.6-7a). Deus sempre exerceu a sua misericórdia soberana, elegendo Isaque em vez de Ismael e Jacó ao invés de Esaú, "embora eles ainda não houvessem nascido e não tivessem feito nada bom ou mau — para que o propósito da eleição de Deus continuasse, não por causa das obras, mas por causa daquele que chama" (v. 11). Portanto, nossa perseverança na fé é garantida por Deus eleger, redimir, e chamar à graça. "Assim, pois, não depende da vontade ou esforço humanos, mas de Deus, de exercer misericórdia" (v. 16).

Ainda que Pedro negara Cristo três vezes, Jesus Cristo não apagou o pavio fumegante ou quebrou o caniço rachado, mas trouxe de volta à fé pelo seu Espírito depois da ressurreição. No entanto, aqueles que negam a Cristo até o fim, mesmo que talvez tenham sido aparentemente membros da igreja visível, estão perdidos porque eles nunca foram membros vivos mediante a fé. "Eles saíram de nosso meio", diz João sobre aqueles que negam a Cristo, "entretanto não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia se foram, para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos. E vós possuís unção que vem do Santo, e todos tendes conhecimento" (1 João 2.19-20).

É por isso que o escritor aos Hebreus adverte os cristãos judeus durante tremenda perseguição a não retornar ao judaísmo, apelando ao exemplo da geração do deserto sob Moisés:

> Porque também a nós foram anunciadas as boas-novas, como se deu com eles; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé naqueles que a ouviram. Nós, porém, que cremos, entramos no descanso, conforme Deus tem dito: Não entrarão no meu descanso. Embora, certamente, as obras estivessem concluídas desde a fundação do mundo...Portanto, resta ainda um repouso sabático para o povo de Deus, para quem entrou no descanso de Deus também descansou de suas obras, como Deus das suas. (Hebreus 4.2-3,9-10)

Entrar naquele descanso significa não só ouvir, mas crer no evangelho (Hebreus 4.1-11).

Nesta luz somos mais capazes de compreender as terríveis advertências contra a apostasia em Hebreus 6. O escritor descreve aqueles que pertencem apenas exteriormente à comunidade da aliança como "aqueles que uma vez foram iluminados, e *provaram* o dom celestial, e terem compartilhado o Espírito Santo, e *provaram* a bondade da palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e depois caíram" (Hebreus 6.4-6a). Aqueles que apostatarem foram beneficiados pelo ministério do Espírito mediante os meios de graça, mesmo quando meramente formais ou externos membros da comunidade da aliança. Tendo sido batizados ("iluminados"), eles também "provaram o dom celestial" na Ceia e "*provaram* a bondade da palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro" (Hebreus 6.4-5), mas eles realmente não tinham recebido ou foram *alimentados* em Cristo para a vida eterna, que Jesus está ligado à fé (João 6.27-58,62-65).

De acordo com Hebreus 6, então, aqueles que apostatarem, retornando às sombras da lei depois de que Cristo chegou estão, basicamente, "crucificando novamente o Filho de Deus para o seu próprio dano e expondo-o à ignomínia" (Hebreus 6.6). Pertencer à igreja visível é estar no centro da ação do Espírito de unir os pecadores a Cristo através dos meios de graça. É um benefício enorme, mas é também uma ameaça maior para aqueles que realmente não confiarem em Cristo. "Porque a terra que absorve a chuva que frequentemente cai sobre ela, e produz uma colheita útil para aqueles por quem cuja causa é cultivada, recebe bênção da parte de Deus. Mas se produz espinhos e abrolhos, é rejeitada e perto está da maldição, e seu fim é ser queimada" (vv. 7-8). As bênçãos da aliança conduzem *ordinariamente* à salvação, mas quando em vez, alguém endurece seu coração para essas bênçãos e não recebe o Cristo que concede a elas, elas se tornam maldições.

Felizmente, esta severa advertência é seguida pelo encorajamento do versículo 9: "Quanto a vós outros, todavia, estamos persuadidos das *coisas que são melhores e pertencentes à salvação*, ainda que falamos desta maneira" (Hebreus 6.9, grifo nosso). Essa salvação é exibida no caso de estes que são realmente salvos pelo fruto que ela produz (vv. 10-12). O escritor, em seguida, passa a assegurar-lhes o caráter

imutável da promessa de Deus em Jesus Cristo, para que "nós que já corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta" (v. 18). De modo que, essas passagens de aviso alcancem aqueles que são membros visíveis da comunidade da aliança (crentes professos e seus filhos), em certo sentido, beneficiando-se do ministério do Espírito, que, no entanto, não conseguiram abraçar o dom da salvação.

Envolver outras visões

Defendida por Agostinho em seu *Tratado sobre a Perseverança dos Santos*, esta doutrina é ensinada não só nas confissões Reformada e Presbiteriana, mas também nos trinta e nove artigos (Anglicanos), a Declaração de Savoy (Congregacional) e na confissão de Londres/Philadelphia (de batistas calvinistas).[21]

Desafios a essa doutrina geralmente aparecem em duas formas gerais. A primeira forma é o sinergismo, que significa "trabalhar em conjunto"; este ponto de vista sustenta que a salvação é alcançada através de um processo de cooperação entre Deus e os seres humanos. Representantes dessa perspectiva não são, portanto, nem totalmente Pelagianos nem Agostinianos, mas variam em algum lugar entre essas posições. Embora com suas próprias ênfases distintas, a Ortodoxia Oriental, o Catolicismo Romano, e o Arminianismo são sinérgicos, ensinando que a segurança do crente depende, pelo menos em certa medida, da sua própria cooperação com a graça de Deus, e esta graça pode ser finalmente perdida.[22]

Para tais, as passagens de alerta se referem àqueles que foram regenerados, justificados, e até mesmo no processo de serem santificados, mas em algum momento perderam sua salvação através de incredulidade e graves pecados (mortais). De acordo com o Catecismo da Igreja Católica, "os filhos de nossa santa mãe Igreja, com razão, esperam a graça da perseverança final e a recompensa de Deus, seu Pai pelas boas obras realizadas com sua graça em comunhão com Jesus."[23]

---

21 Berkhof, *Systematic Theology*, 498.

22 *Institutas* 3.2.14.

23 Para uma defesa bem recente dessa doutrina, consulte Thomas R. Schreiner and Ardel B. Caneda , *The Race Set Before Us: A Biblical Theology of Perseverance and Assurance*

O quinto ponto dos artigos Remonstrantes ([queixosos] arminianos) ensina:

> Eles que estão unidos a Cristo pela fé são, assim, equipados com força abundante e socorro suficiente para permitir a triunfar sobre as seduções de Satanás, e as seduções do pecado, no entanto eles podem, pela negligência desses socorros, cair da graça, e, morrendo em tal estado, podem finalmente perecer. Este ponto teve seu início marcado pela dúvida, mas depois positivamente como uma doutrina resolvida.[24]

Nem o Católico Romano e o Ortodoxo, nem a visão Arminiana é Pelagiana. Todas insistem na necessidade da graça, mas essa graça é considerada como realizando a salvação final meramente possível, torna-se eficaz somente na medida em que o crente coopera com os seus poderes em si infundidos.

Se essas visões rivais de perseverança representam uma sinergia constante, uma outra visão importante pode ser identificada como *Sinergismo Inconstante*. Geralmente conhecida como *segurança eterna*, essa visão parece em alguns aspectos indistinguíveis da perseverança dos santos. No entanto, pelo menos, uma vez que é articulada por muitos dos seus principais proponentes, essa visão localiza segurança na decisão do crente a aceitar a Cristo.[25] Ainda que cristãos genuínos possam deixar de crescer em sua santificação e perseverar em sua fé, na verdade — eles nunca podem de fato começar a produzir o fruto da justiça — a eles é dada a garantia da vida eterna. Tais "cristãos carnais" podem deixar a igreja, até mesmo negar a Cristo, e, assim, perder as bênçãos de viver como cristãos "vitoriosos", bem como as recompensas na outra vida para o serviço fiel, mas eles serão salvos, ainda que "apenas como pelo fogo" (1 Coríntios 3.15).[26]

(Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001).

24 William B. Pope, *A Compendium of Christian Theology*, 3:137-47. Uma defesa contemporânea da posição Arminiana dominante pode ser encontrada em Shank, *Elect in the Son*.

25 Veja *Catechism of the Catholic Church*, 489.

26 Citado por Wiley, *Christian Theology*, 351.

Embora os defensores muitas vezes representam essa posição como *calvinista moderada*, é mais apropriadamente identificados como *Arminianismo moderado*. Por isso é que eu identifiquei como "sinergismo inconstante". Afinal de contas, ela nega que os seres humanos são incapazes de responder a Deus na fé aparte de uma regeneração anterior, baseia eleição na fé prevista, rejeita o escopo específico da expiação, e mantém essa chamada soberana do Espírito que pode ser resistida. Até mesmo o seu ensino da segurança eterna se baseia na decisão do crente em aceitar a Cristo, o que torna essa visão realmente mais perto do Arminianismo do que de uma interpretação calvinista da perseverança dos santos.

Sobre todas as formas de sinergismo, o Luteranismo confessional afirma fortemente a soteriologia monergista: só Deus salva, mas não é um processo de cooperação humana com a graça de Deus. No entanto, a partir de uma perspectiva reformada, o sistema luterano representa um *monergismo inconstante*. O Luteranismo confessional afirma a depravação total e a incondicional eleição, enquanto, entrementes, sustentando com o mesmo rigor uma expiação universal e a possibilidade do resistir internamente ao Espírito que chama externamente por meio do evangelho. O luteranismo afirma com a teologia reformada que os eleitos vão perseverar e "aqueles que ainda têm prazer em seus pecados e continuarem em uma vida pecaminosa não acreditam" (Confissão de Augsburg, art. 20.); ainda também sustenta que é possível que: 1) os eleitos podem perder sua salvação por um tempo (por exemplo, Davi, Pedro), mas não finalmente; e 2) os outros possam um dia ter verdadeiramente acreditado, sendo regenerados e justificados, mas, em seguida, perder todos esses dons através apostasia.[27]

---

27 Lewis Sperry Chafer, *Major Bible Doctrines*, rev . John Walvoord (Grand Rapids: Zondervan , 1974), 214 , 220 , 222, 230-35. Embora representando o que ele chama de posição "de calvinistas moderados" (em defesa da segurança eterna), Norman L. Geisler pressupõe um esquema basicamente Arminiano: "A graça de Deus trabalha em sinergia no livre-arbítrio. [...] Em outros termos, a graça justificadora de Deus trabalha de forma cooperativa, não operativa" (*Chosen but Free* [Minneapolis: Bethany, 1999], 233). Em outros lugares, ele escreve, "de fato, Deus iria salvar todos os homens, se pudesse. [...] Deus vai conseguir o maior número no céu que ele possivelmente possa" ("God, Evil, and Dispensations", em Walvoord: *A Tribute*, ed. Donald K. Campbell [Chicago: Moody Press, 1982], 102, 108). Eu discuto com Norman Geisler sobre este assunto em J. Mateus Pinson, ed., *Four Views on Eternal Security* (Grand Rapids: Zondervan, 2002).

De acordo com alguns luteranos, a salvação só pode ser perdida por causa da incredulidade, enquanto de acordo com outros, também pode ser perdida devido ao pecado mortal.[28] Como se pode dizer que só Deus salva , do começo ao fim, e, ao mesmo tempo, afirmar a possibilidade de perder a salvação? Parece inegável que este dom depende em algum sentido da não resistência do pecador, embora essa conclusão seja rejeitada pelos luteranos confessionais.

A doutrina da perseverança dos santos reflete uma visão *consistentemente monergista* da salvação como inteiramente devida à graça de Deus do início ao fim. Com o escritor aos Hebreus, podemos reconhecer a realidade trágica da apostasia ou afastamento da esfera da aliança da atividade do Espírito através da Palavra e dos sacramentos sem concluir que esses membros visíveis do corpo de Cristo foram ramos da videira realmente regenerados. Embora alguns membros professos podem ser desprovidos de fé salvadora, aqueles que *recebem* a realidade que está prometido a eles na Palavra e no sacramento estão seguros de que eles vão continuar a confiar em Cristo. Apesar da fraqueza da nossa fé e arrependimento, nós somos "mais do que vencedores, por meio daquele que nos amou", de modo que nada "será capaz de nos separar do amor de Deus em Cristo Jesus nosso Senhor" (Romanos 8.37,39). Agora essa é uma mensagem que assume o comando de nossos corações e mentes, levando-nos a adorar e sair em direção aos nossos vizinhos com a melhor notícia que eles nunca ouviram!

28 Chafer, *Major Bible Doctrines*, 283-86. Charles Stanley argumenta que a descrição de Jesus de "trevas exteriores" de "choro e pranto e ranger de dentes" refere-se não ao inferno, mas a uma região do céu ocupada por Cristãos carnais (*Eternal Security: Can You Be Sure?* [Nashville: Nelson, 1990], 121-29).

CAPÍTULO 6

O calvinismo e a vida cristã

O Calvinismo pode ser a única corrente do Cristianismo que tem sido repetidamente caracterizada como antinomista e legalista.

Por um lado, afirma-se que tanta ênfase na graça de Deus deixa as pessoas negligentes e passivas. Por outro lado, a maioria de nós já ouvimos resumos no ensino médio do Calvinismo como o motor do progresso e do ativismo na causa da vontade moral de Deus por causa de uma preocupação de provar a sua eleição. Dos calvinistas diz-se que querem transformar as nações da terra em um império teocrático sob a lei divina. Com certeza, estes retratos são diametralmente opostos, ambos não podem ser verdadeiros.

De fato tem sido antinomistas e legalistas que se identificaram como calvinistas. No entanto, para os cristãos reformados, são os credos, as confissões e os catecismos que resumem a fé que professamos juntos como símbolos de fé da Igreja e se relacionam entre si. Todos os nossos padrões de doutrina rejeitam ambos os erros em termos muito claros e fortes.

O Calvinismo rejeita antinomianismo como um erro grave. Mesmo que o pecado ainda se apegue às nossas melhores obras, mesmo como cristãos, quando Deus aceita pecadores por causa de Cristo e Sua justiça, ele também aceita suas obras — não como justificação, mas como fruto de seu Espírito.[1] Embora as leis civis e

1 Confissão de Fé de Westminster, cap. 16,6 em *The Trinity Hymnal* (Atlanta: Great Comission, 1990) 857.

cerimoniais estejam agora obsoletas, santos da nova aliança ainda são obrigados a obedecer a lei moral, não como o caminho *para a* vida, mas como forma de vida.[2] O evangelho por si só continua sendo a fonte de uma nova obediência, mas a lei moral (resumida nos dez mandamentos, por sua vez, também elaborou todo o Novo Testamento como o fruto do Espírito, ou a lei do amor) continua a ser o padrão que Deus requer.

Não há justificação sem santificação, apesar de estarmos justificados mediante a fé somente, essa fé que se apega a Cristo imediatamente começa a produzir o fruto do Espírito. No entanto, não há cristão cuja fé e obediência sejam perfeitos. "Nesta vida, mesmo os mais santos têm apenas um pequeno começo desta obediência. No entanto, com toda seriedade de propósito, eles começam a viver de acordo com todos, não apenas alguns, dos mandamentos de Deus."[3] "Destarte, está longe de ser verdade que essa fé justificada torna os homens omissos para uma vida piedosa e santa, pelo contrário, sem isso nunca iriam fazer quaisquer coisas por amor a Deus, mas apenas por amor-próprio ou medo da condenação."[4]

O Calvinismo também rejeita o legalismo como um erro grave. Se, no início, no meio ou no final da vida cristã, nunca apresenta nossas obras a Deus como tal satisfaria a sua santidade. Em vez disso, nos apegamos a Cristo mediante a fé.[5]

Há, pelo menos, duas formas de legalismo. Uma forma trata os mandamentos de Deus nas Escrituras (quer os dez mandamentos ou outras exortações para uma vida santa) como o caminho para a paz com Deus (isto é, a justificação). Isso não é nada menos do que "um outro evangelho" (Gálatas 1.6). Uma segunda forma pode ser identificada como "uma lei diferente." Deixando de lado a lei de Deus, este legalismo é realmente antinomista na sua essência, uma vez que substitui a sabedoria humana a Deus (Mateus 15.6; 23.1-28). Tal tipo de legalismo "antinomista" assume

---

2 ibid. , cap. 19.5, 859.

3 O catecismo de Heidelberg, Dia do Senhor 44, P. 113, *Psalter Hymnal*, 56.

4 A Confissão Belga, art. 24 , *Psalter Hynnal*, 80.

5 Veja, por exemplo, A Confissão Belga, art. 22-23 , *Psalter Hynnal*, 80; Confissão de Fé de Westminster, cap. 11, Trinity Hynnal, 855 .

diferentes formas. Às vezes, seu foco está na piedade pessoal (como no fundamentalismo), em outros casos sobre políticas públicas específicas (como no liberalismo), com proibições e exigências que não são claramente reveladas nas Escrituras e, portanto, são deixadas à liberdade cristã.

Muitas vezes é dito que "não somos obrigados a um monte de leis", mas, sim, a amar e buscar a justiça, a paz e a harmonia no mundo, como é definida por uma agenda política partidária que não está prescrita em nenhum lugar das Escrituras. No entanto, Moisés e Jesus disseram que o amor de Deus e ao próximo era precisamente o que a lei moral estipulava (Levítico 19.18; Mateus 22.40). Não há base nas Escrituras para definir o amor ser contra a lei, e a lei moral de Deus permanece o padrão eterno, embora ninguém seja justificado por ela, os cristãos são obrigados a segui-la.

Antinomistas minimizam a realidade da luta contra o pecado que habita em seu interior, porém o mesmo acontece com os legalistas, ao presumir que os cristãos espirituais podem alcançar uma perfeição moral que ninguém pode reivindicar até a glorificação. Os calvinistas sustentam, "Esta santificação está por toda parte, em todo o homem, ainda que imperfeita nesta vida, lá permanecendo ainda alguns resquícios de corrupção em todas as partes, de onde nasce uma guerra contínua e irreconciliável, a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra carne."[6] Antinomismo e legalismo falham diante do paradoxo de ser simultaneamente justificados e pecadores, genuinamente renovados em todas as partes, embora corruptíveis em todas as partes.

Assim, o Calvinismo gera passividade ou ativismo na santificação? Na verdade, ambos. Diante de Deus, somos sempre os receptores. Não podemos produzir nossa própria regeneração, justificação, ou santificação. Tais são dons inseparáveis que recebemos por meio da fé em Cristo. É por isso que enfatizamos a obra de Deus na pregação e nos sacramentos. No entanto, o evangelho que recebemos, atua em nós para a justiça. A fé produz o fruto da justiça. Entretanto, nós não apresentamos as nossas obras de Deus, mas aos nossos semelhantes. Receptores diante de Deus, estamos ativos no mundo.

---

6 A confissão de Fé de Westminster , cap. 13, *Trinity Hynnal*, 856.

Alguns pensadores modernos têm procurado explicar a enorme energia do ativismo calvinista do mundo. O pioneiro da sociologia, Max Weber, famosamente argumentou que a ética do trabalho calvinista deve ter sido baseada na crença de que os crentes provaram a sua eleição pelo sucesso em seus empreendimentos mundanos. No entanto, a "tese Weberiana" tem falhado em tempos difíceis, especialmente porque ela não tem qualquer apoio documental. Como Wilhelm Niesel nos lembra, "o ativismo muito discutido de Calvino está enraizada no fato de que nós pertencemos a Cristo e, portanto, podemos seguir o nosso caminho livres de cuidados e ao mesmo tempo confessamos a nossa participação em Cristo; mas não surgem a partir de qualquer zeloso desejo de provar a fé cristã através de boas obras."[7]

Longe de apresentar as boas obras pelo temor de punição e na esperança de recompensas, o calvinismo abraça a ironia que só pode ser um escândalo para a maneira natural de pensar. É que a verdadeira piedade só pode começar quando nos desvencilhamos de toda a confiança em nossa própria obediência à lei. Não só no momento de nossa justificação, mas por toda a vida cristã, diz Calvino, "todas as nossas obras estão sob a maldição da lei, se elas são medidas pelo padrão da lei!"

> Mas se, livres desta severa exigência da lei, ou melhor, de todo o rigor da lei, ouvem-se chamados com doçura paternal por Deus, eles vão alegremente e com grande resposta e anseio, em seguir o seu líder. Em suma: aqueles atrelados ao jugo da lei são como servos a quem atribui-se certas tarefas a cada dia por seus donos. [...] Mas os filhos, que são mais generosamente e abertamente tratados por seus pais, não hesitam em oferecer-lhes incompleta e inacabadas, e até mesmo obras defeituosas, confiando que sua obediência e prontidão serão aprovados por nosso Pai misericordioso, ainda que pequena e rude, e estas podem ser imperfeitas. [...] Mas como isso pode ser feito no meio de todo aquele pavor, onde se duvida se Deus é ofendido ou honrado por nossas obras?[8]

---

7 Wilhelm Niesel, *The Theology of John Calvin*, trad. Harold Cavaleiro (Philadelphia: Westminster , 1956), 99.

8 Calvino, *Institutas* 3.19.5.

Um juiz justo simplesmente não pode ignorar as violações da lei, mas um bom pai está satisfeito com os seus filhos, mesmo que sua obediência esteja aquém de seus padrões. Não estamos mais sob o julgamento de Deus, estamos livres para amar e servir nossos semelhantes em seu nome e viver em sua família como herdeiros agradecidos.

Na herança Reformada e Presbiteriana, falamos muito sobre crescer em Cristo através dos canais públicos da graça: proclamação da Palavra e a administração dos sacramentos. Nossos antepassados escreveram algumas das obras devocionais mais comoventes, incentivando a oração regular e a meditação da Sagrada Escritura, em particular, e especialmente com a família em adoração. Falamos da importância de "voltar ao nosso batismo" em mortificação diária de pecados e fortalecimento em justiça. O batismo não só lembra você, mas "assegura a você que o sacrifício de Cristo na cruz é para você pessoalmente."[9] A Ceia do Senhor, também, está no centro de piedade reformada. Os catecismos (guias de perguntas e respostas com referências bíblicas) foram escritos para criar a estrutura para esses hábitos e passar a fé de geração em geração. O Dia do Senhor tem sido designado como o sábado semanal, de descanso e com o Deus trino, em comunhão com o seu povo.

Em suma, a piedade reformada sempre começa com Deus e sua obra e a vida cristã é um "esporte de equipe." Deus não apenas salva as pessoas individualmente, mas está criando uma igreja. Além disso, os crentes reformados insistem na liberdade cristã, isto é, a liberdade de mandamentos que não são exigidos pela Escritura.[10]

Todavia, quando a maioria dos evangélicos falam sobre a piedade, é geralmente definida como contra qualquer ministério formal. Normalmente, tal piedade é entendida em termos individualistas, sem ligação formal com os membros da igreja, os meios de graça, e as disciplinas que a Escritura realmente exorta. Daí, muitos calvinistas suspeitarem que seus irmãos e irmãs não-calvinistas estão seguindo esquemas humanamente concebidos para uma piedade que não estão diretamente baseados na Escritura, enquanto marginalizam ou mesmo ignorando os meios de graça e disciplinas es-

9 O Catecismo de Heidelberg, Dia do Senhor 26, Q. 69, *Psalter Hynnal*, 33.

10 "Of Christian Liberty, and Liberty of Conscience," A Confissão de Fé de Westminster, cap. 20, *Psalter Hymnal*, 859-60.

pirituais que Cristo ordenou. Passar um "tempo em silêncio" pode provocar uma maior censura em alguns círculos evangélicos do que perder os cultos da igreja no domingo.

Essas diferenças são responsáveis por algumas das suspeitas de que os calvinistas realmente não se preocupam com a piedade, quando na verdade é uma questão de o que produz e o que constitui a genuína devoção. Quando cristãos reformados falam sobre ser batizado, catequizado (não só na igreja, mas em casa), aprendizado para participar no culto público, fazendo a pública profissão de fé, recebendo a Ceia, e amar os nossos semelhantes, principalmente através das nossas profissões no mundo, muitos evangélicos não reconhecem as suas prioridades espirituais nessa lista. Falamos também sobre o evangelho como o coração de santificação, ao passo que é frequentemente assumido pelos evangélicos que "apresentar o evangelho" é o que precisávamos fazer para compartilhar a salvação em detrimento da obtenção do nosso pão de cada dia. Isso significa que muitas vezes podem estar falando sobre a vida cristã (piedade ou santificação), quando os nossos irmãos e irmãs acham que estamos falando de outra coisa — e vice-versa.

Com certeza, nem tudo é contraste. Piedade reformada sobrepõe-se com as preocupações dos evangélicos em geral, para o testemunho pessoal de não-cristãos, incentivo da companhia dos santos, leitura da Bíblia regularmente e oração em particular, bem como em família e na adoração coletiva. Se o crescimento em Cristo não é algo que podemos fazer por nós mesmos, também não é algo que acontece sem o compromisso pessoal — inclui tempos de refrigério e meditação com o Senhor.

Algum fundo histórico

Os principais teólogos da Reforma eram muitas vezes pastores que também escreviam guias devocionais, hinos, orações e catecismos. Contam-se histórias de caldeireiros debatendo pontos refinados de teologia no trabalho e, em seguida, cantando salmos juntos em seu caminho para casa no final do dia. Na verdade, o espetáculo de vizinhos cristãos sendo escoltados para as chamas cantando salmos causou tal impressão sobre os espectadores que os oficiais da Inquisição romana exigiam que suas línguas fossem cortadas de antemão.

Eventualmente, a ortodoxia e o pietismo tornaram-se facções na tradição luterana. Pietistas luteranos foram muitas vezes exagerados contra uma tendência a identificar ortodoxia apenas com a doutrina e as formas de adoração. Isso não quer dizer que o clero ortodoxo luterano, famílias e igrejas fossem desinteressados em práticas de piedade, ou que as famílias piedosas não estivessem interessadas na doutrina. Pelo menos no início, era difícil traçar uma linha nítida entre os ortodoxos e os pietistas. Contudo, acabou-se que os extremos prevaleceram. A ortodoxia se tornou um pouco desconfiada de zelo, enquanto o pietismo ficou um pouco desconfiado da doutrina e do ministério formal.

Entrementes, na tradição reformada, houve menos tensão. Por exemplo, o puritanismo inglês e o "Mais Reforma" defensores da Igreja Reformada Holandesa representavam simultaneamente um movimento da ortodoxia reformada e uma chamada para mais reforma, tanto a devoção corporativa e pessoal. Além de ser um dos modeladores da formação do sistema calvinista de doutrina, eles estavam preocupados em que a própria Reforma não tinha completado o seu trabalho até que todas as áreas da vida fossem penetradas pela palavra de Deus e pelo Espírito. Ao mergulhar nos escritos de William Perkins, Samuel Rutherford, Gisbertus Voetius, Wilhelmus à Brackel, Richard Sibbes, e John Owen, por exemplo, tem-se uma impressão profunda, que é de fato, como J. I. Packer expressa, entre os gigantes de Deus. A profundidade e a riqueza são evidentes, tanto no coração como na mente.

No século passado aproximadamente, os teólogos calvinistas, pastores e escritores têm proporcionado não só tomos doutrinários do quais os crentes de várias igrejas são atraídos; eles também tiveram um impacto notável através de seus escritos devocionais, comentários, hinos e guias de aconselhamento.

Teologia e vida: principais pressupostos da piedade reformada

Os calvinistas sempre ressaltaram a importância de um relacionamento pessoal com Cristo, incluindo práticas espirituais da oração pessoal e meditação da Escritura. No entanto, estas práticas privadas são alimentadas por meios mais amplos da reunião pública do povo de Deus. Onde espiritualidades evangélicos tendem a

mover-se do indivíduo para a família desta para a igreja, a piedade reformada move-se em outra direção: a partir dos meios públicos de graça para a família, desta para o indivíduo. Ainda mais importante, a direção da piedade em muitos círculos evangélicos hoje é do crente com Deus. Como posso melhorar o meu relacionamento com o Senhor? Como posso servir ao Senhor? Como é o meu caminhar? Tais tornam-se as perguntas primárias e podem nos manter concentrados em nós mesmos, quando deveríamos estar nos focando em Cristo na fé e nossos semelhantes no amor.

No entanto, na piedade reformada, a direção da seta é para baixo, de Deus para nós, e, em seguida, através de nós, para os nossos semelhantes que precisam dos dons que ele nos deu por seu favor. Eu não posso melhorar o meu relacionamento com o Senhor. Eu não posso dar-lhe qualquer dádiva que pudesse obrigá-lo a me abençoar; dons descem, não sobem (Atos 17.24-25; Romanos 11.35-36; Tiago 1.17). O trino Deus escolheu, redimiu, e me chamou em irmandade com o Filho pelo Espírito. Portanto, a minha preocupação é ouvir suas promessas do evangelho, para receber seus bons presentes em Cristo, e ser preenchido com a alegria que o Espírito produz através desta boa notícia.

É claro, existem mandamentos nas Escrituras também. No entanto, as boas obras não são para meu benefício ou de Deus, mas para os outros: os meus irmãos e irmãs em Cristo, minha família e meus vizinhos que necessitam do serviço de amor e testemunho. É por isso que nos concentramos tanto sobre os meios de graça, porque somente a obra de Deus em nós pode nos preparar para o nosso serviço aos outros. Isso significa que quando o povo reformado fala sobre piedade, isso muitas vezes não são as primeiras coisas que outros irmãos e irmãs pensam como avenidas de intimidade espiritual. "Sim, mas você está falando sobre a igreja e suas formalidades, mas estamos falando de crescimento em um relacionamento pessoal com o Senhor." Isso é a forma como muitas vezes é dito, ou pelo menos implicitamente, em muitas conversas que tive com outros.

O cristianismo reformado não é apenas um conjunto de doutrinas. É uma interpretação comum da história bíblica, cujas implicações estão resumidos na doutrina e, em seguida, tornar-se o mundo em que vivemos através da fé, confissão, lamento, louvor e esperança. Isto molda nossa adoração congregacional e nosso agir no mundo. Alhures, eu chamei essa teia de drama, doutrina, doxologia, e dis-

cipulado. Nenhum desses pode ser separado dos outros tópicos sem puxar toda a teia à parte.

Não é apenas olhando para as doutrinas reformadas — especialmente quando reduzindo-as a "cinco pontos" — que se descobre a identidade desta tradição. Com certeza, as doutrinas da graça que se concentraram neste livro são profundamente formadoras da prática cristã. Estas verdades moldam a nossa compreensão de Deus, a nós mesmos e do mundo. Contudo, práticas particulares foram tão modeladoras como doutrinas particulares na formação de cristãos reformados por gerações.

"A Terra é do Senhor e toda a sua plenitude"

A piedade reformada está mergulhada na confissão bíblica do Deus de Israel como o único criador, sustentador, redentor, e consumador. Enquanto as nações buscam vários deuses para a sua segurança — divindades do céu e terra — Israel confessa, "a terra é do Senhor e toda a sua plenitude" (Salmos 24.1). Jesus Cristo não é apenas o Salvador, mas aquele em quem o mundo foi criado e por quem ele mantém juntos. Nosso Senhor Jesus Cristo anunciou: "Eu sou o Alfa e o Ômega. [...] que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso" (Apocalipse 1.8).

Não fazemos de Jesus, nosso Senhor e Salvador pessoal. Ele é o Senhor de toda a terra, o Salvador do mundo. Ele é o nosso chamado para anunciar isso ao mundo, chamando todas as pessoas em todos os lugares que se arrependam e para invocar o nome de Cristo para a salvação. O Império Romano teria sido deixado bem o suficiente por si só, se não fosse pelo fato de que o nosso Senhor e seus apóstolos se apropriaram dos títulos de César para Jesus de Nazaré. Jesus não só é entronizado nos corações individuais, mas é dado "o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho no céu, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai" (Filipenses 2.9-11). Não só é o céu o seu trono, a terra é seu escabelo.[11]

---

11 Para um excelente resumo de como as regras de ambos os reinos deste mundo e como Cristo governa o seu reino da graça, ver David VanDrunen, *Living in God's Kingdoms* (Westchester, IL: Crossway, 2010).

Claro que, como Hebreus 2.8 nos lembra, "nós ainda não vemos tudo em sujeição a ele." Nós ainda estamos aguardando a volta de Cristo, quando ele irá consumar seu reino em glória. "Mas nós vemos aquele que por um pouco foi feito menor que os anjos, ou seja, Jesus, coroado de glória e honra por causa do sofrimento da morte" (2.9), e ele agora é exaltado como o nosso sacerdote no céu (2.10-18). Por enquanto, é um reino de graça e perdão, com a proclamação do evangelho chegando até os confins da terra. No entanto, Cristo já possui as chaves da morte e do inferno (Apocalipse 1.18). Ele é senhor de tudo.

Assim, o horizonte de piedade reformada não é apenas o coração individual ou um relacionamento pessoal. É claro, que é isso, mas muito mais. A obra salvadora de Cristo inclui toda a ordem criada — não só as almas, mas corpos, e não apenas os seres humanos, mas o mundo natural (Romanos 8.18-25). Nós não estamos olhando para "o falecido grande planeta Terra", mas para "a ressurreição do corpo e a vida eterna." A redenção é cósmica em sua escala, mesmo que por agora a sua prova é vista na remissão dos pecados e o encontro de um povo de todas as nações em nome de Cristo.

Este plano de desdobramento nos direciona para longe de uma religiosidade individual e introspectiva, preocupada apenas com o que está acontecendo dentro de nós. Nós somos conduzidos para fora de nós mesmos: buscando em fé para com Deus e para fora em direção a um mundo em que somos chamados a testemunhar e servir.

A soberania de Deus sobre todas as áreas da vida resiste à nossa tendência de compartimentar a nossa vida em público e privado, individual e congregacional, sagrado e secular. Estas distinções ainda são valiosas, é claro. Por exemplo, se opõem a qualquer esforço para apoiar a fé e prática cristã por meio da coerção pública ou leis civis. Em levar o evangelho a todas as pessoas, que chamamos a cada uma para a fé pessoal em Cristo. Afirmamos também que continua haver uma distinção entre o sagrado e o profano.

No entanto, em vários pontos a fé e a prática reformada resistem à tendência para definir estes em forma de oposição. Mesmo em público, nós somos os cristãos que deve render obediência final somente a Deus. Mesmo na reunião do corpo de Cristo, temos uma relação pessoal com Cristo. Mesmo em nossas vocações seculares, continuamos aqueles que são "chamados [...] das trevas para a maravilhosa luz

[de Deus]" (1 Pedro 2:9). Nossa participação na vida comum de trabalho, criar uma família, participação em organizações seculares, partidos políticos e programas de vigilância de bairro é distinta da nossa santa vocação em Cristo, mas não deixa de ser um dom e vocação que foram dados a nós por Deus.

Eleição é uma fonte de piedade

É uma caricatura concluir que a eleição leva a uma falta de preocupação com a busca da santidade. Ao contrário, é um impulso importante para tal. Como vimos, muitas das passagens onde a eleição é mais claramente explicada leva o escritor bíblico a adorar, como um andarilho ao chegar ao cume do qual a vista torna-se irresistível em beleza. "Ó profundidade da riqueza, e sabedoria e do conhecimento de Deus! [...] Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre. Amém." (Rm 11.33,36). Paulo trata da eleição em Efésios 1 após louvar a Deus, como uma forma de especificar as bênçãos com as quais ele nos tem concedido nos lugares celestiais. Jesus a ensina como uma forma de transferir os seus discípulos a partir de uma orientação centrada no ser humano para uma centrada em Cristo (João 15.16). A eleição ajuda a elevar os nossos olhos de nós mesmos para Deus. Como não há uma dádiva que podemos oferecer a Deus pelo seu favor, tudo o que resta é o admirar, o louvor, e a vontade de compartilhar com outras pessoas os dons que ele nos deu.

A certeza de que a nossa salvação repousa inteiramente na misericórdia de Deus, nos faz cheios de ação de graças. John Wesley disse que ele não podia aceitar esta doutrina, porque prejudicaria a principal motivação para a santidade, que ele entendia ser o medo de punição e esperança de recompensa.[12] "Qual é o antídoto apropriado ao Metodismo, a doutrina do coração santificado?", ele pergunta. "O Calvinismo: todos os dispositivos de Satanás, para estes 50 anos, ter feito muito menos para parar esta obra de Deus, do que essa única doutrina. Ela ataca a raiz da salvação do pecado, para a glória anterior, colocando o assunto em questão bem diferente. [...] Seja diligente para evita-los, e para guardar essas mentes cheias de ternura contra o veneno

12 John Wesley, *The Works of John Wesley* (Grand Rapids: Baker, repr 1996.), 7:376 - 84.

da predestinação."[13] É difícil reconciliar a caricatura de Wesley com a preocupação óbvia de piedade entre os Puritanos, ou seus herdeiros entre contemporâneos de Wesley, tais como Augustus Toplady, John Newton, a condessa de Huntington, e muitos outros.

Mais importante do que as avaliações históricas é o fato de que a eleição é tratada como um apoio vital para a santidade nas Escrituras. Paulo nos lembra: "Porque não recebestes o espírito de escravidão para viver aterrorizados, mas recebestes o Espírito de adoção, pelo qual clamamos: 'Abba! Pai!' " (Romanos 8.15). Como poderia o conhecimento de que Deus "nos predestinou para adoção", como filhos (Efésios 1.5) levar a outra coisa senão a um desejo de abraçar todos os tesouros da casa de Deus? Quando nos damos conta de que somos parte de "raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo para sua própria possessão" de Deus (1 Pedro 2.9), isso muda a nossa forma de pensar, sentir e agir no mundo.

Por que devemos andar em obras de amor para com o nosso próximo? Porque "Deus de antemão preparou para que andássemos nelas" (Efésios 2.10). Nós não fomos escolhidos por boas obras, mas para as boas obras. Somos a quem "predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho" (Romanos 8.29). Deus "[nos] escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade" (2 Tessalonicenses 2.13). "Revesti-vos, então, como os escolhidos de Deus, santos e amados, corações compassivos, de benignidade, humildade, mansidão e paciência" (Colossenses 3.12).

Não há, portanto, nada na doutrina em si que iria levar à complacência, orgulho ou indolência na vida cristã. No entanto, tem de ser reconhecido que aqueles de nós que defendem essa doutrina nem sempre exibem estas características de compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência. Embora eleição ensine que "Deus escolheu o que é vil e desprezível no mundo" (1 Coríntios 1.28), podemos exalar um orgulho ímpio, como se Deus escolhesse o alto e privilegiado. Nós não podemos louvar as nossas boas obras, mas nós muitas vezes damos a impressão de que estamos no "saber" e todos os outros são sub-cristãos. Enquanto apontando o cisco no olho de nosso irmão ou irmã, podemos ser tão farisaicos em perder a trave no nosso.

---

13 ibid., 8:336.

Justificação e Santificação Encontradas somente em Cristo

Como a eleição, a justificação e a santificação são encontradas somente em Cristo. Como vimos, Calvino não menos do que Lutero considerou a justificação dos ímpios como o coração do evangelho. Seus colegas de trabalho e herdeiros não só proclamaram esta verdade, mas também defenderam em face dos desafios perpétuos. Mais do que isso, no entanto, a teologia reformada vê a justificação não apenas tão relevante a forma de como somos salvos, mas a toda a peregrinação cristã de santificação para a glória. Nós não abraçamos a Cristo para a justificação e, em seguida, passar a alguém ou alguma coisa para a nossa santificação. Em Cristo estão escondidos todos os tesouros da salvação e da vida: no início, no meio e no fim. Nós não encontramos alguns dons espirituais em Cristo, através da fé, e, em seguida, outros dons em outro lugar. Se nos apegarmos a Cristo, somos os beneficiários de tudo o que o próprio Cristo possui. Consideramos estes tesouros em comum com ele, como co-herdeiros.

Destarte, enquanto a teologia reformada distingue justificação (um veredito legal) de santificação (um processo gradual de conformidade com Cristo), reconhece-os como indissociáveis. A mesma fé que se apega a Cristo para a justificação também se apega a ele para a santificação. Justificação sempre permanece à base da santificação. Só porque estamos em todo momento já declarados justos diante de Deus, sem as obras, é que se torna possível para nós agora dar o fruto da fé, ou seja, obras que glorificam a Deus e servir ao próximo com amor.

Calvino acreditava que a "justificação [...] é a principal dobradiça pela qual a religião é sustentada" e "a soma de toda a piedade."[14] "Sempre que o conhecimento disto é retirado, a glória de Cristo é extinta, abolida a religião, a igreja destruída, e a esperança de salvação totalmente subvertida."[15] Com as Escrituras, Calvino considerou que as obras e a fé são totalmente opostas quando se trata da questão de como somos justificados diante de Deus. Não há "equilíbrio" que deva ser procurado aí, ou como Calvino colocou, "não há nada de intermediário entre

14 Calvino, *Institutas* 3.11.13 ; 3.16.7.

15 John Calvin, "Reply to Sadoleto" em *Tracts*, 1:41.

ser justificados pela fé e justificado pelas obras."[16] Nem mesmo o livre arbítrio pode ser admitido como um meio de justificação: "O que quer que os homens estudem misturar para adicionar a partir do poder do livre-arbítrio com a graça de Deus se torna apenas uma corrupção dela; assim como se devesse diluir bom vinho com água suja."[17]

Roma ensinou (e ensina) que a justificação é um processo de realmente se tornar santo. No batismo, recebemos a primeira justificação, lavando a culpa e a corrupção da alma. Então, como nós cooperamos com a graça merecemos mais justificação e, em seguida, se temos colaborado bem, a justificação final no dia do julgamento. Justificação é vista como uma justiça *infundida* que nos permite cooperar com a graça de Deus. Em outras palavras, a justificação é esboroada na santificação. A mesma tendência é evidente em tratamentos arminianos, como eu aponto abaixo.

Os reformadores não negaram a santificação, eles simplesmente distinguiram da justificação. A justificação é um veredito, uma declaração, que aquele que é realmente injusto em si mesmo é justo diante de Deus unicamente com base da justiça de Cristo a ser creditada somente através da fé. Portanto, corroborando que a justiça não é infundida em nós, mas a nós imputada. Não se está permitindo, mas salvando. Não é parcial, mas completa. Não é o objetivo da vida cristã, mas a fonte. Calvino escreveu: "Portanto, nós explicamos a justificação simplesmente como a aceitação com que Deus nos recebe em seu favor como justos. E dizemos que ela consiste na remissão dos pecados e a imputação da justiça de Cristo."[18]

Calvino acreditava que toda a carta aos Romanos pode ser sumarizada como dizendo: "que somente a justiça do homem é pela misericórdia de Deus em Cristo, que sendo oferecida pelo Evangelho é apreendida pela fé."[19]

Todas as coisas que nos rodeiam estão em oposição às promessas de Deus: ele promete a imortalidade, estamos rodeados de

16 John Calvin, *Commentary on the Psalms*, 5:251.

17 Calvino, *Institutas* 2.5.15.

18 ibid., 3.11.2.

19 Calvin, *Commentary on Romans* , xxix - xxx.

> mortalidade e corrupção: Ele declara que ele nos conta como justos; que somos cobertos com os nossos pecados: Ele dá testemunho de que é propício e amável para conosco; externamente julgamentos provocam sua ira. Que se há de fazer? Precisamos de olhos fechados passar por nós mesmos e todas as coisas relacionadas com a gente, que nada pode dificultar ou impedir-nos de acreditar que Deus é verdadeiro.[20]

Quando Paulo fala de Cristo ser crucificado por nossos pecados e ressuscitado para nossa justificação em Romanos 4:25, Calvino observa: "Porque, se justificação significa renovação, depois que ele morreu por nossos pecados deve ser tomada no mesmo sentido, como significando que ele adquiriu para nós a graça de mortificar a carne, que ninguém admite. [...] Ele, portanto, ainda fala de justificação imputável."[21]

A fé que recebe a Cristo é um mero ato de receber um presente. Roma afirma que, a fim de alcançar o status de justificado, a fé tem que se tornar um ato de amor. Em outras palavras, a fé não só produz os frutos do amor; não há justificação até que este ato seja ato obediente.

Contudo, Calvino define a fé como "um conhecimento firme e seguro da benevolência paternal de Deus para conosco, quando ele declara no evangelho que por causa de Cristo, ele será o nosso Pai e Salvador."[22] Além disso, a fé "é uma constante e conhecimento certo da benevolência divina para conosco, que, sendo fundada sobre a verdade da promessa gratuita em Cristo, é tanto revelada às nossas mentes como também confirmada aos nossos corações pelo Espírito Santo."[23] "No que diz respeito à justificação, a fé é uma coisa meramente passiva, não trazendo nada próprio de nós para conciliar o favor de Deus, mas recebendo que precisamos de Cristo."[24] Além de quaisquer virtudes ou ações que podem melhorar a nossa con-

20 ibid., 180.

21 ibid., 186.

22 Geneva Catechism (1536), em Tracts, 2:132.

23 Calvino, *Institutas* 3.2.7.

24 ibid., 3.13.

dição moral inerente, "a fé nos adorna com a justiça de outro, a que se procura como um dom de Deus."[25]

Essa fé não é justificar porque se é virtuoso, mas por causa de seu objeto: a saber, Cristo. Até mesmo uma fé fraca se apega a um Salvador forte. Com efeito, Calvino acrescenta, "uma parte da incredulidade é sempre misturada com a fé em cada cristão."[26] Especialmente contra os anabatistas, Calvino ensinou: "a nossa fé nunca é perfeita [...] somos, em parte incrédulos."[27]

Ademais, o mesmo ato de fé que olha para Cristo para justificação também recebe a santificação. A justiça de Cristo é imputada e comunicada. Embora o nosso crescimento na justiça seja incompleto nesta vida, vivemos com base na justiça perfeita que já temos em Cristo. Calvino diz:

> Cristo nos foi dado pela generosidade de Deus que deve ser aproveitada e possuída por meio da fé em nós. Ao participar dele, nós primeiramente recebemos uma dupla graça: isto é, que sendo reconciliados com Deus mediante a inculpabilidade de Cristo, nós podemos ter no céu ao invés de Juiz, um Pai gracioso; e em segundo lugar, que santificados pelo Espírito de Cristo podemos cultivar a inculpabilidade e a pureza de vida.[28]

> Isso por si só é de importância: ter admitido que a fé e as boas obras precisam estar unidas como uma só coisa, nós ainda alojamos a justificação pela fé, não pelas obras. Nós temos uma explicação pronta para fazer isso, visto que nos voltamos para Cristo, a quem a nossa fé é dirigida e de quem recebe a sua força total.[29]

---

25 Calvin, *Commentary on Romans*, 159.

26 Calvino, *Institutas* 3.2.4.

27 Calvin, *Commentary on the Synoptics Gospels*, 2:325.

28 Calvino, *Institutas*, 3.11.1.

29 ibid., 3.16.1 .

O crente não mantém um olho no Cristo para a justificação e o outro olho em suas próprias obras, mas olha para Cristo para ambos. "Vós não podeis entender isso [justificação], sem, ao mesmo tempo agarrar a santificação também."[30]

Calvino estava especialmente preocupado com a tendência entre os anabatistas de transformar a fé em uma obra e imaginar que a fé, e muito menos obediente e amorosa, poderia ser perfeita nesta vida. Ele advertiu: "Cuidado com as intrigas de Satanás [...] pois vemos que alguns deixam a igreja porque eles exigem em que a mais alta perfeição [...] e procuram formar para si um novo mundo, em que há de ser uma igreja perfeita. [...] Eles se afastam do próprio Deus, e violam a unidade da Igreja."[31] No entanto, desde já estamos justificados pela justiça perfeita de Cristo, somos livres para buscar a santidade — ainda que imperfeita. "Ao estar a uma grande distância da perfeição, cabe a nós fazer avanços contínuos, e sendo enredado em vícios, temos que nos esforçar contra eles todos os dias."[32] Justificação é declarada uma vez por todas, em um momento, mas a conversão é um processo. "Cristo pelo seu Espírito não nos renovou perfeitamente de uma vez só, ou em um instante, mas ele ainda leva adiante a nossa renovação ao longo da vida."[33]

Santificação e os meios da graça

Uma das diferenças mais marcantes que eu encontrei como um evangélico entrando para a comunhão reformada foi a ênfase na igreja e os meios da graça. Se eu tivesse sido convidado a elaborar uma lista de dicas à santificação como um cristão mais jovem, eu teria classificado o meu tempo de silêncio diário acima pregação, o batismo, a Ceia do Senhor, e participação da igreja. Na verdade, muitas vezes, a pregação pública da Palavra fora feita subordinada ao meu próprio tempo de silêncio, o batismo não era apenas distinguido, mas fora contrastado com o novo nascimento, e a Ceia do Senhor não era um meio regular de graça, mas, no máximo, mais uma

30 ibid.

31 Calvin, *Commentary on Habakkuk to Haggai*, 351.

32 Calvino, *Institutas* 3.3.4.

33 Calvin, *Commentary on the Pastoral Epistles*, 209.

oportunidade para me mergulhar em meu próprio coração em introspecção e determinação mais profunda para agitar meu compromisso piedoso.

Por um tempo, pelo menos, a minha família frequentava regularmente uma igreja casa onde não havia sermões, sem sacramentos, e sem oficiais formais. Verdade seja dita, não havia adesão. Tudo isso era considerado "igrejeirismo": um formalismo inautêntico que ameaçava o relacionamento espontâneo, livre, interno, e profundamente pessoal com Cristo. Mesmo comunhão com outros crentes era valiosa na medida em que ajudasse a facilitar o meu crescimento pessoal e espiritual. O conceito de crescer em Cristo como um só corpo, através dos meios de graça que Cristo ordenou e administrados por oficiais devidamente chamados a quem nós éramos responsáveis, tudo isso foi nada mais do que as armadilhas da religião feita pelo homem.

Quando você começa com o Deus trino e seu evangelho, a santificação não pode ser vista como um processo de nosso subir uma escada de experiência mística ou realização moral. Ao contrário, é a consequência da descida de Deus para nós, em nossa própria carne, em nossa miséria. Tornando-se encarnado, Jesus Cristo cumpriu a lei em nosso lugar, suportou a nossa dívida, subiu triunfante, e agora está sentado no trono de toda a autoridade, de onde ele derrama seus dons pelo Espírito. Mesmo agora, ele ainda dá todos os passos em direção a nós: ele envia um pregador e entrega Cristo para nós no batismo e na Ceia do Senhor. A seta de atividade aponta para baixo, de Deus para nós, não para cima. Isso significa que não há lugar para as nossas boas obras, exceto para ir para fora, aos nossos semelhantes que precisam de nós. Deus não precisa de nossas boas obras, mas ele quer nossas boas obras para atender aos nossos semelhantes.

A santificação não é apenas individual, mas de aliança, ninguém é uma ilha. E santificação não é a nossa luta em busca da aprovação divina, mas a consequência da aprovação que já possuímos. É por isso que os meios de graça não estão lá apenas no início da vida cristã, mas por toda parte. Todas as semanas, o evangelho sopra vento às velas do cristão. Embora o batismo seja administrado apenas uma vez, seus efeitos continuam, cristãos reformados falam de retornar ao nosso batismo para a mortificação diária da carne e na vida vivificante do Espírito. Na Ceia, Deus perpetuamente ratifica em nossa consciência a promessa de que ele é nosso Pai misericordioso em Cristo.

Como os outros reformadores, Calvino disse que as marcas da verdadeira igreja são "a pura pregação da Palavra de Deus e da legítima administração dos sacramentos."[34] "Onde quer que encontremos a palavra de Deus puramente pregada e ouvida, e os sacramentos administrada de acordo com a instituição de Cristo, lá [...] está uma igreja de Deus."[35] Com certeza, os reformadores enfatizaram a importância da salvação pessoal por meio da fé em Cristo. No entanto, ficariam tão confusos como os apóstolos com a dicotomia entre "um relacionamento pessoal com Cristo" e "pertencer a uma igreja". "A glória de Deus e a salvação da igreja são coisas quase que inseparavelmente unidas."[36]

A fé e prática reformadas reconhecem as implicações das doutrinas da graça para a santificação, enfatizando que a pregação e os sacramentos não são os nossos meios de compromisso, mas meios da graça de Deus. É claro, a obra de Deus sempre suscita uma resposta humana apropriada tecida pelo Espírito. Há um lugar para a nossa resposta de fé e arrependimento, louvor e compromisso com seus mandamentos. Contudo, os meios da graça vêm em primeiro lugar. Além da obra salvadora de Deus, não pode haver nenhuma resposta grata.

O Princípio Regulador

É pela Escritura somente que chegamos a conhecer a verdade de quem nós somos, por natureza, em Adão e pela graça de Jesus Cristo. O evangelho não é algo que possamos descobrir ou entendido pela especulação, observação ou experiência. É um anúncio sobre a obra salvadora de Deus em Cristo, e, como tal, tem de ser proclamado a nós por um arauto. Sobre este ponto, igrejas Reformadas e Luteranas estão de acordo.

Todavia, desde o início os cristãos reformados têm insistido em uma aplicação mais ampla da suficiência das Escrituras (sola scriptura). Escritura é a única regra de fé e prática — não apenas para a compreensão do evangelho, mas por tudo o que ela ensina. Não só no que diz respeito à forma como somos salvos da morte e julgamento, mas com

34 Calvino, "Endereço preambular para o rei Francisco I, " 6 (em *Institutas*, p. 25).

35 Calvino, *Institutas* 4.1.9.

36 Calvin, *Commentary on Ezekiel*, 2:294.

respeito à adoração, evangelismo e discipulado pessoal, a igreja deve falar onde Deus tem falado e de permanecer em silêncio quando Deus não nos deu sua Palavra. Quando se trata de adoração pública, não é apenas que não podemos fazer o que é proibido nas Escrituras, mas que não podemos acrescentar ou tirar o que ela prescreve. Em sua grande comissão, Jesus ordenou aos discípulos proclamar a Palavra, administrar os sacramentos e ensinar as pessoas "a observar tudo o que vos tenho ordenado" (Mateus 28.20). Coisa alguma pode ser adicionada ou omitida do que ele revelou em sua Palavra.

Por todo o Antigo Testamento, a santidade de Deus é para ser levada com a maior seriedade. Quando os israelitas encontraram a Palavra de Deus muito difícil de suportar, eles convenceram Aarão a encomendar um bezerro de ouro ao redor do qual eles poderiam dançar na folia. Somente quando Moisés intercedeu a Deus recuou o seu julgamento. A lei de Deus prescreve cada detalhe de sua adoração: desde os móveis e cortinas para os sacrifícios, as liturgias referentes a cada sacrifício e os rituais que marcaram a linha divisória entre o comum e o santo. Como seu pai Aarão, Nadabe e Abiú provocaram a ira de Deus quando adicionaram uma cerimônia à adoração de Deus. No entanto, esses sacerdotes morreram no local. A falsa adoração em Israel sempre começou por comprometer a forma de adoração (violando o segundo mandamento) e culminava com a idolatria (violando o primeiro mandamento).

Cristãos reformados têm se salientado em tais casos bíblicos para alertar contra adicionar ou subtrair os mandamentos de Deus em seu serviço público. Afinal de contas, é a obra de Deus e é para o nosso próprio bem deixá-lo com seus próprios métodos! Calvino exortou: "o serviço de Deus está corrompido se qualquer invenção estranha é misturada com ele. Vamos [...] aprender a não nos intrometer com nossas próprias invenções no serviço de Deus."[37] Calvino também detectou o desejo de idolatria na igreja primitiva. Paulo lembra Timóteo constantemente a ignorar seus críticos e dar-se inteiramente à pregação da Palavra. "Eles tinham como uma coceira para a novidade que quase nenhum espaço foi deixado para edificação."[38]

Jesus repreendeu os líderes religiosos do seu tempo por subverter a Palavra de Deus, adicionando suas próprias regras e adoração. "Nós vemos a insolência

37 Calvin, *Commentary on the Four Last Books of Moses*, 2:329 - 30.

38 Calvin, *Commentary on the Pastoral Epistles*(em Tit. 2:15), 323.

extravagante que é exibida por homens quanto à forma e maneira de adorar a Deus; pois eles estão perpetuamente maquinando novos modos de culto."[39] Em sua polêmica, Calvino acusou a igreja medieval não do tradicionalismo, mas de um desejo de inovação e novidade. Em contraste com os antigos pais, a igreja medieval foi a adição de "fogo estranho" ao culto prescrito por Deus, multiplicando cerimônias, regulamentos e superstições.

Pode ser mais fácil para nós detectar tais novidades em outras tradições, mas os protestantes desenvolveram esta "coceira de novidade", à sua própria maneira. Será que Deus prescreve apelos, orações do pecador, campanhas para-eclesiásticas, celebrações patrióticas, concursos, e inúmeros outros elementos que por vezes substituem a leitura pública e a pregação das Escrituras, orações públicas, os sacramentos, e canto congregacional da Palavra?

O caráter de Deus não mudou na nova aliança. Ele ainda é santo. Nós não ousamos, portanto, cometer o erro fatal de separar o Deus do Antigo Testamento daquele do Novo. Trata-se do mesmo Deus que não dará sua glória a outro, que se dirige a nós a partir de Monte Sião, chamando-nos a abraçar nenhum outro profeta, sacerdote e rei do que Jesus Cristo. Não oferecemos mais sacrifícios pela culpa, mas sim, oferecemos o sacrifício vivo de ação de graças e louvor. Já não atravessamos uma piscina de lavagens rituais a fim de estar cerimonialmente limpos diante do Senhor, mas somos batizados em Cristo e recebemos mediante a fé, significado e selado conosco nos sacramentos. Cristo determinou com a sua autoridade como devemos adorar, como devemos plantar e organizar igrejas, como viver em comunhão com os santos, e em nossas vidas diárias do mundo.

Então, nada pode ser feito no culto público que não seja ordenado nas Escrituras, diretamente ou por boa e necessária inferência tirada da Escritura. É uma assembleia solene do Senhor, reunindo-se com alegria, mas também "em reverência e temor." Não é nosso encontro. Não é uma reunião de amigos, parentes, colegas de trabalho, ou qualquer outra associação natural. Trata-se de um ajuntamento santo convocado pelo Pai, no Filho, pelo Espírito Santo, como o lugar onde ele promete abençoar o seu povo e adicionar à igreja.

---

39 Calvin, *Commentary on the Synoptic Gospels*, 2:245.

Com certeza, há uma distinção válida entre os elementos e as circunstâncias. *Elementos* são os aspectos do culto público que estão diretamente previstos no Novo Testamento. Não só na missão de evangelização, mas de adoração no dia do Senhor regularmente, Cristo ordenou certos elementos: pregação de Sua Palavra, o Batismo, a Ceia do Senhor, orações, cânticos e oferendas aos santos. Nós não ousamos atravancar o serviço de Deus ao seu povo com as nossas próprias invenções. O Deus trino sabe o que está fazendo, e é mais simplesmente para sair de seu caminho enquanto ele dispensa seus dons da graça em seus próprios termos, através de seus próprios meios de graça.

De fato, há também circunstâncias. As *circunstâncias* são confiadas à sabedoria da igreja. Não há passagens nas Escrituras que nos dizem o tempo para se encontrar, a ordem específica dos elementos litúrgicos, a arquitetura do prédio da igreja, e outros assuntos arbitrários.

Uma das implicações do princípio regulador é que os crentes são libertados do fardo de doutrinas e regras que os seus líderes tendem a multiplicar. Cristo é rei. O mesmo que deu a sua vida para o seu povo é o seu soberano. Ele não perdoa os seus pecados e liberta-os da escravidão do pecado e da morte só para entregá-los a déspotas religiosos, comerciantes espertos, ou construtores de impérios empresariais. O bom Pastor se recusa a entregar o seu sacerdócio em curso. Ele é o nosso profeta, sacerdote e rei.

Isso também significa que somos obrigados a obedecer a Palavra de Deus em todos os assuntos em que se endereça a nós, mas somos livres das doutrinas e regras de seres humanos. Quando os ministros de Cristo proclamam sua Palavra, administram seus sacramentos, e guiam-nos com em base de sua Palavra, somos obrigados, mas a igreja não tem autoridade para criar os seus próprios ensinamentos ou leis. Estar vinculado a Cristo é ser libertado de todos os outros mestres e de ser, em n'Ele, servos de todos.

Disciplinas comuns

A igreja é uma comunidade da aliança, e não apenas um conjunto de indivíduos e ativistas piedosos. Falamos muito como evangélicos sobre as disciplinas

espirituais, mas o que há sobre a disciplina da igreja? Todos nós estamos sob a disciplina da igreja em algum grau, submetendo-nos ao jugo de Cristo através de seus pastores, anciãos [presbíteros] e diáconos. Discípulos são feitos na igreja, não em conferências, movimentos, ou ministérios eclesiásticos. Nós não somos auto--alimentadores, mas ovelhas a quem o bom Pastor tem proporcionado sub-pastores para o nosso crescimento ao longo da vida.

Como já fiz menção, a piedade reformada afirma disciplinas particulares de oração, meditação na Palavra de Deus, e memorizar as Escrituras, mesmo na música. Mas, enquanto um montante da piedade evangélica começa com o indivíduo, soerguendo-se até Deus, a piedade reformada começa com a descida do Deus trino em seu julgamento e salvação. Consequentemente, move-se a partir do culto congregacional e público da comunidade da aliança no dia do Senhor em direção à instrução diária e à adoração em família para os tempos pessoais de oração e meditação. Pelo menos a tendência do culto evangélico é mover-se no sentido oposto.

A partir desta fonte pública o fluxo da graça flui para nossas casas. Aí, muitas vezes na mesa da família, nos alimentamos da Palavra de Deus, aprendemos suas verdades e respondemos em oração e louvor. Um de meus retratos favoritos de Lutero é de ele tocar violão quando sua família está reunida à mesa de jantar com as Escrituras abertas. De casas calvinistas se podia ouvir os salmos sendo cantadas por jovens e velhos — e muitos destes crentes foram para suas execuções, com essas músicas em seus lábios e em seus corações.

Lutero reclamou que em fazer suas rondas, ele descobriu que a maioria das famílias não sabia nem o credo dos apóstolos, a oração do Senhor, e os dez mandamentos. Assim, seguindo o exemplo da antiga igreja, ele escreveu seu pequeno catecismo, que ainda é usado amplamente. Calvino também escreveu um catecismo, e as igrejas Reformadas e Presbiterianas eventualmente adotaram o catecismo de Heidelberg e os catecismos de Westminster mais curtos e mais longos. Escritos em formas de perguntas e respostas, estes guias de instrução permanecem insuperáveis como resumos de fé e prática cristã. Embora fossem tão ocupados quanto, Lutero, Calvino, e outros reformadores tomaram isso como uma responsabilidade a seu cargo para ensinar pessoalmente o catecismo durante toda a semana à juventude. No entanto,

o principal local era o lar, onde os pais guiavam seus filhos através das perguntas e respostas, juntamente com as referências bíblicas em anexo.

Esta correnteza flui não só em casa, mas no coração de cada crente em oração privada e meditação. Aqui, mais uma vez, no entanto, é sempre fundamentada no Evangelho, com Cristo como o mediador. Que de outra forma podemos ousar nos aproximar do trono de Deus? Só quando Cristo vai adiante como o mediador é que temos alguma esperança. "Até que tenhamos uma persuasão de sermos salvos pela graça de Deus, não pode haver oração sincera."[40] "Nossas orações são aceitáveis a Deus apenas na medida em que Cristo as borrifa e as santifica com o perfume de seu próprio sacrifício."[41]

Na adoração pública somos treinados a orar corretamente: com toda a igreja, de acordo com as formas que estão ou são tomadas das Escrituras, ou então baseadas na própria Escritura. Em seguida, em estudo privado, que se debruça sobre a mesma Palavra e oração — mesmo em particular — com toda a Igreja, com Cristo sendo cabeça. Em vez de ser uma rotina maçante, tais práticas são apenas oportunidades de sermos mais plenos e profundamente imersos na Palavra de Deus e para falar de volta a Palavra de Deus em oração.

É significativo que Deus nos desse um livro inteiro da Bíblia, os Salmos, a fim de moldar as nossas orações corretamente. Ele está repleto, não só com elogios, mas também com lamento, súplica, dúvidas, frustrações, esperanças e medos. "A oração desenterra aqueles tesouros que o evangelho do Senhor descobre para a nossa fé", como Calvino nos recorda.42 Ao contrário da faixa estreita emocional que muitas vezes trazemos repetidamente à adoração nestes dias (normalmente no modo "vitória"), os salmos dão-nos um horizonte mais amplo, de um vocabulário mais rico, e uma experiência mais profunda. Calvino observa: "Somos permitidos a derramar no coração [de Deus] as dificuldades que nos atormentam, a fim de que ele possa afrouxar os nós que não podemos evitar."[43]

---

40 Calvin , *Commentary on the Psalms*, 5:229.

41 ibid., 1:336.

42 Calvino, *Institutas* 3.20.2.

43 Calvin, *Commentary on Genesis*, 1:489.

Com efeito, em muitos lugares Calvino enfatiza condescendência paternal de Deus para conosco em nossa fraqueza. Ele fala das Escrituras como "conversa de bebê", onde Deus balbucia como uma mãe a um filho. Então, por que nós permitimos que nossa própria vergonha a nos impedir de falar com Deus? "Quando Deus desce até nós, ele, em certo sentido, humilha-se e balbucia com a gente, para nos permitir balbuciar para ele."[44]

Assim, o fluxo vem de Deus para nós no serviço público, para nossas casas, e em todos os cantos das nossas vidas pessoais. Então, aonde ele vai? *Para o mundo, onde Deus nos colocou em nossas vocações para nossos semelhantes.*

Piedade não começa com o indivíduo solitário em seu apartamento, nem termina aí. Nossas obras não vão para Deus, mas para os nossos vizinhos. Deus já está completamente satisfeito com nós em Jesus Cristo. Cristo é a nossa "justiça, santificação e redenção" (1 Coríntios 1.30). Não só no início, mas ao longo de nossas vidas, como cristãos, não é o nosso trabalho, mas de Cristo, que trazemos a Deus para aceitação — e mesmo essa fé que abraça Cristo nunca é a base, mas os meios que Deus lhes deu de abraçar Cristo com todos os seus tesouros. Assim, quando se trata de nosso relacionamento com Deus, as boas obras não têm lugar, mas quando se trata de relação de Deus com o mundo, ele ama e serve os nossos vizinhos/semelhantes através de nossas boas obras. Isso significa que as nossas boas obras realmente não servem a Deus ou nós, mas ao outro.

Os primeiros semelhantes, é claro, incluem nossa família imediata. No entanto, ela também inclui a comunhão dos santos — não só localmente, mas em todos os tempos e lugares. Estamos unidos por "um só Senhor, uma só fé, um só batismo" em "só um Espírito", com Cristo como nossa cabeça (Efésios 4.4-5). Pastores alimentam-nos, guiam-nos os anciãos, os diáconos para cuidar de nossas necessidades físicas. A partir desses ministérios, cada membro do corpo está equipado para o amplo ofício de profetas, sacerdotes, e reis: testemunhar a Cristo, intercedendo pelo outro em oração, e reinando com Cristo sobre o pecado e a morte.

Através da generosidade, hospitalidade, discernimento e outros dons espirituais, cada crente é feito uma parte crucial do corpo de Cristo. Criado do nada pela

---

44 ibid., 2:238.

Palavra de Deus e do Espírito, nós nos tornamos um templo sagrado feito de pedras vivas em Cristo (1 Pedro 2.4-5). O primeiro lugar onde as nossas boas obras se dirigem é para nossos irmãos e irmãs, em comunhão, a admoestação e a instrução mútuas acrescida do serviço amoroso. De modo que, o fluxo flui mais para fora, para o mundo, através das nossas vocações comuns como vivemos e trabalhando lado a lado com os outros. Deus serve mesmo o ateu mais endurecido com dons da graça comum através das vocações que ele nos deu.

Principais diferenças entre reformados e doutrinas arminiana da santificação

Em cada um dos pressupostos fundamentais de piedade reformada que já mencionei, há comparações em meio a maiores contrastes. Não discordamos sobre tudo a respeito da vida cristã, é claro. No entanto, é justamente nesse ponto que podemos discernir algumas das mais importantes implicações práticas dos sistemas calvinista e arminiano.

De minha própria leitura, não é totalmente claro onde John Wesley situa na justificação. Em alguns sermões, ele defende essa verdade evangélica tão robustamente como Lutero e Calvino. Em outros, porém, ele redefine a justificação para o ponto que é mais identificável como Católico Romano do que Reformado. Em outros ainda, ele parece confuso.

Por sua própria admissão, Wesley nem sequer compreende o evangelho da graça em seu ministério no início, até que ouviu o prefácio de Lutero ao *Comentário sobre Romanos* sendo lidos em uma capela. No entanto, mesmo depois desta experiência, ele continuou a enviar sinais contraditórios sobre sua compreensão da justificação. Muitas vezes justificação parece estar eclipsada pela santificação, ou mesmo para incluir a santificação. Em qualquer caso, Wesley parecia estar mais preocupado que os calvinistas estavam pregando heresia antinomista do que arminianos estavam pregando obras de justiça.

As diferenças já começam a surgir mesmo na natureza, muito menos a importância da justificação em relação à santificação. Nas discussões contemporâneas, as diferenças entre visões arminianas (especialmente Wesleyana) da vida cristã tornaram-

-se aparentes.[45] De acordo com Laurence W. Wood, a justificação não é apenas o perdão (ele não menciona imputação), "a justificação é a liberdade de os atos de pecado."[46]

> Aliás, eu suspeito que os Protestantes em geral interpretam mal o Concílio de Trento na sua declaração de que somos justificados pela fé e boas obras. Para a teologia Católica Romana, a justificação tem a ver tanto com a nossa aceitação inicial de Deus em Cristo e de toda a vida do cristão até a morte. Consequentemente, no final, será justificado se por meio da fé e obediência é que temos até conduzimos nossa vida. Talvez, depois de tudo, Wesley não estivesse muito longe de suas raízes Anglo-Católicas, quando ele ressaltou que a justificação pela fé e uma vida vivida na obediência a Deus eram ao mesmo tempo necessárias para a salvação. A este respeito, somos renovados à imagem de Cristo (santificados) para que sejamos capazes de praticar as boas obras.[47]

Neste ponto, a visão Wesleyana tem paralelo à confusão Católico Romana da justificação e santificação. O Calvinismo afirma tão vigorosamente quanto os arminianos que não há justificação sem consequente santificação, mas se pergunta por que a justificação tem de se tornar a santificação a fim de tornar a este ponto. Salvação abrange tanto justificação e santificação (assim como a glorificação), mas a justificação e a santificação permanecem atos divinos distintos. No entanto, de acordo com Wood, *"ser justificados pela fé é a experiência de perdão dos pecados e ser habilitados por meio do poder do Espírito a viver uma vida de vitória sobre o pecado"* (grifo nosso).[48]

---

45 Donald Alexander, ed., *Christian Spirituality: Five Views of Santification* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1988).

46 Laurence W. Wood, em suas contribuições a Espiritualidade Cristã (*Christian Spirituality*, 37).

47 ibid., 38.

48 ibid., 86.

Outro paralelo com o ensino Católico Romano sobre a justificação é evidente na maneira em que a teologia Wesleyana ensina a santidade perfeita, ao apenas baixar o padrão da lei. Aqui encontramos a famosa doutrina da perfeição cristã, que afirma que os crentes podem ser tão completamente cheio de amor de Deus que vivam acima de todos os pecados conhecidos. "Se o pecado é qualquer desvio da perfeita vontade de Deus, então, obviamente, todos os crentes cometem pecado diário. [...] É por isso que Wesley fez uma distinção entre pecados voluntários e pecados involuntários. Para Wesley, crentes justificados não pecam voluntariamente contra Deus."[49] Como na visão Católica Romana, Wesley parece refletir uma concepção platônica do pecado como devido à fraqueza do corpo e seus apetites.[50]

Em todo caso, de acordo com Wood, a Reforma teve uma estima muito baixa da perfeição da qual os crentes eram capazes, através do trabalho interior do Espírito. "A suposição de Lutero era que não se pode ser libertado de um coração pecaminoso de orgulho. [...] A tradição Wesleyana, juntamente com a tradição Anglo-Católica, percebem o Novo Testamento suster uma postura diferente, ou seja, que se pode ser justificados e verdadeiramente santificados."

Em qualquer caso, a justificação não é central. "Exegetas contemporâneos do Novo Testamento como Krister Stendahl e Rudolf Bultmann sustentam que o interesse primordial de Paulo não era a justificação pela fé, mas sim a santificação pelo Espírito."[51]

O teólogo Pentecostal Russel P. Spittler mostra admiração pela verve de Lutero em avançar a ideia de que os crentes são "justificados e pecadores ao mesmo tempo" (*simul et iustus peccator*), mas preocupa-se que isso seja bom demais para ser verdade. "Mas pode ser realmente verdade — santos e pecadores ao mesmo tempo? Eu gostaria que fosse assim [...] eu simplesmente temo que não seja."[52] Oferecendo uma resposta da tradição contemplativa, o estudioso batista Glenn Hinson julga que

---

49 ibid , 38-39.

50 ibid. , 98.

51 ibid. , 39.

52 Russel P. Spittler, em suas contribuições para a espiritualidade cristã, (*Christian Spirituality* 42-43.)

a visão de Lutero leva "uma visão estreita da graça, vendo-a como algo dado, em vez de como o Deus vivo invadindo nossas vidas e transformando-nos."[53] A interpretação reformada representa "o imperialismo Paulino [...] brilhante como Paulo era e grande como sua contribuição foi [...] os Evangelhos dão uma inclinação bastante diferente às coisas do que o apóstolo dos gentios fez".[54]

Na visão reformada da santificação, cada crente é um santo e pecador ao mesmo tempo. Definidos por nossa união com Cristo, já estamos justificados e também estamos regenerados, a fim de que não sejamos o que éramos antes. No entanto, nós ainda lutamos com o pecado — e vamos fazê-lo para o resto de nossas vidas. Nós levamos a nossa confiança final não de nossas próprias vitórias sobre o pecado, mas as vitórias de Cristo. As teologias arminianas de santificação, no entanto, tendem a dividir os cristãos em "vitoriosos" e "carnais." Em vez de um ato de fé receber uma justificação completa e uma santificação que é parcial nesta vida, há dois atos de fé. Desta forma, os evangélicos facilmente retornam à divisão medieval entre "o perfeito" (ou seja, monges) e o leigo médio, que vive uma vida secular.

Com efeito, Hinson se queixa de os puritanos incentivarem cada crente a abraçar o seu estatuto como um santo e viver em tal conformidade. No entanto, "somente aqueles que realmente querem e estão dispostos a entregar-se totalmente podem se tornar santos."[55] Por outro lado, mesmo quando escreve para a igreja de Corinto tão seriamente comprometida, Paulo começa, à igreja de Deus que está em Corinto, aos "santificados em Cristo Jesus, chamados a ser santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso" (1 Coríntios 1.2). Só porque eles já *são* santos ele pode repreendê-los por viver de forma incoerente com tal profissão de fé. Uma vez que todos os crentes são santos em Cristo (1.30), a santidade não é o objetivo atingível para um grupo seleto, mas é o privilégio de todos os membros.

---

53 E. Glenn Hinson , em suas contribuições para a Espiritualidade Cristã, (*Christian Spirituality* 46.)

54 ibid., 46.

55 Hinson , em suas contribuições para a Espiritualidade Cristã, (*Christian Spirituality* 93).

As diferenças surgem também sobre os meios de graça. Wesley parece sustentar que os sacramentos têm maior estima do que muitos de seus herdeiros espirituais. Considerando Sinclair Ferguson falando sobre os sacramentos como "meios da graça" em santificação, Spittler diz que para os cristãos Pentecostais, "não há grande estima doutrinal pelos sacramentos. O maior motivo para a sua prática, em grande parte, é 'porque Jesus nos disse para fazê-lo.' "[56] O Arminianismo clássico em si mesmo abandonou um entendimento reformado dos sacramentos, alinhando-se mais com as visões de Erasmo e dos anabatistas. Tudo isso é compreensível quando a ênfase se desloca da graça soberana de Deus, que dispensa dádivas a nós, para a resposta humana de fé e obediência. Não é de admirar, então, que "meios de graça" ordenados explicitamente por Cristo tornar-se subordinados a "meios de compromisso" que não são instituídos por nosso Senhor.

O bem conhecido contraste de Lutero entre "teologias da glória" e "as teologias da cruz" desafiou a ascensão da alma para cima, para Deus. Em vez disso, a teologia da cruz reconhece que Deus desceu até nós em uma manjedoura, na cruz, e agora na Palavra, na água, no pão e vinho. No entanto, o capítulo de Hinson, "subir a escada do amor", apresenta as semelhanças entre espiritualidade evangélica e a piedade medieval que Lutero tinha em mente.[57] O teólogo luterano Gerhard Forde responde ao ensaio de Hinson como Lutero poderia ter feito:

> Quando você volta da montanha e diz a seus admiradores que a viagem foi totalmente pela graça, mas, em seguida, responde a perguntas sobre a forma de fazer a viagem, falando sobre a entrega, humildade, autoabandono e todo o tipo de exercícios espirituais, a ênfase caiu da graça para o esforço humano. Os protestos sobre a graça aparecem simplesmente um aditamento antipelagiano, um protesto principalmente verbal cuja substância não fica aparente.[58]

---

56 Spittler, em suas contribuições para a Espiritualidade Cristã (*Christian Spirituality* 89).

57 Hinson, em suas contribuições para a Espiritualidade Cristã (*Christian Spirituality* 180).

58 Gerhard Forde, em suas contribuições para a espiritualidade cristã (*Christian Spi-*

Em sua resposta, Sinclair Ferguson mostra que, apesar de diferentes nuances, as igrejas da Reforma estão em um fronte de "teologias de glória":

> Nós nem subimos ao céu ou descemos ao abismo, a fim de conhecer a Deus (Romanos 10.6-7) [...] na teologia reformada e seu ponto de vista das Escrituras, o evangelho não é: "Deus ama você. Ame a Deus de volta", como sugere o Dr. Hinson da tradição contemplativa. Pelo contrário, ela é: "Deus estava reconciliando consigo o mundo em Cristo, sem contar os pecados dos homens contra eles. [...] Deus o fez aquele que não conhecia pecado, o fez pecado por nós... que nele nos tornássemos justiça de Deus" (2 Coríntios 5.18,21).[59]

Ferguson acrescenta, "o conhecimento direto da essência de Deus é procurada apenas por tolos, como Calvino escreveu com ousadia." Conhecemos a Deus que somente em Cristo, por meio do evangelho.[60]

No final do século XIX, especialmente na sequência das visitas de D. L. Moody e Ira Sankey, o movimento Keswick nasceria na Inglaterra. Através deste movimento, a ênfase Wesleyana na santificação tornou-se mais popular nos círculos evangélicos. Por meio de uma segunda experiência de crise (a "segunda benção"), um crente entra em um estágio mais alto da vida cristã que muitos dos líderes do movimento chamado de "a vida vitoriosa cristão" ou "a vida superior." O ensinamento de Keswick, portanto, distingue entre "cristãos carnais" e "cristãos vitoriosos."[61] B. B. Warfield de Princeton dedicou a maior parte de um denso volume, *o perfeccionismo*, a uma análise detalhada e crítica da opinião de Keswick a respeito da santificação.

---

rituality 191-92).

59 Ferguson, em suas contribuições para a Espiritualidade Cristã (*Christian Spirituality* 194).

60 ibid., 195.

61 Veja Melvin E. Dieter et al., *Five Views on Sanctification* (Grand Rapids : Zondervan, 1987).

Um dos recentes porta-vozes mais articulados desse movimento, Robert McQuilkin, afirma que "o ensino Wesleyano clássico e a abordagem de Keswick são bastante compatíveis." Ambos afirmam que a perfeição cristã (a vitória sobre todo o pecado conhecido) é possível nesta vida, mas novamente esta afirmação requer uma redefinição do pecado:

> Se o pecado é qualquer coisa aquém do glorioso caráter de Deus, ninguém é perfeito. No entanto, todo o crente no poder do Espírito pode abster-se de forma coerente refrear a violação deliberada da conhecida de Deus. [...] Se não conseguem manter isso, o relacionamento amoroso, obediente, já não experimentam a santificação no sentido do crescimento espiritual, e eles precisam de um novo encontro com Deus, uma renovação que poderia ser descrita como uma segunda experiência de crise.[62]

McQuilkin cita o orador da convenção de 1890 H.W. Webb-Peploe: "Antes, eu esperava o fracasso, e fui surpreendido com a libertação, agora espero libertação, e estou espantado com o fracasso."[63] "Consagração é o tema, e as pessoas são desafiadas, à luz de seu próprio fracasso e incapacidade e à luz da plena provisão de Deus, a render-se incondicionalmente a Deus." A vida cristã normal é "sucesso consistente em resistir à tentação de violar deliberadamente a vontade conhecida de Deus."[64] McQuilkin percebe, que o problema parece residir na definição de pecado", ele acrescenta, "Keswick ensina claramente que os cristãos, pelo poder do Espírito que neles habita, têm a capacidade de escolher de forma coerentemente em não violar deliberadamente a vontade conhecida de Deus."[65] Questões no âmago da justificação e sua relação com a santificação são realizadas na orla.

---

62 Robert McQuilkin, *Five Views on Sanctification* 55.

63 ibid., 154.

64 ibid., 155.

65 ibid., 156.

> Os membros da igreja vivendo em pecado são salvos, ou estão perdidos? Eles foram salvos? Será que vão provar que foram salvos? Que perderam a salvação? Eu tenho opiniões — mesmo convicções — sobre as respostas teológicas a algumas dessas perguntas, mas uma vez que o Espírito Santo não se sente a necessidade de respondê-las diretamente nas Escrituras, eu não me sinto sob nenhuma compulsão de fazê-las no contexto de abordar Cristãos professos que vivem em pecado.[66]

No entanto McQuilkin assume uma visão particular da justificação. Primeiro, ele diz que, na interpretação de Keswick das Escrituras, "a *fé* pode ser mais precisamente traduzida como *fiel* na maioria dos casos [...] obediência e confiança [são] os aspectos da fé salvadora",[67] quando os reformadores falavam da fé como confiança pessoal em Cristo, McQuilkin repete as imagens mecânicas repletas nos escritos dos líderes em Keswick: "Fé joga a chave, liberando a corrente do poder divino."[68] Contra Roma, os reformadores ensinaram que, embora a fé produz o fruto do amor, na justificação é simplesmente confiar em Cristo. Entretanto, McQuilkin alarga a definição da fé salvadora: "isto é, a verdadeira fé envolve a compreensão, o amor e a decisão."[69] "Assim, o elemento essencial da fé para aquele que é desobediente é a obediência. A pessoa insubmissa deve se render."[70] É o próprio ato da decisão que salva.[71]

Uma vez mais, encontramos também a espiritualidade mais mística do eu interior defronte da Palavra exterior e do mundo em que Deus age:

---

66 ibid., 161.

67 ibid., 163.

68 ibid., 167.

69 ibid., 168.

70 ibid., 170.

71 ibid., 171.

> A mente interior é a arena principal de crescimento. [...] Deus não influência diretamente nossas mentes, mas seu principal método de trazer crescimento é através dos que são comumente chamados de "meios da graça", ou condutas de energia divina. Nesses meios nós não somos passivos, mas devemos participar ativamente.[72]

Esses meios são "a oração, as Escrituras, a igreja e o sofrimento."[73] Não há nenhuma menção dos sacramentos ou mesmo da pregação.

O teólogo Wesleyano Melvin E. Dieter reconhece a semelhança com a visão Wesleyana. É a vontade que é aperfeiçoada pelo Espírito na "segunda bênção".[74] Isto parece ir ao cerne da questão. Na perspectiva reformada, qualquer transgressão da vontade revelada de Deus é na sua essência um ato da vontade. Não é apenas um erro externo, mas surge da corrupção que ainda se apega a nós.

Representando o que ele chama de uma perspectiva "dispensacionalista agostiniana", John F. Walvoord defende "regeneração como resultado de crer". Isto é irônico, dado o fato de que a posição "calvinista" que ele desafia é de fato a visão Agostiniana. "O Sínodo de Dort parece ensinar que a regeneração precede a fé, e, neste caso, a soberania de Deus prevalece e uma pessoa, para todos os efeitos práticos, é um robô que não participa ativamente de sua própria salvação."[75] Por sua parte, McQuilkin, também um dispensacionalista, conclui que "a doutrina da santificação como enunciada por John Walvoord está em harmonia com a abordagem de Keswick."[76]

Por meio dessa série de intercâmbios, começamos a ver como um espectro diversificado de evangelicalismo está em dívida com a visão Arminiana de santificação (em grande parte Wesleyana). Incluídos neste leque de perspectivas tiram-se as seguintes conclusões (esboçadas por muitas, se não todas, as representantes citadas):

72 ibid., 180.

73 ibid. , 181.

74 Melvin E. Dieter, *Five Views on Sanctification*, 186.

75 John Walvoord, *Five Views on Sanctification*, 223.

76 McQuilkin , *Five Views on Sanctification*, 237.

A salvação é pela graça, mas temos de acreditar antes de sermos regenerados. A fé é a obediência e santificação está incluída na justificação. Embora alguns cristãos possam permanecer "carnais", isto é, assolados por uma derrota espiritual e moral, aqueles que aproveitam a energia do Espírito dentro deles podem entrar em um nível mais elevado de santificação e viver acima de todo pecado conhecido. Do começo ao fim, a vida cristã está apoiada pela graça, mas depende, em última instância em todas as fases do nosso esforço. O esforço humano não é uma resposta à obra de Deus, mas trata-se de uma cooperação com a obra de Deus que realmente determina o resultado da salvação de alguém, pelo menos o nível do céu que alguém ocupa.

A diferença entre estas versões variadas do paradigma arminiano e a Reforma (ambas luterana e calvinista) não poderia ser mais clara. Muitas vezes se diz nos círculos evangélicos que se deve ir para os calvinistas de uma doutrina sólida do pecado e da graça, "altas igrejas" para uma robusta doutrina dos sacramentos, e aos arminianos para uma visão robusta da vida cristã. No entanto, tem sido o meu objetivo neste capítulo mostrar a incoerência desta máxima.

As doutrinas da graça, juntamente com outras ênfases tão caras ao sistema reformado; engendram seu próprio tipo de piedade. Ao final de tudo, a escolha permanece entre teologias da glória e a teologia da cruz e da ressurreição, entre a nossa ascensão através de práticas espirituais e descida de Deus através de seus meios de graça e sermos ressuscitados juntamente com Cristo, assentados com ele nos lugares celestiais.

CAPÍTULO 7

O calvinismo e as missões cristãs

Nem todo mundo tem os mesmos sentimentos sobre o Calvinismo quando se trata de evangelismo e missões.

Como você poderia realmente lançar-se a proclamar o evangelho a todos, se está convencido de que somente algumas pessoas são escolhidas, redimidas e que serão eficazmente trazidas à fé salvadora? Seria uma boa notícia para os eleitos, mas é uma boa notícia para o mundo inteiro? Além disso, não viriam tais doutrinas atenuar a nossa motivação para orar e de trabalhar em prol da situação dos perdidos? Afinal de contas, Deus vai salvar quem ele quer, e não há muito que você ou eu possa fazer sobre isso!

Essas primeiras impressões são compreensíveis, mas são mal-entendidos da posição calvinista. Antes de tentar corrigi-las diretamente, eu quero dar um passo atrás e sugerir um ponto de partida mais útil, ou seja, o fato histórico de que o Calvinismo incentivou uma série de empreendimentos evangelísticos e missionários.

Evangelismo calvinista: um paradoxo?

A cobrança acima mencionada foi nivelada, primeiro não só por aqueles que se opõem ao calvinismo, mas também por alguns que não conhecem suficientemente a história das missões. Por exemplo, a igreja Batista do Sul — seu historiador William R. Estep, notável autoridade em Anabatismo, afirma que "logicamente, o Calvinismo

é antimissionário". Se a eleição for verdade, argumenta, "a evangelização e o trabalho missionário são exercícios de futilidade."[1] As premissas no artigo de Estep são, de fato, lógicas para a sua conclusão. Se a eleição elimina a responsabilidade pessoal de responder ao evangelho e o próprio evangelho não é para ser proclamado indiscriminadamente a todas as pessoas, é claro que o empreendimento missionário seria uma missão de tolos. No entanto, nenhuma das premissas é realmente utilizada pelos calvinistas. Mas eles são amplamente presumidos por não calvinistas. Trata-se de uma caricatura do Calvinismo que leva à conclusão de que, por motivos lógicos, é inimigo da missão.

A primeira maneira de desafiar esta caricatura é olhar para a história. Se, de fato, os calvinistas desempenharam um papel de destaque nas missões modernas e no evangelismo, fazem isso a despeito de suas convicções teológicas ou por causa delas. Antes de defender a última, quero por em foco a real história do Calvinismo e as missões.

O Calvinismo têm sido a morte de missões? Um levantamento histórico

A acusação de que o Calvinismo é inimigo da missão surpreenderia aqueles que estão em igrejas Presbiterianas e Reformadas — tanto a liderança que conhece sua história e estão pessoalmente envolvidos em missões, quanto os leigos regularmente envolvidos em relacionamentos estreitos com missionários enviados e sustentados por suas igrejas.

A Era da Reforma e as Missões

Muitas vezes se diz que a Reforma mostrou pouco interesse em missões. Contudo, este veredito depende do que se pensa a respeito da preocupação da Reforma em primeiro lugar. Se tal movimento não era mais do que um debate destrutivo acerca dos pontos mais delicados da teologia, então as missões eram uma distração. Mas se foi, de fato, uma recuperação do evangelho da livre graça de Deus em Jesus

1 William R. Estep , "Doctrins Lead to 'Dunghill' , Prof Warns," *Texas Baptist Standard* (March 26, 1997).

Cristo, então ela foi o maior movimento missionário desde o apóstolo Paulo. Assim é exatamente como milhões de cristãos viram a matéria, por isso estavam dispostos a dar suas vidas em sua defesa.

Reconhecidamente, a primeira leva de missionários enviados para regiões distantes no início do período moderno eram monges Católicos Romanos. A professora e historiadora de missões Ruth Tucker observa sobre os reformadores, "seguramente por si só e em face da oposição Católica Romana, desbravando novos caminhos na Europa foram avanços significativos, além de que, havia pouco tempo ou pessoal para empreendimentos no exterior." Tucker também aponta que missionários Católicos Romanos viajavam sob a proteção de exploradores, comerciantes e conquistadores, enquanto as igrejas luteranas e reformadas estavam sem acesso ao mar não tinham ainda "uma força missionária já pronta como as ordens monásticas Católicas Romanas."[2] Fred Klooster acrescenta:

> Sabemos o quão difícil era para [os reformadores] propagar o evangelho mesmo dentro da Europa sob governos geralmente controlados por príncipes, reis e imperadores Católicos Romanos. Praticamente todas as portas para o mundo pagão estavam fechados a Calvino, bem como para outros reformadores, pois o mundo do Islã ao sul e a leste eram guardados por exércitos turcos, enquanto as marinhas da Espanha e Portugal impediam o acesso ao novo mundo recém-descoberto. O Papa Alexandre VI em 1493 deu às coroas Portuguesa e Espanhola direitos exclusivos para essas áreas e, posteriormente, papas e tratados reafirmariam essas doações.[3]

Além disso, observa Tucker, "Martinho Lutero tinha tanta certeza do retorno iminente de Cristo que ele negligenciava a necessidade de missões estrangeiras."

---

2 Ruth Tucker, *From Jerusalem to Irian Jaya: A Biographical History of Christian Missions* (Grand Rapids: Zondervan, 1983), 67.

3 Fred Klooster, "Missions, The Heidelberg Catechism, and Calvin," Calvin Theological Journal 7/2 (1972): 183.

Luteranos se tornaram envolvidos nas missões protestantes iniciais, especialmente aquelas dentro da ascensão do pietismo luterano. "Calvino por si mesmo, entrementes, fora pelo menos exteriormente o espírito mais missionário de todos os reformadores. Ele não só enviou dezenas de evangelistas de volta à sua terra natal, a França, mas também comissionou quatro missionários, juntamente com um bom número de huguenotes franceses, para estabelecer uma colônia e evangelizar os índios no Brasil." Na verdade, estes foram os primeiros missionários protestantes a por os pés no novo Mundo. O líder renegado da empresa bandeou para o lado Português, "deixando os poucos remanescentes sobreviventes indefesos para serem mortos pelas mãos dos Jesuítas."[4]

Um desses missionários mártires foi Jean de Léry, um dos estudantes de teologia favorito de Calvino. Calvino e os outros pastores em Genebra, bem como em outras Igrejas reformadas — acreditava que os missionários devessem ser cuidadosamente preparados, treinados para ler a Bíblia nas línguas originais, e profundamente habilitados em teologia. O campo missionário não merecia menos do que a qualidade de ministros esperados em sua terra de origem.

Enquanto isso, em terra natal as igrejas reformadas tornaram-se centros para refugiados que fugiam da perseguição em toda a Europa. Philip E. Hughes explica:

> A Genebra de Calvino, todavia, era algo mais do que um abrigo de refúgio para os aflitos: era também uma escola, na qual, com a ajuda de aulas regulares e sermões por dia, as pessoas eram instruídas e edificadas para serem fortes na fé cristã. Ainda mais significativo, havia uma escola de missões: aberta, não só para receber os refugiados, mas também para enviar testemunhas que iriam espalhar o ensino da Reforma em terras distantes [...] era um centro dinâmico de ocupação e atividade missionária.[5]

---

4 Tucker, *From Jerusalem to Irian Jaya*, 67 – 68.

5 Philip E. Hughes, ed., *The Register of the Company of Pastors of Geneva in the Time of Calvin* (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), 25.

Hughes observa que os registros da igreja de Genebra durante este período demonstram a imponência dessa atividade missionária. Além das sucessivas levas de graduados da academia de Calvino que foram enviados para quase o martírio certo na França, muitos outros eram provenientes da Itália, Polônia, Inglaterra, Escócia, e outros lugares, a fim de retornar como evangelistas à sua terra natal. Historiadores muitas vezes observam que o crescimento considerável de igrejas reformadas, com frequência em condições hostis, durante o período em questão. Em 1561, por exemplo, 142 alunos foram comissionados pela igreja em Genebra como missionários. Não era incomum graduados brincarem nervosamente com seus diplomas da academia de Genebra como se fosse uma sentença de morte.

Em sua França natal, os pequenos bandos de cristãos evangélicos que haviam escapado do martírio aumentavam para mais de três milhões em 1562, e Calvino se correspondia regularmente com os pastores, missionários e evangelistas que conduziam tais esforços. Frank James III observa: "Longe de ser desinteressado em missões, a história mostra que Calvino foi arrebatado por elas."[6]

Essa paixão é evidente nos sermões de Calvino. Ao comentar a ordem de não desconsiderar o "congregar-se" com o Corpo de Cristo (Hebreus 10.25), Calvino também exorta que isso equivaleria a interessar-se pelo "labor sobre aqueles que ainda estão longe do rebanho de Cristo, como também ao nutrir os que estão dentro.[7] Num sermão baseado em 1 Timóteo 2.3-5, Calvino declara:

> Assim podemos ver o significado que São Paulo pretende quando diz: Deus deu a conhecer a todo o mundo, e seu evangelho pregado a todas as criaturas. Portanto, devemos procurar, tanto quanto possível, convencer aqueles que são estranhos à fé, e parecem estar totalmente privados da bondade de Deus, a aceitar a salvação. Jesus Cristo não é apenas um Salvador de poucos, mas ele se oferece a todos.

---

6 Frank A. James III, citado em Keith Coleman, "Calvin and Missions," WRS Journal 16:1 (February 2009): 29 - 30.

7 John Calvin, *Commentary on the Epistle to the Hebrews*, 135.

"As vezes que o evangelho é pregado a nós", Calvino lembra sua congregação, "temos de trabalhar, tanto quanto possível para levar a salvação aqueles que parecem estar distantes."[8]

Em outro sermão sobre Mateus 28.19, Calvino diz: "Este é o significado da palavra *ir* (*exeundi*): as fronteiras da Judeia foram prescritas aos profetas sob a lei, mas agora a parede é vinda abaixo e o Senhor ordena aos ministros do evangelho que precisam ir muito além para espalhar o ensino da salvação a todas as regiões da terra".[9]

Calvino não era indiferente em seu zelo missionário. O catecismo de Heidelberg (1564), por si mesmo era uma ferramenta evangelística, foi traduzido para o Holandês, Saxão, Húngaro, Inglês, Grego, Francês, Polonês, Lituano, e Italiano no período de apenas vinte e cinco anos de sua publicação inicial. Tremellius (morto em 1580), um grande teólogo reformado convertido do judaísmo a Cristo, foi professor na Universidade de Heidelberg e traduziu o Catecismo em hebraico com o propósito expresso de levar o evangelho ao povo Judeu. Da mesma forma, a tradução grega, enviada ao Patriarca da Igreja Ortodoxa Grega, com o propósito de evangelização. Na verdade, o Patriarca adotou oficialmente o catecismo (e os cânones de Dort!), embora este ato seria repudiado pelos líderes posteriores.

Na era pós-Reforma, o catecismo de Heidelberg foi traduzido em malaio, javanês, português, espanhol, cingalês, tâmil, chinês e japonês (mais tarde , em navajo, zuni, tiv e hausa). Isso demonstra a grande amplitude da atividade missionária reformada durante este início da era moderna, mesmo antes do surgimento do movimento missionário moderno. Com efeito, a ordem dos Jesuítas (muitas vezes chamada de "Fuzileiros Navais de Deus") foi fundada para promover os objetivos da contrarreforma. Suas impressionantes atividades missionárias, educacionais e espirituais foram uma tentativa direta para conter a expansão da fé e prática Protestante, em especial calvinista.

---

8 Calvin, "Sermon on 1Tim. 2:3 – 5," *Calvin's Sermons: The Mystery of Godliness* (Grand Rapids: Eerdmans, 1950).

9 D. W. Torrance and T. F. Torrance, eds., *Calvin's New Testament Commentaries* (Grand Rapids: Eerdmans, 1972), 251.

O Movimento Missionário Moderno

A Sociedade Missionária de Londres, organizado em 1795, se tornou um grande celeiro do movimento missionário moderno. Conscientemente calvinista, a primeira reunião do grupo incluiu um discurso de George Burder, lembrando como

> "o espírito apostólico revivido nos gloriosos reformadores" seguindo a 'longa e terrível noite' da superstição e do declínio medieval. Lutero, Calvino, outras grandes luzes da Reforma recuperaram o evangelho em seus dias. 'Mas, oh! Onde está o zelo primitivo? Onde estão os heróis da Igreja — homens que voluntariamente entregaram e se dissiparam por Cristo; onde? Que a ambição não trilhe em uma linha já preparada por eles, mas que preguem a Cristo, onde, ainda, ele não foi invocado.' "[10]

Enquanto falava, William Carey estava pregando sobre as margens do rio Ganges, na Índia.

Mas, antes de voltarmos a Carey, o movimento missionário moderno tem precedentes anteriores. Quando as igrejas Reformadas e Presbiterianas angariaram tolerância política e, em alguns casos, até mesmo privilégio nacional, as missões no exterior adquiriu um ritmo notável.

A história do movimento missionário moderno dificilmente pode ser contada sem as contribuições impressionantes dos holandeses reformados. Em algumas instâncias, essa expansão holandesa se dera paralelamente à prática Espanhola e Portuguesa de enviar missionários com os navios mercantes às Índias Orientais empreendimento que foi especialmente dominante durante esse período. Esta foi uma relação difícil, como o Sínodo de Dort que decidiu que nenhuma pessoa pode ser batizada e ainda mantida em escravidão. (No entanto inadequada teologicamente, essa política foi, no mínimo, um avanço significativo além das práticas da Igreja Católica

10 Timothy George, *Faithful Witness: The Life and Mission of William Carey* (Birmingham, AL: New Hope, 1991), 135.

Romana na época.) Aos missionários foram também dados alojamento e alimentação, às custas da Companhia. Uma escola foi criada em Leyden simplesmente para a formação de missionários.

O sucesso missionário em todo o Sudeste da Ásia, Ceilão (Sri Lanka), Sumatra, e outras regiões foi notável. Kenneth Stewart observa que muitos presentes no Sínodo de Dort em si, como Gisbertus Voetius, eram zelosos defensores de missões. Na verdade, os Cânones de Dort ressaltaram explicitamente o mandato missionário. Os holandeses reformados também restabeleceram a comunidade de culto no Brasil, mas novamente este trabalho sofreu reveses da parte dos missionários Católicos Romanos e do Governo Português.

Os calvinistas da Nova Inglaterra estabeleceram-se no início para evangelizar os nativos do Novo Mundo. De fato, este foi incluído em muitos dos mapas iniciais, como o da colônia da baía de Massachusetts — a saber, "a alcançar e incitar os nativos da terra ao Conhecimento e obediência do único e verdadeiro Deus e Salvador da humanidade, e da fé Cristã."[11]

Podemos exasperar justamente concernente a confusão de Cristo e o império, mas o Tribunal Geral de Massachusetts, incentivou a evangelização, em meados dos anos 1600. Aquele que respondeu ao chamado foi o pastor calvinista John Eliot (1604-1690). Eventualmente, ele deixou seu pastorado de Roxbury e estabeleceu-se permanentemente entre os índios, pregando e ensinando o catecismo às crianças. Em parte como resposta ao seu trabalho, o Parlamento Inglês autorizou a fundação da Sociedade para a Propagação do Evangelho na Nova Inglaterra. Logo, Eliot foi acompanhado por assistentes que, como ele, aprenderam a língua algonquiana ou Moicana, e juntos eles traduziram um catecismo à língua indígena, um Saltério para cantar, e, finalmente, toda a Bíblia. Em torno de 3.600 nativos foram convertidos, e em pouco tempo os pastores nativos estavam ordenados. Tucker pergunta:

> Qual era o segredo por trás da vida excepcional de serviço de Eliot? O que levou-o ao longo dos anos de oposição, sofrimento e desapontamento? Três características são dignas de nota: o seu oti-

11 Citado em Tucker, *From Jerusalem to Irian Jaya*, 84.

> mismo inabalável, sua capacidade de mobilizar a ajuda de outros, e sua certeza absoluta de que Deus, e não ele, estava a salvar almas e no controle dos maus momentos, assim como dos bons.[12]

A família Mayhew também veio da Inglaterra na década de 1630, e Thomas Mayhew comprou Martha's Vineyard e tornou-se seu governador. Depois de estudar para o ministério, o seu filho, Thomas Jr., aprendeu a língua nativa e estabeleceu-se entre os índios da ilha. Com seus novos convertidos e associados, Hiacoomes, trezentos convertidos estavam cultuando a Cristo, enquanto uma escola era estabelecida. Thomas Mayhew Jr. se perdeu no mar em uma viagem para a Inglaterra, mas seu pai — agora com 70 anos de idade — assumiu seu trabalho, seguido pelo seu neto, John Mayhew, e, em seguida, seu bisneto, Experience.[13]

Logo no início, missionários calvinistas ficaram contentes em trabalhar com outros evangélicos na causa missionária. De fato, houve correspondência entre os ministros da Nova Inglaterra e o líder dos pietistas luteranos, August Francke, particularmente em relação à notícia de que o rei da Dinamarca encorajava as missões para a Índia (embora neste caso não parece ter sido uma motivação política, o rei simplesmente era um ardente luterano pietista). Missionários calvinistas estabeleceram vastas redes de tradução e distribuição da Bíblia em toda América Central e do Sul.

David Brainerd (1718-1747) foi outro ministro calvinista conhecido por sua notável missão aos índios no Oeste de Massachusetts, sob os cuidados da Sociedade Escocesa para a Propagação do Conhecimento Cristão. Em 1749, Jonathan Edwards (também por um tempo um missionário para os índios) apresentou um relatório próximo da obra de Brainerd em *Uma História da vida do falecido reverendo David Brainerd*. Brainerd mesmo anotou em seu diário, "foi surpreendente ver como seus corações pareciam ser perfurados com os ternos e emocionantes convites do evangelho, quando não havia uma palavra de terror falada a eles."[14] Em meados dos anos 1700, Eleazar Wheelock procurou trazer juntamente índios e colonos brancos para

12 ibid., 89.

13 ibid., 89 - 90.

14 Citado em ibid., 93.

treinamento missão em Hanover, New Hampshire. A escola acabou por ser chamada de Dartmouth College, devido ao seu mantenedor Inglês (Conde de Dartmouth) e foi licenciada para educar os nativos e os colonos brancos juntos. Em seu auge, Yale era um grande centro de treinamento e envio missionário, junto com os colégios de Andover e Log (mais tarde chamado Princeton).

Sem perder tempo, os calvinistas estavam olhando para a África e a Ásia como a nova fronteira da missão. Embora já houvesse missionários reformados holandeses no sul, o Presbiteriano Robert Moffat (1795-1862), educado por pais Escoceses no catecismo e sobre as histórias missionárias, foi o primeiro a adentrar no interior africano, juntamente com sua esposa Mary.

O enteado de Moffat, David Livingstone (1813-1873), tornou-se o mais famoso pioneiro de missões africanas. Quando o *New York Herald* enviou um repórter, Henry Stanley, para encontrar Livingstone "vivo ou morto", o missionário quase morto foi recebido com as famosas palavras, "o Dr. Livingstone, presumo." Apesar dos remédios e alimentos de Stanley restaurarem a saúde de Livingstone por um tempo, ele morreu um ano depois. Entretanto, através desse encontro, Stanley saiu profundamente impressionado com a mensagem e o mensageiro: "Eu fui convertido por ele, embora ele não tivesse tentado fazê-lo."[15] Tucker indica que esses missionários "mais do que qualquer outra influência externa, disputava contra os males do colonialismo e do imperialismo", que procurou corromper o empreendimento missionário.[16]

Um dos catalisadores do movimento missionário moderno foi o despertar Evangélico na Inglaterra e no País de Gales. De um despertar calvinista no País de Gales em 1772, foi tomada a decisão de enviar missionários para os nativos e colonos em pouco antes da Revolução da América. A Sociedade Missionária de Londres largamente calvinista, mencionada no início desta seção, liderou o caminho em direção a uma investida missionária à expansão.[17] Outra escocesa presbiteriana, Mary

15 Citado em ibid., 153.

16 ibid., 141.

17 Para esta parte da história, dependo do excelente ensaio de by Kenneth J. Stewart, "Calvinism and Missions: The Contested Relationship Revisited," *Themelios* 34, no. 1 (April 2009): 63 – 78.

Slessor (a autoproclamada "garota selvagem"), tornou-se uma missionária pioneira para a África Ocidental em 1876 com apenas 27 anos de idade. Embora ela fosse homenageada como a primeira mulher vice-cônsul do Império Britânico, ela considerou seu comissionamento como missionária com mais distinção. Em 1915, aos sessenta e seis anos de idade, morreu em sua cabana feita de lama.[18]

Igrejas Reformadas e Presbiterianas (assim como batistas e anglicanas calvinistas) se tornaram igrejas pioneiras em missões também para o Extremo Oriente. Robert Morrison foi o primeiro missionário Protestante na China, filho de pais escoceses presbiterianos de firmeza, e entre suas notáveis realizações está a primeira tradução da Bíblia em chinês.[19]

O missionário alemão reformado Karl F. A. Gutzlaff foi comissionado pela Sociedade Missionária da Holanda, enviado para Indonésia, Tailândia, e além (Manchúria, Coreia, Formosa); ele traduziu toda a Bíblia para as línguas do Camboja e do Laos. Eventualmente, estabelecia uma base em Hong Kong, onde, em seis anos, treinou mais de trezentos trabalhadores chineses como missionários. "As pessoas em todos os lugares estavam reunidas para ouvir a mensagem do evangelho, e a maior notícia de todas é que nada menos que 2.871 convertidos tinham sido batizados, 'após o exame e confissão satisfatórios de sua fé.' "[20]

Jonathan Goforth, "o mais notável evangelista da China", foi, juntamente com sua esposa missionária Rosalind, um leal presbiteriano canadense.[21] Enquanto os missionários Católicos Romanos estavam oferecendo atrativos políticos e econômicos para aqueles que quisessem se converter, Goforth brandia, "Nós poderíamos oferecer nenhum desses incentivos, e nós temos um horror de fazer 'Cristãos de arroz'. Não podemos competir com eles em comprar o povo."[22] No entanto, Deus abençoou este trabalho notável 'cristãos de arroz', mesmo dezenas de milhares de pessoas que aderiram à Roma converteram-se à fé evangélica. Quando o liberalismo teológico

18 Tucker, *From Jerusalem to Irian Jaya*, 162 – 63.

19 ibid., 168 – 71.

20 ibid., 172.

21 ibid., 188 – 89.

22 ibid., 193.

encaminhou-se para a China em 1920, Goforth disse que se sentiu "impotente para conter a maré" e só poderia " pregar, como nunca antes fizera, a salvação mediante da cruz do calvário e demonstrar seu poder.'"[23]

Em meados do século XIX, um jovem estudante do Seminário Princeton se convenceu a ir ao campo missionário depois de uma palestra de Charles Hodge, em que o grande teólogo questionou a ideia de que Deus iria converter as nações por sua "agência extraordinária" em vez do ministério ordinário da Palavra. Este estudante, Ashbel Green Simonton, levou não só muitos nativos para Cristo, mas também muitos colonos católicos, incluindo sacerdotes. Embora tenha morrido aos trinta e quatro anos de idade, dentro de oito anos Simonton criou o Presbitério do Rio de Janeiro e o Seminário Presbiteriano do Brasil em 1867. Hoje, há bem mais de um milhão de presbiterianos comungantes no Brasil.

O espaço não permite menção aos muitos outros calvinistas que foram pioneiros em termos de missões no Pacífico Sul, Ásia, África e América do Sul e Central. Com efeito, em 1950, um notável missionário britânico Metodista para a Índia, N . Carr Sargant, poderia dizer, "para louvar o Arminianismo e reprovar o Calvinismo é o julgamento convencional. Em relação a missões, no entanto, o Calvinismo rígido e o Arminianismo ardente de Wesley eram em substância a mesma coisa."[24] Na verdade, Sargant reclamara que enquanto as missões Metodistas focava-se em inculcar distintivos Wesleyanos para Cristãos nominais, missionários calvinistas estavam sendo enviado "para os gentios."[25]

O interesse renovado em missões entre britânicos e americanos evangélicos foi estimulado pelo reavivamento evangélico em meados do século XVIII. Embora

---

23 ibid.

24 Citado por Kenneth Stewart, de N. Carr Sargant, "Calvinism, Arminianism and Missions," *London Quarterly and Holborn Review* 176 (1951): 340–44. Da mesma época, note J. Van den Berg, "Calvin's Missionary Message: Some Remarks about the Relation between Calvinism and Missions," *Evangelical Quarterly* 22 (1950): 174–87; and S. M. Zwemer, "Calvinism and the Missionary Enterprise," *Theology Today* 7 (1950): 206 – 21.

25 Sargant, "Calvinism, Arminianism and Missions," 51. Faremos um breve retorno à questão da missão Protestante no século dezoito e anterior. O ponto a ser estabelecido incialmente aqui é simplesmente que os juízos do século vinte a respeito do Calvinismo e missões foi tratado de modo variado.

o nome saliente de John Wesley seja significativo neste movimento, foi em grande parte liderado por anglicanos calvinistas, presbiterianos e batistas. (na verdade, o reavivamento galês deu origem ao nome de outro modo aparentemente paradoxo, "metodistas calvinistas.")[26]

Todavia, é William Carey (1761-1834), que é honrado como o fundador do movimento missionário moderno. É verdade, de fato, que ele se opunha em primeira instância de uma postura batista hipercalvinista, John Ryland Sr., que supostamente responderam ao apelo do Carey com a réplica: "Jovem , sente-se. Quando Deus quiser converter os pagãos, ele vai fazê-lo sem a sua ou a minha ajuda."[27] No entanto, Carey era um batista calvinista, não um hipercalvinista. Deus atua através de meios. Cristãos são convertidos e crescem na fé através do ministério do evangelho, porque é que nós imaginamos que seria diferente em outra parte do mundo?

Felizmente, John Ryland não tinha muito apoio, e Carey conquistou os louros entre os seus companheiros calvinistas, fundando a Sociedade Missionária Batista, em Londres. Apesar das enormes dificuldades, a missão de Carey na Índia, foi um enorme sucesso. Ele traduziu a Bíblia para "cerca de 40 línguas e dialetos nunca antes utilizados para este fim santo", observa Timothy George.[28] Em todas as páginas de seus próprios testemunhos desse trabalho, ele exibe todas as convicções de alguém encantado com as doutrinas da graça soberana de Deus. Ele acreditava que o movimento missionário moderno estava conduzindo o impulso e a mensagem da Reforma Protestante.[29] Seu associado, Andrew Fuller, foi por sua vez outro líder importante nas missões batistas calvinistas.

É significativo que entre os batistas foram os calvinistas que lideraram a rota das missões. De acordo com Timothy George, embora os (arminianos) batistas gerais

---

26 Para uma excelente história dessas fontes, veja Kenneth J. Stewart, *Restoring the Reformation: British Evangelicalism and the Francophone 'Réveil' 1816-1849*; Paternoster Studies in Evangelical History and Thought (Eugene, OR: Wipf & Stock, 2006).

27 J. Herbert Kane, *A Concise History of the Christian World Mission* (Grand rapids: Baker, 1978), 85.

28 George, *Faithful Witness*, 24.

29 ibid., 37.

no início fossem vigorosos no plantio de igrejas na Inglaterra, a maior parte deles tinha morrido fora de suas convicções teológicas evangélicas em meados do século XVIII, negando a divindade de Cristo e a Trindade. Em todo caso, eles se recusaram a assinar quaisquer Confissões, os Credos Apostólico e Niceno.[30] O Niceno em "especial, batistas [calvinistas] por sua vez, resistiram a tais tendências liberalizantes e afirmaram fortemente a teologia calvinista ortodoxa estabelecida incluindo a sua Primeira (1644) e Segunda Confissões de Londres (1677, 1689)." Como John Bunyan, antes deles, Carey e todos os pioneiros batistas de missões neste círculo foram defensores ardorosos dessa segunda corrente.[31]

Os presbiterianos também estiveram envolvidos no início da missão pioneira para a Índia. Alexander Duff chegou em Calcutá com sua esposa em 1830. Além disso para plantar igrejas que ele estabeleceu uma rede de escolas (incluindo faculdades), cujo único problema era que eles atraíram muitos que estavam interessados apenas na educação secular e não na fé Cristã.[32]

Quando os calvinistas criticaram alguns desses esforços, raramente essa acusação foi lançada por John Rylands. Antes, era uma preocupação de que tais esforços missionários se tornassem frouxamente conectados às igrejas e, em vez disso, em sociedades voluntárias de mais livre flutuação. Esta continua a ser uma preocupação reformada, mas nunca seria capaz de frear o zelo de igrejas Reformadas e Presbiterianas ao patrocinar seus próprios programas de missões. As missões reformadas foram especialmente distinguidas por uma insistência em plantar igrejas, e não apenas em produção de conversões. Esta robustez da visão do Novo Testamento a respeito da igreja é que tem contribuído para tal longevidade e estabilidade dos esforços missionários reformados em muitas partes do mundo.

Uma das histórias mais notáveis de missões reformadas e presbiterianas é a península Coreana. Antes de 1945, a Igreja Presbiteriana era a principal denominação lá. Na verdade, apesar do fato de que a Igreja Presbiteriana permanece a maior denominação na Coréia do Sul, a grande parte dos seus membros eram (pelo menos

30 ibid., 53.

31 ibid., 54.

32 Tucker, *From Jerusalem to Irian Jaya*, 134 – 35.

em meados do século) do que é hoje a Coréia do Norte.[33] De acordo com relatos na década de 1930, aldeias inteiras abraçaram o evangelho.[34]

Durante o auge de sua ortodoxia, a Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos (PCUSA) foi um grande motor de missões mundiais, incluindo o trabalho pioneiro em países Islâmicos como o Egito.[35] Pensamos no missionário reformado holandês-americano Samuel Zwemer, "o apóstolo para Islão," cujo trabalho no mundo árabe continua a dar frutos. Ele mesmo resumiu sua teologia da missão com estas palavras: "Com a soberania de Deus como base, a glória de Deus como objetivo, e a vontade de Deus como motivo, o empreendimento missionário hoje pode enfrentar a mais difícil de todas as tarefas missionárias, a evangelização do Mundo Muçulmano."[36]

Com efeito, os presbiterianos foram os mais envolvidos do que qualquer outra tradição em missões para o Oriente Médio. Em Bahrein, a maioria dos Cristãos Árabes (e alguns indígenas) são membros da Igreja Evangélica Nacional, que é de tradição reformada.[37] A agência missionária pioneira no Irã era conjuntamente presbiteriana e congregacional, formando a Igreja Evangélica em 1855. Até recentemente, era a maior igreja Protestante no país e com uma influência descomunal, especialmente através de uma rede de escolas, serviços e uma faculdade de medicina.38 A Igreja reformada na América liderou as missões para o Iraque em 1889 e, juntamente com a Igreja Evangélica e Igreja Presbiteriana Reformada, tornou-se a Missão Unida.[39] O mais antigo trabalho missionário na Palestina moderna foi patrocinado pela Igreja da Escócia, em 1839, e a primeira missão no Kuwait e Omã foi estabelecido

---

33 *World Christian Encyclopedia: A Comparative Survey of Churches and Religions in the Modern World*, ed. D. B. Barrett, G. t. Kurian, and T. M. Johnson (Oxford: Oxford Univ. Press, 2001), 559.

34 ibid., 683.

35 ibid., 252.

36 S. M. Zwemer, "Calvinism and the Missionary Enterprise," *Theology Today* 7 (1950): 215.

37 *World Christian Encyclopedia*, 96.

38 ibid., 380.

39 ibid., 384.

pela Igreja Reformada na América em 1903.[40] A maior associação protestante na Síria e no Líbano é presbiteriana e a maior em Marrocos é reformada.[41]

As igrejas Presbiterianas e Reformadas estiveram sempre tão profundamente engajadas em missões iniciais que parece nunca ter ocorrido a alguém calcular sua extensão. O historiador da igreja Escocesa T. M. Lindsay, em uma reunião da Aliança Reformada e Presbiteriana (1896), afirmou que pelo menos 25 por cento dos missionários no campo naquela época eram de tais igrejas.[42] Isto sem levar em conta o grande número de anglicanos, congregacionais e batistas calvinistas.

Missões hoje

Com o crescente interesse no Calvinismo em círculos batistas do sul, alguns líderes expressaram alarme que diminuísse o entusiasmo da denominação para o evangelismo e missões. No entanto, de acordo com um relatório do *PCA News*, não há motivo para tanto.[43] De acordo com seu site oficial, a Convenção Batista do Sul patrocina "cerca de 5.000 missionários em casa" e "mais de 5.000 missionários no estrangeiro."[44] Para uma denominação de dezesseis milhões, isto vem ser aproximadamente "0.000625 missionários per capita."

> Por outro lado, a Igreja Presbiteriana na América com 310.000 membros (que acredita que a Bíblia ensina a predestinação) tem "cerca de 600 missionários para o estrangeiro." Que é 0,001935 de mis-

40 ibid., 394, 437, 568.

41 ibid., 446.

42 Stewart ("Calvinism and Missions") refere-se ao comentário feito por T. M. Lindsay (1843–1914) em Glasgow 1896 General Council Meeting of the Reformed and Presbyterian Alliance, como é citado por S. M. Zwemer, "Calvinism and the Missionary Enterprise," *Theology Today* 7 (1950): 215.

43 *PCA News*, "Does calvinism hinder Missions?": http://70030.netministry.com/articles_view.asp?articleid = 32260&columid + 3844.

44 Ibid., citando www.sbc.net/aboutus/default.asp.

> sionários no estrangeiro per capita comissionados e apoiados pela PCA. Embora a PCA também tenha muitos missionários em casa, essas estatísticas ainda não estavam disponíveis. De modo que, a PCA sustenta três vezes mais missionários estrangeiros per capita do que os missionários sustentados pela SBC externa e interna somados.[45]

De fato, conforme um relatório na revista *Christianity Today*, a PCA dá duas vezes mais por dólar para missões internacionais em comparação com a SBC.[46] O mesmo se deu com a Igreja Presbiteriana Ortodoxa (OPC).[47] De acordo com este mesmo relatório, a Associate Reformed Presbyterian (ARP) vem em segundo lugar entre todas as denominações dos EUA no apoio a missões. Assim, um alto compromisso com distintivos calvinistas é um incentivo ao invés de obstáculo às missões. Além disso, a formação da OPC foi alavancada por uma preocupação em missão. Quando se soube que missionários liberais eram comissionados, o professor de Novo Testamento J. Gresham Machen de Princeton fundou o Conselho Independente de Missões Estrangeiras e foi levado a julgamento por insubordinação pela PCUSA. Esta ação levou à fundação da OPC.

Mesmo durante as últimas décadas, séculos de trabalho deu seus frutos em muitas partes do mundo. Hoje, há mais cristãos reformados confessionais na Nigéria do que em toda a América do Norte, o mesmo pode ser dito do México, para não mencionar a Coreia do Sul. Como já foi lembrado várias vezes nos últimos tempos, o crescimento explosivo do Cristianismo mudou do norte para o sul do globo, e isso é verdadeiro para as igrejas Reformadas e Presbiterianas. Nós na América do Norte usamos para falar do dia em que precisaríamos de missionários virem até nós, e já há missionários que estão sendo enviados para os Estados Unidos dessas igrejas no exterior.

Como ministro da menor e mais recente Igreja Reformadas Unida (United Reformed Churches) ainda mais na América do Norte, estou impressionado com o

---

45 *PCA News*, "Does Calvinism Hinder Missions?"

46 "Briefing," *Christianity Today* (February 2011), 7.

47 Registrado por Joel Belz, "Our 2 cents' Worth," em *World Magazine* (Oct 27, 2007), at World archives: www.worldmag.com/articles/13429.

plantio constante de novas igrejas em casa e no exterior. Embora essa denominação tenha as suas raízes na imigração holandesa, a crescente adesão dessas jovens igrejas vem quase inteiramente de não reformados e até mesmo não cristãos. Em muitos casos, as aulas de apologética e evangelismo são realizadas durante a semana e têm grande audiência.

Hoje em todo o mundo há muitos evangelistas e missionários que abraçam sem hesitação ou constrangimento as doutrinas da graça, ou denominados de "Calvinismo". No entanto, como relata Timothy George, "ainda há 1,3 bilhão de pessoas no mundo que nunca ouviram o nome de Jesus uma única vez,"[48] e acrescenta:

> Hoje, mais do que um novo programa de treinamento missionário ou outra estratégia para a evangelização do mundo, a Igreja de Jesus Cristo precisa de uma visão inteiramente nova do Deus eterno, transcendente, santo, cheio de compaixão, trabalhando soberanamente pelo seu Espírito Santo para chamar para si um povo em cada nação, tribo, etnia e grupo na Terra. Apenas com tal visão, nascida do arrependimento, oração e abnegação, pode inspirar uma fé como a de Carey em uma nova geração de Arautos Cristãos.[49]

O Calvinismo *traria* morte às missões? A lógica do Calvinismo

É indiscutível que os calvinistas convictos têm contribuído significativamente para missões e evangelismo. Contudo, muitos críticos ainda me perguntam como isso poderia suceder, dada a ênfase na graça soberana de Deus. Porém, se a história atesta o entusiasmo calvinista para missões, pode ser que os críticos não tenham compreendido o que o Calvinismo ensina e se tais ensinamentos levam logicamente à ação?

O apóstolo dos gentios relata que ele fora motivado, em seu zelo missionário

48 George, *Faithful Witness*, 171.

49 ibid., 172.

pela confiança de que onde quer que fosse, o senhor teria os seus eleitos que creriam no Evangelho. "E tudo suporto por causa dos eleitos, para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus" (2 Timóteo 2.10). Era responsabilidade de Paulo pregar o evangelho à Lídia, mas o Espírito "abriu-lhe o coração para prestar atenção ao que Paulo dizia" (Atos 16.14). Eleição é a fonte, mas Deus trabalha usando meios. O Espírito levanta os "mortos em [...] delitos e pecados" (Efésios 2.1) por meio da pregação do evangelho (Romanos 10.17; 1 Pedro 1.23,25). "Como ouviriam se não houver quem pregue? e como pregariam se não forem enviados?" (Romanos 10.14-15a).

Portanto, não há contradição entre a graça soberana de Deus na salvação e o imperativo da Grande Comissão. De fato, a primeira é a base para a segunda. Dada a escravidão da vontade de pecado, ninguém responderia afirmativamente ao evangelho aparte da graça regeneradora de Deus. Se Deus não tivesse escolhido, redimido, e chamado um povo para o seu Filho, ninguém teria feito o menor movimento em direção a Deus. Assim, a doutrina da graça motiva a missão, dando-nos a confiança de que o nosso testemunho terá um impacto que de outra forma nunca poderia acontecer.

Devido a obra salvífica de Cristo não ser hipotética, mas real, podemos anunciar a todos com confiança: "Deus o mundo tanto amou, que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3.16). Não há um único convite a Cristo que os calvinistas não possam empregar em toda a sua alegria e seriedade. Na verdade, somos capazes de proclamar aos pecadores não aquilo que Cristo fez em termos de possibilidade para a salvação deles, mas que ele realmente realizou a salvação de todos os que nele confiam.

Mais uma vez, como já vimos, a redenção particular não limita a *suficiência* da morte de Cristo. Como o Novo Testamento defende a redenção particular podemos alegremente proclamar: "Cristo morreu pelos pecadores", "Cristo morreu pelo mundo", e "a morte de Cristo é suficiente para você", reconhecendo também com as Escrituras que a garante "Cristo morreu por você", é dada apenas aos crentes professos. Quando asseguramos às pessoas que "Cristo morreu por você", estamos dizendo que eles são resgatados, que seus pecados foram apagados, e que eles não estão mais sujeitos à condenação de Deus.

As doutrinas da graça também motivam uma visão missionária em termos de mensagem. Não há melhor boa notícia que podemos trazer aos nossos entes queridos, amigos e vizinhos do que o Deus trino tem realizado tudo para a nossa salvação do pecado e da morte. Não convidamos as pessoas a cooperarem com Deus para a sua redenção ou novo nascimento. Não estamos dizendo a elas que, se elas purificarem suas vidas suficientemente, exibirem zelo o bastante, e apresentar uma fé perfeita, serão salvas. Em vez disso, nos é dado o privilégio como um arauto que retorna da batalha, anunciar-lhes de que Deus alcançou a vitória sobre Satanás, a morte e o inferno. E porque Deus escolheu, redimiu e está efetivamente chamando um povo para si mesmo, estamos certos de que o nosso testemunho não será em vão.

A eleição nos lembra que Deus é o missionário original e que temos o privilégio de servir ao lado dele em sua execução desse plano. A igreja é a criação de Deus, não nossa. Um monte de igrejas hoje são projetadas para diferentes grupos. Há igrejas para diferentes idades demográficas, para as pessoas que gostam de um certo tipo de música ou pertencem a um nicho de mercado similar. Igrejas crescem mais rapidamente, nos é dito, quando têm como alvo grupos específicos. Então, hoje, ainda no mesmo bairro, pode haver um número de diferentes igrejas que são semelhantes em suas crenças e ainda são divididos por preferências raciais, geração, políticas, socioeconômicos e culturais. Muitas vezes, uma igreja em particular hoje em dia reflete as preferências pessoais, gostos e localização cultural do ministro. São mais um círculo de amigos que uma comunhão dos santos. Isso reflete uma abordagem centrada no ser humano, onde a igreja não é um milagre, mas um resultado previsível de princípios de negócios.

A eleição nos lembra que a salvação é de fato um milagre. "A salvação pertence ao Senhor" (João 2.9). Que vem de cima, não de baixo (João 3.5). Cristo é louvado no céu, porque ele "por [seu] sangue [...] resgatou pessoas para Deus homens de toda tribo, linguagem e povo e nação" (Apocalipse 5.9). Enquanto o epíteto de "raça eleita" fosse restrito à nação de Israel na antiga aliança, ele é expandido na nova aliança para incluir todos os eleitos de todas as nações que formam o corpo de Cristo (1 Pedro 2.9). É uma igreja composta de pessoas que não escolhemos, mas daqueles a quem Deus escolheu para si e para nós, como nossos irmãos e irmãs. A única nação

que tem algum status de eleita hoje é o remanescente internacional de Israel e as nações, unidos a Cristo.

Invocar "povo escolhido" para qualquer grupo étnico ou nação hoje é, portanto, contraditório diante do propósito eterno de Deus.

A eleição dá garantia não só da nossa salvação, mas de capacidade de Deus em superar a incredulidade de amigos e entes queridos, não importa o quanto seus corações sejam duros. Na visão Arminiana evangélica, o novo nascimento está totalmente em nossas mãos. A suficiente graça é oferecida a todos, para que possam escolher (ou não ser escolhidos) para nascer de novo. No entanto, conforme o entendimento calvinista, o novo nascimento é um dom do Espírito em Jesus Cristo. Nós não acreditamos para que possamos nascer de novo, nós nascemos de novo para que possamos acreditar. De acordo com a perspectiva Arminiana, o novo nascimento é essencial para a salvação e ainda é algo que temos de fazer por nossa própria decisão. Por que, então, orar pela conversão dos outros? Por que Deus não diz: "Eu fiz a minha parte e agora cabe fazer a tua, amigo." Cada vez que orar a Deus para salvar alguém, estamos supondo que o novo nascimento é um dom de Deus antes do ato de fé.

Os arminianos oferecem um falso dilema: (premissa 1), se só Deus salva, além de nossa vontade e participação, então (premissa 2) esse trabalho divino deve excluir qualquer instrumentalidade da criatura. Portanto, (conclusão) o Calvinismo é antimissões. Contudo, a segunda premissa é rejeitada energicamente pelos calvinistas. Os Cânones de Dort declaram: "Além disso, a promessa do evangelho é que todo aquele que crê em Cristo crucificado não pereça, mas tenha a vida eterna. Esta promessa, em conjunto com a ordem para se arrepender e crer, deve ser declarada e publicada a todas as nações, e a todas as pessoas indiscriminadamente e sem distinção."[50]

Não é a predestinação secreta de Deus, mas o evangelho revelado que é a esfera de ação de proclamação da igreja. O evangelho não é, "venha, se você for eleito", mas "vir a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mateus 11.28). E ainda, na frase anterior, Jesus disse que "ninguém conhece o Pai

50 Canons of Dort, Second Head of Doctrine, art. 5, em *The Psalter Hymnal*, 99.

senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (v. 27). *Os eleitos são chamados eficazmente através da proclamação do evangelho.* Deus usa meios, como Paulo nos lembra em Romanos 10.14-17, pois "a fé vem pelo ouvir [...] a palavra de Cristo" na boca de pregadores que foram enviados.

No entanto, ainda que Deus trabalhe através de meios, incluindo o nosso testemunho, como poderíamos proclamar o evangelho livremente e indiscriminadamente a todas as pessoas, se não sabemos por quem Cristo morreu? Esta é uma boa pergunta, mas a resposta procede muito clara o suficiente da Escritura: em nenhum lugar os crentes são chamados para encontrar os eleitos. Nem há qualquer precedente no Novo Testamento para assegurar às pessoas que elas são perdoadas além da fé em Cristo. Em vez disso, nosso mandato é para proclamar o evangelho a todas as criaturas e chamá-las a depositar a sua fé em Cristo com vistas à certeza da salvação .

Todo aquele que crê em Cristo esta certo de que sua morte já garantiu a sua redenção — e até mesmo da fé que o Espírito concede a ele para receber a Cristo e todos os seus benefícios. Cristo adquiriu todos os dons da salvação, não deixando nada a ser alcançado por livre e espontânea vontade, experiência piedosa, ou obras. Sabemos que somos eleitos de Deus, remidos por toda a eternidade, porque nós descansamos em Cristo para a nossa salvação. Porque a morte de Cristo é suficiente para salvar mil mundos, ninguém pode dizer que "não há redenção para mim." Cristo morreu por todos os que creem. O sucesso de sua morte não se encontra nas mãos do crente. Jesus anuncia do céu, "eu sou [...] o que vive [...] e tenho as chaves da morte e do inferno" (Apocalipse 1.18). Nesta confiança, podemos anunciar a obra consumada de Cristo ao mundo com alegria.

Não é de se estranhar, portanto, que os calvinistas têm sido um dos mais missionários e evangelistas zelosos da história da Igreja. O próprio Paulo esperava muitas provações para trazer a salvação aos eleitos (2 Timóteo 2.10) e fora motivado, em seu zelo evangelístico pela promessa de Cristo falada diretamente a ele, "eu tenho muitos nesta cidade, que são o meu povo" (Atos 18.10).

Charles Spurgeon reconheceu a importância da objeção, "Como o senhor pode ir pregar o evangelho a toda criatura com base nessa teoria?". Ele respondeu:

> Eu não poderia ir baseado em qualquer outra teoria, não me atreveria a ir ao serviço de algum tolo a pregar a redenção que não pode redimir [...] uma salvação que não pode salvar. Eu não iria a um homem e dizer: "Acredite e poderás ser salvo." Se ele me perguntasse: "Você acha que você vai estar no céu?"
>
> "Sim."
>
> "Por quê?"
>
> "Porque Cristo morreu por mim."
>
> "Mas ele morreu por todos, de modo que as minhas chances são, portanto, tão boas como as suas."
>
> E depois de ter aceitado a minha declaração, ele pôde responder: "Há alguma razão verdadeira para que eu devesse me alegrar? Alguns por quem Cristo morreu estão no inferno. O que me assegura de que eu não vá para lá? É de fato uma peça com defeito de uma boa notícia, porque não é nada positivo, é uma grande incerteza de proclamar dessa maneira a mim."

Portanto, Spurgeon concluiu que a mensagem evangelística é clara: "se você acredita no Senhor Jesus Cristo, você será salvo, se você não fizer isso, você estará perdido, e perdido para sempre. Você não está redimido; você não está salvo. Não há salvação ou redenção para você."[51]

Porque Deus nos encontra, mesmo quando estamos fugindo da sua presença e nos redime, mesmo quando éramos inimigos, podemos ter certeza de que ele alcançará a plena realização de seus propósitos em Cristo através do nosso testemunho. Nenhum coração é tão duro, nem mente tão fechada, nenhuma rejeição tão teimosa para que o amor soberano de Deus não possa amolecer, abrir, e abraçar.

Nos Evangelhos e no livro de Atos, o apelo é para se arrepender e crer em Cristo. Como vimos acima, os Cânones de Dort rejeitam qualquer coisa como uma posição de hipercalvinista e afirma que o evangelho deve ser pregado "casualmente"

---

51 C. H. Spurgeon, *Autobiography*, vol. 1: *The Early Years*, rev. ed. (Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1962), 172.

e "indiscriminadamente" a todos. Há um perdão total, livre e suficiente na cruz de Cristo para cada pessoa que já viveu ou viverá. Mais uma vez, a frase que tem sido usada há séculos, muito antes do Sínodo de Dort, está em vigor: a morte de Cristo é "suficiente para todos, eficiente para somente os eleitos."

Note que a ninguém nas Escrituras é dito: "Cristo morreu por você", muito menos, "Cristo morreu para tornar a sua salvação possível." Os do rebanho de Cristo ouve a sua voz e vêm a ele, e nenhum deles perecerá (João 10.11,15). Ninguém é chamado a discernir se estão entre as ovelhas de Cristo, mas são chamados a se arrepender e crer em Cristo. O próprio Cristo a si mesmo como Salvador de toda a humanidade, e ele convida cada pessoa a abraçá-lo através da nossa proclamação do evangelho. Ninguém poderá dizer que no último dia que ele ou ela queria ser salvo/a por Cristo, mas não estava entre os escolhidos.

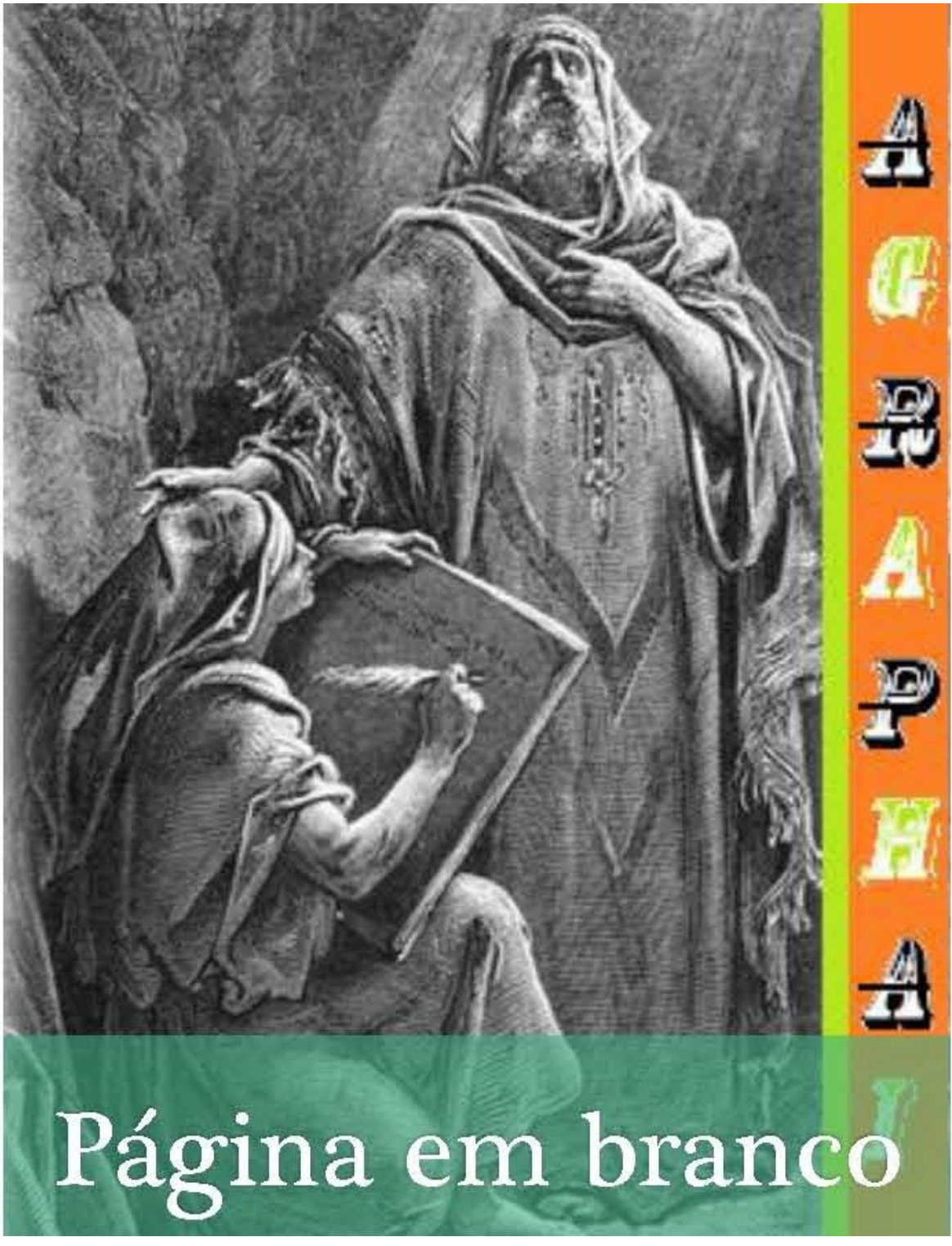
Isso nos dá confiança, pois sabemos que nada é impossível para Deus. O coração mais duro pode ser amolecido, a mente fechada pode ser aberta, a vontade mais obstinada pode ser curada. Porque somente Deus é o missionário soberanamente gracioso, somos capazes de assumir a nossa responsabilidade e o privilégio de testemunhar o seu evangelho. E só porque sozinho é o Salvador, podemos assumir essa responsabilidade com humildade e liberdade, em vez de uma culpa servil ou com orgulho farisaico.

Finalmente, a eleição nos lembra que há muitos que ainda têm que ouvir esse evangelho salvífico. Cristo não somente morreu por nós, mas "para reunir os filhos de Deus que andavam dispersos" (João 11.52). Chamou de nossas igrejas encravadas, somos atraídos pela esperança daquele cântico de louvor ao Cordeiro no céu:

> Tu és digno de receber o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto, e com o teu sangue compraste povos para Deus, homens de toda tribo, língua, povo e nação, e tu fizeste deles um reino e sacerdotes para o nosso Deus, e eles reinarão sobre a terra. (Apocalipse 5.9-10)

CAPÍTULO 8

O calvinismo hoje: uma análise SWOT



Página em branco

Sabemos por experiência diária que nossas maiores forças também podem se tornar nossas maiores fraquezas.

Persistência pode se tornar teimosia; simpatia pode transformar-se em sentimentalismo e preocupação genuína com outros, por vezes, se transforma em desejo obsequioso por aprovação. Dons notáveis de liderança e criatividade podem ser usados para o bem ou para o mal, dependendo da motivação e das metas. O mesmo acontece com os movimentos, uma vez que eles são em grande parte a atividade coletiva de pessoas como nós.

Tornou-se popular para as empresas e organizações realizar uma análise periódica "SWOT" [**S**trengths, **W**eaknesses, **O**pportunities, **T**hreats], explorando Potencialidades, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças. Ainda que o acrósticos dos amantes do Calvinismo apelarem para "TULIP", este tipo de análise pode ser uma avaliação útil em casa, embora eu não tenha a presunção de falar para ninguém além de mim mesmo.

Pontos fortes e fracos

Eu selecionei algumas áreas de pontos fortes que também podem se tornar - e têm sido - perigos potenciais.

Ousadia intelectual/Intelectualismo frio

Até mesmo os críticos apontam o rigor intelectual e curiosidade de cristãos reformados. Longe de ser elitistas, igrejas reformadas têm insistido desde o início sobre a importância de educar todo o corpo de Cristo e, de fato, a sociedade em geral. Os historiadores observam que as igrejas luteranas e reformadas desempenharam um papel crucial no aumento da alfabetização moderna e da educação pública universal. Elas esperavam que seus ministros fossem fluentes nas línguas originais, embora os reformadores tenham traduzido a Bíblia nas línguas dos povos.

Histórias relatam de ferreiros em colóquio discutindo pontos delicados de teologia. Com efeito, a ascensão da antiga prática de instrução do catecismo foi restaurada pelos reformadores, que trabalharam isso em sua programação diária na ocupação como pastores. Na igreja reformada, o pastor é normalmente designado como o principal catequista. Não é de se admirar que a juventude se sentia em uma conexão com o corpo mais amplo, em contraste com a situação de hoje, muitos jovens crentes conhecem o seu líder de jovens, mas não o pastor.

A educação reformada também abrangia ensino superior, e seus centros foram as colmeias mais movimentadas de publicações. Antigas universidades como Oxford e Cambridge foram "restauradas ao seu antigo esplendor", como um historiador coloca, sob a supervisão de Martin Bucer e Peter Martyr Vermigli: dois líderes reformados a quem Eduardo VI atraiu para a Inglaterra. A universidade de Heidelberg foi igualmente transformada e tornou-se um centro para o direito, medicina, artes e ciências, juntamente com a teologia. De academias de teologia nascentes, instituições reformadas cresceram em grandes instituições Europeias de artes liberais, como as universidades de Zurique, Genebra, Leiden, Utrecht, e Edimburgo. Na verdade, a Ordem dos Jesuítas foi fundada em grande medida, como um programa de educação contrarreforma para conter o rápido crescimento das faculdades reformadas.

Os Puritanos da Nova Inglaterra primeiro construiu uma igreja, em seguida, casas, e depois uma faculdade em homenagem ao ministro, John Harvard, que doara sua biblioteca. Quando a faculdade de Harvard começou a tolerar o Arminianismo e, eventualmente, Unitarismo, a fiel Andover foi fundada e também Yale. Em Nova

Jersey, os presbiterianos fundaram a faculdade de Log para a formação de ministros, que se tornou a faculdade *Princeton*. A tradição reformada sempre insistiu em um ministério rico em aprendizado, não só nas línguas e teologia, mas nas artes e nas ciências em geral. Seus centros de formação de ministros, portanto, tornaram-se o núcleo para uma maior educação em artes liberais. Os holandeses fundaram *Reformed Rutgers*, um pastor Puritano e uma missionária fundaram *Dartmouth*, e batistas calvinistas fundaram *Brown*. Especialmente em sua defesa do cristianismo ortodoxo contra o assalto constante do liberalismo, os evangélicos de várias denominações e tradições diferentes têm contado com os recursos da erudição reformada.

Até mesmo os críticos (tanto da teologia reformada em particular, e do evangelicalismo conservador em geral) reconhecem essa curiosidade saudável e rigor intelectual. Por exemplo, Brian Mclaren escreve:

> Quando eu estava crescendo, havia anti-intelectualismo desenfreado no cristianismo evangélico. Naquela época era principalmente nas igrejas reformadas (Presbiterianas, Cristãs Reformadas, etc.) que se encontrava muito vigor intelectual e a mente viva. Escritores reformados e oradores, como Francis Schaeffer, R. C. Sproul, Ravi Zacharias, Os Guinness, J. I. Packer e outros, deram-me um desafio e permissão para pensar, e, eternamente grato, fiz uso dessa permissão.[1]

As lembranças de McLaren são semelhantes à minha. Uma das coisas que me atraiu desde o início à essa tradição foi o interesse que havia em toda a amplitude da vida e das questões enfrentadas no mundo e não apenas na igreja. Vindo de um fundo eclesiástico muito estreito, onde até mesmo a teologia era entendida a produzir orgulho intelectual e também divisão, a nova visão era de tirar o fôlego — e continua a ser para mim.

Devido a estas forças, no entanto, cristãos reformados devem estar sempre em guarda contra o orgulho intelectual e a redução da fé à sã doutrina. Primeiro, isso pode

1 Brian Mclaren, *A Generous Orthodoxy* (Grand Rapids: Zondervan, 2004), 188.

levar a uma presunção, pois podemos supor que nós realmente não temos que nos achegar aos outros e compreender seus pontos de vista, porque somos aqueles que escrevem os livros didáticos e cedo ou tarde todo mundo toma emprestado de nossa tradição. Além de sua arrogância, essa suposição não é verdadeira, e jamais será. A memória da Antiga Princeton como o bastião coberto de hera da ortodoxia acadêmica desvaneceu-se, e os evangélicos arminianos têm feito muito bem ao escrever suas próprias obras teológicas, comentários bíblicos, e guias práticos para o ministério e a vida cristã.

Em segundo lugar, enquanto estamos ansiosos para lembrar aos nossos irmãos cristãos da chamada a amar a Deus com a nossa mente, assim como o nosso coração, às vezes nos esquecemos do coração. Em alguns dos nossos círculos, o ministério público da Palavra e dos Sacramentos parecem mais uma palestra, e na comunhão, por vezes, atinge os novos convertidos como um exame. Em tais situações, cada frase é cuidadosamente editada para não dizer a coisa errada ou a coisa certa de maneira errada. A consequência (espero que não intencional) é a impressão de que somos detentores da resposta-chave em particular e nos cabe classificar o desempenho de todos em geral. Estou satisfeito em dizer que isso é menos comum agora do que foi há algumas décadas atrás, mas devemos fazer de tudo que pudermos para evitar dar vida a tal caricatura. Nossas igrejas precisam ser hospitais aos pecadores e lugares de boas-vindas para às questões honestas.

Uma atitude crítica questionadora é uma das marcas distintivas do Calvinismo. Os não calvinistas muitas vezes sentem o peso dessa crítica, mas qualquer pessoa que tenha tempo gasto dentro destes círculos sabe quão autocríticos podemos ser. Há um componente do ativo. Há sempre uma espécie de mal-estar com a forma como as coisas estão que incentiva ainda mais a Reforma. No entanto, também pode se tornar um passivo quando a nossa preocupação para alcançar o evangelho *corretamente* esteja desconectada do zelo de levar o evangelho adiante.

A precisão é importante, especialmente quando estamos a falar de doutrinas centrais. Muitas vezes se observa que nos debates antigos de se Cristo é da mesma essência (*homoousios*) ou de uma essência semelhante (homoiousios), a linha entre o Cristianismo e a heresia era tão fino quanto uma única vogal. Contudo, uma vez que você adquira o vírus da precisão, pode se tornar difícil saber quando é mais

sensato se render ao mistério ou pelo menos a dizer: "eu não sei." Podemos perder o senso de proporção, quando se trata da precisão sobre a ordem dos decretos seja tão importante quanto a precisão sobre a justificação ou a Trindade. "Fazer tudo certo" pode se tornar o fim e não um meio para o fim da maior confiança, louvor, e obediência a Deus, a quem essas doutrinas se referem.

Terceiro, há, por vezes, em nossos círculos uma preocupação com a doutrina que, por sua vez, deixa as pessoas tão frias quanto gelo. Esta não é a forma como os apóstolos proclamaram as grandes verdades da Escritura. Para eles, o evangelho não era apenas uma proposição verdadeira a que estamos a conceder assentimento, mas a boa notícia — um anúncio do que Deus fez por nós em Jesus Cristo.

De forma similar, a primeira pergunta do catecismo de Heidelberg é: "Qual é o seu único conforto na vida e na morte?" É uma grande questão! Presume desde o início que a doutrina não é a contemplação abstrata de princípios eternos, mas refere-se às questões principais de interesse pessoal. Periodicamente, depois de uma série de perguntas e respostas, o catecismo exclama: "O que isso significa para vós?" Não pergunta: "O que isso significa para *você*?", Como se a nossa experiência subjetiva pudesse determinar a verdade, mas ele nos pressiona a reconhecer a relevância da verdade para as nossas vidas, individual e coletivamente. Na sua melhor qualidade, a teologia reformada não força uma escolha entre a preocupação com a glória de Deus e o nosso próprio conforto e felicidade. Afinal de contas, como a primeira resposta do Breve Catecismo de Westminster é, "o fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre."

O intelectualismo também pode voltar à compilação sobre as ênfases bíblicas que também vemos claramente em nossa própria confissão. Por exemplo, acreditamos que (nas palavras do Catecismo de Heidelberg) o Espírito Santo "cria [a fé] em nossos corações pela pregação do santo Evangelho e confirma pelo uso dos santos sacramentos." Há uma ênfase forte historicamente na pregação como um meio de graça, e não apenas um meio de instrução. "A Palavra pregada é a Palavra de Deus", diz a Segunda confissão Helvética. Neste caso, o ministro não é apenas educador da congregação na doutrina e a ele cabe aplicá-la na exortação, mas está falando da ressurreição de vida aos mortos, como Ezequiel fez em sua famosa visão (Ezequiel 37).

Da mesma forma, o Batismo e a Ceia do Senhor são cerimônias públicas em que Deus se apresenta para ratificar suas promessas da aliança, fortalecendo a nossa fé e enchendo nossos corações com a gratidão que os mobiliza em amorosa obediência e serviço aos nossos vizinhos. Quando estamos mais unidos em proximidade nos elos de aliança com Cristo, uma comunhão mais profunda dos santos emerge, de modo que sua comunhão transcende qualquer coisa que pudesse ser duplicada de forma natural na sociedade, família ou comunidade. Cada dia do Senhor é um "teatro da comunidade" local em que Deus renova as promessas de sua aliança para nós e respondermos em alegre ação de graças e comunhão com Deus e de uns com os outros. Trata-se de um diálogo da aliança: Deus fala de suas promessas e mandamentos, e nós respondemos.

A tradição reformada tem uma rica herança de formas litúrgicas e orações em que tanto o ministro quanto o resto da congregação falam e respondem as próprias palavras da Escritura. Em especial no canto dos Salmos, o culto reformado alargou o âmbito do ministério da Palavra ao incluir todos os aspectos da adoração. Tem-se procurado seguir o conselho de Paulo de fazer com que "a palavra de Cristo habite em vós abundantemente [...] cantando salmos, hinos e cânticos espirituais, com gratidão em vossos corações a Deus" (Colossenses 3.16).

Porém, nas gerações mais recentes, especialmente no mundo de fala inglesa, uma forma de desvio mais "Zwingliana" tende a transformar a pregação em mero ensino, a serviço da Palavra apenas para o sermão, e a Ceia do Senhor em uma oportunidade raro em meramente lembrete da morte de Cristo como um estímulo a uma maior fidelidade. O que se perde é a sensação de que a reunião regular do povo do Senhor da aliança feita conosco é *seu* culto (genitivo objetivo): uma radical quebra dos poderes do mundo vindouro que mostrada a nós, individual e coletivamente, com os tesouros do céu em Jesus Cristo e pelo seu Espírito.

Sugeri em vários lugares que há quatro coordenadas que devem sempre ser mantidas em vista: o drama, a doutrina, a doxologia e o discipulado. O *drama* é a dinâmica da criação, queda, redenção e consumação que nos lança na trama que se desenrola. A partir deste drama surgem doutrinas estáveis que identificam os personagens e interpretam o significado dos eventos em um todo coerente. No processo,

nós não nos vemos apenas como espectadores que concordam com fatos, mas como crentes confiando em Cristo. Não somos mais "estranhos e alienados", devemos ser passados ao script como filhos e herdeiros. Assim, o objetivo da sã doutrina é a fé e os corações cheios de *doxologia* (louvor e ação de graças), que produz o fruto do amor ativo e serviço (ou seja, *o discipulado*) no mundo. Há uma tendência dos Cristãos para acampar em um desses em vez de mover-se entre essas coordenadas simultaneamente.

Redução da riqueza da fé e prática reformada aos "cinco pontos" pode facilmente abstrair essas doutrinas do drama bíblico. Como resultado, eles se tornam mais como proposições secas que implicações extraídas da dinâmica história do agir de Deus. Em vez de pulsar, o sangue seca nas veias e o corpo torna-se rígido. Ademais, essa tendência corta a circulação de doutrina para a doxologia. Ainda que algumas das principais passagens bíblicas que explicam as doutrinas da graça finalizem em louvor, muitas são as vezes que parecemos contentes se tais explicações levem apenas a um parecer favorável. Boa teologia é para ser cantada.

Além disso, a redução da fé às declarações doutrinais encolhe nosso horizonte, excluindo a vida que somos chamados a levar em nosso discipulado. Por um lado, perdemos o sentido da relevância que as doutrinas têm para as nossas vidas, por outro lado, isso priva nosso discipulado da direção e motivação. Podemos acreditar em grandes doutrinas, porém, pergunto: adoramos um grande Deus, abraçamos um grande evangelho, e vivemos no mundo como aqueles que são moldados pela obra graciosa que estas verdades proclamam? É fácil demais da conta tornar-se esquizofrênico (outra palavra para isso é hipócrita), concordar com as doutrinas que são, no entanto, contraditas pelos nossos corações e nossas ações. O zelo sem conhecimento é cego, o conhecimento sem zelo é morto.

Se é verdade que Deus tem feito tudo para a nossa salvação, então como devemos nos sentir a esse respeito e como resultado devemos viver como? Há uma longa tradição de conectar essas coordenadas na tradição reformada. Os Puritanos estavam especialmente preocupados em integrar estes aspectos do conhecimento, experimentando e praticando. Podemos aprender com sua sabedoria.

Amor pela Verdade/Partidarismo

Não ousamos perder ponto de vista de nosso Senhor, quando ele diz que o segundo mandamento (amor ao próximo) "é como [o primeiro]" (amor a Deus) (Mateus 22.39). Nas Escrituras, o amor de verdade é, em última análise amor a Deus e ao próximo. É possível ser egoísta e centrado no ser humano, mesmo na forma de defender o que acreditamos ser uma interpretação centrada em Deus das Escrituras. Nós não defendemos proposições e princípios, mas colocamos a nossa confiança em Cristo e abraçamos uns aos outros naquele amor que ele ganhou para nós.

Eu tenho de verificar meus motivos. Por que estou tão ansioso em convencer este irmão ou irmã de uma posição reformada? Estou tentando ganhar o argumento ou a pessoa? Estou preocupado que este irmão ou irmã por quem Cristo morreu tenha uma experiência mais completa e espantosa da maravilhosa graça de Deus, ou o que eu quero é convencê-los de que a minha posição é certa e a deles é errada?

Às vezes, somos devidamente advertidos para conter o nosso entusiasmo, a exercitar a paciência e autocontrole para com os irmãos e as irmãs. No entanto, eu também descobri que essas mesmas advertências podem ser conduzidas por um tipo inverso de orgulho. Se ele é arrogante para nós pontuar onde Deus não falou, ele é também orgulhoso de se recusar a aceitar o que Deus revelou.

Não há nada no próprio Calvinismo que o torna inerentemente contencioso. Sempre que alguém investir tempo e energia consideráveis, especialmente em um assunto que alterou suas vidas, a paixão pode transbordar para o fanatismo. Recém convertidos de qualquer crença, posição ou partido podem estar entre os mais polêmicos em sua retórica e radicais na articulação de seus novos pontos de vista. Muitas vezes, são eles os mais difíceis para aqueles que permanecem no grupo que eles deixaram. Convertidos recentes do Catolicismo Romano não são geralmente os melhores missionários para seus amigos Católicos Romanos e os seus familiares. Ex- ateus ficam obstinados com ateus ao lhes refutar. Pedro nos lembra de estar sempre pronto para ter uma resposta. No entanto, acrescenta, "ainda fazê-lo com mansidão e respeito" (1 Pedro 3.15). Este é um desafio para qualquer um que ainda está nutrindo velhas feridas.

Funciona também na outra direção. Ex-evangélicos muitas vezes fazem os convertidos mais zelosos a Roma, e muitos dos secularistas mais estridentes foram criados em ambiente ferrenhamente conservador — até mesmo — em lares fundamentalistas. Em um momento em que as vozes estridentes comandam as ondas de rádio e de televisão, os Cristãos devem estar especialmente preocupados em ouvir e responder às pessoas com respeito.

Entretanto, as estacas são levantadas em qualquer debate, quando se está convencido de que uma interpretação particular das Escrituras é centrada em Deus em vez de centrada no ser humano, quando alguém trocou uma religião de "salvação pelas obras", independentemente da "salvação pela graça." A equidade de contrastar o Calvinismo e o Arminianismo, desta forma, muitos novos convertidos ao Calvinismo expressam sua transição precisamente nesses termos. Não é apenas uma doutrina aqui ou ali, mas toda a sua orientação que é afetada. O lado positivo disso é óbvio, mas muitas vezes incentiva a pessoa a desenhar uma linha na areia entre os que "aceitam" e aqueles que não o fazem. É fácil caricaturar outros pontos de vista — e esquecer quão recentemente eu aprendi esses ensinamentos para mim mesmo.

Novamente, isso é verdade no caso de qualquer um que experimenta uma mudança radical. Contudo, o sábio caminho não é nem ignorar os problemas, sufocando a discussão e o debate, nem encorajar um espírito de divisão e imaturidade, mas sim, devemos abrir juntos a Palavra de Deus e orar pela iluminação do Espírito. Arminianos convictos são tão apaixonados quanto calvinistas, sempre tão prontos e convencidos para uma boa discussão e até mesmo debates acalorados das questões. Por sua vez, é o grupo enorme dos "indecisos" que vota — que geralmente respeita qualquer menção a estas perguntas como acender um barril de pólvora. Não é incomum para eles reagir com hostilidade — por vezes forte hostilidade — a quem os levantar, mesmo em um espírito de caridade.

A hipocrisia e o orgulho podem se esconder atrás do zelo pela verdade, mas a frustração também pode ser o para-choques que vem de acreditar que muito do que você aprendera estava errado e agora você vê tudo em uma luz inteiramente nova. Especialmente entre os pastores, nós chamamos isso de "fase gaiola". Durante esse período, o conselho habitual de calvinistas veteranos é ouvir, aprender, questionar,

louvar e servir. É uma oportunidade de aprender todo o conselho de Deus, permitindo que todas as Escrituras moldem a nossa fé e prática, em vez de ver a eleição em cada verso. Haverá tempo de sobra para apresentar o caso para as doutrinas da graça, mas, nesta fase, sempre acho que nós chegamos ao ápice quando ainda existem faixas para trás com seus picos surpreendentes.

Em minha experiência, eu me lembro de articular essas doutrinas com elementos hipercalvinista. Eu estava determinado. Exagerava. E mesmo quando eu era menos radical em meu ponto de vista, às vezes os expressava com um sentimento de frustração com aqueles que não assentiam. Como calvinistas, podemos ser libertados do medo de pensar que, em última análise depende de nós em converter os não-cristãos, quando, ironicamente , batendo na cabeça de irmãos e irmãs até que eles chorem "Tio!"

Temos de distinguir entre uma perspectiva centrada em Deus e a de pensar que você tem Deus ao seu lado (o que implica que ele é contra irmãos e irmãs). Infelizmente, podemos transformar Deus em um mascote para a nossa equipe, enquanto exaltando sua soberania, glória e graça. Um dos meus professores de seminário, Ed Clowney, costumava dizer que os calvinistas são as únicas pessoas que muitas vezes parecem orgulhosos de saber que eles são totalmente depravados!

O mesmo ímpeto que nos faz curiosos e questionadores, também pode nos tornar presunçosos e autoconfiantes no que sabemos ou pensamos que sabemos. Para todos os tipos de boas razões, pode ser equivocada a nossa abordagem, e podemos fazer todos os tipos de coisas desagradáveis "para a glória de Deus."

Quando você está sobrecarregado de uma sensação de que está sendo reivindicado por Deus e sua Palavra, de maneira que era obscuro mesmo durante os anos de igreja é fácil desenvolver algo como um "complexo messiânico." Às vezes na vida nós confundimos confiança na verdade com autoconfiança. Alguns cristãos confundem humildade com imbecilidade: um encolher de ombros preguiçosos diante de questões importantes para as quais Deus nos deu respostas. No entanto, outros (incluindo calvinistas) podem confundir confiança na Palavra de Deus com confiança em nossas próprias interpretações. Genuína humildade permite que as pessoas a duvidar de si mesmo enquanto eles estão confiantes na verdade. E sempre podemos fazer mais de ambos.

Respeito pela tradição / Tradicionalismo

Como outros cristãos, calvinistas amam a comunhão dos santos. Eu nunca vou esquecer as novas perspectivas que se abriam quando os escritores calvinistas me apresentaram aos mestres antigos, reformadores, místicos, missionários e outros homens e mulheres de Deus através dos tempos. No início, eu estava um pouco desanimado com tudo isso. Tinha a impressão de que a história da igreja era muito escura até D. L. Moody. Estou exagerando, mas havia pouco sentido de pertença a uma comunhão dos santos entre os apóstolos e Billy Graham.

Como um amor de aprendiz, de como um amor pela tradição que herdamos é uma força. No entanto, esta virtude também pode ser transformada em um vício. Algumas vezes nos círculos reformados pode parecer que uma citação de Lutero, Calvino, os Puritanos, Jonathan Edwards, ou alguma outra figura notável da história resolvesse uma questão. Podemos tratar confissões dessa forma também, embora não haja mais motivos para apelar a estas profissões daquilo que temos juntos. (É interessante que as confissões e catecismos reformados e presbiterianos que subscrevem a não incluir qualquer dos escritos de Calvino, enquanto os sermões de Wesley e sua revisão dos trinta e nove artigos sustentam um status confessional), no entanto, na prática, nós amamos citar os grandes líderes do passado e, por vezes, tratar suas conclusões como normativas.

Respeito pela tradição nos enriquece, mas também pode nos tornar adoradores de heróis. Podemos ignorar as manchas dos nossos heróis e, assim, deixar de aprender com seus erros, bem como a sua sabedoria. Colocar esses heróis em pedestais é uma coisa estranha de se fazer com as pessoas que enfatizaram que todos nós somos pecadores — mesmo como crentes — e que Deus é o único verdadeiro herói da história.

Um dos grandes benefícios da recente celebração por ocasião do tricentenário do nascimento de Calvino foi uma série de estudos históricos de alta qualidade. É importante colocar a Reforma em geral e Calvino e Calvinismo em particular no contexto histórico. Por um lado, desafia as caricaturas, por outro lado, desafia retratos dourados que afastam as verrugas da história. Os próprios reformadores, muitas

vezes estavam aquém dos ensinamentos maravilhosos a que deram testemunho eloquente. Eu desejaria me assentar aos pés de Calvino, lendo seus sermões e comentários, mas estou satisfeito que eu não viva no século XVI em Genebra. Em muitos aspectos, Genebra e outros grandes centros da Reforma eram exposições excepcionais da obra graciosa de Deus, em outros, eles revelam as falhas do povo pecador. Entretanto, isso não deve vir como nenhuma surpresa aos calvinistas, que acreditam que todos nós — incluindo os nossos heróis — têm pés de barro.

Esta é mais uma razão pela qual é melhor para assinar confissões de fé do que venerar tradições e indivíduos. Nada em nossas confissões e catecismos reformados traz vergonha aos calvinistas a confessar em nossos dias. Tais instrumentos permanecem para nós, ricos e duradouros sumários de "a fé que uma vez por todas foi entregue aos santos" (Judas 3). Seja como for, cada geração precisa redescobrir a fonte da qual fluem, assim como nosso próprio contexto que nos torna especialmente propensos a vagar , às vezes de maneiras que são diferentes dos nossos antecessores.

Oportunidades e ameaças

Como pontos fortes e fracos, oportunidades e ameaças são geralmente dois lados da mesma moeda.

Interesse renovado nas Doutrinas da Graça/ Substituir a Igreja com um movimento

Eu já mencionei o movimento "Novo Calvinismo", que valoriza seus pontos fortes. Ao defender as doutrinas da graça, neste livro, eu também adverti contra a redução da teologia reformada para "cinco pontos". Há mais a ser reformado do que a estima de Jonathan Edwards e revelar na soberania e a glória da graça de Deus.

Minha preocupação com isso não é sobre quem é dono da marca. Se um rótulo é usado principalmente para reverenciar "nós" e demonizar "eles", que estaria melhor sem ele. Em vez disso, a minha preocupação é que a riqueza e amplitude da fé e prática reformada estejam sendo reduzidas a algumas doutrinas. No processo,

mesmo aquelas doutrinas perdem muito de sua sustentação lógica. De fato, o seu significado muda em pontos cruciais. Por exemplo, eu acredito que a doutrina da eleição é inextricavelmente ligada a teologia da aliança e com a vida de aliança que está modelada no Novo Testamento pelos meios da graça. Como argumentei, mesmo "segurança eterna" é diferente da doutrina da perseverança.

Há uma suposição generalizada entre os cristãos de hoje, mesmo entre muitos "novos calvinistas" que eu encontro, de que a teologia Reformada oferece uma série de sã doutrina, mas também temos de olhar para outras tradições de piedade ou para a nossa escatologia ou para o nosso princípio de adoração. No entanto, esta suposição, muitas vezes recai sobre uma ignorância da confissão reformada, que é mais facilmente acomodada por ter reduzido o Calvinismo aos cinco pontos. Ainda se pode discordar das convicções básicas de abordagens reformadas à vida cristã. Contudo, não se pode dizer que a tradição reformada não concretizou as suas convicções doutrinárias em abordagens particulares sobre a piedade, a missão, a escatologia, o governo da igreja, ou a aplicação da doutrina cristã para todas as áreas da vida.

Como tempestades de verão são os movimentos de ir e vir. Todavia, Jesus criou a sua igreja e prometeu que as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Sua igreja é o reino que supera todos os reinos, culturas, movimentos e tendências desta era passageira. Mesmo um movimento calvinista é um cardo em comparação com a árvore eclesial que Cristo plantou perto de corredeiras vivas. As pessoas podem ser arrastadas para um movimento no momento, mas elas são batizadas, catequizadas, nutridas e alimentadas com a vida eterna de Cristo na comunhão visível dos santos.

Há um perigo ainda de transformar igrejas em movimentos. Em pouco tempo, os movimentos liderados por personalidades carismáticas tornam-se em corporações. Ministros dotados tornam-se em facilitadores. Nós ainda falamos de igrejas em fase de "empreendimento", seguida pela fase de "gerenciamento". Contudo, esta não é a única linguagem, mas as categorias do mundo dos negócios transferem-se para a igreja. Devemos louvar a Deus por pregadores impressionantes e ministérios que têm atraído as pessoas à fé em larga escala. Porém, o maior número de pessoas através dos tempos foram realmente evangelizadas, formadas, incentivadas, consoladas, e desafiadas em sua fé Cristã através da participação fiel, embora muitas vezes

pequenas e inexpressivas, das igrejas por mais de uma vida. Eu não tenho muita confiança na longevidade ou na profundidade de um movimento de "Novo Calvinismo" que não se torne um nutridor para as igrejas reais.

Um novo interesse pela sã doutrina / Um novo Fundamentalismo

Os cristãos não são nem conservadores nem progressistas. Não temos uma visão de Deus da realidade. Nós não sabemos nada do jeito que Deus sabe disso. Há conhecimento absoluto, mas pertence a Deus, não a nós. Porém, podemos concordar com as críticas pós-modernas. Seja como for, há um Deus que transcende o mundo, criou o mundo, sustenta-o, redimiu-o, e volta para consumar o seu reinado sobre ele. Este Deus se revelou a nós e nos deu a sua interpretação da realidade. Claro que, mesmo essa revelação é acomodada à nossa capacidade de criaturas, e seu escopo é limitado ao que ele considera necessário para a nossa salvação e vida.

Tudo isso significa que não somos aqueles que sustentam obstinadamente o status quo ou adoram no altar do progresso e da inovação. Deus nos deu uma revelação transcendente pela qual podemos avaliar todos os nossos tempos e lugares sob o sol. Portanto, conservamos algumas coisas, reformamos ou até mesmo administramos com os outros, e crescemos em nossa fé pessoal e comunitária por meio de nossas próprias vidas e através das gerações como Corpo de Cristo.

Ambas as tendências — conservadora e progressista — pertencem a "esta era passageira", enquanto a Palavra de Deus constantemente rompe os poderes deste mundo de cima para baixo. Nesta era — seja moderna ou pós-moderna — desconhece ou não acredita que o grande ponto de viragem na história ocorreu na ressurreição de Jesus dentre os mortos. Existe apenas uma antiga criação, lutando para preservar o seu passado ou melhorar o seu presente. No entanto, os Cristãos acreditam em uma nova criação e mesmo agora participam dela pela união com Cristo ressuscitado.

Ironicamente, os teólogos da contrarreforma pensavam que estavam defendendo uma posição conservadora, mas os reformadores é que estavam certos: a contrarreforma foi simplesmente codificar as inovações não bíblicas na doutrina e

adoração que tinham acumulado no período medieval. Um falso progresso chama a igreja longe do ensino bíblico, enquanto um falso conservadorismo garante que tais inovações se tornarão um recurso formal e inquestionável de fé e prática. A verdadeira questão não é se somos conservadores ou progressistas, mas se somos e sempre sendo reformada pela Palavra de Deus.

O apóstolo Paulo nos dá as coordenadas adequadas em 2 Timóteo 1.8-14:

> Portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, seu prisioneiro, mas compartilhe o sofrimento por causa do evangelho pelo poder de Deus, que nos salvou e nos chamou para uma santa vocação, não por causa de nossas obras, mas por causa do seu próprio propósito e graça que nos foi dado em Cristo Jesus antes dos tempos eternos , e que agora se manifestou pelo aparecimento de nosso Salvador Jesus Cristo, o qual aboliu a morte e trouxe vida e imortalidade à luz através do evangelho, para o qual eu fui constituído pregador, apóstolo e mestre, é por isso que eu sofro pelo faço. Mas eu não me envergonho, porque sei em quem tenho crido, e estou convencido de que ele é poderoso para guardar até aquele dia o que foi confiado a mim. Siga o padrão das sãs palavras que ouviste de mim, na fé e amor que há em Cristo Jesus. Pelo Espírito Santo que habita em nós, guarda o bom depósito que lhe foi confiado.

Paulo começa lembrando Timóteo da importância da adequada compreensão da *mensagem*. Nesta passagem, como em outros lugares (Romanos 1.16; 1 Coríntios 1.22-24; 2.2; Filipenses 3.7-9), Paulo diz que não se envergonha do evangelho. Embora sofra por isso, é salvo por ele. Ele conhece o seu poder. Não é o poder que se pode encontrar através de qualquer sistema de religião, filosofia ou ética. Pois é o poder de Deus para a salvação.

Apenas onde o evangelho é uma ofensa, torna-se interessante — mesmo para os descrentes. Eles estão entediados — compreensivelmente aborrecidos — por

tudo o mais que passa por religião, e que nós achamos que é relevante para alcançá-los. Aqui, como em outros lugares, Paulo define o evangelho em nítido contraste com esforço humano. Observe como Paulo não pode nem se referir a seu sofrimento em nome de Cristo sem a pregação do evangelho. Todo o nosso ministério centra-se na extrapolação, defesa e aplicação do evangelho. É por isso que o evangelho é uma boa notícia. Em contraste com nossas obras, o evangelho anuncia a salvação que foi assegurada pela eleição eterna de Deus e nestes últimos dias, agora é revelado na morte de Cristo e sua ressurreição.

O evangelho não é um programa de auto-aperfeiçoamento, mas o anúncio da vida eterna — "imortalidade", incluindo a ressurreição do corpo. É por isso que o ministro é um arauto ou portador de notícias — ainda mais do que isso, um embaixador, ou seja, alguém que é designado e autorizado oficialmente para anunciar boas notícias em nome do rei. A *proclamação* enquadra a notícia. Trata-se de você do lado de fora, com a manchete anunciando a derrota das potências do Eixo: "Vitória na Europa!" É por isso que o Cristianismo não gira em torno de um bom conselho ou boas instruções ou boas intenções, mas em uma boa notícia. Notícia, por definição, é objetiva. Anuncia algo que aconteceu no mundo externo e não apenas na experiência de um determinado indivíduo. É o anúncio de algo que aconteceu (ou seja, o indicativo) e não a exortação à obediência (ou seja, o imperativo) que traz vida e imortalidade à luz.

Somente através da fé que o evangelho cria no coração humano, alguém pode responder com fidelidade aos imperativos da lei de Deus. Não os imperativos da lei de Deus, mas os indicativos do evangelho somente estes, trazem vida e imortalidade à luz.

Ainda que, para Paulo, não haja falsa escolha entre a obtenção da mensagem *correta* e passar *adiante* a mensagem. Em outras palavras, não há dicotomia entre a mensagem e a missão, doutrina e vida, credos e ações. Antes de sua conversão, ele foi distinguido pelo seu conservadorismo, como ele mesmo se refere em Filipenses 3. Ao mesmo tempo, não era um radical. Afinal de contas, o evangelho é o cumprimento das promessas que Deus fez a Abraão. Para Paulo, o caráter radical do seu ministério estava determinado não de dentro de si mesmo, por sua própria constituição ou pela

preocupação de "revisão" da fé para a experiência do primeiro século, mas pelo novo evento, definitivo, e não repetível da ressurreição de Cristo. Ele tinha sido abordado pelo Cristo ao subir em seu caminho para outro expurgo dos seguidores de Jesus. Isto foi definitivo para tudo que ele até então pensava com relação ao passado, presente e futuro.

Precisamente porque o evangelho anuncia a salvação de Deus do céu, há um urgente imperativo para levar esta mensagem a todos os seres humanos. Um falso progressismo frequentemente anuncia-se como missionário, enquanto um falso conservadorismo descansa-se no pensamento de que está preservando a verdadeira doutrina deixando de distribuir as riquezas. Paulo não era nem conservador nem progressista, mas ele foi cativado pelo estranho trabalho que o Deus trino estava fazendo dentro da história, da qual ele era um embaixador. Embaixadores não criam políticas; eles a anunciam.

O evangelho tem um escritório especial para a sua entrega fiel em nome de Deus. Nós não estamos em nossa própria missão e não somos, portanto, livres para determinar o que a grande necessidade do nosso dia passa a ser. Deus já determinou que essa grande necessidade é de todos os dias. É o ministério de *Deus* para que fomos chamados: "*porque eu fui constituído* pregador e apóstolo e mestre." Paulo estava disposto a não sofrer porque era uma boa causa ou porque uma vez que ele começou algo que ele terminou, não, mas porque Deus o havia nomeado para este encargo.

Mas, ainda mais, Paulo estava confiante por causa do evangelho: "Eu não me envergonho, porque sei em quem tenho crido, e estou convencido de que *ele é poderoso para guardar* até aquele dia o que me foi confiado" (2 Timóteo 1.12, grifo nosso). É claro, ele deve permanecer fiel à sua vocação. No entanto, essa confiança sagrada (a graça de Deus para salvar e manter os pecadores) era a base para essa sagrada missão (a graça de Deus para salvar e sustentar o ministério do evangelho). Não era a confiança em sua própria capacidade de se sustentar em Cristo e o evangelho, mas da eficácia de Deus e seu testemunho para ver a aliança até o fim.

Isso tem paralelo com a última parte do argumento de Paulo em Romanos 10.14: "Como, pois invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como eles ouvirão se não houver quem pregue?" Em ou-

tras palavras, se a mensagem é uma boa notícia de algo que já foi totalmente realizado por outra pessoa para os pecadores, onde estão os arautos? Deus leva ainda toma para si a responsabilidade de enviar a palavra para nós! "E como pregarão se não forem enviados? Como está escrito: 'Quão formosos são os pés dos que anunciam as boas novas!'... Assim, a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Cristo" (10:15, 17).

A Palavra de Deus nos dá um lugar transcendente para ficarmos em pé, para além do conservadorismo e do progressismo. Permite-nos ver que estes são simplesmente duas posições ou tendências temperamentais desta era passageira e realmente não tomam suas coordenadas da voz celestial de Deus de juízo e salvação. Quando Deus fala, o conservadorismo nu é exposto como apenas mais uma forma de autojustificação, recusando-se a ter sua esterilidade quebrada e impregnada pela semente da vida celestial.

É fácil se distrair do evangelho pelo conservadorismo, bem como pelo progressismo. Em *Cartas do Inferno*, C. S. Lewis se refere à tendência das igrejas a adotar uma abordagem "Cristianismo e ...". O diabo diz a seu aprendiz:

> O que mais nós queremos, se os homens se tornam Cristãos em absoluto, é mantê-los no estado do que eu chamo de abordagem "cristianismo e ..." Você sabe — cristianismo e a crise, cristianismo e a nova Psicologia, cristianismo e a nova Ordem, cristianismo e cura pela fé, cristianismo e a pesquisa psíquica, cristianismo e vegetarianismo, cristianismo e a reforma ortográfica [...] Substituto ideal para a própria fé é alguma forma com um corante cristão. Trabalhar em seu horror da mesma coisa velha. O horror da mesma coisa velha é uma das mais valiosas paixões que produzimos no coração humano, uma fonte inesgotável de heresias da religião, loucura em conselhos, a infidelidade no casamento, e inconstância na amizade. [...] Idades cruéis são colocadas a postos contra Sentimentalismo, os irresponsáveis e inativos contra a respeitabilidade, os lascivos contra o puritanismo, e toda vez que os homens estão realmente acelerando a ser escravos ou tiranos trazemos o Liberalismo, o velho bicho papão.[2]

2 C. S. Lewis, *The Screw Tape Letters* (New York: Macmillan, 1961), 115–19.

Hoje, há todos os tipos de reivindicações que estão sendo promovidas em nome de Cristo e sob a autoridade de sua Palavra que não são encontradas nas Escrituras ou "por boa e necessária consequência deduzidas daí." O pressuposto (evidente tanto na esquerda e à direita) é que o evangelho não é suficientemente relevante. O cristão deve estabelecer as suas credenciais em outro lugar, por sua contribuição à civilização ocidental ou pelo seu espírito progressista.

Abraham Kuyper falou do perigo de um conservadorismo moribundo em seu próprio movimento: a separação da Igreja Reformada Nacional na Holanda. Em um sermão pregado em Utrecht em 1870, Kuyper reclamou que um conservadorismo genérico tinha substituído um verdadeiro impulso reformado na igreja. Ele relata:

> Aos poucos, se recuperando de uma espiritualidade confusa que vaporiza tudo, as pessoas têm cada vez mais insistentemente chamado para o surgimento de um Cristianismo com formas firmes, e através de uma luta tripla envolvendo eleições da igreja, propriedade da igreja, e batismo eclesiástico, a demanda tem sido posta com urgência espantosa ao nosso aparato eclesiástico ou para nos dar de volta a igreja de Cristo ou para dissolver e assim sumir de cena.[3]

Kuyper refere-se à Reforma, em que os cristãos voltaram à fonte das Escrituras — em face de luta e sofrimento. Somos chamados a manter o que temos. "Segurá-lo, mas não no espírito de um conservadorismo homicida, que, sob o lema de "sãos e salvos", faz com que a vida murche. Esta preservação falaciosa não tem nada em comum com o tipo verdadeiro de conservadorismo e ortodoxia, termos que são muitas vezes confundidos, e que precisam ser mais agudamente distintos hoje."[4]

Como Paulo, Kuyper viu a fonte da vida da Igreja no próprio evangelho. "O Cristianismo veio salvar. A salvação é a palavra que dá esperança ao desenrolar em seu

---

3 Abraham Kuyper, "Conservatism and Orthodoxy: False and True Preservation," em *Abraham Kuyper: A Centennial Reader*, ed. John Bratt (Grand Rapids: Eerdmans, 1998), 67.

4 ibid

banner. Precisamente como um poder de salvação que milita contra a destruição."[5] Renova em vez de obliterar a natureza.

> Precisamente porque procura salvar, o Cristianismo detesta um conservadorismo falso adornado com o nome de Cristão, mas destituído de seu poder. Quem salvará o doente, mantendo o paciente no *status quo*? Ele morrerá diante de seus olhos, com seu falso conservadorismo responsável por sua morte. Ser conservador nesse sentido, de preservar, é bloquear o Cristianismo de perseguir sua meta. Em um mundo de pecado, como tal não pode permanecer.[6]

É verdade, um falso progressismo fecha os olhos ao passado, mas um falso conservadorismo cai no erro oposto: "uma vida apagada, encontramos a nossa paz unicamente no passado."[7] Este tipo de conservadorismo tenta apenas para segurar "a influência cada vez menor que ainda nos resta" dos nossos antepassados.[8] Trata-se um exercício de "repristinação": a mera repetição do passado proferem lhe como se isso pudesse magicamente preservar a verdade à geração seguinte. Os defensores desta abordagem alternativa estão entre triunfalismo e desespero:

> Eles forçam a si mesmo para fora de seu próprio tempo às custas de ter qualquer influência sobre a vida que os rodeia. No final, eles se voltam contra seus próprios irmãos, fragmentando ainda mais a pouca energia que lhes resta. O pior de tudo, a sua própria vida espiritual sofre danos, e como resultado da decepção contínua, o túmulo de seus desejos mais queridos deve se tornar o túmulo de sua própria fé. Não, vocês, homens que honram os pais: primeiro procurem ter por si mesmos a vida que vossos pais tinham e, em se-

5 ibid

6 ibid., 71.

7 ibid., 72.

8 ibid.

> guida, retenham o que vocês têm. Então articulem essa vida na sua própria linguagem, como eles fizeram na deles. Lutem por bombear a vida para as artérias da vida de nossa Igreja e da sociedade. Depois não permanecerá uma forma morta, mas uma comunhão viva unirá vocês com eles, a fé será um poder em sua própria vida, e seu projeto de edificação chegará a bom termo.[9]

Kuyper recorda o declínio de muitos dentro de seu próprio círculo em direção ao falso conservadorismo. Primeiro, eles apontavam alguns slogans. "Salvar isso, para não pedir por mais, para tomar uma posição firme nisso, de modo a não alcançar mais, tornou-se o slogan desse populacho. Aventuram-se em não criar nada de novo, o velho que não pode chamar de volta, que mais eles podem fazer, então, senão dedicar todo o seu amor ao que foi preservado, firmemente decidido a atacar tudo que a mão alcance ao ponto de roubar-lhes essa joia"?[10]

Novas demandas vieram, mas essas igrejas não estavam preparadas para enfrentá-las, pois elas nem sequer entendiam — e não tente entender — as tais.

> Então todos começaram a jurar por seus próprios slogans e caminhar suas próprias trilhas, e muito cruelmente o círculo despreocupado dos irmãos tiveram que pagar a pena ao optar por ser um círculo de amigos, em vez de uma igreja. As pessoas agora descobriram que para a vida pública a afinidade espiritual não é suficiente, é preciso a união de uma confissão. [...] "Conserva o que tu tens", ainda era o grito de guerra, mas o que as pessoas tinham em Cristo permaneceu incerto ao coração e à mente indecisa. [...] A partir desse momento um escrúpulo nervoso prejudica cada passo; desconfiança mútua bloqueia cada demonstração de poder. As pessoas estavam condenadas à inação. Elas se mantiveram deslizando sobre a superfície, temendo que, se submergissem mais profundamente se

9 ibid., 74.

10 ibid.

> afogariam. E assim, dividida internamente, agora balançando de um jeito, ora de outro, não poderiam manter-se firmes, e muito menos mostrar um personagem que obrigou respeito ao inimigo. [...] Nem havia energia nele. [...] Não, queridos, não são as águas congeladas, mas os fluxos espumantes que carregam a vida e trazem a salvação![11]

Um falso conservadorismo, portanto, realmente não toma uma posição. Ele ameaça: "até aqui e não mais", mas quando esse limite é ultrapassado, que dá um passo atrás e repete a ameaça.

> Primeiro foi a tentativa de defender a *Confissão*. Quando isso se perdeu, as pessoas estavam preparadas para manter a linha na *Escritura*. Quando isso foi perdido, cerca de *seis verdades fundamentais* serviriam como nossos lemas. Quando isso também se mostrou insustentável, as pessoas estavam preparadas, pelo menos para ficar com os *milagres*. No final, eles também levaram essas trincheiras à frente e se fez da *Ressurreição de Cristo*, o parapeito do Cristianismo, mas isso também se perdeu. Hoje o adversário já colocou as mãos sobre o nosso *Batismo*, mas as pessoas se acostumam a tudo e eles ainda não encontraram "a fórmula para a resistência." Assim, a linha de defesa foi se reduzindo mais e mais.[12]

No movimento conservador, Kuyper discerniu "não nadar contra a corrente" na totalidade da fé e prática cristã.[13] "Verdade: ainda há uma aparência de unidade, mas isso vai durar apenas enquanto for do agrado do inimigo para nos unir em sua oposição."[14]

Contudo, o evangelho não é uma série de "belas ideias." Antes, "ataca suas raízes na realidade existente por uma série de atos poderosos. Que é, afinal, um fe-

11 ibid., 75.

12 ibid., 76.

13 ibid.

14 ibid., 78

nômeno histórico." A Igreja vive no poder destes atos históricos de Deus em Jesus Cristo. Isso significa, diz Kuyper, que a igreja não pode existir no presente, muito menos se estender para o futuro, sem passar pelo passado que a cria. Por essa razão, devemos de fato preservar o passado, mas não podemos voltar a ele ou recriá-lo. Em vez disso, "o passado vive no presente." "Os séculos não são justapostos uns aos outros como compartimentos estanques, o que foi, então, funciona agora. Os fatos históricos milagrosos pelo qual o Cristianismo foi iniciado já impregnou os séculos seguintes, com o seu poder."[15]

Não é por nostalgia de uma supostamente era de ouro (até mesmo a da Reforma), mas retornando aos acontecimentos fundadores da obra salvífica de Cristo, para que cada geração possa experimentar o poder libertador do evangelho em seu próprio tempo e lugar. Um falso conservadorismo se detém sobre a realidade "como ela é." "Verdadeiro conservadorismo busca preservar o que é em termos do que ele vai se tornar em Cristo, isto é, ressuscitado dentre os mortos." Contra todas as formas de salvação por esforço humano,

> a batalha pela Bíblia deve necessariamente acabar em suicídio se não render incondicionalmente à Palavra de Deus e abrir os seus olhos para o totalmente sem precedentes, totalmente a outra vida nova de que essa Palavra nos mostra o início, a substância, e o objetivo final, a vida cujos padrões e movimentos típicos que retratam para nós, e para cujo reconhecimento oferece a única pedra de toque genuína.[16]

O modernismo é radical, pioneiro e totalmente destituído da Palavra de Deus que traz a verdadeira vida. No entanto, o falso conservadorismo é preguiçoso e superficial e se contenta apenas em segurar remanescentes de seu patrimônio destruído. Genuíno cristianismo "deve se preocupar em manter não apenas algumas flores enxertadas sobre a planta, mas a própria planta." Kuyper acrescenta:

---

15 ibid., 79.

16 ibid., 80 – 81.

> A planta deve ser preservada não no pressuposto de que nossas mãos devem criar a fruta madura e depois amarrá-la para os ramos, mas na firme convicção de que a planta já contém essa plenitude de frutas dentro. Ele deve sustentar-se a Cristo não apenas para manter uma vida distinta, não apenas como o princípio absoluto dessa vida, mas também como O Eterno em quem a plenitude da vida já está presente, também para vós. Ortodoxia é infiel a esse princípio eterno se encolhe de dizer, como os nossos pais fizeram, que em Cristo já temos tudo e não precisamos primeiro adquiri-lo.[17]

Com certeza, a ortodoxia genuína é contínua com a fé de nossos pais e mães em Cristo. "Ainda assim, é o nosso chamado para retermos o que temos em Cristo no nosso tempo, não no deles. [...] que o trabalho é enorme, Na Congregação, especialmente onde muito tem sido negligenciado."[18] Trata-se de uma ortodoxia que se recusa à repetição calada da rotina maçante, mas pede que se acredite e porque se acredita nisso, retorna à fonte de sua vida; não só por causa da igreja, mas para o benefício do mundo.

Kuyper concluiu este sermão final para sua congregação de Utrecht: "Não enterre nossa esplêndida ortodoxia no poço traiçoeiro do falso conservadorismo. [...] e agora, congregação, antes de eu pronunciar o amém, receba a minha "despedida" final. Que o senhor nunca mova o castiçal que tão maravilhosamente lhe deu, mas possa sua luz brilhar a partir dele cada vez mais radiante."[19]

Em direção a uma nova Reforma

Os credos, as confissões, os catecismos, e a dogmática de nossas igrejas servem o ministério da palavra e dos sacramentos, e não vice-versa. Isso é devido a Deus ter falado uma boa notícia e nomeado embaixadores para a missão de anuncia-

17 ibid., 81.

18 ibid., 82.

19 ibid., 85.

-la de modo que o conteúdo específico do anúncio deve ser protegido, defendido, e esclarecido para poder ser amplamente divulgada mediante um edito. Em outras palavras, o evangelismo é o objetivo penúltimo da teologia, cujo fim último é a glória de Deus. Se, por um lado, muito do evangelicalismo de hoje apresenta aspectos importantes da mensagem em nome de uma missão relevante, por outro, o perigo oposto é a glória na plenitude da mensagem como uma compensação satisfatória ao negligenciar o imperativo da Grande Comissão.

O evangelho tem uma forma particular para a sua fiel repetição na vida do povo de Deus. Sobre a base do conselho de Paulo a Timóteo citado acima, a igreja de hoje ouve o seu próprio imperativo: "Segue [apegar] *o padrão das sãs palavras* que ouviste de mim, na fé e amor que há em Cristo Jesus" (2 Timóteo 1.13, grifo nosso). Já a igreja estava formulando a verdade da Palavra de Deus nas demonstrações simples, mas não simplista, que poderiam fornecer os perímetros da pregação fiel, do ensino, e da vida. Sãs palavras foram essenciais, mas não o suficiente; lá precisavam ser um padrão, uma maneira de dizer as coisas como deviam ser ditas, a fim de evitar erros e construir o corpo em unidade. "Apegar" é uma ordem de preservar, não de inovar. "Pelo Espírito Santo que habita em nós, guarda o bom depósito que lhe foi confiado", conclui ele (1.14). A verdade deve ser guardada para que possa ser ministrada aos outros em círculos cada vez mais amplos como a Palavra que dá vida conforme sua própria essência.

Somos conservadores ou reformados? Embora muitas de suas críticas são baseadas em caricaturas, Brian McLaren nos pressiona corretamente para responder à pergunta:

> Então o que acontece quando os protestantes se cansam de protestar? O que acontece quando querem protestar contra o seu próprio protesto? Se simplesmente formarem uma outra seita de elite que protesta contra Protestante protestar, eles ainda estão presos no ciclo, condenados a se tornar o próximo espetáculo protestante, superprotestantes, nada mais. Há alguma alternativa?[20]

20 Mclaren, *A Generous Orthodoxy*, 127.

Em uma entrevista, o historiador da igreja Jarolav Pelikan disse o famoso enunciado:

> Tradição é a fé viva dos mortos, tradicionalismo é a fé morta dos vivos. A tradição vive em conversa com o passado, ao recordar onde estamos e quando somos e o que somos nós que temos que decidir. Tradicionalismo supõe que nada será feito pela primeira vez, de modo que tudo que é necessário para resolver qualquer problema é chegar ao testemunho supostamente unânime desta tradição homogeneizada.[21]

Nossa vocação não é a de simplesmente repetir slogans, mas a de esclarecer e, com base na Escritura, às vezes até mesmo modificar a nossa compreensão e prática a fim de alcançar uma maior precisão no ensino e obedecer a Palavra de Deus com fidelidade.

O passado não é necessariamente importante, porque é passado. Arianismo, Pelagianismo, e outras heresias também têm um pedigree antigo. Ao contrário, é para o fluxo vivo da Palavra de Deus que nós pisamos no presente, como se fossem os nossos antepassados, para sermos lavado das superstições acumuladas e das mentiras do nosso tempo e lugar. Falso conservadorismo não pode sequer sustentar a sua própria existência irrelevante. Sem uma consciência *confessional* e um coração *confessante*, a desintegração de um inimigo comum evidente dá lugar a rivalidade sectária.

Igrejas de hoje necessitam de uma nova Reforma. Não há necessidade de ensaiar as estatísticas aqui. O evangelicalismo nos Estados Unidos é atormentado pela ignorância das Escrituras e a confusão sobre a natureza do sofrimento humano e sua solução no evangelho. Adoração, vida da igreja, e divulgação são determinadas pelo capricho do mercado, assim como a Palavra foi enterrada sob as inovações medievais.

Ao mesmo tempo, muitas igrejas Reformadas e Presbiterianas parecem satisfeitas de viver alheias do capital do passado, sem ter que voltar por si mesmas aos córregos que alimentaram as grandes renovações de fé e prática apostólica no

---

21 Jaroslav Pelikan, entrevistado em *U. S. News & World Report* (July 26, 1989), 25.

passado. Não é suficiente invocar os slogans da Reforma e se contentar com a antiga confissão de "os cinco pontos do Calvinismo." Precisamos recuperar a plenitude de fé e prática bíblica em nosso tempo e lugar. Como crianças, precisamos fazer até mesmo as perguntas mais básicas de novo, à luz dos desafios específicos e oportunidades em nossa própria época.

Nós não somos responsáveis de um cemitério ou responsáveis de uma herança, mas sim, embaixadores da sempre vivo e sempre ativo Rei do céu, enviados às nossas famílias, bairros e nações com a mensagem de que Cristo dá vida. Não podemos tomar essa herança como garantida. Não se trata meramente de um tesouro para ser encapsulado, mas para ser colocado em exibição a cada semana, compartilhado entre os santos, e distribuído a um mundo que está sob o domínio do pecado e da morte.

Como o conselho de Paulo a Timóteo, a prédica ao coração expressa por Kuyper nos lembra de que o desafio aos crentes reformados — na verdade, para todos os cristãos — é extrair a nossa força para o nosso próprio dia a partir dos poços profundos do evangelho apostólico. Lutero não nos salvará. As palavras de Calvino nos ajuda a entender a Palavra de Deus, mas temos de voltar para o poço do qual ele bebeu em seu próprio tempo e falar tão diretamente quanto ele fez para sua à nossa geração. Somos *confessionais*, mas também temos de *confessar* a fé em nosso próprio tempo e lugar, e não nos contentar em vangloriarmos na pureza de um livro cujas expressões não são o tesouro dos nossos corações. Longe de exibir o sectarismo, o "padrão de sãs palavras" para o qual Paulo chama Timóteo, visa fornecer o ímã da unidade e, ao mesmo tempo, os limites dentro dos quais a preservação fiel da verdade de Deus pode servir cada vez mais alegremente, à proclamação sempre zelosa e sempre mais ampla da verdade a todas as pessoas, até que a glória de Deus cubra a terra como as águas cobrem o mar.

Posfácio

"Se você tiver qualquer pecado não confessado quando você morrer, ou por ocasião da vinda de Jesus, você provavelmente vai para o inferno."

ESSAS FORAM AS PALAVRAS DE CONFORTO QUE me deram para ponderar quando eu entrei em casa depois da escola naquele dia. E como se isso não fosse o suficiente para me assustar para a confissão local, minha professora Cristã da sétima série acrescentou uma advertência contra pensamentos pecaminosos divertidos: "Então, se você estiver caminhando de casa ao ponto de ônibus hoje, entretido com um vil pensamento, lembre-se [...] ele sabe [...] ele sabe."

Foi o suficiente para dar a qualquer estudante do ensino médio uma saraivada de arrepios.

Fui criado em uma família batista, e minha mãe tinha uma boa compreensão dos ensinamentos básicos da Bíblia, então eu sabia que algo estava errado com o que ela havia dito, mas eu ainda estava confuso. Eu realmente não sei em que acreditar. A igreja que nós participávamos na época entendia, principalmente, que a "doutrina divide, então não vamos falar sobre essas questões" da escola, de modo que raramente ouvi alguma coisa controversa nas manhãs de domingo. Naqueles raros momentos em que nós encontramos ensinamentos incomuns como esse, minha mãe sempre dizia para mim: "vamos voltar para a Bíblia e ver o que ela diz." Foi o melhor conselho que já me deram.

Na época, meu irmão mais velho (por 20 anos) tinha acabado de abraçar o que ele chamou de "as doutrinas da graça". Ele me aconselhara a passar algum tempo lendo a carta de Paulo aos Romanos. Tudo ficaria claro para mim se eu apenas lesse Romanos, disse ele. *Leia Romanos*? Perguntei: É assim tão simples? Se a Bíblia é tão clara, por que estou recebendo tantas interpretações diferentes de diferentes figuras de autoridade em minha vida?

Ainda assim, eu segui o conselho dele e li Romanos. E então eu li novamente. E mais uma vez. Eu acho que é seguro dizer que, em algum momento da leitura, Romanos tornou-se uma obsessão para mim. Àquela seção de minha Bíblia logo começaram a cair os elos da corrente. Algo começou a mexer no meu coração, mas eu não tinha certeza do que estava acontecendo.

Lembro-me de uma noite, depois de jogar minha Bíblia por toda a sala, eu vi uma página aberta em Romanos 9. Ótimo, pensei, *agora a minha salvação foi tirada completamente de minhas mãos. Nem mesmo a minha decisão de aceitar a Cristo é algo que eu posso reclamar.* Vi-me cada vez mais identificado com a experiência de Jonathan Edwards, que disse que a graça soberana de Deus em primeiro lugar parecia terrível para si, mas depois tornou-se a canção mais doce do seu coração.

Entendo que as pessoas venham abraçar as doutrinas da graça — os ensinos do Calvinismo — por razões diferentes. Algumas pessoas são criadas para acreditar nessas doutrinas e nunca questionam as suas crenças. Outros acreditam nos ensinamentos do Calvinismo, mas eles nunca lutam com eles em um nível do coração — os ensinos permanecem nada mais que um exercício acadêmico para os tais. Pela minha própria experiência — como muitos outros crentes que conheci ao longo dos anos — me sentia mais como uma questão de vida ou morte. Ou era *tudo* de graça, ou eu não tinha esperança. Eu sabia que tinha chegado a um ponto de decisão: ou seria "Cristo somente", ou eu simplesmente sairia de tudo, largando minha fé para trás.

Graças a Deus, meu irmão estava certo: Romanos é claro. Assim é João, e Gênesis, e o restante das Escrituras. Na verdade, quanto mais eu comecei a ler a Bíblia inteira à luz da mensagem central do evangelho, mais fiquei convencido do próprio testemunho de Jesus, que este era um livro *a seu respeito*. Pela primeira vez, eu comecei a entender que a Bíblia não era apenas um livro de mandamentos, princípios

e ensinamentos morais. Era um drama do desdobramento da redenção centrado em torno da pessoa e obra de Jesus Cristo.

Eu estava agora [...] suspiro [...] tornando-me um "calvinista".

Infelizmente, quando o meu interesse pela teologia reformada e as doutrinas da graça começou a crescer, eu me tornei muito difícil de se conviver. Meu pai fazia uma saída ostensiva sempre que eu começava a debater doutrina com a minha mãe. Por ironia, naquele momento em minha vida quando eu me tornei convencido de que eu não poderia converter ninguém, e tive que confiar no Espírito para trabalhar como ele me escolhera através do meu testemunho, eu ficava impaciente com meus próprios irmãos Cristãos. Onde eu tinha sido libertado por uma nova visão de Deus e seu evangelho da graça em Cristo, eu agora estava aprisionado pelo meu próprio orgulho. Perversamente, eu estava orgulhoso de saber que eu era totalmente depravado, indefeso, e salvo pela graça. Como estavam cegos os outros cristãos que não "captavam"!

Embora eu me alegrasse com as passagens da eleição que lia nas Escrituras, não tinha muito aprofundado em que Deus escolheu os *tolos* para confundir os sábios e os *fracos* para confundir os poderosos. Eu ainda não tinha me permitido que essas doutrinas maravilhosas da graça me humilhassem diante de Deus e das outras pessoas, para me encher com louvor em vez de orgulho. Não havia aprendido a confiar pacientemente na persuasão do Espírito mediante a sua Palavra, em vez de meu próprio dogmatismo.

O pecado é tão profundo em nossos corações que, infelizmente, podemos torcer mesmo o melhor dos dons do Espírito em armas da carne. O orgulho espiritual é tão profundamente arraigado em nós, mesmo como Cristãos, que podemos transformar o legalismo moral em legalismo intelectual num piscar de olhos. Eu gostaria de poder dizer depois de todos esses anos de escrita e ensino sobre as doutrinas do Calvinismo que eu tenho superado minha imaturidade espiritual. *O que eu posso dizer* é que estas verdades cativam-me de novas maneiras, a cada dia. Elas continuam a surpreender, desafiar, e arrancar-me da minha tendência inata para *me* defender, sob o pretexto de defender a *verdade*.

As doutrinas e ensinamentos do Arminianismo não devem ser definidas por suas aberrações mais do que o Calvinismo deve. No entanto, eu vou dizer o seguinte:

mesmo as mais evangélicas formas de teologia Arminiana não conseguem lidar adequadamente com todo o ensino das Escrituras ou com a grave profundidade da depravação do coração. Elas não conseguem dar conta da luta contínua com o pecado, que é uma parte diária de nossa experiência cristã. Eu pessoalmente conheço muitos arminianos que olham resolutamente a Cristo somente, que louvam a gloriosa graça de Deus, e que de fato não se apoiam em sua própria vontade e capacidade. No entanto, permaneço convencido mais do que nunca de que o Arminianismo como um sistema teológico é incoerente com essa genuína profissão.

Sempre que nos deparamos com as exposições das doutrinas da graça na própria Escritura, elas conduzem à surpresa (às vezes até mesmo à beira da frustração), alegria, ação de graças, testemunho, conforto e uma vida piedosa. E sim, elas também podem levar ao debate. Muitos dos próprios seguidores de Jesus o deixaram quando ele começou a pregar doutrinas difíceis e dizer coisas como: "ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o trouxer" (João 6.44). Tudo o que é importante, inevitavelmente, leva a debate. Apenas questões irrelevantes podem ser ignoradas, deixadas de lado, e largadas na prateleira.

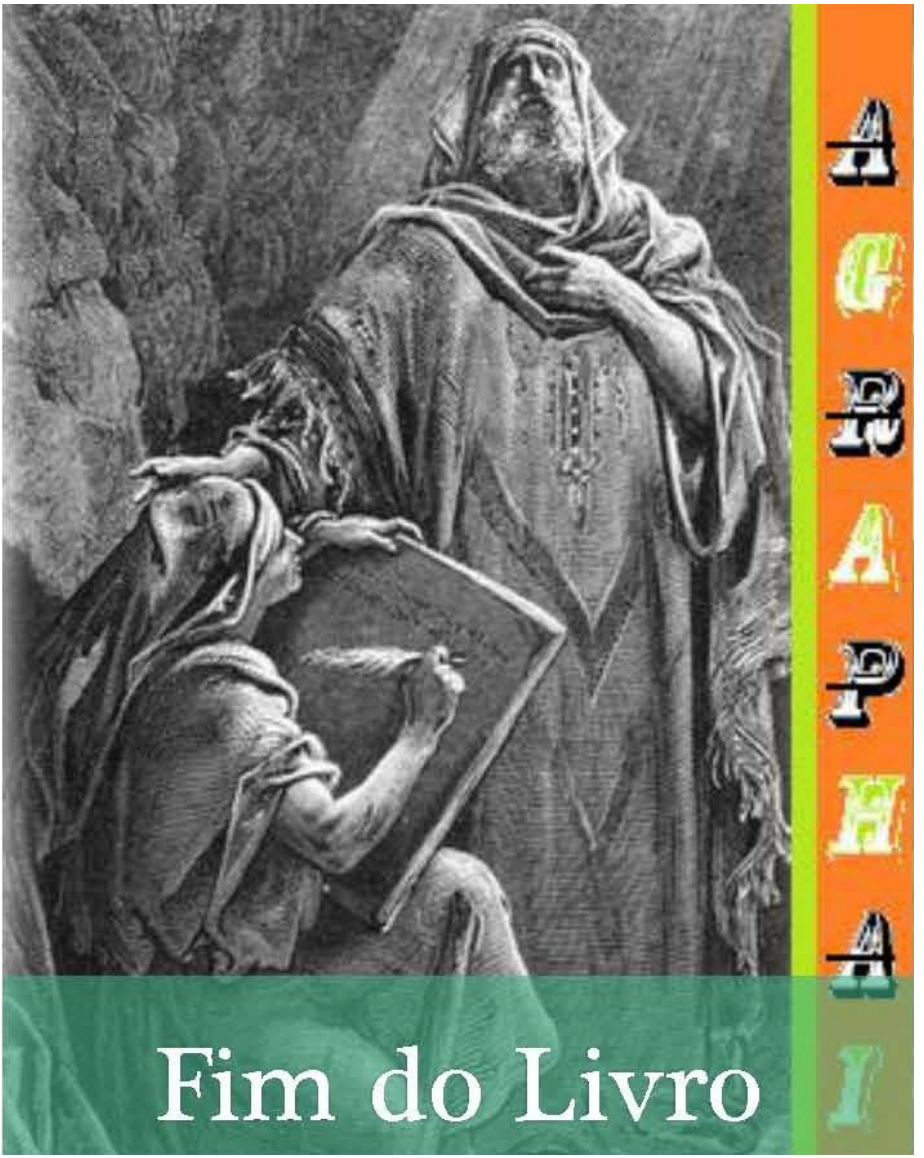
No entanto, a verdade real deve sempre levar-nos à verdade — a pessoa que é o amor encarnado. Todos nós somos chamados a "crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pedro 3.18). Porque estas são perguntas que a Escritura abordam de forma clara e com frequência, as posições que historicamente rotuladas de "Calvinismo" e "Arminianismo" não podem simplesmente ser ignoradas.

Todavia, é trágico quando, devido ao zelo pela verdade, as pessoas deturpem a verdade sobre as posições que os outros possuem. Um dos principais frutos da adoção da posição que chamamos de "Calvinismo" deve ser a de uma percepção que todas as nossas bênçãos em Cristo são um presente. Talvez tenhamos de ouvir a repreensão de Paulo mais uma vez: "O que tens que não recebeste? se o recebeste, por que te glorias, como se tu não a recebesse" (1 Coríntios 4.7). Em nosso zelo pela verdade, os calvinistas, precisamos lembrar que nós não inventamos as doutrinas da graça. Com efeito, é fácil esquecer a nossa própria ignorância dessas verdades quando reagimos às críticas. Deus é misericordioso conosco, em nossas falhas peca-

minosas, assim como ele é com os nossos irmãos e irmãs arminianos. Juntos, somos peregrinos a caminho, não senhores que chegaram.

Ao defender essas doutrinas, faríamos bem se regularmente perguntássemos a nós mesmos se estamos tentando ganhar um argumento [...] ou se o desejo do nosso coração é compartilhar verdadeiramente o dom que recebemos de Deus. Em minha experiência, há uma grande diferença entre os dois, entre busca de verificação além da graça e marcar pontos com Deus sobre o *round* de debate. A sã doutrina nunca é um fim em si mesma. Deve levar-nos a uma experiência mais profunda do Pai, no Filho, por meio do Espírito, juntamente com a comunhão dos santos.

Caso você continue seu estudo a respeito do calvinismo, eu oro para que você receba a bênção da graça de Deus de uma maneira que irá transformar o seu coração e mente. Que o Deus trino nos leve por estas verdades para uma visão mais clara da verdade a qual todos os crentes são guiados pelo Espírito a clamar: "Senhor, sê misericordioso a mim, pois sou pecador!"



Este livro foi diagramado na fonte ITC Leawood BT 10/17
e impresso na Gráfica Paym em março de 2014.

O livro de Michel Horton é uma volta ao passado, procurando resgatar as teses principais da Reforma Protestante e eliminar caricaturas que mancharam o sistema Calvinista. Em cada capítulo vai percorrendo os cinco pontos da TULIP desfazendo preconceitos e alertando para a necessidade de que o conceito de Graça esteja presente em nossa vivência religiosa. Para Michel Horton, "a Graça não era apenas uma doutrina, mas uma pessoa – o próprio Deus, em Cristo Jesus, apresentado nos evangelhos. Os corações estavam cheios de gratidão e alegria na presença de um Deus santo que perdoa, justifica e renova os pecadores com a certeza da ressurreição no porvir. Não era apenas uma coleção de grandes ideias que viraram de ponta cabeça a cristandade, mas uma experiência radical de Graça". Um bálsamo para uma experiência radical da Graça.

Michael Horton é presidente de White Horse Inn, uma organização multimídia catalizadora pela Reforma em nossos dias. É editor responsável da revista Modern Reformation (www.modernreformation.org) e coapresentador do programa de rádio em rede nacional White Horse Inn (www.whitehorseinn.org). Também é professor de Teologia Sistemática e Apologética em Westminster Seminary California. Antes de tornar-se professor do WSC, Michael Horton graduou-se pela Yale University Divinity School. Membro de diversas sociedades, inclusive da American Academy of Religion e da Evangelical Theological Society, Horton é autor/editor de vinte livros, incluindo uma série de estudos na dogmática reformada publicada por Westminster John Knox. Reside em Escondido, Califórnia, com sua esposa e filhos.

"Na minha opinião, é claro, o alto calvinismo, o calvinismo exagerado, a teologia expressa neste livro, necessariamente torna Deus o autor do pecado e do mal pela "boa e necessária consequência" de sua premissa que tudo, inclusive a queda de Adão, foi e é predestinada por Deus. Em outras palavras, minha preocupação é que essa teologia *mine* a bondade da pessoa de Deus. Além disso, eu percebo a partir deste livro (e, em menor grau, de outros livros que defendem o alto calvinismo) que os calvinistas não pretendem minar a bondade da pessoa de Deus. A visão acerca de Deus defendida aqui é de um Deus incomparavelmente grande e bom. Infelizmente, alguns elementos dele retiram sua bondade. No entanto, essa teologia tem uma herança histórica impressionante e, assim como Mike demonstra muito suporte bíblico. Qualquer pessoa interessada em ler o melhor livro em defesa do calvinismo deve ler este livro. Ele é informativo, atrativo, claro e autocrítico. Contribui positivamente para as discussões e debates correntes sobre a soberania divina entre os evangelicais".

Roger Olson

http://agraphai.blogspot.com.br/

Editora Reflexão